

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Câmpus de Rio Claro

ANA PAULA ARCHANJO BATARCE

IMIGRAÇÃO BRASILEIRA PARA O REINO UNIDO: O  
TRABALHO DAS MULHERES EM LONDRES E OS  
PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO/DIFERENCIAÇÃO

Rio Claro - SP

2016

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Câmpus de Rio Claro

ANA PAULA ARCHANJO BATARCE

IMIGRAÇÃO BRASILEIRA PARA O REINO UNIDO: O  
TRABALHO DAS MULHERES EM LONDRES E OS  
PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO/DIFERENCIAÇÃO

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. José Gilberto de Souza

Rio Claro - SP

2016

325.1 Batarce, Ana Paula Archanjo  
B328i Imigração brasileira para o Reino Unido : o trabalho das mulheres em Londres e os processos de identificação / diferenciação / Ana Paula Archanjo Batarce. - Rio Claro, 2016  
301 f. : il., gráfs., tabs., quadros, fots., mapas + questionário

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas  
Orientador: José Gilberto de Souza

1. Migração. 2. Migração internacional. 3. Mulheres brasileiras. 4. Trabalho. I. Título.

ANA PAULA ARCHANJO BATARCE

IMIGRAÇÃO BRASILEIRA PARA O REINO UNIDO: O  
TRABALHO DAS MULHERES EM LONDRES E OS  
PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO/DIFERENCIAÇÃO

Tese de Doutorado apresentada ao  
Instituto de Geociências e Ciências  
Exatas do Câmpus de Rio Claro, da  
Universidade Estadual Paulista “Júlio  
de Mesquita Filho”, como parte dos  
requisitos para obtenção do título de  
Doutor em Geografia.

Comissão Examinadora

---

Prof. Dr. José Gilberto de Souza  
Orientador (IGCE/UNESP/Rio Claro – SP)

---

Prof. Dr. Jones Dari Göettert  
(FCH/UFGD/Dourados - MS)

---

Profa. Dra. Mara Falconi da Hora Bernardelli  
(UEMS/Campo Grande - MS)

---

Profa. Dra. Ana Cláudia Giannini Borges  
(FCAV/UNESP/Jaboticaba - SPI)

---

Prof. Dr. Rafael Alves Orsi  
(FCL/ UNESP/Araraquara - SP)

Rio Claro, SP, 09 de junho de 2016.

*DEDICO ÀS MINHAS FILHAS,  
ISABELA E YASMIN.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu marido, Marcelo Salles Batarce, pelo apoio incondicional ao longo deste caminhar, assim como as minhas filhas, Isabela Archanjo Batarce e Yasmin Archanjo Batarce, por serem força e inspiração em minha trajetória. Agradeço também minha mãe, Maria de Lourdes Archanjo, que sempre me incentivou e instruiu-me para o caminho do estudo. Ao meu pai “in memorium” que nos ensinou e nos incentivou a estudar sempre, pois afirmava que apenas através do conhecimento poderíamos superar a diferença social e étnica em nosso país. Não posso deixar de agradecer aos meus irmãos Alcenir Archanjo Alves Júnior, Acácio Archanjo Alves e Sarah Quirino de Castro (prima-irmã) pelo apoio nesta trajetória.

Meus sinceros agradecimentos ao Prof. José Gilberto, pela orientação cuidadosa e pelas possibilidades de amadurecimento intelectual. Muito obrigada!

À Cathy Macilwaine professora da Universidade de Londres – *Queen Mary*”, pela abertura do diálogo e dedicada supervisão duramente meu estágio no exterior.

À Christina Heini e sua família, que nos acolheram com tanto amor, muito obrigada.

Ana Souza e Yara Evans, pelas contribuições, incentivos e amizade. Agradeço as novas amigas que surgiram neste processo.

Ao Consulado brasileiro de Londres, pelo apoio institucional.

À todas as amigas e os amigos que estiveram ao meu lado, tanto no decorrer da vida quanto em nossas longas e longas discussões geográficas.

Agradeço ao João, Mateus e Zeca que cuidaram da minha casa e das minhas filhas caninas enquanto estivemos fora.

Ao Sarau da Mohamed, pelo companheirismo. Em especial ao Jones que me ajudou no amadurecimento de muitas ideias.

À todas as mulheres participantes desta tese, sem elas a pesquisa não existiria. MUITO OBRIGADA!

Agradeço à FAPESP (Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo), pelo apoio financeiro que me permitiu dedicação exclusiva nesta empreitada do Doutorado.

## RESUMO

O principal objetivo desta pesquisa é analisar o fenômeno da migração internacional de brasileiras para Londres. Nosso foco é a questão do Trabalho, embora estamos também interessados em como a Identidade das mulheres brasileiras em Londres se apresentam nas relações de trabalho. Desta forma focalizamos o papel das mulheres brasileiras no mercado de trabalho londrino e a relação entre a mobilidade da força de trabalho e os processos de identificação / diferenciação. Analisamos os condicionantes da migração de brasileiros para Inglaterra, em especial a de mulheres; identificamos formas de inserção e participação de brasileiras no mercado de trabalho londrino; e buscamos compreender como o trabalho das mulheres é participante de processos de afirmação ou negação da identidade brasileira em Londres. A investigação incide sobre as experiências de mulheres brasileiras que se encontram em Londres em diferentes setores profissionais. Utilizamos uma combinação de técnicas quantitativas e qualitativas para o levantamento de dados. Para coleta de dados utilizamos a metodologia *Snow Ball*. Pesquisar o movimento migratório internacional de mulheres brasileiras para Londres nos leva a conhecer um pouco mais sobre: a realidade feminina em espaços de migração intensa, apreender como são impressas marcas identitárias no território, compreender o papel essencial que a mulher migrante assume na atualidade no mercado de trabalho internacional e como que a migração internacional de uma forma ou de outra se incorpora na reestruturação produtiva. Os dados apontam que, de modo geral, as mulheres brasileiras que permanecem trabalhando em Londres adquirem uma certa ascensão social e econômica. Porém, essa é limitada devido a identidade migratória. Espera-se que, o aprofundamento das questões relacionadas às migrantes brasileiras em Londres – UK (United Kingdom) sobre a perspectiva do Trabalho e da Identidade pode contribuir na construção de fundamentação teórico-metodológica tanto para a Geografia como para as outras áreas do saber, que têm se preocupado com a compreensão de movimentos migratórios, seus condicionantes e seus desdobramentos.

**Palavras-chave.** Migração internacional. Mulheres Brasileiras. Londres. Trabalho. Identificação/Diferenciação.

## ABSTRACT

The main goal of this research is to analyze the phenomenon of international migration from Brazil to London of Brazilian women. More specifically, we look at the relationship between work and identity. Thus, it focuses on the role of Brazilian women in the London labor market and the relationship between the mobility of the workforce and the processes of identification / differentiation. The research looks at the experiences of Brazilian women in different professional sectors. We intend to analyze the determinants of (e / i) migration of Brazilians to England; identify the forms of inclusion and participation of Brazilians in the London labor market; and understand how women's work takes places in the processes of affirmation or denial of Brazilian identity in London. For that, we used the combination of quantitative and qualitative methodologies. Snow ball has been used as methodology for collecting data. The research on the International Brazilian women migration leads us to know a little more about female reality in intensive migration spaces; learn how identity marks are printed in the territory; understanding the essential role that migrant women assumes in the current international work market and; how the international migration in one way or another is incorporated in the productive restructuring. The data has showed that, Brazilian women migrants gain stability during the time they live and work in London. However their economic condition is limited, due their they migrant identity. We expect that deepening the understanding of issues related to Brazilian international migrants in the UK, under the prospect of Labor and Identity, could greatly contribute to the construction of theoretical and methodological foundation for both the Geography as for the other areas of knowledge concerned with the understanding of migratory movements, their conditions and their ramifications.

**Keywords.** International migration. Brazilian women. London. Labor. Identification/Differentiation.

## LISTA DE CARTOGRAMAS

<i>Cartograma 1 - Origem dos migrantes residentes em Londres por estados brasileiros</i> .....	107
<i>Cartograma 2 - Residência dos brasileiros nos diferentes bairros de Londres</i> .....	113
<i>Cartograma 3 - A Inglaterra no Reino Unido</i> .....	148
<i>Cartograma 4 – Regiões - Inner London e Outer London</i> .....	150
<i>Cartograma 5 - Representação do transporte de Londres</i> .....	151
<i>Cartograma 6 - Trajeto a pé do Consulado brasileiro à Embaixada do Brasil em Londres</i>	160

## LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1 - Distribuição dos migrantes internacionais pela origem (hemisférios Norte ou Sul) e destino (hemisférios Norte ou Sul) no ano de 2013 (milhões e porcentagem)</i> .....	52
<i>Figura 2 - Número de migrantes internacionais conforme a origem (hemisfério Norte ou Sul) e o destino (Hemisfério Norte ou Sul), 1990 – 2013</i> .....	54

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

<i>Fotografia 1 - Fachada do Consulado brasileiro em Londres</i> _____	39
<i>Fotografia 2 - “Brazil Day – Trafalgar Square” (visão ampliada)</i> _____	40
<i>Fotografia 3 - Brazil Day – Trafalgar Square</i> _____	41
<i>Fotografia 4 - Festa junina das comunidades de Crystal Palace e Brixton</i> ____	42
<i>Fotografia 5 - Local de entrevista (residência – Londres)</i> _____	47
<i>Fotografia 6 - Local de entrevista (sala de residência – Londres)</i> _____	48
<i>Fotografia 7 - Entrada da estação de “Stockwell” (Londres)</i> _____	104
<i>Fotografia 8 - Santuário de Jean Charles de Menezes na estação de “Stockwell” (Londres)</i> _____	104
<i>Fotografia 9 - Ônibus urbano em Crystal Palace Parade (Londres)</i> _____	153
<i>Fotografia 10 - Trem da companhia “Southern” na estação de “Anerley”</i> ____	153

<i>Fotografia 11 - London Underground – metrô-estação de “Seven Sister”</i>	<i>154</i>
<i>Fotografia 12- London Overground- trem - estação de Willesden Junction</i>	<i>154</i>
<i>Fotografia 13 - Oxford Street (Londres)</i>	<i>157</i>
<i>Fotografia 14 - Loja do McDonald’s em Oxford Street</i>	<i>158</i>
<i>Fotografia 15 - Baianas na Trafalgar Square (Londres)</i>	<i>161</i>
<i>Fotografia 16 - Churros tradicional e guaraná – Brazilian Day – Trafalgar Square – Londres</i>	<i>162</i>
<i>Fotografia 17 - Banquinha de pastel “Brazuca” em Camdem Town Market</i>	<i>163</i>
<i>Fotografia 18 - Brazilian Churros em Camdem Town Market (Londres)</i>	<i>164</i>
<i>Fotografia 19 - Salão de beleza brasileiro “Divine” em “Queens Park”</i>	<i>165</i>
<i>Fotografia 20 - Café Raízes na Hackney Road em Hackney</i>	<i>165</i>
<i>Fotografia 21 - Casa de Carnes Camareli em Hackney</i>	<i>166</i>
<i>Fotografia 22 - Braziliana Café – “Crystal Palace”</i>	<i>166</i>
<i>Fotografia 23 - Merceria Baron - Comida Polonesa e Brasileira em Norwood Rood</i>	<i>167</i>
<i>Fotografia 24 - Salão de beleza brasileiro e igreja pentecostal “Deus é amor” em “Stockwell”</i>	<i>168</i>
<i>Fotografia 25 - Visão geral da Station Road no bairro de Willesden Junction – Distrito de Brent (Londres)</i>	<i>236</i>
<i>Fotografia 26 - Brazilian Salon, Minas transfer e Empório Brazil na Station Road (próximo à estação de Willesden Junction) - Londres</i>	<i>237</i>
<i>Fotografia 27 - Reforma do Empório Brazil – Merceria e açougue na Station Road – Willesden Junction - Brent</i>	<i>238</i>
<i>Fotografia 28 - Café do Mineiro e ABRAS – Willesden Junction – Brent - Londres</i>	<i>238</i>
<i>Fotografia 29 - ABRAS – Associação Brasileira – Willesden Junction – Brent - Londres</i>	<i>239</i>
<i>Fotografia 30 - Salgados tipicamente brasileiros – coxinhas, risoles, pastéis – restaurante do mineiro – Brent - Londres</i>	<i>252</i>
<i>Fotografia 31 - Pão de queijo, brigadeiro, beijinho – restaurante do Mineiro – Brent - Londres</i>	<i>252</i>
<i>Fotografia 32 - Comida tipicamente brasileira servida em restaurante brasileiro no bairro de Willesden Junction</i>	<i>253</i>

<i>Fotografia 33 - Erva mate para chimarrão na mercearia “Baron” – Norwood Road – Próximo a Brixton station - Londres</i>	253
<i>Fotografia 34 - Chocolate Baton e chiclete Bubaloo – Café brasileiro em Harlesden Road - Londres</i>	254
<i>Fotografia 35 - Carne importada brasileira – Friboi – Mercearia em “Seven Sister” - Londres</i>	254
<i>Fotografia 36 - Alimentos industrializados brasileiros</i>	255
<i>Fotografia 37 - Água de coco e guaraná Antarctica Mercearia em “Stoke Newington” - Londres</i>	256
<i>Fotografia 38 - Cosméticos brasileiros da Natura e esmaltes Risqué – Açogue Cuiabano – Harlesden Road - Londres</i>	256
<i>Fotografia 39 - Igreja (inglesa) Anglicana na High Street Harlesden – Londres</i>	267
<i>Fotografia 40 - Mercearia indiana, imobiliária, loja de eletrônicos e Café Joga 10 (brasileiro) na High Street Harlesden - Londres</i>	268
<i>Fotografia 41 - Café Joga 10 (brasileiro) e restaurante O Sabata (português) na High Street Harlesden (Londres)</i>	268
<i>Fotografia 42 - Açogue Cuiabano na esquina da High Street Harlesden com a Nightngale Road - Londres</i>	269
<i>Fotografia 43 - Menina brasileira e muçulmanos (ao fundo) no Hyde Park Londres</i>	274

## LISTA DE GRÁFICOS

<i>Gráfico 1 - Participação da mulher latina e caribenha na migração internacional nos anos 1990, 2000, 2010 e 2013 (%).....</i>	56
<i>Gráfico 2 - Estimativa da população brasileira nos países da Europa com maiores contingentes populacionais (mil) (2008-2012).....</i>	101
<i>Gráfico 3 - Estimativa da presença de brasileiros(as) (mil) no Reino Unido 2008-2012 .....</i>	102
<i>Gráfico 4 - Países de primeiro destino de brasileiras antes da migração para a Inglaterra (%).....</i>	111

Gráfico 5 - Composição da população brasileira por gênero (%) – 2006 e 2010 .....	116
Gráfico 6 - População brasileira em Londres segundo faixa etária (2010).....	116
Gráfico 7 - População brasileira em Londres segundo gênero e faixa etária (%) (2010).....	117
Gráfico 8 - Idade média (anos) da população brasileira por gênero (2006-2010) .....	118
Gráfico 9 - Cursos frequentemente citados.....	121
Gráfico 10 - Principais fatores de imigração Brasil-Londres (%) (2006-2010)	122
Gráfico 11 - Principais fatores de imigração Brasil– Londres segundo o gênero (%).....	123
Gráfico 12 - Situação migratória dos brasileiros em Londres (2006) (%) .....	126
Gráfico 13 - Admissão dos brasileiros em Londres em 2010 (%).....	127
Gráfico 14 - Situação migratória dos(as) brasileiros(as) em Londres – Definição de permanência (2010) (%).....	127
Gráfico 15 - Status migratória dos brasileiros nos anos de 2006/2010 – Londres (%).....	129
Gráfico 16 - Período de permanência dos brasileiros segundo gênero em Londres (%).....	130
Gráfico 17 - Identificação dos setores de atividade remunerada de brasileiros em Londres entre 2006 e 2010 (%).....	131
Gráfico 18 - Diferentes setores de trabalho apresentados por brasileiros / 2010 Londres (%).....	132
Gráfico 19 - Atividade remunerada de brasileiros em Londres segundo gênero 2010 (%).....	133
Gráfico 20 - Ganhos salariais dos brasileiros nos anos de 2006 e 2010 (%) em Londres .....	138
Gráfico 21 - Carga horária semanal de trabalho dos brasileiros (as) em Londres – 2006-2010 (%).....	139
Gráfico 22 - Média da carga horária semanal trabalhada pelos brasileiros (as) em Londres - (horas).....	139
Gráfico 23 - Carga horária semanal de trabalho 2006-2010 segundo gênero de brasileiros (as) em Londres (%) .....	140

Gráfico 24 - Média da carga horária semanal trabalhada segundo gênero de brasileiros em Londres (Horas semanais) .....	141
Gráfico 25 - Ano em que as mulheres deixam de viver no Brasil (nº. de mulheres/ano) .....	146
Gráfico 26 - Tipo de visto de ingresso ao Reino Unido (%).....	169
Gráfico 27 - Tipo de visto no ano de 2014 (%).....	170
Gráfico 28 - Passaporte europeu por descendência por renda salarial (%) ...	171
Gráfico 29 - Passaporte europeu - por tempo de permanência em um país europeu por renda salarial (%).....	172
Gráfico 30 - Mulheres que se declararam sem visto por renda salarial 2014 (%) .....	173
Gráfico 31 - Passaporte europeu por descendência (%).....	174
Gráfico 32 - Tempo de residência em Londres (%).....	175
Gráfico 33 - Frequência de pessoas com um ano residindo em Londres por renda salarial.....	176
Gráfico 34 - Frequência de pessoas com 6 anos residindo em Londres por renda salarial.....	176
Gráfico 35 - Frequência de pessoas com 8 anos residindo em Londres por renda salarial.....	177
Gráfico 36 - Frequência de pessoas com 10 a 15 anos residindo em Londres por renda salarial.....	177
Gráfico 37 - Frequência de pessoas com 20 anos ou mais residindo em Londres por renda salarial.....	178
Gráfico 38 - Pertencimento étnico (%).....	178
Gráfico 39 - Étnica Branca por renda salarial (%) .....	179
Gráfico 40 - Étnica Mestiça – Parda por renda salarial (%).....	180
Gráfico 41 - Faixa etária (%) .....	180
Gráfico 42 - Situação matrimonial das brasileiras ao sair do país e no ano de 2014 (valor absoluto).....	182
Gráfico 43 - Nacionalidade do companheiro(a) das brasileiras casadas (%) .	183
Gráfico 44 - Presença ou não de filhos (%).....	183
Gráfico 45 - Grau de escolaridade (%).....	184

Gráfico 46 - Atividade econômica exercida um ano antes de imigrar do Brasil (valor absoluto).....	216
Gráfico 47 - Tempo de registro em carteira no Brasil (%) .....	217
Gráfico 48 - Média salarial das mulheres no Brasil (%).....	218
Gráfico 49 - Decréscimo da realização da atividade econômica (valor absoluto) .....	219
Gráfico 50 - Crescimento na realização da atividade econômica (valor absoluto) .....	221
Gráfico 51 – Tipo de atividade remunerada (trabalho formal) por tempo de permanência em Londres (valor absoluto) .....	222
Gráfico 52 - Salários em Londres (valor absoluto) .....	223
Gráfico 53 - Número de empregos diários (%) .....	224
Gráfico 54 - Tempo de permanência em cada emprego (valor absoluto) .....	225
Gráfico 55 - Horas trabalhadas diariamente pelas mulheres por tempo de permanência em Londres (valor absoluto) .....	226
Gráfico 56 - Faixa salarial das mulheres em 2014 (%).....	227
Gráfico 57 – Faixa salarial por atividade econômica (%).....	228
Gráfico 58 – Distribuição da atividade econômica para a faixa salarial de até 6.000libras/ano (%) .....	229
Gráfico 59 – Distribuição de faixas salariais para atividade de Limpeza (%) .	229
Gráfico 60 – Distribuição de faixas salariais para a atividade em Bares/restaurante/hotéis (%).....	230
Gráfico 61 – Distribuição de faixas salariais para a atividade de Negócios/administração (valor absoluto).....	230
Gráfico 62 – Distribuição das faixas salariais para as atividades de cuidadora, serviços ao consumidor e saúde (%) .....	231
Gráfico 63 – Distribuição das faixas salariais para os diferentes setores de atividade econômica (valor absoluto) .....	232

## LISTA DE QUADROS

<i>Quadro 1 - População mundial migrante (mil e milhões).....</i>	<i>55</i>
<i>Quadro 2 - Total da população migrante em relação ao gênero (mil e milhões) .....</i>	<i>56</i>
<i>Quadro 3 - Cursos de Graduação mais citados referentes aos anos de 2006 e 2010 .....</i>	<i>120</i>
<i>Quadro 4 - Profissões declaradas por brasileiros - 2006-2010-2014 .....</i>	<i>185</i>

## LISTA DE MAPAS

<i>Mapa 1 - Origem das migrantes residentes em Londres por estado e municípios brasileiros .....</i>	<i>109</i>
<i>Mapa 2 - Distribuição e localização de residências das brasileiras em Londres (2014).....</i>	<i>114</i>

## LISTA DE TABELAS

<i>Tabela 1 - Setor de atividade por tempo de estadia em Londres (2010).....</i>	<i>135</i>
--	------------

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>17</b>
<b>Capítulo 1 - A PESQUISA E SEU DESENVOLVIMENTO</b>	<b>20</b>
<b>1.1. Primeira sessão</b>	<b>21</b>
1.1.1 A Construção dos objetivos	21
1.1.2 A escolha dos instrumentos de pesquisa	25
1.1.3 A combinação de técnicas de pesquisa	29
<b>1.2. Segunda sessão</b>	<b>31</b>
1.2.1. As adaptações das técnicas de pesquisa	31
1.2.2 O trabalho de campo	34
<b>Capítulo 2 - A MIGRAÇÃO, A DIÁSPORA E O MIGRANTE</b>	<b>50</b>
2.1 O debate teórico em torno dos conceitos	58
2.2 O sujeito migrante e a tipologia da migração internacional	76
<b>Capítulo 3 - A ESPACIALIDADE DA MIGRAÇÃO INTERNACIONAL DE BRASILEIROS</b>	<b>94</b>
3.1 A intensificação da migração internacional de brasileiros	97
3.2 A comunidade brasileira em Londres	105
3.2.1 O movimento de saída	106
3.2.2 O movimento da chegada	112
3.2.3 Caracterização social do migrante	115
3.2.4. Principais fatores da migração	121
3.2.5 Permanência no Reino Unido segundo as leis migratórias	124
3.2.6 Período de permanência	130
3.2.7 O trabalho de brasileiros	130
3.2.8 Condição Salarial	137
3.2.9 Carga horária semanal de trabalho	138
<b>Capítulo 4 - MULHERES BRASILEIRAS EM LONDRES</b>	<b>145</b>
4.1. Conhecendo Londres e a territorialidade brasileira	148
4.2 Caracterização demográfica do universo da pesquisa	168
4.3 Motivos da migração	186

<b>Capítulo 5 - TRABALHADORAS BRASILEIRAS EM LONDRES</b>	<b>200</b>
5.1 A importância do trabalho social	201
5.2 Reestruturação produtiva do capital e a mobilidade do trabalho	209
5.3 O Universo feminino no mundo do trabalho	214
5.4 O trabalho realizado no Brasil	216
5.5 O trabalho realizado em Londres	219
<b>Capítulo 6 - TERRITÓRIO E OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO/DIFERENCIAÇÃO SOCIAL</b>	<b>234</b>
6.1 Processos de identificação/diferenciação e o território	234
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>276</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>283</b>
<b>APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA UTILIZADO NA PESQUISA</b>	<b>293</b>
<b>APÊNDICE B - MODELO DO QUESTIONÁRIO UTILIZADO NA PESQUISA</b>	<b>301</b>

## INTRODUÇÃO

A migração internacional assume diferente contexto a cada nova ordem política, econômica, social e cultural. Novos fluxos de deslocamentos de pessoas que ocorrem no espaço e no tempo se evidenciam. Muitas vezes estes deslocamentos são motivados por conflitos armados como os que ocorrem na Síria, na Ucrânia e Rússia ou no continente africano, outras vezes por conflitos étnicos, pelo terrorismo, pela desigualdade Norte/Sul. Castles e Miler (2009) afirmam que o século XXI vivencia a era das migrações.

A multiplicidade de situações migratórias locais, regionais, internacionais, que ocorrem na modernidade líquida (BAUMAN, 2001), modificam o espaço de tal forma que recodifica a complexidade do fenômeno (BAENINGER, 2012), assim, não é possível explicar este fenômeno apenas pelo viés econômico, visto que são afiguradas as assimetrias das relações socioespaciais que ocorrem na dimensão espacial em diferentes escalas territoriais.

Desta forma, é necessário pensarmos o cenário da migração internacional como o resultado de um processo social, econômico, político e cultural. O Brasil, neste contexto, se caracteriza tanto como um país receptor, quanto como um país emissor de sujeitos, pois na virada do século XIX recebeu principalmente contingentes de europeus, inclusive com políticas migratórias direcionadas. No final do século XX e início do século XXI, o país volta a ser receptor, mas de outros contingentes como os bolivianos, coreanos, chineses (BAENINGER, 2012) e na atualidade merece destaque o fluxo dos haitianos. Mas o país também passa a ser emissor de brasileiros para outros países, nos revelando novas circunstâncias da migração internacional.

O movimento espacial de brasileiros para o mundo iniciou sutilmente (OLIVEIRA, 1997) nos anos 1980 e adquiriu amplas proporções. Constatamos que existem mais de 3 milhões de brasileiros (Ministério de Relações Exteriores, 2015) vivendo em outros países. Esses números reforçam a tendência de configuração de espaços de migração (BAENINGER, 2012) e nos revelam a necessidade de aplicarmos outras perspectivas na análise do movimento migratório internacional.

Apreender essa movimentação, esse deslocamento espacial de pessoas na contemporaneidade significa olhar para a dimensão territorial dos processos migratórios. É no território que são impressas as marcas identitárias dos sujeitos, portanto, quando o sujeito migra, ele carrega consigo a sua identidade que é moldada no tempo e no espaço.

Analisar a migração internacional focalizando a mulher brasileira em Londres nos permite compreender como estas marcas identitárias são expressas em alguns locais de Londres; como os processos de identificação/diferenciação social redefinem as territorialidades; como a mão-de-obra da migrante brasileira se insere no mundo do trabalho.

Organizamos este estudo em seis capítulos que refletem a dinâmica realizada durante o processo de pesquisa. No *primeiro* capítulo, nos propomos a apresentar o desenvolvimento da pesquisa a partir do uso de diferentes instrumentos de análise; do percurso utilizado na construção do objeto de estudo, dos objetivos e da hipótese de trabalho e dos desafios e adaptações metodológicas determinados no decorrer do trabalho de campo. Assim, no que tange especialmente à pesquisa de campo, são expostas as decisões e estratégias de aproximação às mulheres migrantes. Ressaltamos que a pesquisa empírica foi realizada em Londres, no período de março de 2014 a fevereiro de 2015.

Realizamos no capítulo *dois*, a revisão bibliográfica, que aprofunda questões do ponto de vista dos conceitos de migração, diáspora e do sujeito migrante, preocupados especialmente em expor o ponto de vista geográfico. Desta maneira, são retomados autores da geografia tradicional na busca de compreender o migrante internacional, para assim trabalhar com a conceituação utilizada tanto na geografia quanto na sociologia. Importante salientar que os estudos que estão centrados sobre migração na Inglaterra, como os realizados por Macilwaine (2011b) e King (2012), discutem as tipologias dos processos migratórios, assim como já faziam Beaujeu-Garnier (1971) e George (1973) na década de 1970. Destacamos, aqui, as pesquisas de Macilwaine que trabalha na perspectiva da inclusão do migrante latino americano na sociedade inglesa.

No *terceiro* capítulo fizemos uma contextualização histórica da intensificação da migração de brasileiros para o mundo. E finalizamos com a

apresentação dos dados que estão aportados sobre as pesquisas de Evans (2010) e Evans et al (2011). Importante salientar que estas foram as primeiras pesquisas quantitativas realizadas com a população brasileira em Londres. A visão da espacialidade da comunidade brasileira em Londres nos orientou metodologicamente na busca dos sujeitos sociais que participaram dessa pesquisa.

Evidenciamos no *quarto* capítulo uma caracterização da cidade de Londres com o objetivo de contextualizar que local é esse que vive a mulher brasileira. Em seguida, apresentamos os dados empíricos construídos no desenvolvimento da pesquisa em Londres. Os dados quantitativos permitem apresentar o perfil das mulheres brasileiras que participaram dessa amostragem, a partir das características do status migratório, da etnia, da faixa etária, da situação matrimonial, da nacionalidade dos companheiros, da presença ou não de filhos e do grau de escolaridade. Também, a partir dos relatos dessas migrantes, apresentamos os diversos motivos que as levaram a fazer parte do movimento migratório internacional.

O trabalho realizado pelas migrantes brasileiras em Londres é o tema do *quinto* capítulo. Tomamos como base a discussão teórica pautada na reestruturação produtiva do capital e o universo feminino no mundo do trabalho. Também apresentamos a outra parte da análise dos dados da pesquisa empírica que focalizou a perspectiva do trabalho realizado pelas mulheres participantes desse universo.

Os processos de identificação/diferenciação e sua manifestação no espaço, pelo viés do território, é a discussão que perpassa o capítulo *seis*. Assim apresentamos através das fotografias e dos relatos das trabalhadoras aspectos da redefinição territorial construída em Londres pela identidade brasileira.

As considerações finais sintetizam a discussão empreendida na tese. Aprender como mulheres, brasileiras, trabalhadoras, vivem em Londres a partir da apropriação deste lugar, portanto, da impressão de marcas identitárias neste território, sob o ângulo do trabalho, é o fio condutor desta pesquisa.

## **Capítulo 1 - A PESQUISA E SEU DESENVOLVIMENTO**

A proposta de estudar a migração internacional de brasileiras para Londres, explorando a questão do trabalho feminino e sua relação com os processos de identificação-diferenciação social, possibilita experimentar a combinação de técnicas que são, em poucas palavras, o uso de diferentes instrumentos de análise na pesquisa científica, neste caso, na ciência geográfica.

Antes de adentrarmos na discussão teórica e nos resultados empíricos especificamente desta pesquisa, faz-se necessário explicitar logo no primeiro capítulo os passos que foram seguidos, as dificuldades encontradas no desenrolar do trabalho, as adaptações realizadas para atingir os objetivos propostos e poder no final responder a hipótese do trabalho. Enfim, apresentamos a trajetória da construção desta pesquisa como possibilidade de entendimento do todo.

Esta pesquisa é exploratória, pois além do trabalho bibliográfico e documental que implicou em levantamentos minuciosos de informações e de referencial teórico necessários à interpretação, realizamos a pesquisa empírica que utilizou a combinação de técnicas para a coleta das informações que foram utilizadas em posterior interpretação e análise. Importante salientar que apesar das diferenças nas fases da pesquisa que serão expostas abaixo, estas se interpenetram e se cruzam durante toda investigação que ocorre entre Brasil e Inglaterra, particularmente em Londres.

Organizamos esta discussão em duas sessões. Na primeira evidenciamos a construção do objeto de estudo e a sua relação com a escolha dos instrumentos de pesquisa, envolvendo a combinação de técnicas de análise como uma alternativa para a pesquisa em ciências humanas. A segunda sessão relaciona-se diretamente com a efetivação da pesquisa empírica, o trabalho de campo realizado na cidade de Londres – Inglaterra.

## 1.1. Primeira sessão

### 1.1.1 A Construção dos objetivos

A ideia de pesquisar a migração internacional de brasileiros<sup>1</sup> para Londres surge de uma experiência pessoal<sup>2</sup> nesta cidade. Durante o período de vivência percebemos a existência de um contingente significativo de brasileiros nos diferentes lugares frequentados no cotidiano (ônibus, metrô, trem, museus, parques, supermercados). Escutava-se a fala, observava-se famílias, observava-se grupos de amigos, observava-se comércios especializados em venda de produtos brasileiros além dos restaurantes/cafés.

Com o passar do tempo, criamos laços de amizade com brasileiras, e estes passaram a fazer parte do cotidiano através da escola das crianças, das classes de aula de inglês para estrangeiros e também da participação no grupo de discussão na internet “Diálogo Brasil”. Desta maneira, estes laços foram estabelecidos especificamente com mulheres entre os anos de 2008-2012, podendo ser chamados de *network*<sup>3</sup>, que acabaram colaborando com o desenvolvimento desta pesquisa em Londres (março/2014 a fevereiro/2015).

Os laços de amizade estabelecidos naquele momento, no entanto, não foram capazes de dar respostas a certos questionamentos e inquietações pessoais despertadas nesta experiência migratória a respeito da comunidade brasileira, como por exemplo: por que existiam tantos brasileiros em Londres? Por que e como estes entraram no movimento migratório internacional? Como eles viviam? Eles falavam inglês antes de migrar ou aprenderam na cidade? Saber ou não saber a língua fazia diferença no cotidiano destas pessoas? Existiam brasileiros indocumentados? Qual o tipo de trabalho que eles/elas realizavam nesta cidade? Eles/elas estavam felizes vivendo fora de casa (do Brasil)? Ser mulher ou ser homem fazia diferença no processo migratório? Como que a mulher brasileira ali vivia, se trabalhadora, se mãe etc.? Existiam pesquisas sobre brasileiros? Eram tantas inquietações, tantas perguntas que naquele momento não tínhamos quase que respostas.

---

<sup>1</sup> A palavra “brasileiros” nesta pesquisa relaciona-se ao conjunto de homens e mulheres.

<sup>2</sup> Residi na cidade de Londres de 2005 a 2008.

<sup>3</sup> Em português, “rede de contato”.

Pesquisas realizadas por Mcilwaine (2011) revelavam que os brasileiros pertenciam a um grupo relativamente novo de migrantes em Londres, sobre o qual ainda se sabia muito pouco. Desta maneira surgiu a ideia de investigar a comunidade brasileira e poder contribuir na construção desse conhecimento geográfico. Em 2011 iniciamos a elaboração desta pesquisa.

Durante a preparação constatamos que as pesquisas relacionadas com a comunidade brasileira em Londres eram realmente ainda incipientes. Sabíamos, por exemplo, que o fluxo de saída de brasileiros rumo a Londres estava aumentando. Sabíamos também, por experiência cotidiana, que sem o domínio da língua inglesa os migrantes de mesma nacionalidade, neste caso os brasileiros, acabavam se aproximando uns dos outros pelo “aconchego” da língua, pela fé religiosa, pela necessidade de se expressar e de poder falar com alguém que entendia o idioma, pela procura do emprego, pela discussão estudantil entre pós-graduandos, pelo uso dos meios de comunicação como as revistas e jornais escritos em português e até mesmo pela televisão, por meio de canais (fechados) brasileiros que são transmitidos como os da Rede Globo e da Rede Record.

Verificamos no levantamento de referencial bibliográfico que uma das primeiras pesquisas quantitativas de relevância relacionada à população brasileira em Londres iniciou-se em 2007, conduzida por Yara Evans (2010), que apresentou de forma geral aspectos demográficos de uma parcela da comunidade brasileira<sup>4</sup>. Trata-se de uma pesquisa de cunho quantitativo que utilizou questionários, aplicados tanto *face to face* [face à face, ou pessoalmente] quanto deixados nos estabelecimentos comerciais brasileiros e depois recolhidos. Esta pesquisa inicia a construção de um perfil dos brasileiros que viviam em Londres.

Pautado nos trabalhos de Evans (2010), Evans et al (2011) e nas informações do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, realizamos o levantamento inicial dos dados secundários que foram utilizados no projeto desta pesquisa. Este primeiro levantamento de cunho demográfico permitiu uma caracterização de uma parcela dos brasileiros que vive em Londres.

---

<sup>4</sup> Parcela porque se tratou da participação de 423 pessoas.

Estas informações, em conjunto com nossas inquietações pessoais, já demonstradas anteriormente, foram fundamentais para o direcionamento do trabalho, pois até então haviam as pesquisas quantitativas publicadas por Evans (2010) e Evans et al (2011) que representavam duas parcelas da comunidade brasileira, assim como também existiam pesquisas qualitativas, como as conduzidas por Souza (2010, 2008, 2007, 2005 e 2003), Sheringham (2009, 2010 e 2011), Brightwell (2010), Dias (2010), que apresentavam temáticas relacionadas à língua, à prática religiosa, à construção histórica da comunidade brasileira, às características culturais que detectavam os sabores do Brasil, a identidade e o urbano. No entanto, não havia nenhum estudo sobre a mulher brasileira.

Desta forma, o conjunto de pesquisas que não apresentavam especificidades relacionadas à mulher brasileira e somados os contatos pessoais pré-existentes, contribuíram na definição do objeto desta pesquisa: as mulheres brasileiras em Londres.

Com a clareza do objeto de pesquisa definido, traçamos o objetivo geral e os objetivos específicos. Estes encontram-se interligados e revelam as questões principais que transpassam e permeiam esta tese.

Definido que o foco de interesse seria as mulheres brasileiras em Londres, surgiram outros questionamentos que ajudariam na formulação do objetivo central. Assim, questionava-se o que estas mulheres faziam em Londres? Que tipo de trabalho realizavam? Que tipo de trabalho realizavam no Brasil, antes de migrarem? A mobilidade no trabalho feminino existia? Por que elas migraram para Londres? Quais eram as relações que elas mantinham com Brasil? Elas gostavam de estar nesta cidade? Que lugares frequentavam? Como se sentiam na capital inglesa? Sofriam algum tipo de discriminação?

Estes questionamentos permitiram elaborar o objetivo geral, os objetivos específicos e a hipótese central da pesquisa, como segue:

### Objetivo geral

Analisar a imigração brasileira para o Reino Unido a partir da relação entre força de trabalho feminino em Londres e os processos de identificação/diferenciação (relação entre Trabalho e Identidade).

### Objetivos específicos

1 – Analisar as características (quem são estas mulheres, a faixa etária, a escolaridade, onde residiam no Brasil, estado civil e outras informações demográficas) da migração de brasileiros para o Reino Unido, em especial à de mulheres.

2 – Verificar as motivações da entrada dos brasileiros, e em especial das mulheres participantes desse estudo, no movimento migratório internacional – Brasil/Londres.

3 – Identificar as formas de inserção e participação de brasileiras no mercado de trabalho londrino (traçar o perfil profissional destas mulheres, verificar a mobilidade do trabalho tanto no Brasil como principalmente em Londres) e identificar sua participação nas diferentes atividades econômicas.

4 – Analisar como o trabalho dessas mulheres, na perspectiva salarial, é participante de processos identificação/diferenciação brasileira em Londres.

### Hipótese Central da Pesquisa

Os países marcados por forte imigração presenciam os processos de identificação/diferenciação social de forma mais latente, uma vez que, os símbolos identitários são produzidos e reproduzidos pelos e para os migrantes, e isso acontece na dimensão territorial, que é compreendida nas estruturas urbanas (onde e como vive), sociais (com quais pessoas e estruturas políticas, bens e serviços se relaciona), culturais (os elementos que se apropria da cultura inglesa e aquilo que permanece) e econômica (sua capacidade de inclusão social e de direitos). Dessa maneira, a inserção da mulher brasileira no mercado de trabalho perpassa essa condição territorial e identitária, definindo a sua inserção nas diferentes atividades econômicas (tipos de trabalho).

Observamos, que a construção da pesquisa ocorreu em etapas, apenas a partir da escolha do tema foi possível definir o objeto de estudo e seus objetivos, e com isso definir os instrumentos de análise utilizados. No entanto, é importante deixar claro que mesmo traçando o caminho anteriormente à realização da pesquisa, novas questões apareceram durante seu desenvolvimento, levando-nos a realizar adaptações do uso de técnicas neste processo, como será evidenciado posteriormente.

### **1.1.2 A escolha dos instrumentos de pesquisa**

A interpretação de um fenômeno social é sem dúvida um desafio para a pesquisa nas ciências humanas que, normalmente, utiliza instrumentos qualitativos de análise e interpretação de seus fenômenos; no entanto, isso não é uma regra. A definição das técnicas que foram utilizadas é proveniente de um projeto cuidadoso de pesquisa.

A escolha das técnicas depende da proposta do projeto e dos objetivos que este pretende atingir, pois estes estão intrinsecamente ligados com a proposta. Assim, sempre o plano de pesquisa deve estar conectado com os objetivos que se deseja atingir. Bradshaw and Stratford (2010, p. 70, tradução nossa) defendem que os “Objetivos da pesquisa afetam o projeto de pesquisa”<sup>5</sup>. Eles justificam que a partir das perguntas científicas o pesquisador pode definir que instrumentos de pesquisa utilizar, e que dos questionamentos define-se o que fazer com as informações coletadas. Por isso, é importante definir exatamente o que o pesquisador quer saber sobre o objeto de pesquisa.

Netto (2009, p. 6), baseado em Marx, diz que o papel do pesquisador é:

[...] essencialmente ativo: precisamente para apreender não a aparência ou a forma dada do objeto, mas a sua essência, a sua estrutura e a sua dinâmica (mais exatamente: para apreendê-lo como um processo), o sujeito deve ser capaz de mobilizar um máximo de conhecimentos, criticá-los, revisá-los e deve ser dotado de criatividade e imaginação.

---

<sup>5</sup> Research aims affect research design.

Neste processo de buscar conhecer ao máximo o objeto de pesquisa, de “apoderar-se da matéria” (NETTO, 2009, p. 6), é que são definidas as técnicas ou os instrumentos de análise que auxiliarão nas possíveis respostas aos questionamentos (perguntas científicas) do trabalho. Importante salientar que existe um acervo de técnicas que podem ser utilizadas, como a pesquisa bibliográfica e documental, a análise textual, a observação sistemática e participante, entrevistas e instrumentos quantitativos, entre outros.

Seguindo o pensamento destes autores, criamos neste estudo com o auxílio da combinação de técnicas, informações sobre como ocorre a mobilidade do trabalho feminino de brasileiras e como os processos de identificação/diferenciação social influenciam esta mobilidade em determinada parcela das mulheres brasileiras que vivem em Londres.

Com a intenção de responder esta questão central elucida-se abaixo como desenvolvemos a construção desta tese e quais foram os caminhos e as técnicas utilizadas.

### Levantamento documental

No Brasil desenvolvemos o início da parte teórica, a partir dos referenciais existentes. Realizamos o levantamento de dados secundários baseados nos indicadores quantitativos do IBGE, no Ministério de Relações Exteriores e nos levantamentos do GEB (Grupo de Estudos Brasileiros do Reino Unido). Estas fontes forneceram a base dos dados relacionados à migração internacional de brasileiros e a migração brasileira para Inglaterra, sobretudo para Londres.

Utilizamos referenciais voltados para o processo de migração internacional, como as obras de Hall [2000, 2011], Haesbaert [1999, 2007], Canclini [2003], Sayad [1998], Silva [2014] e especialmente os estudos de McIlwaine [2011a, 2011b, 2013], que apresenta pesquisas bem estruturadas em relação aos migrantes latino-americanos em Londres. Este período foi marcado por leituras e aprofundamento no arcabouço teórico que forneceram subsídios e bases para a análise e compreensão da migração internacional brasileira para Londres.

A partir dessas leituras delimitamos os passos a serem seguidos na pesquisa empírica. Elaboramos a caracterização da população brasileira residente em Londres, pautada nos dados quantitativos apresentados por Evans (2010), Evans et al (2011) e pelas informações do Ministério das Relações Exteriores relativas ao período de 2008 a 2012. O cruzamento desses dados permitiu esboçar o perfil desta população. No entanto, para atender aos objetivos desta pesquisa, estabelecemos a necessidade de conhecer a migrante brasileira que se encontrava em Londres, pois parte das informações que existiam relacionavam-se à população brasileira de forma geral e não especificamente à mulher.

Definimos que a melhor forma para conhecer essas mulheres seria através da aplicação de questionários, ou seja, da análise quantitativa. As informações quantitativas provenientes da pesquisa, por sua vez, também contribuiriam na formação do banco de dados sobre a população brasileira em Londres, articuladas a dados de pesquisas anteriores já mencionadas.

A partir da determinação da forma de coleta de dados, foi possível elaborar a estratégia de aplicação dos questionários. Mas a dúvida era se aplicaríamos o questionário a todas as mulheres trabalhadoras, independente do trabalho que realizavam, ou se estas seriam estabelecidas de acordo com as diferentes atividades econômicas.

Após um período de análise das pesquisas realizadas até então, decidimos que o questionário seria aplicado nas mulheres que trabalhavam com atividades voltada a área de serviços/comércios, área alimentícia, área da limpeza e as autônomas (formais e informais)<sup>6</sup>. Estes foram as principais atividades econômicas observadas durante minha primeira experiência empírica em Londres (2005-2008).

Com a definição do direcionamento das atividades, precisava ser aclarado como e onde os questionários deveriam ser aplicados, desta forma três caminhos foram seguidos.

---

<sup>6</sup> Consideramos as atividades setoriais da seguinte forma: Setor de comércio/serviços (turismo, serviços bancários, hotéis, serviços de consultoria, hospitais, etc.); Setor de limpeza (diarista, empregada doméstica, governanta, empresas de limpeza); Setor alimentício (bares, restaurantes, pubs, lanchonetes, cafés, entre outros); Autônomas (donas do próprio negócio formais e informais).

O primeiro evidentemente foram as redes de contato pessoais pré-existentes, isto permitiu trabalhar com a técnica “snow ball<sup>7</sup>”, que se pauta na indicação de pessoas: uma pessoa X poderia indicar uma pessoa Y, está por sua vez indicaria uma pessoa Z e assim por diante. Segundo Biernacki e Waldorf<sup>8</sup> (1981, p. 142, tradução nossa):

Bola de neve [“snow ball”] ou amostragem em cadeia de referência é um método que tem sido amplamente utilizado na pesquisa sociológica qualitativa. Os métodos produzem uma amostra do estudo através de referências tomadas entre pessoas que compartilham ou conhecem outras pessoas que possuem algumas características que são de interesse de pesquisa. O método é adequado quando o foco do estudo é sobre uma questão sensível, possivelmente, assuntos relativamente privados e que, portanto, requer o conhecimento dos “insiders” para localizar as pessoas do estudo.

O segundo caminho foi o contato com Yara Evans em Londres, e com a sua ajuda, queríamos buscar o acesso na base de contatos criada por ela durante o desenvolvimento de suas pesquisas com a comunidade brasileira.

Uma última estratégia foi procurar as organizações que trabalhavam com a comunidade brasileira em Londres, como a Associação Brasileira no Reino Unido (ABRAS), Casa do Brasil e o *Latin American Women’s Rights Service* (LAWRS) e analisar como elas poderiam contribuir para a aplicação dos questionários.

Destas três estratégias, as redes pré-existentes auxiliaram no desenvolvimento da pesquisa, assim como a “Casa do Brasil”, a “LAWRS” e o Consulado foram excelentes parceiros, mas não foi possível ter acesso à base de dados de Evans, no entanto, foi possível a utilização do *facebook* e do e-mail, dois mecanismos virtuais no processo.

---

<sup>7</sup> Em português, “bola de neve”.

<sup>8</sup> Snow ball or chain referral sampling is a method that has been widely used in qualitative sociological research. The method yields a study sample through referrals made among people who share or know of others who possess some characteristics that are of research interest. The method is well suited for a number of research purposes and is particularly applicable when the focus of study is on a sensitive issue, possibly concerning a relatively private matter, and thus requires the knowledge of insiders to locate people for study.

Antes de argumentar a respeito do trabalho de campo é necessário aclarar a combinação de técnicas e as adaptações que foram necessárias para o procedimento da pesquisa.

### **1.1.3 A combinação de técnicas de pesquisa**

É válido supor que a escolha de diferentes técnicas de pesquisa permite avaliar o objeto de forma mais completa, principalmente nas análises sociais. No entanto, tradicionalmente são utilizados nas pesquisas sociais, ou técnicas quantitativas ou técnicas qualitativas de análise. Mas conforme salienta Spicer<sup>9</sup> (2011, p. 480, tradução nossa), “[...] existe o aumento tendencial, nas pesquisas sociais, do uso da combinação de ambas abordagens”. Ainda segundo Spicer (2011, p. 479, tradução nossa), a combinação de técnicas de investigação significa a “combinação das duas abordagens, tanto a quantitativa quanto a qualitativa”<sup>10</sup>.

As técnicas de pesquisa empregadas foram: a quantitativa, a qualitativa, a bola de neve e a fotografia. Estas são diferentes formas de coletas de dados para a análise e compreensão da realidade social das migrantes brasileiras em Londres, tratando-se, assim, de uma combinação de técnicas de abordagem.

A opção de utilizar uma conjunção de técnicas surge exatamente a partir do reconhecimento do objeto de estudo (as mulheres brasileiras). Este reconhecimento ocorreu por meio do primeiro teste piloto<sup>11</sup> realizado antes da efetivação da pesquisa empírica.

Percebemos com a realização do teste piloto que, para analisar o movimento migratório feminino entre Brasil/Londres e sua relação com processos de identificação/diferenciação social, era necessário combinar métodos.

Encontrava-se definida a necessidade de traçar o perfil da migrante, trabalhadora e brasileira em Londres, através da aplicação de questionários, que nos proporcionaria conhecer minimamente estas mulheres em relação às

---

<sup>9</sup> [...] a growing trend in social research to use a combination of both quantitative and qualitative approaches.

<sup>10</sup> [...] combined methods research to mean research that combines *both* qualitative and quantitative methods.

<sup>11</sup> O teste piloto será explicado na próxima sessão.

informações demográficas, assim como nos permitiria conhecer a mobilidade do trabalho destas migrantes e o tipo de trabalho que realizavam tanto no Brasil quanto em Londres.

Como dito antes, a escolha das técnicas depende dos objetivos que são traçados na pesquisa. Desta forma, para as perguntas fechadas o questionário funcionaria perfeitamente. No entanto, fazia-se necessário aprofundar o estudo sobre a relação da mobilidade do trabalho feminino com os processos de identificação/diferenciação social, para isto era necessário a realização de entrevistas semiestruturadas.

A aplicação de questionários, nesta pesquisa, trouxe informações que, em um primeiro momento, contribuiu para traçar o perfil das mulheres brasileiras e principalmente para mostrar a mobilidade do trabalho nos diferentes anos de residência em Londres, questão central desta tese. E, no segundo momento, possibilitou estabelecer a rede de contatos que seria necessária para o aprofundamento da pesquisa através da realização de entrevistas semiestruturadas.

Durante este caminhar percebemos que para atender os objetivos traçados na pesquisa, deveríamos preferencialmente elaborar uma estratégia de pesquisa “aberta”, ou seja, um plano capaz de agregar outras formas ou instrumentos técnicos, pois, assim, poderíamos ampliar o olhar sobre as diferentes realidades existentes na sociedade.

Claro que é necessário traçar estratégias metodológicas no gabinete, mas o pesquisador (a) só irá perceber sua funcionalidade na realização de uma amostragem piloto, quando ele (a) realmente tiver contato com o objeto de pesquisa. Veja que a intenção aqui não é dizer que não se deve traçar uma estratégia, um plano de pesquisa; a intenção é dizer que muitas vezes podem ser agregadas outras técnicas na pesquisa além daquelas que foram previamente planejadas.

O “fechamento” das técnicas de análise que serão utilizadas deveriam acontecer após a realização do reconhecimento do objeto de pesquisa e do lugar em que ele se encontra, isto é, após o pesquisador experimentar algum tipo de contato com o objeto de pesquisa, como por exemplo conhecer os lugares que os sujeitos envolvidos frequentam, os locais de residência, que tipo de trabalho

realizam, qual o cotidiano da comunidade pesquisada, quais as ações proporcionadas por diferentes instituições nestas comunidades, entre outras coisas.

Partindo desta percepção empírica do objeto de pesquisa, o pesquisador (a) poderá perceber se a técnica inicialmente proposta irá trazer as respostas necessárias para o seu questionamento central, ou se precisará utilizar outras técnicas, portanto, se precisará realizar adaptações.

## **1.2. Segunda sessão**

### **1.2.1. As adaptações das técnicas de pesquisa**

É importante salientar que o desenvolvimento desta pesquisa foi viabilizado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, por meio de uma de suas modalidades de auxílio à pesquisa, a Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE). O suporte institucional na Inglaterra foi proporcionado pela *Queen Mary*, um campus da Universidade de Londres, com a supervisão da professora Cathy Mcilwaine.

Relatamos a partir de agora o segundo momento do desenvolvimento desta pesquisa marcado pela chegada em Londres<sup>12</sup>, local da realização do trabalho de campo.

Cathy Mcilwaine, em nossa primeira reunião de supervisão, observou que o questionário elaborado previamente no Brasil estava longo e que por isso sua aplicação poderia não ser funcional na cidade de Londres. Estas observações foram sustentadas pela sua experiência no desenvolvimento de pesquisa quantitativa através de aplicação de questionários em parcela da população latino-americana que vive nesta cidade.

Estabelecemos, com o intuito de confirmar os apontamentos realizados na primeira reunião de supervisão, discussões e trocas de experiências com outros pares, como o “Grupo de Estudos de Brasileiros em Londres” (GEB) e também com pares que participaram do “III Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa”.

---

<sup>12</sup> O estágio no exterior ocorreu no período de março de 2014 até fevereiro de 2015.

Nesse ínterim, realizamos um primeiro teste piloto com 5 mulheres brasileiras (contatos pré-existent), utilizando o questionário longo elaborado no Brasil. Estas, no final, confirmaram que o questionário estava longo, cansativo e que se não fosse para contribuir com esta pesquisa, não o teriam respondido, pois levaram cerca de uma hora para isso. Estabelecemos conversas individuais com cada uma das participantes, justamente para escutar sugestões de mudanças, que contribuíram na reformulação do questionário.

Concluimos, após o primeiro teste piloto e discussão com os orientadores (tanto do Brasil como da Inglaterra), que um questionário funcional teria que ter uma abordagem bem objetiva, portanto, deveria ser curto e preciso, com o limite máximo de 15 minutos para ser respondido, não importando se este seria aplicado com a presença da pesquisadora ou sem sua presença. Era fundamental que o questionário fosse autoexplicativo, ou seja, que não necessitasse de uma pessoa para aplicá-lo, permitindo que qualquer pessoa que tivesse acesso a ele fosse capaz de respondê-lo.

Neste momento, tomamos a decisão de introduzir a combinação de técnicas de pesquisa no processo, ou seja, optamos por desenhar o perfil da mulher trabalhadora brasileira desta amostragem por meio da pesquisa quantitativa, e utilizar a pesquisa qualitativa para as questões relativas à migração e identidade.

É importante salientar que as questões que foram elaboradas no Brasil atendiam aos objetivos traçados, no entanto, era necessário reorganizá-las, primeiro para realmente serem funcionais e atingirem o objetivo proposto, depois para serem inseridas no sistema “online” de coleta de dados quantitativos que seria utilizado, chamado *Survey Monkey*<sup>13</sup>, como também era necessário reduzir o tempo da coleta.

As questões relacionadas com os dados demográficos e a mobilidade do trabalho feminino no Brasil e em Londres foram trabalhadas a partir do questionário<sup>14</sup>, e as questões relacionados com os processos de identificação e

---

<sup>13</sup> O sistema “Survey Monkey” está melhor explicitado mais à frente neste trabalho.

<sup>14</sup> O modelo do questionário encontra-se no apêndice A e pode ser observado.

diferenciação social por meio de entrevistas<sup>15</sup> aprofundadas, já que eram questões subjetivas.

A elaboração deste trabalho, o qual foi ajustado e adaptado, levou em consideração a pessoa, a mulher brasileira que iria disponibilizar-se tanto 15 minutos do seu tempo para contribuir nas respostas do questionário quanto possivelmente mais 60 minutos do seu tempo para a entrevista aprofundada. Bradshaw e Stratford (2010, p. 69, tradução nossa) evidenciam que:

[...] na pesquisa qualitativa, o número de pessoas que nós entrevistamos, as comunidades que observamos ou o texto que lemos é uma importante consideração, mas é secundário para o que se envolve em nossa pesquisa e secundário também para quem nós conduzimos esta pesquisa<sup>16</sup>.

Corroborar-se com estes autores no fato de que é necessário levar em conta o sujeito que participará da pesquisa, neste caso as mulheres. Mas não se pode generalizar afirmando que a pesquisa pode ser considerada secundária para quem nós a conduzimos, porque apesar do desenvolvimento desta pesquisa não ter sido fundamental para a vida destas mulheres, evidenciamos durante a aplicação dos questionários o interesse das participantes na temática “mulher brasileira”, o que contribuiu enormemente na realização das entrevistas na segunda etapa do desenvolvimento do trabalho de campo.

Não podemos deixar de mencionar que durante todo este processo de adequação da pesquisa empírica surgiu uma exigência da Universidade de Londres – *Queen Mary*. Fez-se necessário apresentar o projeto de pesquisa para o Comitê de Ética da Universidade, pois sem a aprovação deste Comitê não era permitido iniciar a pesquisa empírica. Este processo teve início em 20-04-2014 e estendeu-se até 05-06-2014, quando foi oficialmente autorizado o início da atividade de campo.

---

<sup>15</sup> O roteiro de entrevistas encontra-se no apêndice B e pode ser observado.

<sup>16</sup> In qualitative research, the number of people we interview, communities we observe, or text we read is an important consideration, but secondary to the *quality* of who or what we involve in our research and secondary also to *how* we conduct that research.

Após esta autorização e após o reconhecimento das áreas com maior concentração de brasileiros, definimos realizar outro teste piloto para ver a funcionalidade do questionário adaptado, para depois iniciar a pesquisa propriamente dita. Desta forma, foram aplicados mais 5 questionários em brasileiras que se dispuseram a participar deste segundo teste piloto, porém estes questionários já estavam reelaborados e moldados no sistema *Survey Monkey*.

Esta fase, inicial marcada pelos testes piloto de aplicação dos questionários, foi fundamental para conhecer a viabilidade do tempo, a viabilidade do entendimento das perguntas pelas pessoas e para conhecer as dúvidas que elas teriam.

### **1.2.2 O trabalho de campo**

O trabalho de campo em Londres estruturou-se em três etapas: a primeira relacionada à aplicação dos questionários; a segunda relacionada à realização das entrevistas; e a terceira, ora concomitante ora não com as etapas anteriores, se relacionou com as fontes iconográficas. As etapas estão aclaradas a seguir.

#### Primeira etapa - Aplicação dos questionários

Para traçar o perfil das mulheres brasileiras trabalhadoras em Londres foram aplicados 214 questionários, que abordaram os dados demográficos e a mobilidade de trabalho dessas mulheres. Dessa forma, toda a análise realizada nesta pesquisa apoiou-se nos resultados provenientes destes questionários.

A delimitação do número total de questionários aclarou-se a partir da experiência adquirida no desenvolvimento da pesquisa, pois, percebemos que as respostas se tornaram repetitivas, e isto nos evidenciou que a quantidade adquirida já era satisfatória e que nos permitiria identificar o perfil geral das mulheres participantes.

Salientamos que foram realizados dois testes pilotos antes da aplicação destes questionários, e com isso a realização do reconhecimento da área de estudos e dos possíveis sujeitos participantes. Destacamos dois momentos neste processo: em um primeiro momento, antes da realização dos testes piloto, estava definido que os questionários seriam aplicados em 35 mulheres, sendo

que estas trabalhadoras deveriam desenvolver atividades relacionadas com negócios, com comércio, com a área de alimentação, com a área de limpeza, e as autônomas.

Participariam da pesquisa inicialmente 5 mulheres de cada setor das atividades econômicas selecionadas. Já no segundo momento, marcado pela adaptação do questionário e realização do teste piloto, verificamos a dificuldade de encontrarmos as mulheres dentro destas categorias pré-estabelecidas e, neste sentido, adaptamos novamente a amostragem, como veremos a seguir.

### Procurando trabalhadoras brasileiras

Com a finalização do aprimoramento dos questionários que seriam utilizados na pesquisa, surge mais um desafio a ser transposto: procurar as mulheres brasileiras. Onde procurá-las? Como encontrá-las? Como encontrar especificamente trabalhadoras brasileiras que desenvolviam atividades em negócios, comércio, na área de alimentação, na área de limpeza, e as autônomas? Qual seria a melhor forma de abordagem para poder aplicar os questionários?

Assim, traçamos quatro estratégias de procura: a primeira estratégia utilizada foi estabelecer residência num local onde existia uma comunidade brasileira. Primeiramente pensou-se no *Borough*<sup>17</sup> de *Brent* ou de *Bayswater*, justamente porque as pesquisas de Evans (2007) e Evans et al (2011) os apresentavam como os distritos com maior contingente de brasileiros residindo.

No entanto, coincidentemente, nos primeiros dias de estadia em Londres, uma outra área conhecida como *Crystal Palace*, e que se apresentava em direção oposta à região de *Brent* e *Bayswater*, nos foi apresentada.

*Crystal Palace* está situado no Sul de Londres e pertence ao *Borough of Southwark*. Esta área despertou atenção porque nela existe uma igreja católica, que aos domingos realiza a missa em português por um Padre brasileiro. Esta informação deixou claro que existia uma comunidade brasileira neste local.

A existência de brasileiros em *Crystal Palace* fez com que a estratégia de residir em um local que existissem brasileiros se efetivasse. Isso facilitou a

---

<sup>17</sup> *Borough* pode ser traduzido como distrito ou como bairro. Nesta pesquisa, *Borough* será traduzido como distrito pela sua característica urbana, política e administrativa.

aproximação com algumas pessoas fundamentais para a realização da pesquisa nesta região. Passamos a frequentar a igreja católica e um café brasileiro chamado “Braziliana”, que também se encontra nesta área. Assim estabelecemos os primeiros contatos com aquela comunidade brasileira.

A segunda estratégia foi conhecer a área de *Brent*, destacada por Evans (2010) com presença massiva de brasileiros. A primeira visita nesta área foi marcada pela observação, registros fotográficos e pelo estabelecimento das primeiras conversas em alguns locais de comércio (salões de beleza, mercearias e restaurantes). Foi a primeira tentativa de abrir alguns canais de contato.

A visita à *Brent* foi responsável pela mudança de um aspecto na pesquisa empírica relacionado à proposta inicial, que era de pesquisar as mulheres brasileiras que trabalhavam, no comércio, com alimentação, com a limpeza, e as trabalhadoras autônomas. Percebemos que atender a estas categorias previamente estabelecidas seria difícil por dois motivos: o primeiro relacionava-se com o objetivo da pesquisa, que era o de compreender a mobilidade do trabalho feminino, assim não se poderia fixar previamente as atividades laborais. Desta forma, optamos por aplicar o questionário em qualquer mulher trabalhadora, pois a mudança atenderia aos objetivos da pesquisa.

O segundo motivo relacionava-se com a prática em campo, com a abordagem destas pessoas, pois abordá-las para a realização de pesquisa científica não seria fácil. Dessa forma, além de abordar a pessoa, explicar a motivação da pesquisa, convidá-la a participar, era necessário também antes de iniciar a aplicação do questionário perguntar se a pessoa trabalhava, quanto tempo ela estava residindo em Londres e que tipo de trabalho ela realizava. Na teoria, parecia funcional abordar uma pessoa com estas perguntas, mas a partir da observação das pessoas em *Brent* percebemos que eram muitas perguntas e que era necessário repensar a realização desta abordagem em um lugar como Londres.

Londres é tida como uma cidade global, cosmopolita, as pessoas têm pressa para tudo, para chegar no trabalho, para sair do trabalho, para chegar em casa, para sair de casa, para não perder o trem ou ônibus ou metrô.... Até para comer, as pessoas não param, elas comem andando nas ruas, nos trens ou ônibus enquanto se locomovem de um lugar para o outro. A vida das pessoas

em Londres é rápida, muito corrida, isto é uma característica local, do lugar, pois ao observar o interior da Inglaterra a vida tem um tempo mais lento.

Esta rapidez das pessoas e da cidade atinge os migrantes internacionais, atinge a mulher trabalhadora brasileira, e esta situação, que é constante, não foi funcional para aplicação do questionário. Pelo menos não na abordagem em comércios, mercearias, cafés, nas ruas de concentração de brasileiros, estações de trem, entre outros.

A observação nos bairros de *Willesden Junction* e *Harlsden*, no distrito de *Brent*, foi fundamental para perceber a necessidade da mudança referente à definição prévia das atividades laborais destas mulheres. A exigência então passa a ser desta mulher estar trabalhando em qualquer atividade econômica e estar residindo em Londres há pelo menos um ano, pois segundo as Nações Unidas (2002), para ser considerado migrante internacional a pessoa deve estar fora do país de origem a pelo menos um ano.

Com esta mudança estratégica foi possível traçar o perfil do tipo de trabalhadora brasileira, a mobilidade do trabalho em Londres e no Brasil, coletar suas características demográficas, além de direcionar as entrevistas aprofundadas que seriam realizadas à frente, com o objetivo de analisar como a mobilidade do trabalho feminino se relaciona com os processos de identificação/diferenciação social.

A terceira estratégia se estabeleceu pelo início da utilização da técnica *snow ball*. Na tentativa de criar uma rede de contatos, estabelecemos três pessoas “chaves”, mas apenas uma destas indicou outra pessoa. Um outro contato efetivou-se a partir da participação no “III Seminário de Estudos sobre Migração Brasileira na Europa”, promovido pelo “GEB<sup>18</sup>” e esta pessoa também indicou uma outra pessoa. Esta primeira tentativa da utilização do *snow ball* não funcionou como se aguardava, pois esperávamos um maior número de contatos.

Iniciamos assim a quarta e última estratégia de procura de sujeitos para realização da aplicação dos questionários, que foi conhecer e estabelecer contatos com as organizações que atendiam especificamente a comunidade brasileira. Procuramos três organizações não governamentais: a Associação

---

<sup>18</sup> Grupo de Estudos de Brasileiros em Londres.

Brasileira no Reino Unido - ABRAS, a CASA DO BRASIL e a *Latin American Women's Rights Service* - LAWRS, e o Consulado brasileiro.

Previamente ao início da visita a estas instituições, se fez necessário escrever uma carta formal, explicando sobre a pesquisa e solicitando autorização para aplicação dos questionários. Além da carta formal, realizamos no Consulado Brasileiro e na LAWRS audiência para explanação da pesquisa proposta. Apenas depois destas entrevistas é que essas instituições autorizaram a realização da pesquisa.

Com a aprovação da realização do projeto pela Comissão de Ética e com os primeiros contatos já estabelecidos, iniciamos a aplicação dos questionários de três formas diferentes: pessoalmente, indiretamente e no formato digital (*online*).

#### Aplicação *face to face* – ou pessoalmente

A primeira delas e a principal forma de aplicação utilizada nesta pesquisa é conhecida como *face to face* ou “face à face”, é a forma em que o pesquisador (a) realiza a aplicação do questionário com a entrevistada que se disponibiliza a responder. É importante deixar claro que as respostas das participantes, foram sendo coletadas e transferidas do formato papel (questionários) para o sistema estatístico *online Survey Monkey*.

A aplicação dos questionários *face to face* com as brasileiras ocorreu em três diferentes locais. O principal deles foi o Consulado brasileiro, que se localiza próximo à estação de *Oxford Circus*, zona 1, área central da cidade. Neste local realizamos a aplicação dos questionários em mulheres que tinham horário agendado para atendimento. Na fotografia 1, é possível observar a fachada da entrada do Consulado.

Fotografia 1 - Fachada do Consulado brasileiro em Londres



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

Destacamos que foi feito um pedido formal à Embaixadora Maria De Lujan Caputo Winkler, Consulesa-Geral do Brasil, para realização da pesquisa no Consulado, e que a sua permissão facilitou o desenvolvimento da pesquisa quantitativa (questionários) e permitiu o estabelecimento de uma rede de contatos que proporcionou o desenvolvimento da técnica *snow ball*.

Também no Consulado foi possível a aplicação dos questionários utilizando o endereço eletrônico de suas funcionárias. O processo foi demonstrando que era necessário tempo para se construir uma rede de contatos, isto é, tempo para a pesquisa empírica deslanchar positivamente.

Ainda no Consulado, através da aplicação de um dos questionários, encontramos um contato chave que forneceu cerca de 10 indicações de mulheres brasileiras autônomas. Esta pessoa já estava em Londres há onze anos (2014) e prestava serviços à comunidade brasileira, por isso conhecia muitas pessoas, muitas mulheres. Assim, foram surgindo indicações individuais

de outras pessoas e ampliamos a rede de contatos, o que possibilitou atingir um universo significativo de trabalhadoras.

Salientamos que depois que essas indicações começaram a aparecer, tornaram-se constantes, pois sempre aparecia mais uma indicação e a estratégia da técnica “bola de neve” passou a funcionar de forma mais efetiva.

O outro local de aplicação *face to face* ocorreu em *Trafalgar Square*<sup>19</sup>, que é um dos famosos pontos turísticos de Londres, visitado por milhares de pessoas anualmente, mesmo porque é onde se encontra a *National Gallery*, galeria nacional de exposição de artes. Esta praça encontra-se na zona 1, área central da cidade.

No dia 12/06/2014, início da Copa do Mundo no Brasil, ocorreu neste local a festa brasileira promovida pela embaixada brasileira. O evento, chamado de *Brazil Day* (Dia do Brasil) (como pode ser observado nas fotografias 2 e 3 respectivamente: *Brazil Day – Trafalgar Square* (visão ampliada) e *Brazil Day – Trafalgar Square*, faz parte das programações anuais realizadas pela Embaixada. Neste dia foram aplicados 15 questionários.

Fotografia 2 - “Brazil Day – Trafalgar Square” (visão ampliada)



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

---

<sup>19</sup> Este local também é conhecido entre os brasileiros como “praça dos leões”.

### Fotografia 3 - Brazil Day – Trafalgar Square



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

O último local de aplicação dos questionários *face to face* ocorreu durante as comemorações promovidas pela Capelania Católica brasileira. As festas juninas são um dos pontos de encontro da comunidade brasileira, pois trata-se de um evento social que acontece nos locais em que a Capelania atende a comunidade brasileira, como em: *Willesden, Whitechapel, Manor House, Bayswater, Brixton e Crystal Palace*. Neste ano (2014) as comunidades de *Brixton e Crystal Palace* uniram-se na realização deste evento, por onde passaram mais de 900 pessoas, segundo o capelão. Observa-se na fotografia 4 o movimento no salão social da igreja católica de *Crystal Palace*.

*Fotografia 4 - Festa junina das comunidades de Crystal Palace e Brixton*



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

A aplicação de questionários em lugares festivos não é fácil, porque neles as pessoas querem diversão, querem conversar umas com as outras, portanto, não tendem a estarem propícias a responder questionários. Ouvimos muitos “nãos”, mas mesmo assim alguns “sims” apareceram e totalizaram 20 mulheres, que concordaram em responder o questionário durante as comemorações juninas.

#### *Aplicação de forma indireta*

A Casa do Brasil e a LAWRS, duas organizações não governamentais, contribuíram de forma indireta, ou seja, foram deixadas 15 cópias dos questionários em cada um destes lugares sob a responsabilidade da secretária da Casa do Brasil e da brasileira que trabalha na LAWRS, atendendo mulheres que sofrem violência doméstica. Estas duas mulheres disponibilizaram o questionário para as mulheres brasileiras que utilizavam os serviços destas organizações. Estas cópias foram recolhidas e transferidas para o sistema estatístico *online Survey Monkey*.

### Aplicação no formato digital (online) – Survey Monkey

Já a aplicação dos questionários *online* ocorreu de duas formas. A primeira delas utilizou de contatos pré-existentes, tanto os estabelecidos no passado, antes da realização desta pesquisa, quanto os contatos que foram estabelecidos no Consulado no ano de 2014, pois muitas das participantes preferiam preencher o questionário “online”; nestes casos, enviamos o link gerado pelo *Survey Monkey* para elas responderem. É importante salientar que todas estas mulheres que responderam o questionário via e-mail foram contactadas pessoalmente e previamente. Foram respondidos 34 questionários com este recurso.

Uma das redes sociais utilizadas na atualidade, o *facebook*, foi a outra forma *online* de aplicação dos questionários. O convite para participação da pesquisa foi lançado na página do “GEB”, na página dos “Brasileiros em Londres” e no grupo secreto<sup>20</sup> do *facebook* “Brasileiras em Londres”. Apenas na página das “Brasileiras em Londres” os resultados foram positivos, pois foram respondidos 75 questionários. Este grupo secreto foi uma indicação de uma participante da pesquisa.

Trata-se de um grupo de mulheres que utilizam o *facebook* para tirar dúvidas de qualquer assunto, muitas inclusive referente à migração. Elas marcam e divulgam encontros sociais, divulgam informações de eventos brasileiros, de eventos ingleses interessantes para mães e crianças, de ensino de português, de compra e venda de objetos novos e usados (normalmente para crianças), oferecem cursos para crianças brasileiras como o curso de português, sobretudo. De acordo com nossa constatação, é um grupo formado por mais de 1000 mulheres brasileiras, que se socializam virtualmente.

A aplicação dos questionários utilizando as diferentes ferramentas pode ser observada na tabela 1, a seguir:

---

<sup>20</sup> Grupo secreto – É necessário ser indicado por um participante do grupo.

**Tabela 1 – Formas de aplicação, local e quantidade de questionários (Londres)**

TIPO DE APLICAÇÃO	LOCAIS DE APLICAÇÃO	QUANTIDADE DE QUESTIONARIOS	PERCENTUAIS (%)
Pessoalmente	Consulado	60	37,4
	Festas Brasileiras	20	
"Online"	E-mail	34	51
	"Facebook"	75	
Organizações	Braziliana	6	11,6
	LAWRS	4	
	Casa do Brasil	15	
Total		214	100

Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

#### Fluidez do Survey Monkey

Percebemos que a criação do questionário no sistema *Survey Monkey* tornou a coleta de dados flexível, pois além de poder adquirir as respostas "cara a cara" também foi possível enviar, por exemplo, convites via e-mail, ou via *Facebook*, para as pessoas responderem *online*.

A possibilidade de acesso ao questionário virtualmente deu maior fluidez à pesquisa. Apesar de no início o programa parecer um tanto quanto rígido, justamente por ser um programa estatístico, sem muita maleabilidade, ele obriga o pesquisador, principalmente da área de ciências humanas, pensar muito bem e definir exatamente o que quer nas perguntas e respostas que tendencialmente são direcionadas, uma vez que é um programa quantitativo de coleta de dados.

Outro aspecto de fluidez que o programa oferece é o acesso *online*. Mesmo que o pesquisador realize a aplicação do questionário pessoalmente e se ele(a) tiver, no momento da aplicação, acesso à internet, poderá utilizar o questionário no formato *online*, assim as respostas já são acomodadas automaticamente no sistema. Pretendíamos utilizar este formato na pesquisa, porém no Consulado Brasileiro, não foi autorizado o uso da internet. Desta forma, apesar do sistema dar esta possibilidade e fluidez na pesquisa quantitativa, a opção de aplicação no formato impresso (papel) é mais segura, pois não lhe dá

a possibilidade de perder dados, mesmo tendo que lançar estes no sistema posteriormente.

Mesmo assim, a utilização do programa foi vantajosa pois, ele forneceu as respostas tabuladas, com gráficos em diferentes formatos que podem ser exportados em PNG, PDF, PPT, CSV e principalmente no formato XLS - Excel.

### Realização das entrevistas

A seleção das mulheres que contribuíram com as entrevistas aprofundadas ocorreu a partir dos questionários primeiramente aplicados, pois no final do questionário havia um campo que permitia-lhes deixar ou não o contato para a realização da entrevista. Este contato poderia ser via telefone celular, via e-mail ou via *facebook*. Ressaltamos -se que as mulheres que demonstraram maior interesse em participar da entrevista foram aquelas que participaram do questionário *face to face*.

Com os contatos em mãos iniciamos a segunda fase da pesquisa de campo, que envolveu a realização de vinte entrevistas semiestruturadas<sup>21</sup>, com mulheres trabalhadoras brasileiras que residiam em Londres há pelo menos um ano. Nesta fase, o objetivo e foco era investigar as intersecções entre a mobilidade da força de trabalho e os processos de identificação/diferenciação social.

Longhurst (2013, p. 103, tradução nossa) aponta que “uma entrevista semiestruturada é a troca verbal onde uma pessoa, o entrevistador, tenta retirar informações de outra pessoa através de perguntas<sup>22</sup>”, e, embora exista um roteiro a ser seguido, “[...] a entrevista desdobra-se em forma de uma conversa que oferece aos participantes a oportunidade de explorar questões que eles acreditam ser importantes”.

Corroborar-se com Longhurst (2013), pois evidenciamos neste trabalho que explorar as questões que a participante da entrevista considerava importante contribui com respostas fundamentais para o aprofundamento da

---

<sup>21</sup> O roteiro da entrevista segue no apêndice A.

<sup>22</sup> “A semi-structured interview is a verbal interchange where one person, the interviewer, attempts to elicit information from another person by asking questions”. “[...] semi-structured interviews unfold in a conversational manner offering participants the chance to explore issues they feel are important”.

pesquisa, tais como questões relacionadas ao pertencimento e às relações com os lugares. De alguma forma, é como se a entrevistadora permitisse liberdade total para a entrevistada falar sobre um acontecimento específico que ocorreu em determinado momento da vida dessa brasileira, migrante e trabalhadora; por isso é importante proporcionar esta liberdade na conversa, na fala da participante, deixando-a segura em um processo que envolve a construção de um ambiente seguro e de confiança mútua.

Na maioria das situações, nos primeiros instantes do encontro antes do início da entrevista sempre ocorria uma conversa informal, oferecíamos algo para beber, um café ou um chá, e muitas vezes até um almoço ou jantar. Este tratamento inicial possibilitava criar um ambiente de tranquilidade e segurança, fatores necessários para poder iniciar a entrevista. O resultado obtido foi positivo, pois elaborou-se o roteiro para 60 minutos de diálogo, no entanto apenas uma das 20 participantes respondeu em menos de 60 minutos, as outras 19 mulheres os ultrapassaram, sendo que ocorreram casos de mais de 120 minutos. Depreendemos, disso, que as entrevistadas tiveram liberdade de expressão e tranquilidade.

Pode parecer um exagero pessoas falarem até duas ou mais de duas horas, a respeito de si mesmo e de sua trajetória migratória. Mas isso refere-se ao exercício da escuta, da escuta com atenção. Refere-se a abrir os ouvidos para o que as pessoas querem dizer, trata-se de dar a vez para elas falarem a respeito de suas vidas e a vez do entrevistador escutar sem julgar. Seria como criar uma zona de conforto entre as duas pessoas, uma zona capaz de deixar a entrevistada e a entrevistadora à vontade, pois são histórias de vida que são divididas, por isso o cuidado com a entrevistada e com tudo que é relatado.

Este cuidado com a entrevistada também levou em consideração duas situações. A primeira relaciona-se com as perguntas do roteiro de entrevista. Estas, neste trabalho, foram elaboradas previamente focalizando questões subjetivas a respeito da dinâmica migratória, sendo que muitas destas questões pertenciam ao questionário longo pré-elaborado no Brasil, e outras surgiram no caminhar da aplicação dos questionários. Observamos que a construção das perguntas não pode ter um cunho agressivo e que o respeito com a pessoa entrevistada deve estar acima de tudo.

O local da entrevista é o outro elemento de fundamental importância. Em todos os casos o local foi sugerido pela participante, uma maneira de deixar a pessoa confortável, relaxada, mais confiante. No entanto, é necessário levar em consideração o cuidado com este local para que o entrevistador também se sinta bem e não esteja exposto a nenhum tipo de constrangimento. A maioria das entrevistas desta pesquisa foi realizada em locais públicos, como cafés, *pubs* e igrejas, porém outras foram realizadas nas residências das entrevistadas (como pode ser observado nas fotografias 5 e 6, para a última situação).

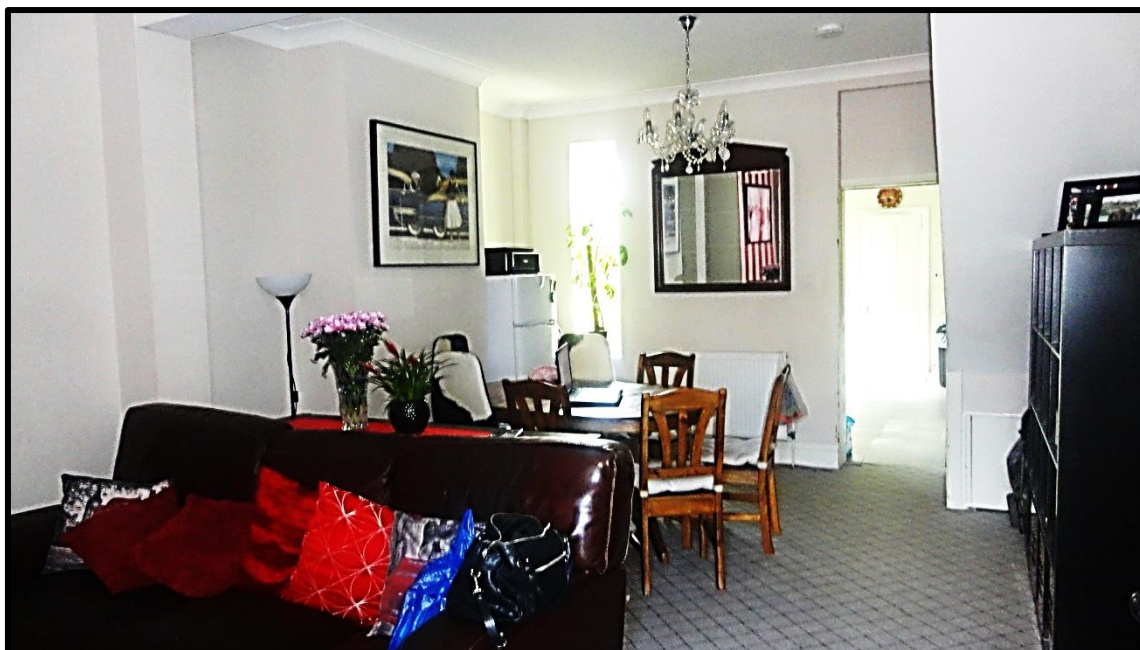
As entrevistas foram gravadas, facilitando o seu direcionamento, pois, apesar de existir um roteiro, nem sempre foi possível seguir a sequência das questões de forma linear, justamente pela liberdade da fala que foi proporcionada à entrevistada. E estas foram transcritas.

*Fotografia 5 - Local de entrevista (residência – Londres)*



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

Fotografia 6 - Local de entrevista (sala de residência – Londres)



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

Ressaltamos a garantia da confidencialidade e do anonimato das participantes neste processo. Desta forma, existe um documento chamado *Consent form* que foi apresentado a todas as participantes no final da entrevista. Este documento foi requisitado e aprovado pela Comissão de Ética da *Queen Mary*, garantindo o anonimato das participantes. Assim, as entrevistas estão seguramente guardadas em um computador e só podem ser acessadas com senha, garantindo que estas informações permaneçam confidenciais, como as participantes permanecem no anonimato.

A realização das entrevistas permitiu examinar, por exemplo, as motivações de fazer parte do movimento migratório internacional, as decepções de vida destas mulheres, assim como as alegrias. Permitiu entender a escolha da cidade de Londres, a natureza do seu caminho migratório, quais foram as experiências no mercado de trabalho, como o sentimento de ser brasileiro aparece em outro território, como acontece a troca cultural, qual é o sentimento da ilegalidade, o sofrimento da discriminação, entre outras situações que foram relatadas.

### O uso de fotografias

A fotografia é um instrumento que ampara a pesquisa, possibilitando a leitura de um determinado lugar e de um determinado momento histórico. Ela permite visualizar, por exemplo, as características urbanas e as características rurais, além de uma série de eventos sociais, políticos, culturais e econômicos. Por outro lado, as fotografias também revelam locais e sua funcionalidade para os brasileiros, além de estabelecer um diálogo entre o mundo conceitual e o mundo vivido das pessoas.

A possibilidade de utilizar diferentes técnicas de pesquisa para coleta de dados nos permitiu explorar mais a fundo o objeto de pesquisa, neste caso as mulheres brasileiras migrantes. Desta maneira, a pesquisa que apresentamos aqui é o resultado de todo o caminho demonstrado nesse capítulo, justificando a importância de compreender, desde logo, o uso distinto de técnicas para atingir os objetivos propostos.

## Capítulo 2 - A MIGRAÇÃO, A DIÁSPORA E O MIGRANTE

[...] o fenômeno migratório não é meramente episódico, casual, acidental, periférico. As migrações não se reduzem a um mal a ser tolerado, a um problema a ser superado. Ao contrário, fazem parte integrante do próprio fenômeno humano, são inerentes à história humana, são indispensáveis tanto para compreender o passado como para projetar o futuro da humanidade (VALENTINI, 2005, p. 17).

Os deslocamentos de populações acontecem ao longo do tempo em escalas espaciais variadas, diferenciando-se no espaço de acordo com o tempo histórico. Assim, a cada nova ordem política, econômica, social ocorrem novos fluxos de deslocamentos de pessoas. A estes fluxos, dependendo da escala espacial, do tempo histórico e de como são pensados, atribuem-se diferentes nomes: fluxos migratórios, fluxos (e/i)migratórios, emigração, imigração, movimento migratório ou (i/e)migratório, diáspora. No entanto, todos seguem o sentido, em maior ou menor grau de complexidade, da mobilidade espacial, que implica no deslocamento de pessoas que vão de um lugar para o outro. Os lugares podem ser representados concretamente por outra cidade, ou outro estado, ou outra nação, enfim, um outro território.

Observa-se que os lugares receptores dos fluxos migratórios chamam a atenção dos migrantes porque normalmente são lugares cuja presença do capital é intensa, nessa fase do capitalismo. Desta maneira, no modo de produção capitalista, cada lugar possui sua especificidade e se insere neste modelo diferentemente um do outro. Ressaltamos, assim, a importância dos acontecimentos mundiais, articulados às escalas local, regional e nacional, que aparecerão no contexto histórico, econômico, político, social, cultural de cada lugar.

Os desafios impostos no contexto do lugar em que se vive o cotidiano, associado ao desejo de poder mudar, de poder sonhar e contar com a possibilidade de que em outro lugar se possa estabelecer a reprodução da vida de uma forma diferenciada, são os fatores que levam o sujeito a migrar, e essa ação se concretiza em outro território, representado por outra cidade, estado ou Nação.

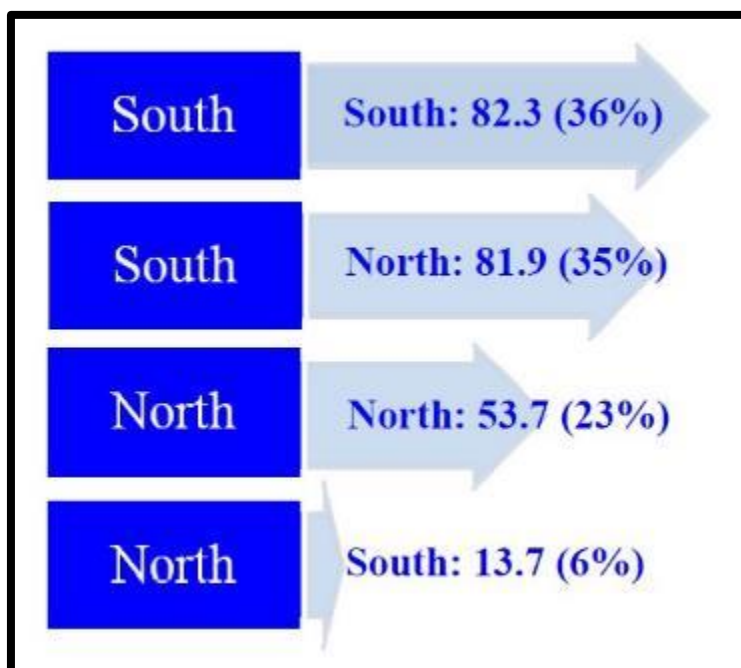
Apesar da importância do lugar que direciona o movimento do migrante, não se pode deixar de lado que a decisão de migrar quase sempre é, influenciada por sujeitos que já estão no movimento migratório, ou que já fizeram parte deste movimento. A decisão de migrar também se estabelece pelas relações sociais exercidas no cotidiano deste migrante, pelas redes migratórias.

O sujeito ao ter que se posicionar, entre fazer parte ou não do movimento migratório, se vê dividido entre o aqui e o lá, com uma única certeza, a incerteza. A incerteza é mediada pelo aqui devido aos desafios econômicos, políticos, sociais e culturais que fazem parte do cotidiano do sujeito, e pelo lá, pois não se sabe o que está por vir, não se sabe o que poderá acontecer em sua vida.

A incerteza pode ser marcada por uma guerra civil, como a que está acontecendo na Síria desde 2011, com saldo de milhares de mortos e da entrada de centenas de pessoas Sírias no movimento migratório. Pode ser marcada por outros conflitos, como os que estão acontecendo entre Ucrânia e Rússia, ou ainda por guerrilhas no continente africano. Esta incerteza pode ser marcada por várias situações, como pela instabilidade econômica, política, social e cultural do país, pela violência promovida pelo tráfico de drogas, pela desigualdade social ou pelo sonho de uma vida diferente. Assim, o sujeito tem na migração a incerteza do aqui e do lá.

A expansão da mobilidade espacial, independente da motivação, pode ser observada na figura 1, que exemplifica este movimento na escala mundial (2013), representando os hemisférios Norte e Sul. Trata-se do resultado de estudos realizados pela Organização das Nações Unidas - ONU que revelam que, em 2013, 82,3 milhões de pessoas que nasceram no Hemisfério Sul e residiam no mesmo hemisfério, ou seja, migraram para algum lugar no mesmo hemisfério. Este número é apenas um pouco maior do que os 81,9 milhões de migrantes internacionais que nasceram no Hemisfério Sul e, no entanto, residem no Hemisfério Norte.

Figura 1 - Distribuição dos migrantes internacionais pela origem (hemisférios Norte ou Sul) e destino (hemisférios Norte ou Sul) no ano de 2013 (milhões e porcentagem)



Fonte: Nações Unidas, 2013

Observamos que o número de migrantes internacionais originários do Norte e que residem neste mesmo Hemisfério é de 53,7 milhões, enquanto que 13,7 milhões dos migrantes internacionais originários do Norte vivem no Hemisfério Sul. Evidenciamos, por estes números, que o movimento migratório no Sul é mais representativo do que no Norte, demonstrando que as pessoas dos países pobres se inserem no movimento migratório de forma mais emblemática do que as pessoas dos países ricos (considerando que a maior parte dos países pobres se encontram no hemisfério sul, enquanto a maior parte dos países ricos se encontram no hemisfério norte).

Ressaltamos que apesar dos dados apontarem um ponto percentual de diferença na distribuição dos migrantes do hemisfério sul para o próprio hemisfério sul e do hemisfério sul para o hemisfério norte, isso nos leva a pensar que a migração que ocorre entre os países pertencentes ao hemisfério sul segue a mesma lógica da presença intensa do capital nos lugares receptores, então mesmo entre os países pobres (hemisfério sul) existem aqueles que se

sobressaem economicamente. Desta maneira os dados da figura 1, podem corroborar com Valentini (2005, p. 11), quando afirma que:

[...] o fenômeno migratório mundial manifesta-se de forma crescente; normalmente ocorre dos países pobres para os países ricos e tem sentido e implicações políticas. Na maioria das vezes, os migrantes são discriminados devido a cor, origem e costumes; entretanto, são necessários para realizar os trabalhos "sujos, baixos, perigosos e indesejáveis". Ao mesmo tempo em que erguem muros e se impõe leis restritivas, "fecha-se um olho" às migrações de pessoas indocumentadas quando necessárias, principalmente para as colheitas e trabalhos temporários.

Assim, outras experiências de mobilidade humana e suas problemáticas são reveladas, como os contingentes populacionais do leste europeu que, por pertencerem a União Europeia, teoricamente deveriam usufruir da liberdade do deslocamento pelos países pertencentes a esta comunidade sem problemas com a política migratória, no entanto, os romenos, ao imigrarem para França em busca de melhores condições de vida, são rechaçados politicamente pelo próprio governo francês que tenta elaborar barreiras de entrada desta população por meio de leis migratórias<sup>23</sup>. Assim como a Suíça, que em 2014 aprovou um referendo para criação de cotas para a entrada de migrantes europeus.

Não se pode deixar de falar das tensões entre os migrantes muçulmanos na Europa e as ações xenofóbicas sentidas por eles. Os bolivianos que migram para o Brasil e realizam trabalhos em condições de semiescravidão em São Paulo; dos haitianos que trabalham em frigoríficos do Rio Grande do Sul, e que além de sofrerem o racismo e não conseguirem se integrar à sociedade local, realizam todo tipo de trabalho que os sulistas locais se negam a realizar<sup>24</sup>. Além dos brasileiros que migram para o Japão, conforme evidenciado por Bomtempo e Sposito (2010) para trabalhar nas fábricas, ou os brasileiros que migram para

---

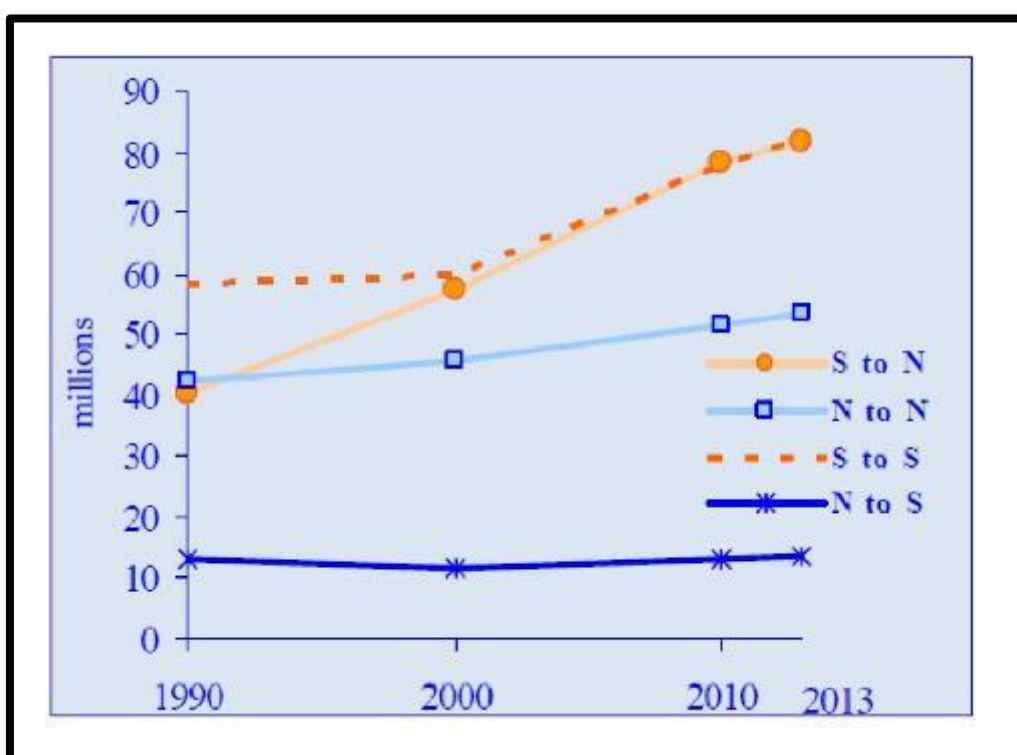
<sup>23</sup> Para maiores informações procurar por *Grenoble discourse*

<sup>24</sup> Para maiores informações procurar por Haitianos no Brasil, ou verificar o site <https://haitianosnobrasil.wordpress.com/publicacoes/>

os Estados Unidos para trabalharem em empregos de baixa qualificação, como apontam os trabalhos de Martes e de Sales (2000, 1998).

Estudos realizados pelas Nações Unidas referentes à distribuição mundial dos migrantes internacionais, revelam que a mobilidade de pessoas entre os dois hemisférios cresceu significativamente da década de 1990 até o ano de 2013<sup>25</sup>, conforme pode ser observado na figura 2.

Figura 2 - Número de migrantes internacionais conforme a origem (hemisfério Norte ou Sul) e o destino (Hemisfério Norte ou Sul), 1990 – 2013



Fonte: Nações Unidas, 2013

Complementando o exposto acima, o quadro 1 demonstra em números o direcionamento dos fluxos migratórios para os países do Norte, crescente no decorrer das décadas de 1990, 2000, 2010 e no levantamento mais recente de 2013. Os números expostos representam o total de migrantes no mundo, deste total são apresentados os migrantes que entram no movimento migratório

<sup>25</sup> Refere-se aos dados até o ano de 2013 porque ainda não existem dados disponíveis sobre 2014.

originários dos países do Norte, assim como os migrantes originários dos países do Sul.

Observamos nesse quadro 1, que com o passar das décadas há o crescimento de saída de pessoas dos continentes (África, Ásia, Europa, América Latina e Caribe, América do Norte e Oceania) e também dos países ricos e pobres.

*Quadro 1 - População mundial migrante (mil e milhões)*

	1990	2000	2010	2013
<b>Mundo</b>	5 320 817	6 127 700	6 916 183	7 162 119
<b>Países ricos</b>	1 148 278	1 193 355	1 240 935	1 252 805
<b>Países pobres</b>	4 172 538	4 934 346	5 675 249	5 909 315
<b>África</b>	629 987	808 304	1 031 084	1 110 635
<b>Ásia</b>	3 213 123	3 717 372	4 165 440	4 298 723
<b>Europa</b>	723 248	729 105	740 308	742 452
<b>América Latina e Caribe</b>	445 203	526 278	596 191	616 645
<b>América do Norte</b>	282 286	315 417	346 501	355 361
<b>Oceania</b>	26 969	31 224	36 659	38 304

Fonte: ONU, 2013. Adaptado pela autora, 2015

Apontamos, no quadro 2, a participação de homens e mulheres no movimento migratório internacional, segundo os dados da Organização das Nações Unidas – ONU, durante as décadas de 1990, 2000, 2010 e 2013.

Pautado nestas informações, focalizamos no gráfico 1 os dados relacionados às mulheres participantes do movimento migratório internacional provenientes da América Latina e Caribe<sup>26</sup>. Verificamos que em 1990, 50,3% dos migrantes internacionais eram mulheres, o que corresponde a cerca de 223,9 mil mulheres. Em 2000, 53,7% eram mulheres, correspondendo a 266,7 mil

<sup>26</sup> Demos maior atenção aos dados relacionados às mulheres da América Latina e Caribe porque o objeto desta pesquisa são as mulheres brasileiras.

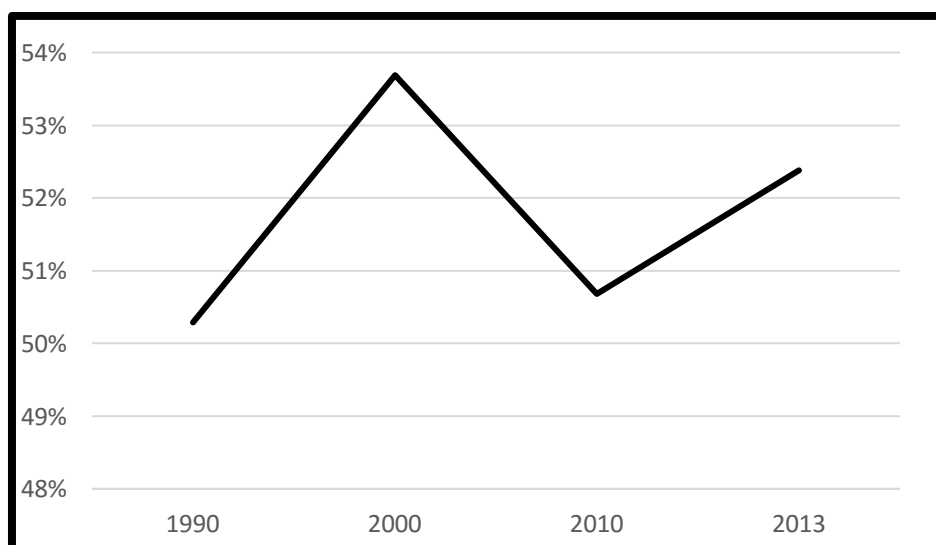
mulheres. No ano de 2010, 50,7% eram mulheres, o que correspondia aproximadamente a 302,8 mil mulheres, e no ano de 2013, 52,4% dos migrantes internacionais eram mulheres, representando 313,3 mil mulheres.

*Quadro 2 - Total da população migrante em relação ao gênero (mil e milhões)*

	<b>1990 Masc.</b>	<b>1990 Fem.</b>	<b>2000 Masc.</b>	<b>2000 Fem.</b>	<b>2010 Masc.</b>	<b>2010 Fem.</b>	<b>2013 Masc.</b>	<b>2013 Fem.</b>
<b>Mundo</b>	2 679 613	2 641 204	3 086 473	3 041 227	3 485 432	3 430 751	3 610 470	3 551 649
<b>África</b>	314 298	315 689	403 531	404 773	515 161	515 922	555 289	555 346
<b>Ásia</b>	1 644 974	1 568 150	1 902 139	1 815 233	2 131 747	2 033 693	2 200 111	2 098 612
<b>Europa</b>	347 693	375 555	350 732	378 373	356 289	384 019	357 527	384 925
<b>América Latina e Caribe</b>	<b>221 314</b>	<b>223 888</b>	<b>259 554</b>	<b>266 724</b>	<b>293 379</b>	<b>302 812</b>	<b>303 372</b>	<b>313 273</b>
<b>América do Norte</b>	137 819	144 467	154 935	160 482	170 520	175 980	175 015	180 346
<b>Oceania</b>	13 514	13 455	15 582	15 642	18 335	18 324	19 157	19 146

Fonte: ONU, 2013. Adaptado pela autora, 2015

*Gráfico 1 - Participação da mulher latina e caribenha na migração internacional nos anos 1990, 2000, 2010 e 2013 (%)*



Fonte: ONU, 2013. Organização: Ana Paula A. Batarce, 2016

As informações do gráfico 1 corroboram com Zlotnik<sup>27</sup> (2003, p. 4, tradução nossa), em sua afirmação de que a “América Latina foi a primeira região “em desenvolvimento” que conseguiu a paridade entre migração internacional masculina e feminina, a partir de 1990”.

Marinucci (2007) chama a atenção para o que alguns estudiosos chamam de “feminização quantitativa das migrações”, ou seja, o aumento da participação feminina no movimento migratório internacional. O autor faz essa afirmação ao analisar os dados provenientes da ONU no ano de 2005:

A acentuada mobilidade das mulheres latino-americanas e caribenhas é corroborada pela análise da emigração extra-regional. Na Espanha – segundo pólo de atração após os EUA – o número de mulheres latino-americanas e caribenhas, em 31 de dezembro de 2006, chegava a 54,2% do total de migrantes da região, representando o único grupo com maioria feminina. Essas mulheres perfaziam 41,7% do total de mulheres estrangeiras do país. Em relação aos países, as taxas mais elevadas de feminização eram registradas pelos fluxos oriundos de: Guatemala (72%), Brasil (67%), Nicarágua (66%), Honduras (65%), El Salvador (64%), México (62%), República Dominicana (60%), Venezuela (59%) e Costa Rica (59%). (MARINUCCI, 2007, p. 3).

Para melhor compreender o significado dos dados apresentados referentes ao movimento migratório internacional mundial, e os dados que serão apresentados a respeito da saída de brasileiros para o mundo, ou seja, do movimento migratório internacional de brasileiros(as), é necessário expor as diferentes abordagens conceituais sobre migração, diáspora e o sujeito migrante.

---

<sup>27</sup> “It is particularly noteworthy that Latin America was the first region of the developing world to record parity in the number of female and male migrants [...]”

## 2.1 O debate teórico em torno dos conceitos

O movimento migratório é uma preocupação para a ciência geográfica, já que envolve questões fundamentalmente conectadas com o movimento espacial de pessoas, influenciando os estudos da Geografia, porque obviamente há desdobramentos na produção do espaço geográfico. A geografia, portanto, preocupa-se com o real, com os fatos que são estabelecidos por meio das relações humanas e produção, cujo os resultados das relações sociais se consolidam no território.

Compreender aspectos do movimento migratório internacional, do migrante moderno é o objetivo deste capítulo. Para tanto, dialogamos com teóricos que discutem migração tanto do ponto de vista geográfico, quanto do ponto de vista sociológico. Salientamos que nem todos os teóricos que trabalham com a perspectiva migratória aparecem nessa discussão, mas os que aparecem auxiliam a também pensar aqui o migrante moderno.

Para entender um pouco melhor o que vem a ser o migrante moderno, apresenta-se a discussão sobre a mobilidade espacial a partir do final do século XX e início do século XXI, mobilidade que ora é definida como migração, ora é definida como diáspora. Salientamos que este período histórico é marcado por mudanças de ordem política, econômica, social e cultural e isto incide diretamente na intensificação dos fluxos migratórios mundiais, considerando neste caso principalmente o Brasil.

Na década de 1970, destacamos os trabalhos de dois geógrafos, Jacqueline Beaujeu-Garnier (1971) e Pierre George (1977). Estes autores demonstraram que o movimento migratório adquiriu certa politização, pois foram estabelecidas categorias migratórias responsáveis pelo direcionamento dos modelos das políticas migratórias. Castles e Miller (2009) também apresentaram categorias migratórias utilizadas por alguns Estados-nação. No entanto, antes de serem discutidas as categorias migratórias, se faz necessário compreender os diferentes significados para migração internacional, diáspora e o sujeito migrante.

Segundo Beaujeu-Garnier (1971, p. 201), as migrações internacionais são “todos os movimentos que envolvem travessia de uma ou mais fronteiras, não

só entre Estados adjacentes como, às vezes, de um continente para outro”. Ainda para a Beaujeu-Garnier (1971), as migrações internacionais diferenciam-se em dois pontos, o primeiro se relaciona com a quantificação estatística deste movimento:

Em nossa classificação, as migrações internacionais distinguem-se em primeiro lugar por serem *facilmente avaliadas estatisticamente, pelo menos em teoria*. Ao atravessarem fronteiras políticas, os emigrantes deixam traços de sua passagem nos registros dos postos existentes em ambos os lados das linhas divisórias. Cumpre, no entanto, notar que tais registros estatísticos nem sempre existiram e, agora, são às vezes desnorteantes. (BEAUJEU-GARNIER, 1971, p. 201, grifo nosso).

O segundo ponto relaciona-se com a problemática cultural:

[...] devido às complexas dificuldades criadas não apenas pela mudança real como, também, pelas relações entre os recém-chegados e os habitantes do lugar. Não é lá muito simples para um bretão, na verdade, partir em busca de trabalho em Paris, ou para um residente de Oklahoma tentar a sorte na Califórnia; mas, pelo menos, a língua e os sentimentos nacionais são os mesmos; mas o estrangeiro que chega a um novo país não conta com qualquer dessas vantagens. (BEAUJEU-GARNIER, 1971, p. 201).

Heidemann (2003, p. 26) segue a perspectiva de que só se pode “pensar o mundo contemporâneo dos migrantes e refugiados tendo como referência a crise do sistema global da economia do mercado”. Em perspectiva, aponta que:

Ser migrante não é nenhuma condição humana ontológica de um suposto *homo migrans*. É comum o nosso olhar viciado transferir anacronicamente qualquer fenômeno da história moderna, como se fosse válido para toda história da humanidade. Mas é apenas a sociedade moderna que se caracteriza pela conhecida mobilização geral, total e forçada para as funções do trabalho. “Ao trabalho” e “à guerra” são os dois imperativos do processo da modernização. (HEIDEMANN, 2003, p. 27-28, grifos do autor).

Em relação à dinâmica da guerra, como mencionado acima, a ONU (2014) informa que o deslocamento forçado no mundo é o maior dos últimos dezoito anos. Neste sentido Heidemann afirma que existem mais migrantes neste movimento do que nas “ondas migratórias do século XIX, o século do “fazer a América”. O autor considera também que os migrantes não constituem mais um “exército industrial de reserva”, mas, sim, integram um “lixo social” de difícil reciclagem humanística” (HEIDEMANN, 2003, p. 26).

Assim, não é mais possível abordar o migrante apenas por meio dos fluxos demográficos dos lugares de saída e de chegada, e nem mais enxergá-los como exército industrial de reserva como mencionado acima, pois já não exercem esta função neste contexto histórico marcado pela abundância de mão-de-obra e falta de emprego, destacamos que a crise estrutural do capital é marcada pela crise do trabalho: não existe emprego para todos.

O migrante moderno, na tentativa de não se tornar um “lixo social”, pois já não existe na sociedade em que vive oportunidade de reprodução da vida dignamente, acaba migrando. Migra para fugir do desemprego, fugir da pobreza, fugir da falta de qualidade de vida, fugir dos baixos salários, fugir da impossibilidade de inserção no mundo do consumo, fugir da guerra, fugir de problemas ambientais, fugir da xenofobia. Este sujeito procura sair da condição de exclusão econômica, social, política, cultural que vive em algum lugar periférico do planeta para se inserir na condição de inclusão econômica, social, política, cultural em algum outro lugar não periférico do planeta. O novo lugar pode lhe proporcionar tanto melhoria na qualidade de vida, a possibilidade do consumo de mercadorias, a possibilidade da liberdade econômica, social, política, e cultural, quanto pode proporcionar uma periferização em sua vida, como os migrantes que se encontram em situação de semiescravidão, ou os refugiados, entre outras situações.

Isto posto, apresentamos argumentos como estes de Heidemann que poderão contribuir na articulação desta pesquisa com o propósito de compreender como o movimento migratório está sendo observado pelos estudiosos, pois não é só a ciência geográfica que estuda este fenômeno.

Sayad (1998) sustenta o uso da categoria “(e/i)migração” em suas análises, demonstrando a importância de se compreender todo movimento

migratório como constituído de “paradoxos da alteridade”, em que cada migrante é sempre aquele que “*sai* e aquele que *chega*”, em uma travessia carregada de “*idas e vindas*” e, por isso, sempre inconclusa. Desse modo, (e/i)migração são palavras que representam, no vai e vem, o dinamismo da complexidade deste fenômeno social.

Segundo Asari (2010, p. 202), existem três formas de focalizar os estudos migratórios: “a primeira apresenta o indivíduo como o único responsável pelo deslocamento”; é quando este sujeito resolve se mudar para um outro lugar. A segunda “analisa a migração como um fato social, isto é, que a saída de população do seu local de origem deve-se à impossibilidade ou não interesse da sociedade, do Estado, em dar condições adequadas de sobrevivência”; nesta forma de análise são considerados os fatores do cotidiano deste sujeito, se este não tem como sobreviver em seu local de origem. E a terceira forma “trata da migração sob o enfoque do trabalho, ou seja, os grupos sociais se deslocam tangidos pela insuficiência de postos de trabalho”; já nesta forma os estudos focalizam o trabalho como principal motivador para o início da mobilidade espacial. Este enfoque relaciona-se com a nossa pesquisa.

Hall (2011, p. 43) destaca que “[...] os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estados-nação dominantes, das antigas potências imperiais”, conseqüentemente do mundo. Ele também trabalha com o significado da palavra diáspora, tão utilizada nos estudos culturais e que tem o sentido de “dispersão”, termo que foi utilizada por muito tempo relacionada a “dispersão do povo judeu” (SAFRAN, 1991), assim como é utilizado para descrever grupos deslocados pelo processo de migração, como o movimento do trabalho e do negócio (VERTOVEC AND COHEN, 1999).

Para Blunt (2007, p. 6), “tanto o estudo conceitual da diáspora como o substancial estudo particular de diáspora, circunda espaço e lugar, mobilidade e localização, a nação e transnacionalidade”. Logo, a diáspora ocorre a partir do estabelecimento de relações sociais de um determinado lugar que irão provocar a mobilidade espacial do sujeito que sai de um Estado-Nação e vai viver em outro Estado-Nação.

Patarra (2006) utiliza a abordagem histórica para desenvolver o conceito de diáspora; para ela, sempre existe um contexto histórico que motiva o sujeito a migrar.

[...] *diáspora*, que na acepção grega da palavra significava migração e colonização, é aqui retomada em sua classificação histórica; nesse sentido, os judeus são considerados o caso mais típico; africanos e armênios também são classificados no tipo de diáspora por vitimização; os britânicos representam uma diáspora imperial; os indianos, a diáspora do trabalho; os chineses e libaneses constituem a diáspora comercial [...]. (PATARRA, 2006, p.12).

Diáspora, para Hall, é um conceito “fechado”, binário que envolve a identidade e a diferença, sendo que ela se apoia:

[...] sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora. Porém, as configurações sincretizadas da identidade cultural caribenha requerem a noção derridiana de *différance* - uma diferença que não funciona através de binarismo, fronteiras veladas que não separam finalmente, mas são também *places de passage*, e ao longo de um espectro sem começo nem fim. A diferença, sabemos, é essencial ao significado, e o significado é crucial à cultura. (HALL, 2011, p. 33).

Haesbaert (2001a) assevera que a diáspora é uma forma contemporânea de “des-re-territorialização”. Ele afirma que “as diásporas corresponderiam a um dos extremos da dinâmica migratória”, no qual em uma “das extremidades encontraríamos os grupos mais desterritorializados, os refugiados; na outra os grupos mais territorializados (ainda que num sentido mais simbólico do que concreto) – os migrantes organizados em redes de diáspora (HAESBAERT, 2001a, p. 177) ”. Dessa forma, para este autor, as migrações modernas se configuram na forma de diáspora quando:

[...] primeiro, têm origem em fenômenos drásticos de expulsão ou crises muito agudas, sejam elas de ordem política, cultural ou mesmo, mas nunca exclusivamente, econômica; segundo, promovem laços muito intensos de relacionamento entre os migrantes, tanto com a área de origem como entre as áreas de migração em diferentes pontos do globo; o que mantém esta coesão é, principalmente, uma forte identidade étnica ou nacional; e, terceiro, manifestam uma densa rede de relações econômicas e culturais que repercutem numa rica vida

associativa interna à rede da diáspora, cuja duração se estende por várias gerações [...] (HAESBAERT, 2001a, p.177).

A migração nas redes de migrantes do tipo diáspora está longe de representar, portanto, um processo de desterritorialização. Embora num primeiro momento possa ter uma forte conotação “desterritorializante”, logo o migrante acaba envolvido de tal forma na teia de relações garantida pelo grupo que, mesmo em locais muito distantes, acaba se sentido “em casa”. A reinvenção do “lar” no interior de uma diáspora globalmente estruturada é uma característica muito nítida da complexidade com que novas territorialidades vão se desenhando num mundo global-fragmentado. (HAESBAERT, 2001a, p.177).

Corroborar-se com o pensamento de Haesbaert, visto que a função das redes é fundamental para o movimento migratório moderno. As mulheres brasileiras que se encontram na Inglaterra, especificamente em Londres, revelam-nos, incontestemente, a importância da intensidade e “da articulação entre redes sociais que avança conforme a evolução da sociedade que depende de aparatos tecnológicos, cada vez mais articulados e junto delas os sujeitos que as formam (nós) e os espaços em que se encontram” (VALE E SOUZA, 2008, p.2)

Já McIlwaine (2011a, p. 12) elenca a ideia de diáspora em conjunto com a de transnacionalidade, sendo que as “Diásporas podem ser vistas como “comunidades imaginadas” com um sentido de pertencimento através de diferentes espaços, e a transnacionalidade constrói “comunidades ligadas” por meio de redes que operam no espaço”.

Não se deve deixar de relacionar o conceito de transnacionalidade exposto acima com o conceito de “compressão tempo-espaço” de Harvey, pois a sociedade contemporânea tem como uma de suas características o movimento, sendo assim ela é marcada pela rapidez e fluidez. Na teoria da “compressão tempo-espaço” (1994), Harvey trabalha com a rapidez do fluxo de pessoas e a rapidez do fluxo de mercadorias. Essa rapidez de fluxos é responsável pelo desencadeamento de paradoxos e perplexidades evidenciadas com a aceleração e a intensificação das relações sociais mundiais. O resultado disso são as mudanças constantes que produzem “um impacto desorientado e disruptivo sobre as práticas político-econômicas, sobre o equilíbrio do poder de classe, bem como sobre a vida social e cultural” (HARVEY, 1994, p. 257). Neste

sentido se evidencia a transnacionalidade, pois formam-se as redes, estas se apresentam em escalas diferenciadas, desde a escala local até a mundial.

As migrações internacionais, assim como as migrações no sentido geral, de mobilidade espacial, fazem parte deste contexto. Observamos no movimento migratório sensivelmente a rapidez do fluxo de pessoas e de mercadorias mencionados por Harvey, assim como observamos a formação de redes internacionais. No entanto, esta rapidez e fluidez esbarra todo o tempo com as políticas dos Estados, como, por exemplo, as políticas de controle da mobilidade de pessoas, que se apresentam cada vez mais rígidas, justamente pelo significativo avanço das migrações nos últimos anos. Assim como as políticas protecionistas de entrada e saída de mercadorias. Mas é claro que as políticas do Estado caminham no sentido de manutenção do capitalismo.

A mobilidade espacial consiste essencialmente no sujeito migrante que, além de carregar consigo a identidade cultural, é a representação da ação, do movimento, pois ele (a) está envolvido na ação de ir e vir, de estar aqui e lá, de deslocar-se de um lugar para outro e, sobretudo, de estar sujeito a uma organização econômica, social, política, cultural que são determinantes de seu comportamento.

Neste sentido, Heidemann evidencia que “[...] o migrante é um protagonista social e cultural, um sujeito histórico, isto é, *sujeito sujeitado* a uma organização econômica e social, que determina os comportamentos e as atuações do migrante” (HEIDEMANN, 1998, p. 17).

Para Goettert (2010, p. 15) o (e/i)migrante em sua concretude é “[...] um ser que está e não está ao mesmo tempo”, o migrante se sente dividido entre os dois lugares, e o sentimento de pertencimento se aflora em seu cotidiano. Assim muitas vezes o migrante busca laços identitários do seu país, em uma pessoa, em um lugar, em uma comida, em uma igreja, para suprir as suas necessidades afetivas.

Além de ser um “ser que está e não está ao mesmo tempo”, o migrante, para Goettert (2010, p. 223), “é, no fundo, sempre um *ser* de um outro lugar, sendo de *todos* e de *nenhum* ao mesmo tempo. É *ser/estar* presente e ausente. É viver o presente dividido entre o passado sem volta e um futuro que nunca chega”.

O migrante pode representar ainda a experiência coletiva e individual (SAYAD, 1998) de cada sujeito, pois internaliza a vivência de ser migrante de uma forma diferenciada do outro, no entanto, esta internalização pode acontecer positivamente ou negativamente, visto que tudo dependerá do grau de ilusões e desejos que foram criados antes do sujeito fazer parte do movimento migratório.

As ilusões e os desejos elaborados por cada sujeito representam um dos elementos que pode ser responsável pelo desencadeamento da própria ação de migrar. Segundo Sayad (1998, p.18), “elas [as ilusões] são conservadas coletivamente pela sociedade de emigração” (lugar de saída), “pela sociedade de imigração” (lugar de chegada) e “pelos próprios e/imigrantes” (pessoas que ora estão no lugar de saída ora estão no lugar de chegada). Estes aspectos influenciam a decisão dos sujeitos de fazer parte ou não do movimento migratório, já que quando estes entram em contato com um sujeito que está (no presente) ou que esteve (no passado) no movimento, são transmitidos para eles (que ainda não estão no movimento) as experiências positivas do processo (que quase sempre estão relacionadas com o fator econômico). Assim, são alimentadas as ilusões, os desejos e os sonhos que se movem na entrada destes sujeitos no movimento.

Além das ilusões coletivas, existem as ilusões individuais de cada sujeito, que podem perpetuar por um tempo curto (ou longo) em suas vidas, já que quando migram de um país para outro e se tornam sujeitos migrantes, deixam de participar de uma política nacional, que é de seu direito enquanto cidadãos para, entrarem em outra que não é de seu direito. Não sendo de seu direito, os sujeitos migrantes percebem as ilusões individuais e coletivas esvaindo-se entre os dedos, pois na maioria das vezes nada do que se havia pensado e planejado é possível realizar, as duras barreiras aparecem logo no início do processo migratório, evidenciando a diferença entre o migrante que é estrangeiro, e o cidadão daquele país de chegada.

A diferença marca a instabilidade migratória, através da provisoriedade de tudo que passa a fazer parte da vida do migrante, como o trabalho, os amigos, a casa, o cotidiano, e de tudo que fazia parte da vida dele; tudo que era estável passa a ser instável e provisório, passa a ser passageiro. A busca pelos sonhos, ocorre em um lugar “cujo capital se concentra e se centraliza num determinado

período” (BOMTEMPO; SPOSITO, 2010, p. 63). Esta busca pelo sonho possível é sustentada, portanto, pelo provisório, pelo passageiro, pelo sonho do migrante de regresso à origem, assim “[...] só se aceita viver em terra estrangeira num país estrangeiro (i/emigrar), com a condição de se convencer de que isso não passa de uma provação passageira por definição, uma provação que comporta em si mesma sua própria resolução” (SAYAD, 1998, p. 57).

O desenrolar desta ação, deste movimento, promovido pelas ilusões individuais, pela busca dos sonhos possíveis e principalmente pelas ilusões coletivas, são o que Sayad aponta como a “base da imigração” (SAYAD, 1998, p.46), marcada pelas etapas diversificadas do trajeto realizado pelo migrante, que são representadas por recortes espaciais, uma vez que em sua trajetória migratória incidem diferentes tempos em diferentes lugares, que modificam o contexto espacial daqui e de lá, ou seja, produzindo espaço.

Segundo Carlos (2011, p. 9), a produção do espaço deve ser pensada como “imaneente à produção da sociedade no movimento (histórico) de sua reprodução. Trata-se de pensar a produção do espaço em seus fundamentos sociais, isto é, a produção do espaço inserida no conjunto de produções que dão conteúdo e sentido à vida humana”. Neste sentido, o migrante apresenta a sua importância, pois no aqui e no lá a reprodução social continua existindo.

No entanto, a reprodução social do migrante se dá dentro daquela provisoriedade já mencionada, no lugar que lhe dá a “possibilidade de realizar atividades econômicas que propiciem maior remuneração em relação ao seu lugar de origem” (BOMTEMPO; SPOSITO, 2010, p. 71).

O migrante, dessa forma, busca o sentido para sua vida, “o sentido da alegria” (MARTINS, 1998, p. 28) na inclusão social. Assim, além de representar o deslocamento dos lugares (aqui e lá), a instabilidade e provisoriedade, e as ilusões individuais e coletivas, o migrante representa a busca da inclusão na sociedade, primeiramente na sociedade em que vive antes de entrar no movimento, no entanto, não a encontrando, vai busca-la fora de seu país, ou fora de seu Estado ou fora de sua cidade natal.

Assim, em geral, migrar é também a busca pela inclusão social, a busca da alegria, em busca da inclusão na sociedade capitalista. A inclusão ou

reinclusão das pessoas que, segundo Martins (1998), é o problema social das migrações. Martins chama a atenção para:

[...] a nova face da desigualdade social, que não é mais, no plano imediato e imediatamente visível, a desigualdade das classes sociais.... Que nova desigualdade é essa? A desigualdade que há entre os plenamente incluídos (com acesso às oportunidades que a sociedade pode oferecer na economia, nas relações sociais, na cultura) em relação àqueles cuja inclusão se situa à margem dessa sociedade, submetidos a permanentes insuficiências, carências e privações, não só materiais. Aqueles que se defrontam, de fato, com coisas, espaços e situações que lhes são vedados nas próprias relações cotidianas (MARTINS, 1998, p. 28).

Os migrantes constituem essa nova desigualdade entre os plenamente incluídos e os incluídos às margens no sistema capitalista, visto que “toda a dinâmica dessa sociedade se baseia em processos de *exclusão para incluir*” (MARTINS, 1998, p.19). A exclusão, segundo Martins (1998), é o desenraizamento que:

[...] é a destruição das relações sociais tradicionais e, portanto, a exclusão das pessoas em relação aquilo que elas eram e aquilo que elas estavam acostumadas a ser.... o capitalismo faz isso para incluir...precisa transformar cada ser humano, não importa a cor, altura, tamanho, peso, beleza, em membro da sociedade capitalista. Há duas portas para se entrar nessa sociedade. Uma é a porta mais geral da transformação de todos em produtores vendedores de mercadorias. Tudo tende a ser reduzido à mercadoria. Essa redução de tudo a produtores e consumidores de mercadoria significa que todos, para se integrarem na sociedade capitalista, devem ser transformados em trabalhadores ou, então, em compradores de força de trabalho. Em segundo lugar, devem ser todos transformados em consumidores dos produtos produzidos por essa mesma sociedade (MARTINS, 1998, p. 20).

Neste sentido, a força de trabalho que é a “base da mais valia” (POULANTZAS, 2000, p. 62), também é mercadoria, pois os trabalhadores, neste caso os migrantes, participam de um contrato de compra e venda da sua força de trabalho. Assim, dentro da estrutura das relações de produção capitalista, a força de trabalho é transformada em mercadoria e o trabalho não pago em mais valia.

A mercadoria representa mobilidade no processo migratório, pois a força de trabalho acompanha o migrante. Trata-se assim de uma mobilidade necessária já que este sujeito procura um mercado para conseguir vender a sua mercadoria, sua força de trabalho. Na atual crise do trabalho, as pessoas migram a fim de realizar a reprodução social, mas não apenas no sentido de sobrevivência, como em situações de guerra ou de construção de barragens por exemplo, mas no sentido de poder, a partir do trabalho, seja ele qual for, ser consumidor de mercadorias (MARTINS, 1998). Portanto, a migração, sem generalizações, pode ocorrer por uma necessidade de sobrevivência humana, assim como também ocorre pela necessidade da manutenção do capitalismo (MARTINS).

A busca pela inclusão na sociedade capitalista leva as pessoas, a migrarem, a deixarem o seu país para ultrapassar as fronteiras e passar a viver em outro país (no caso da migração internacional). Então tornar-se migrante pode ser para os sujeitos desenraizados talvez a última alternativa de conquistar a felicidade, em outras palavras, de poder se incluir dignamente no sistema econômico vigente.

Sayad (1998) chama atenção para o itinerário do migrante e evidencia que a imigração é um “fato social completo”, já que envolve a sociedade como um todo, tanto nos aspectos históricos quanto nos aspectos presentes nas estruturas da sociedade e nos seus mecanismos de ação,

[...] todo o itinerário do imigrante é, pode-se dizer, um itinerário epistemológico, um itinerário que se dá, de certa forma, no cruzamento das ciências sociais, como um ponto de encontro de inúmeras disciplinas, história, geografia.... Por certo, a imigração é, em primeiro lugar, um deslocamento de pessoas no espaço, e antes de mais nada no espaço físico; nisto, encontra-se relacionada, prioritariamente, com as ciências que buscam conhecer a população e o espaço, ou seja, *a grosso modo*, a demografia e a geografia, e principalmente por que esta, ao tratar da ocupação dos territórios e da distribuição da população inclina-se a anexar aquela.... *Mas o espaço dos deslocamentos não é apenas um espaço físico, ele é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente (sobretudo através de suas realizações culturais que são a língua e a religião) etc.* (SAYAD, 1998, p. 15, grifos nosso).

Deste modo, no espaço do deslocamento, evidenciado por Sayad (1998), que não é apenas físico, mas também qualificado, ocorre à reprodução social do migrante em um espaço diverso daquele a que ele pertencia antes de migrar. Nesta espacialidade nova para quem chega, ou para o sujeito que migra, tudo é diferente, a sociedade, a economia, a política, e a cultura, assim o “migrante, sem referências, “se perde”, com a nítida percepção de nunca ter saído de sua região de origem” (HAESBAERT, 2005, p.40).

O “lugar novo” expõe ao migrante a diversidade cultural representada justamente pelo desconhecido. Esta diversidade pode impor barreiras ao migrante, especialmente em se tratando da diferença linguística. A falta do domínio linguístico torna o cotidiano deste sujeito difícil, com comunicação “truncada”, assim o migrante cria resistência, pois encontra-se perdido perante a diferença e está à mercê de todas as pressões para manter sua sobrevivência.

Dessa forma, o migrante tende à procura de manifestações culturais do seu lugar de origem, que podem ser representadas pela participação em igrejas, em grupo de pessoas falantes da mesma língua, em bairros que abrigam pessoas originárias do mesmo local, em um restaurante, em redes sociais.

No entanto, é importante elucidar que esta situação não ocorre genericamente com todos os sujeitos que se encontram neste processo. A figura do migrante se apresenta diversificada, porque ele se diferencia tanto na situação de saída (país de origem) quanto na situação de chegada (país de chegada), e esta diferenciação pode ocorrer efetivamente conforme sua classe social.

Isto quer dizer que nas migrações internacionais o ato de circular de lá para cá está intrinsecamente relacionado com a classe social a que este sujeito pertence, e que isto irá refletir diretamente na situação migratória e na circulação que será proporcionada no país de chegada.

Claro que as motivações que levam o sujeito à migração são diversas e possuem diferentes objetivos, no entanto a diferença de classe social entre um migrante e outro é fundamental para a permanência deste sujeito no movimento migratório. Evidentemente que esta permanência se relaciona diretamente com as políticas migratórias de cada país, que utilizam diferentes dispositivos para elucidar o que é e o que não é permitido para o migrante.

Segundo Vainer (2005, p. 270), “[...] pode-se afirmar que: “[...] hoje, as legislações migratórias de praticamente todos os países, inclusive a brasileira, estabelecem discriminações de classe – por meio de critérios referidos seja ao nível de qualificação, seja ao montante de capital que se pretende investir”.

Importante salientar que segundo as pesquisas realizadas por Bomtempo e Sposito (2010) comprova-se que o fluxo migratório de descendentes de japoneses brasileiros para o Japão foi marcado prioritariamente pela classe média, que migrava, neste período, à procura de manter o status econômico.

Desta maneira a migração internacional, em seu dinamismo, evidencia a conformação da estrutura de classes no interior do processo, assim como demonstra o quanto é desigual a liberdade das pessoas de circular na era global, conferindo para alguns o direito de cruzar fronteiras, o direito de ir e vir e para outros, não. Vainer (2005, p. 272) destaca que estamos passando pela “crise da modernidade e de sua mitologia de liberdade”, promovida pelo Estado e ao mesmo tempo cercada por ele.

O Estado, desta maneira, assume o papel da soberania, demarca seu território com políticas diferenciadas umas das outras, e entre elas encontram-se as políticas migratórias internacionais elaboradas em cada país. Desta maneira, o Estado tem que trabalhar com questões políticas, econômicas, sociais e culturais direcionadas ao migrante, apesar disso os migrantes são necessários, como veremos mais à frente.

Desta forma, não é possível pensar em migração internacional separadamente do poder monopolizador do Estado sobre a produção do espaço mundial. Um espaço em constante movimento justamente pela dinâmica das relações sociais que criam e propiciam as condições das pessoas migrarem e se consolidarem ou não nos diferentes territórios. Fixação marcada por guerras, “invasões, genocídios, mestiçagem, conquistas” (GEORGE, 1977, p. 12).

Claro que ainda hoje existem guerras territoriais, mas seguramente o mundo atual não está mais aberto à invasões e conquistas como no passado (GEORGE, 1977). As fronteiras estão definidas, tem-se hoje um espaço organizado juridicamente, uma vez que são os Estados nacionais que definem as linhas internacionais fronteiriças, as políticas populacionais (políticas de natalidade, mortalidade, fecundidade, escolaridade, etc), a entrada e saída dos

sujeitos, o movimento migratório internacional, enfim, definem o caminho dos sujeitos segundo os interesses capitalistas. Segundo Goettert (2011, p. 22), “a primeira condição para o desenvolvimento das migrações internacionais é a existência de Estados-nações”, elemento basilar da configuração mundial do modo de produção capitalista, territorial e politicamente estruturado.

Vislumbra-se, assim, os atos de violência que hoje ocorrem na mobilidade espacial, pois os espaços de migração são “a representação da política e do exercício de poder” (VAINER, 2005, p. 272), tratando-se de “um espaço de exercício da violência”, já que é o Estado que decide se permite ou não a mobilidade das pessoas, por meio das leis estabelecidas. Leis que, segundo Poulantzas (2000, p. 74), no Estado moderno, se organizam como o “Estado de direito, o Estado da Lei por excelência que detém [...] o monopólio da violência e do terror supremo, *o monopólio da guerra*”.

É este estado de direito que define por meio das políticas migratórias os direitos e não direitos da entrada do migrante internacional no cenário interno do país. Obviamente as políticas migratórias são criadas para favorecerem a liberdade de circulação do capital e a fluidez dos fluxos e das mercadorias, que, grosso modo, encontram bem menos barreiras que as pessoas. Ressaltamos sempre que o Estado é edificado como organização jurídica, é organizado através da construção das leis, que estão de maneira positiva ou negativa presentes na vida dos indivíduos. Poulantzas (2000) argumenta que a Lei é:

[...] parte integrante da ordem repressiva e da organização da violência exercida por todo Estado. O Estado edita a regra, pronuncia a lei, e por aí instaura um primeiro campo de injunções, de interditos, de censura, assim criando o terreno para a aplicação e o objeto da violência. E mais, a lei organiza as leis de funcionamento da repressão física, designa e gradua as modalidades, enquadra os dispositivos que a exercem. A lei é, neste sentido, o *código da violência pública organizada* [...] (POULANTZAS, 2000, p. 75).

O Estado é detentor do “monopólio da violência física legítima” (POULANTZAS, 2000, p.77). Assim, a repressão policial-militar-jurídica-estatal está presente no diário viver dos migrantes internacionais, pois o Estado, além de permitir ou não permitir o ir e vir dos migrantes, através do cruzamento das fronteiras, também comanda a educação, a saúde, a habitação, transporte, comunicação, o exército, a prisão, a polícia, enfim, busca comandar todos os

campos do cotidiano. Corrobora-se então com Poulantzas que diz que o “Estado está presente em todos os campos da vida cotidiana” (op. cit., p. 11).

Observa-se, assim, que a liberdade de circulação de capital, em conjunto com a fluidez de fluxos e mercadorias, as políticas públicas e a ideologia dominante, definem as políticas migratórias. Nota-se que quando os detentores do capital ou dos meios de produção necessitam da mão de obra barata e não qualificada do migrante, eles, de acordo com as políticas geridas pelo Estado, abrem as fronteiras. Quando percebem que esta situação já não é tão favorável para o desenvolvimento econômico, eles fecham as fronteiras apoiados pela restrição das políticas migratórias, sem importar o diário viver desta população de migrantes que ali, naquele território, se encontram.

Para George (1977, p. 12), a decisão de migrar “já não pertence aos migrantes, mas sim aos governos e organizações internacionais que estabelecem contingentes, orientam os fluxos de acordo com as necessidades da economia”. Para Castles (2000, p. 270), não existem ainda “definições objetivas” a este respeito, o que se sabe é que com o surgimento do Estado-nação as migrações internacionais “são o resultado das políticas estatais, introduzidas em resposta a objetivos políticos e econômicos e atitudes públicas”.

Valentini (2005, p. 13) considera os migrantes internacionais como “portadores de mudanças necessárias para a humanidade”, pois estes sujeitos estão “sempre presentes na história da humanidade”, ou seja, “quando surtos migratórios tomam novo impulso, os migrantes são sintomas de grandes transformações que já estão em processo e na iminência de se concretizarem” (VALENTINI, 2005, p.13). Como a chegada de migrantes brasileiros ao Japão, ou a chegada dos argelinos na França, ou ainda a chegada dos indianos e africanos na Inglaterra. Fluxos que evidenciam de uma forma ou de outra a crise estrutural do sistema capitalista.

Também se enquadra na perspectiva de George (1977), o caso dos argelinos na década de 1970 na França e dos colombianos na década de 1980 na Inglaterra que chegam nestes países com a permissão de trabalho (“work – permit”) concedida pelo governo francês (para argelinos) e pelo governo inglês (para colombianos). Estes dois grupos de migrantes saem dos seus países para realizarem atividades laborais, que a população francesa e a população inglesa

não estavam dispostas a realizar, e que, no entanto, eram e ainda são de fundamental importância para o cotidiano das pessoas destes países.

Estes trabalhadores são conhecidos como aqueles que realizam atividades de baixo salário e também como aqueles que “roubam os empregos dos trabalhadores nacionais”, de acordo com Valentini (2005, p. 11), são acusados de tirarem o emprego dos nativos, o que gera implicações econômicas para o país. No entanto, estes migrantes internacionais, “além de gerarem riquezas nos países que os acolhem, as remessas que enviam para os seus países de origem, muitas vezes, são a principal fonte de dinheiro para milhões de famílias pobres dos países de origem” (VALENTINI, 2005, p. 11).

Ainda corroborando com George (1977), percebe-se na Inglaterra, um dos países ricos da União Europeia, a presença constante de inúmeros migrantes internacionais tanto provenientes da própria União Europeia como provenientes de fora do bloco e, neste último caso, muitos indocumentados. A fim de combater este movimento intenso de chegada de migrantes internacionais, as políticas migratórias inglesas estão mais restritivas. No entanto, a Inglaterra, por sua vez, não pode impedir a chegada de migrantes pertencentes à União Europeia, pois faz parte do acordo econômico a circulação “livre” destas pessoas nos países pertencentes ao bloco econômico europeu.

Constata-se que enquanto não existia este fluxo intenso de migrantes provenientes de países pertencentes à União Europeia, as políticas de permissão para o migrante internacional se estabelecer no país eram menos restritivas, mas agora com a intensificação do fluxo migratório entre os países pertencentes à União Europeia, muitos europeus migram, procurando trabalho e oferecendo mão de obra barata. Assim, o mercado de trabalho torna-se saturado e as políticas de imigração tornam-se mais restritivas para os não europeus.

Ainda seguindo o pensamento de George (1977), Castles (2000, p. 269) expõe que a migração internacional “é frequentemente resultado do desenvolvimento econômico e social”, visto que o desenvolvimento econômico e social é função do Estado, mas, por sua vez, “a migração pode contribuir para maior desenvolvimento e melhoria das condições econômicas e sociais, ou uma alternativa que possa ajudar a perpetuar a estagnação e a desigualdade”. Assim

como Castles (2000) apresenta a contradição que há no movimento migratório internacional, Valentini (2005) também o faz quando salienta que:

[...] os migrantes são discriminados, mas necessários. O fenômeno migratório sempre existiu e sempre foi desencadeado para garantir a sobrevivência das pessoas. A migração é incentivada pelos países ricos que demandam mão-de-obra jovem e barata, enquanto é indiretamente promovida pelas paupérrimas condições de vida que os países de origem oferecem. Dessa forma, ao mesmo tempo que trata de sanar as necessidades apresentadas pela agressiva ordem mundial, viola as fronteiras dos países ricos, em um momento em que a ameaça terrorista converte os migrantes numa fonte de insegurança, tornando-os um grupo ainda mais repudiado, porém altamente necessário (VALENTINI, 2005, p. 10).

O grupo dos migrantes considerado altamente necessário, e em constante crescimento, emergiu a partir da segunda metade do século XX, segundo Castles, como um dos “principais fatores de transformação social e desenvolvimento em todas as regiões do mundo” (2000, p. 269). O contingente global de imigrantes cresce rapidamente de 75 milhões em 1965, para 90 milhões no início dos anos de 1990 (VALENTINI, 2005, p. 8), passa para 140-155 milhões de pessoas no final dos anos 1990, 175 milhões em 2000 (VALENTINI, 2005, p. 8) atingindo 191 milhões em 2005 e 214 milhões de migrantes internacionais em 2010 (MCILWAINE, 2013).

Em 2013, o número chega a “231 milhões de pessoas” (MIGRATION OBSERVATORY at the University of London, 2014) vivendo fora dos países originários. Esta soma de pessoas hipoteticamente no mesmo lugar representaria a formação do quinto país mais populoso do mundo. Trata-se do que Stephen Castles e Mark Miller chamam de “A era da migração (*Age of migration*), ” pois refere-se a “um período em que a migração internacional foi acelerada, globalizada, feminizada, diversificada, e que começou a se politizar<sup>28</sup>” (KING, 2012, p. 4, tradução nossa).

Desta forma, King corroborando com Martins (1998) argumenta que a “Era da migração” precisa ser qualificada, pois “a migração é para alguns e não para

---

<sup>28</sup> [...] a period during which international migration has accelerated, globalised, feminised, diversified and become increasingly politicised.

todos<sup>29</sup>” (KING, 2012, p. 5, tradução nossa), mesmo porque “a maioria das pessoas são menos livres para circular agora do que eram a cem anos atrás<sup>30</sup>” (KING, 2012, p. 5, tradução nossa) devido às políticas migratórias impostas nos países. Trata-se de uma das “ironias da globalização, pois os bens de capital, o conhecimento, o empreendedorismo e os meios de comunicação são livres para atravessarem as fronteiras, mas o trabalho, que é outro fator crucial de produção, não é.<sup>31</sup>” (KING, 2012, p. 5, tradução nossa). Um trabalho realizado pelo migrante, que é bem-vindo apenas quando o capital necessita, caso contrário as leis migratórias agem restritivamente. Revela-se assim parte das contradições que existem no movimento migratório contemporâneo.

Mas a contradição sempre está presente, a perspectiva de King (2012) é reforçada com as ideias de Vainer (2005) expostas anteriormente em relação à existência da conformação da estrutura de classes no interior do processo migratório, pois para o sujeito fazer parte do movimento migratório ele necessita ter alguma reserva econômica, como, por exemplo, para comprar as passagens para viajar, para pagar taxas consulares, até mesmo para pagar taxas escolares quando este migra como estudante, além de ter condições financeiras para poder se manter no país receptor pelo tempo planejado ou até conseguir se organizar economicamente.

O migrante moderno desloca-se no espaço com maior facilidade devido à técnica, que pode possibilitar a este sujeito vislumbrar o horizonte mundial, não se restringindo mais a migrar para a cidade mais próxima, nem à capital do estado ou do país. Este vislumbre é proporcionado pela televisão, pelo cinema, pelas comunicações de parentes e amigos através da internet. Atualmente existem softwares gratuitos que possibilitam aos sujeitos conversarem<sup>32</sup> frente a frente em tempo real com as pessoas, não importando as distâncias. Além, é claro, das redes sociais consolidadas virtualmente<sup>33</sup>.

---

<sup>29</sup> [...] the otherwise attractive notion of the ‘age of migration’ needs to be qualified: migration for some, but not for others.

<sup>30</sup> In fact, on the whole people are less free to migrate now than they were a hundred years ago.

<sup>31</sup> It is one of the ironies of globalisation that whilst goods, capital, knowledge, entrepreneurship and the media are free to flow across borders, labour, that other crucial factor of production, is not.

<sup>32</sup> Faz-se referência ao Skype, ao Google Talk.

<sup>33</sup> Faz-se referência ao Facebook, ao Instagram, Twitter, entre outros.

Esta movimentação de pessoas, destes migrantes modernos, facilitada pela técnica, possibilita outra materialidade histórica, ou seja, com uma nova Divisão Internacional do Trabalho, com a reestruturação produtiva, com o aumento do volume desta movimentação, criaram-se novas formas, novos formatos de migrantes. Para Baeninger (2013, p. 9), “a diversidade de situações migratórias locais, regionais, internacionais recodifica a complexidade do fenômeno” migratório, assim são necessários diferentes olhares “para as escalas e arranjos transnacionais aonde esses fluxos se processam, seus sentidos e repercussões dentro e fora das fronteiras territoriais” (BAENINGER, 2013, p. 9).

Na perspectiva dessa nova realidade migratória se volta o olhar para as fronteiras territoriais inglesas, especificamente para a cidade de Londres, local multicultural, marcado pela ocorrência de múltiplas situações migratórias pela diversidade cultural de pessoas que ali se encontram. Diante desta realidade multicultural no país, geógrafos ingleses como Mcilwaine (2011) e King (2012), discutem migração e utilizam para isto uma perspectiva classificatória de buscar saber que tipo de migrante se encontra em Londres, assim como realizam estudos na perspectiva da inclusão destes imigrantes na sociedade inglesa. Mcilwaine, em específico, trabalha com os migrantes latino-americanos e sua invisibilidade no contexto laboral londrino.

É importante salientar que tanto Beaujeu-Garnier (1971) e George (1977), já utilizavam formas de classificação migratória. Em vista disto evidenciamos na próxima sessão, a partir destas tipologias migratórias, como era pensado o migrante internacional no século passado (principalmente na década de 1970) e como ele é visto agora, segundo concepções de King (2012) e Castles (2000).

## **2.2 O sujeito migrante e a tipologia da migração internacional**

No mundo contemporâneo compartimentado, onde o espaço organizado é resultado das relações sociais estabelecidas nas diferentes escalas temporais, é fundamental considerar a migração, o movimento espacial realizado por pessoas, seja ele nacional ou internacional, como elemento que contribui na dinâmica espacial, posto que influencia diretamente as questões demográficas, políticas, econômicas, sociais e culturais.

Os sujeitos que migram ultrapassam a barreira jurisdicional, cruzam a fronteira internacional e passam a fazer parte (mesmo que temporariamente) de outro território, de outra forma de pensar, de outro sistema jurídico, de outro Estado. Dessa forma se aplica ao migrante internacional tipologias que permitirão ao Estado, por meio das políticas migratórias, identificar os migrantes que possuem permissão para permanecer no país e os migrantes que não possuem.

No geral, a migração internacional é percebida como uma problemática, pois se trata da ação do sujeito que se movimenta espacialmente de uma nação para outra cruzando fronteiras e carregando consigo as especificidades sociais do país de origem. Este movimento causa alterações tanto para o país receptor quanto para o país de origem.

Portanto, definir categorias dos diferentes tipos de migrantes internacionais está relacionado com o “controle de Estados-nação” (CASTLES e MILLER, 2009). O Estado-nação controla a migração internacional conforme as necessidades da classe dominante, perante a necessidade ou não da força de trabalho dos migrantes, considerando que o Estado moderno, segundo Poulantzas, “possui uma natureza de classe, um Estado burguês que constitui a burguesia como classe dominante” (2000, p.117). Castles e Miller (2009) evidenciam que classificar os sujeitos em categorias migratórias foi uma das maneiras que alguns Estados encontraram para controlar a migração internacional.

Desta forma se faz necessário evidenciar tanto as categorias utilizadas por Beaujeu-Garnier (1971), George (1977) e Martins (1998), que se relacionam com o fenômeno migratório quanto às categorias estabelecidas no trabalho de Castles e Miller (2009) e que se relacionam com o sujeito migrante. Essas categorizações se relacionam com a temporalidade, pois em cada período histórico a migração é marcada por diferentes características, assim como se relacionam, é claro, com a quantificação destes sujeitos.

Enfatiza-se, porém, que quantificar pessoas, quantificar migrantes internacionais não é uma tarefa fácil. Como quantificar os brasileiros e os paraguaios que vivem na fronteira? Como quantificar os latino americanos que vivem na Inglaterra? Como quantificar os brasileiros que estão na Europa? Ou

na América do Norte? A resposta parece simples, mas não é, existe uma série de fatores que devem ser levados em consideração, como por exemplo o migrante ser documentado ou não. Os migrantes documentados certamente fazem parte das estatísticas, já os que não são documentados dificilmente serão computados nas estatísticas. Este sujeito é invisível na medida em que não se faz aparecer para não sofrer as consequências da sua ilegalidade.

A quantificação de entrada e saída dos sujeitos nos postos de migração dos países, por exemplo, não apresenta dados estatísticos exatos. Ainda hoje não se sabe exatamente qual o tamanho da população brasileira que se encontra espalhada pelo mundo. O Ministério das Relações Exteriores, um dos órgãos possuidores dos dados estatísticos mais seguros, trabalha com estimativas, pautadas nas informações das embaixadas e dos consulados brasileiros presentes nos diferentes países. Campos (2011, p. 71) demonstra claramente que o problema estatístico perdura até os dias atuais:

Embora vários estudos tenham dedicado-se ao estudo das migrações internacionais no Brasil, há um desafio em estimar o número de brasileiros que vivem no exterior, e também o volume de entradas e saídas de população no País. Isso ocorre porque parte significativa destes fluxos migratórios, tanto de imigrantes quanto de emigrantes, é constituída do que se convencionou chamar de “ilegais” ou “clandestinos”. Isso impossibilita que se conheçam seus verdadeiros números através dos registros administrativos e pesquisas domiciliares... As estimativas do número de brasileiros vivendo no exterior variam de uma fonte para outra, além do fato de que, em cada estimativa, costuma haver uma amplitude de milhões de indivíduos. Segundo o Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty), o número de brasileiros residindo no exterior situa-se entre 2 e 3,7 milhões de pessoas (BRASIL, 2008). Já para a Organização Internacional para as Migrações - OIM, o número de brasileiros vivendo no exterior varia entre 1 a 3 milhões (PERFIL..., 2010). As principais regiões de destino dos migrantes são os Estados Unidos, Japão e alguns países da América do Sul e da Europa (PERFIL..., 2010) (...). Podemos perceber que, embora a migração internacional seja um tema de relevância crescente no País, ainda existem desafios para sabermos qual o número real de migrantes que deixam e que ingressam no Brasil a cada ano. Os registros administrativos não dão conta desses números e, por isso, faz-se necessário lançar mão de dados censitários para a realização das estimativas. Nesse sentido, os censos vêm sendo

aprimorados para poder aumentar a precisão das estimativas de migração internacional, culminando com a inclusão de novos quesitos sobre o tema em 2010 (CAMPOS, 2011, p. 72).

Para Martins (1998), na década de oitenta, assim como para Beaujeu-Garnier (1971) na década de setenta, já apontavam para esta fragilidade estatística. “A partir, principalmente, de dados qualitativos não sistemáticos (relatórios de igrejas, notícias de jornais, depoimentos, etc.) é possível identificar alguns tipos de migrantes temporários” (MARTINS, 1986, p. 47). George, em uma de suas obras da década de 1970, apresenta dados que dão uma ideia da mobilidade populacional naquele período.

Mais de quinze milhões de pessoas deslocadas vivem, na Europa, em países onde não nasceram. Dez milhões de imigrados nos Estados Unidos, nos últimos vinte e cinco anos, três milhões de “neo-canadianos”, que nasceram fora do continente americano, quinze milhões de pessoas trocadas entre União Indiana e o Paquistão, depois da “partilha” de 1947, cinco milhões de japoneses repatriados do Pacífico, depois de terminada a segunda guerra mundial, quatro milhões de coreanos, idos da Coreia do Norte para a Coreia do Sul, um ou dois milhões de chineses, que saíram do continente e se instalaram em Hong-Kong e na Formosa, alguns milhões de africanos que estão fora dos seus países de origem, como refugiados, trabalhadores contratados a prazo fixo ou migrantes sazonais, dez milhões de “estrangeiros” nos países industriais da Europa ocidental, dos quais sete a oito milhões de operários, cerca de um milhão de europeus que estiveram instalados mais ou menos tempo na África do Norte e voltaram para a França, mais de um milhão de judeus emigrados para Israel nos últimos vinte anos... estas são algumas indicações numéricas que dão uma idéia da “mobilidade da população” na época contemporânea. Na verdade, estes números, que se referem a um período de tempo relativamente curto, correspondente a uma geração, só podem dar uma idéia incompleta da “perturbação demográfica” que esta ligada a esta mobilidade. (GEORGE, 1977, p. 11).

Estas informações numéricas evidenciam o movimento espacial promovido por diferentes pessoas de diferentes nações. Mas qual a consequência deste movimento no espaço? O próprio autor do levantamento responde dizendo que todo este movimento de pessoas dá uma ideia, ainda que incompleta, da “perturbação demográfica”, ou seja, de movimentos causados por diferenças socioespacial de um determinado período histórico.

O conflito armado na Síria que tem como presidente Bashar al-Assad é um exemplo claro desta “perturbação demográfica”, na atualidade. O conflito que se iniciou em março de 2011 resulta em centenas de refugiados que se encontram nos países vizinhos, como Líbano, Jordânia, Egito, Marrocos, Argélia. Sabe-se pelos registros de ajuda humanitária que há em torno de 4,6 milhões Sírios fora do país (BBC, 2015), mas estima-se muito mais, pois nem todos se registraram pedindo ajuda. Na Jordânia existem mais de 630 mil pessoas Sírias (BBC, 2015). As pessoas que estão em campo de refugiado neste país, de uma certa forma estão “aprisionadas” nestes campos, pois a Jordânia autoriza a viver fora do campo apenas as pessoas que desejam voltar para a Síria, ou aquelas que possuem parentes ou amigos na Jordânia e que se responsabilizem por cuidar delas, fora estas duas situações não é permitido sair do campo de refugiados (BBC, 2015). A Turquia (BBC, 2014) fechou as fronteiras para os Sírios, alegando que não há mais como receber os refugiados.

O movimento migratório internacional preocupa as diferentes nações, devido à complexidade de gerir todos os aspectos que circundam este processo, esta “perturbação demográfica”, que também pode ser chamada de problemática populacional.

Esta problemática populacional, ou perturbação demográfica ou simplesmente movimento migratório internacional, foi classificado durante o segundo quarto do século XX por Beaujeu-Garnier (1971), George (1977) e Martins (1998) no Brasil como: migração temporária, migração forçada ou migração definitiva. Já no século XXI Castles e Miller (2009) apresentam novas classificações direcionadas ao sujeito migrante, como: “temporary labour migrants, highly skilled and business migrant, irregular migrants, refugees, asylum-seekers, forced migration, family members, and return migrant” (CASTLES e MILLER, 2009, p. 270).

As classificações evidenciam como estes sujeitos são reconhecidos pelo Estado. Reconhecimento que foi se transformando com o tempo através das relações sociais estabelecidas nos diferentes períodos históricos, e que também marcam a desigualdade social determinada pelos países hegemônicos, que pregam a igualdade social e ao mesmo tempo pregam a retórica da contradição.

Deste modo, apresentam-se as classificações ou tipologias utilizadas por Beaujeu-Garnier (1971), George (1977) e Martins (1986, 1998) que se referem ao fenômeno migratório, assim como as tipologias utilizadas por Castles e Miller (2009) direcionados ao sujeito migrante.

### Migração temporária

Compreende-se que o termo temporário está relacionado com um acontecimento que não é para a vida toda, ou pelo menos planeja-se não ser. Os migrantes econômicos na atualidade se encaixam nesta perspectiva, como será exposto.

Martins em seus estudos sobre migração no Brasil (1998, p. 25) evidencia que a migração temporária é caracterizada pelo sujeito que “é obrigado a sair temporariamente para um outro lugar em busca de meios de sobrevivência, é a forma mais dramática de migração”.

O migrante iniciante do movimento migratório realiza um planejamento prévio antes de deslocar-se do país originário para o chamado país receptor, no entanto, não sabe ao certo o tempo de sua permanência, mas sabe-se que existe a intenção de voltar ao país de origem com algo melhor, melhor do que aquilo que possuía antes de partir, no entanto nem sempre isso é possível.

Para George (1977, p. 13) o migrante temporário é aquele “introduzido por contrato num mercado de trabalho”, ou seja, é aquele migrante que terminando o contrato fica sem trabalho. Seguindo o posicionamento de George (1977, p. 13), “o trabalhador estrangeiro é chamado para preencher vazios na população activa, vazios prejudiciais ao sistema econômico”, pois os fluxos financeiros estão em movimento. Mas, ao mesmo tempo que o migrante preenche os vazios, “vem procurar um complemento de meios de existência para si próprio e para a família, complemento que não tem esperança de encontrar no seu país de origem” (Ibidem). Nessa busca da inclusão social, esta a procura da felicidade, do enraizamento mencionado por Martins (1998) anteriormente.

Assim como George (1977), Beaujeu-Garnier (1971) relaciona o trabalho com a migração temporária:

Muitos emigrantes não sabem se vão ou não abandonar por completo a terra natal; levados pela necessidade, partem por um período de tempo mais ou menos prolongado para um país que

lhes permita ganhar a vida e, se possível, acumular dinheiro suficiente para a volta; depois, com o lucro do trabalho, retornam para a aldeia natal onde, em virtude do baixo padrão de vida, se tornam velhos cidadãos possuidores de alguns recursos. (BEAUJEU-GARNIER, 1971, p. 203).

Tanto George (1977) quanto Beaujeu-Garnier (1971) apresentam o migrante internacional temporário como aquele que sai do seu país de origem em busca de algo melhor a fim de satisfazer tanto as suas necessidades econômicas quanto as de sua família, participando do movimento exclusivamente para trabalhar. Sayad (1998, p. 20) comunga da mesma posição destes autores, ao dizer que a e/imigração acontece “unicamente sob o império do trabalho”.

Entretanto, outros fatores entrelaçam ou entrecruzam a dinâmica social do trabalho na migração temporária. Apesar de Martins (1986) realizar uma análise da migração temporária brasileira, nos parece pertinente os apontamentos que faz, e nos apropriamos destes também para o movimento migratório internacional, assim os migrantes temporários são:

Mais do que migrantes temporários, há um definido universo social da migração temporária. Mais do que *trânsito* de um lugar a outro, há *transição* de um tempo a outro. Migrar temporariamente é mais do que ir e vir – é viver, em espaços geográficos diferentes, temporalidades dilaceradas pelas contradições sociais. Ser migrante temporário é viver tais contradições como duplicidade; é ser duas pessoas ao mesmo tempo, cada uma constituída por específicas relações sociais, historicamente definidas; é viver como presente e sonhar como ausente. É ser e não ser ao mesmo tempo; sair quando está chegando e voltar quando está indo. É necessitar quando está saciado. É estar em dois lugares ao mesmo tempo, e não estar em nenhum. É, até mesmo, partir sempre e não chegar nunca. (MARTINS, 1986, p. 45).

Percebe-se que a perspectiva de Martins (1986) se aproxima da discussão sobre o itinerário do imigrante, realizada por Sayad, que evidencia que a imigração é um “fato social completo”, mesmo podendo ser temporária, se o sujeito deixa a sua origem por condições de sobrevivência, de acordo com Beaujeu-Garnier (1971) e George (1977).

O lugar escolhido para sua chegada será aquele que tem maior concentração de capital, como, por exemplo, o Japão, os Estados Unidos, a

Alemanha, a Inglaterra ou para qualquer país rico. No entanto, esse lugar escolhido também apresentará ao migrante outras contradições socioespaciais.

A contradição socioespacial existente entre cá (país de origem) e lá (país de chegada) é nítida, pois as estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais são diferenciadas, as estruturas tecnológicas são diferenciadas. Sugere-se um outro tempo presente no mesmo tempo histórico, um outro mundo carregado de ilusões, contradições, paradoxos de alteridade que, no entanto, é no presente, o local da reprodução social do migrante, mesmo temporariamente.

Beaujeu-Garnier (1971, p. 203) ainda diferencia o migrante temporário de duas formas: o de longa duração e o de curta duração: o migrante de longa duração é aquele que parte, como já vimos anteriormente “[...] por um período de tempo mais ou menos prolongado para um país que lhe permita ganhar a vida e, se possível, acumular dinheiro suficiente para a volta”, então a partir do acúmulo da remuneração do trabalho realizado, retornam para aldeia natal onde, em virtude do baixo padrão de vida, se tornam velhos possuidores de alguns recursos”; já para o migrante de curta duração ela utiliza os exemplos da migração argelina para França também pesquisada por Sayad, e dos mexicanos para os Estados Unidos, exibindo que são casos de migração internacional excepcionais, pois no caso dos argelinos, “são camponeses que passam a residir em país estrangeiro por poucos anos, a fim de auxiliar a família que permanece na terra” (Beaujeu-Garnier, 1971, p. 204), ou mesmo ganhar dinheiro “destinado à compra de uma nesga de terra” (Ibidem).

#### Migração forçada

Os conflitos armados e as divergências políticas são os principais responsáveis pela expressividade do movimento espacial de sujeitos que se retiram do país natal para outro país em busca de manter a própria sobrevivência. Beaujeu-Garnier (1971, p. 206) destaca que “[...] o mundo tem presenciado deslocamentos de espécie diferente, compulsórios, forçados sobre um grupo de pessoas por outro”, definindo-os de transferência de populações.

Normalmente as pessoas tornam-se migrantes devido à caótica situação política, econômica, social, cultural apresentada no país de origem, desta forma são compelidas a migrar, não planejando *a priori* realizar esta ação. Trata-se

assim de uma migração forçada consciente, pois estes sujeitos entram no movimento migratório por vontade própria, mas entram violentamente, são forçados, pois a intenção é preservar a própria vida e de seus familiares. Muitos destes anseiam e acreditam que se trata de um momento transitório, pois é latente a perspectiva do retorno à terra natal, outros já não querem voltar mais ao país de origem.

Observa-se que conforme o mundo se organiza, com a definição das fronteiras, os fluxos migratórios internacionais forçados se estabelecem muitas vezes através de eventos trágicos. No passado, o mundo vivenciou o tráfico humano marcado pelo comércio de escravos com mais de “130.000 vítimas em 1830” (BEAUJEU-GARNIER, 1971, p. 206), e o continente africano provavelmente “ainda está pagando pelas horríveis devastações e pelo tráfico humano” (BEAUJEU-GARNIER, 1971, p. 207).

Ainda hoje o tráfico humano persiste através da migração forçada inconsciente, como acontece com muitas mulheres que ao iniciarem o movimento migratório aparentemente por vontade própria são conduzidas a uma situação de “escravidão sexual feminina”, como apontado por Kempadoo (2005):

A pesquisa empírica sobre migração, prostituição e atividades em setores informais ou subterrâneos sublinha a relevância da perspectiva feminista tradicional ou da justiça social sobre o tráfico. Por exemplo, raramente se verifica de maneira sistemática que as mulheres sejam abduzidas ou seqüestradas, acorrentadas às camas em bordéis e mantidas como escravas sexuais ou de outro tipo (embora essa situação seja a que chega às manchetes). Ao contrário, o que as pesquisas mostram é que a coerção, extorsão, violência física, estupro, fraude e detenção têm lugar dentro de processos migratórios ou de recrutamento de trabalho e/ou em locais de trabalho no destino. A servidão por dívida e o trabalho contratado, mas forçado, são muito mais comuns que a escravidão. Formas contemporâneas de trabalho forçado na indústria do sexo, que inclui aspectos de consentimento e atuação em defesa do trabalhador são validadas por pesquisas que documentam a participação ativa das “vítimas” em migrações através de fronteiras – por exemplo, que mulheres e meninas tentam mudar para o exterior consciente e voluntariamente para melhorar suas vidas e as de suas famílias. O que essas mulheres muitas vezes não sabem, ou às vezes aceitam tacitamente, são os perigos das rotas subterrâneas que têm que usar para atravessar a fronteira, os

custos financeiros, o tipo de atividades, as condições de vida e de trabalho na chegada, o alto nível de dependência de um conjunto específico de recrutadores, agentes ou empregadores, os riscos de saúde, a duração do emprego, seu status criminoso no exterior, a violência e/ou períodos de detenção ou encarceramento que poderão ter que enfrentar. As pesquisas mostram que a maioria das “pessoas traficadas” expressam algum desejo de migrar e, por exemplo, em torno da metade das mulheres no trabalho sexual global parecem conscientes antes da migração de que estarão envolvidas em alguma forma de trabalho sexual. Também aparece que a criminalização da prostituição exacerba a violência que as mulheres migrantes experimentam nas mãos de recrutadores, contrabandistas, empregadores, polícia, funcionários da imigração ou carcereiros de centros de detenção, cadeias ou prisões, entre os quais o triplo estigma de criminosa, puta e imigrante promove intenso desrespeito e tratamento desumano. (KEMPADOO, 2005, p. 63).

Além do tráfico humano como já discutido, existe dentro deste mundo compartimentado, repleto de barreiras jurídicas, uma outra forma de migração forçada, representada pelos refugiados. Estes deixam seus países de origem devido o acontecimento de uma guerra, assim como migram devido divergências políticas.

Os refugiados de guerra são percebidos devido a movimentação populacional em massa que realizam, já os refugiados políticos, também reconhecidos como exilados políticos, migram individualmente ou em pequenos grupos.

George (1977) define os refugiados como sendo:

[...] pessoas que escolheram sair dos seus países, em certo momento, em virtude de restrições ou vexames considerados insuportáveis, e pediram asilo a um país de acolhida. É na verdade um fenômeno coletivo, mas sua manifestação pode ser brusca e ampla, como o êxodo em massa, ou ser escalonada num período de maior ou menor duração. O refugiado pode ser um estrangeiro que vive fora do seu país, cuja nacionalidade mantém durante mais ou menos tempo, ou ser um apátrida, privado da sua nacionalidade de origem e à espera de naturalização ou de restituição da sua nacionalidade, num contexto político diferente. A Admissão de refugiados em certo país está subordinada a uma política, que implica aplicação de uma regulamentação adequada e diversas medidas de integração econômica e social (GEORGE, 1977, p. 14).

Os refugiados passam a ser amparados juridicamente a partir de 1951, com a realização da “Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados”, que passa a definir o refugiado como sendo a pessoa que:

[...] temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele (CONVENÇÃO, 1951, p. 2).

Assegurados os direitos dos refugiados nenhuma Nação pode excluir ou reconduzir este sujeito, contra sua vontade, para outro lugar onde ele ou ela sofra algum tipo de represália ou perseguição (CONVENÇÃO, 1951), dessa forma, são exemplos do movimento populacional internacional forçado que aconteceram no século XX e XXI, mesmo antes do acontecimento da Convenção, os refugiados provenientes dos países que se tornaram socialistas com o surgimento da URSS, após a revolução Russa. Os poloneses, os tchecoslovaquos (atual República Tcheca), húngaros, romenos, lituanos, entre outros que durante o processo temiam pela vida e migraram para outros países.

Não se pode deixar de mencionar a população refugiada judia, visto que na Segunda Guerra Mundial milhares de judeus foram aprisionados e mortos em câmaras de gás, por isso os que puderam sair da Alemanha refugiaram-se em outros países, dispersaram-se pelo mundo. Muitos desses se adaptaram nos países receptores, outros após alguns anos retornaram quando foi criado o Estado de Israel (1947), neste momento também se intensificou o conflito religioso entre os Judeus e os Árabes. Consequentemente, com a guerra, os árabes que viviam na Palestina foram forçados a se refugiarem na faixa de Gaza ou em outros países do Oriente Médio.

Embates causadores de deslocamentos forçados não cessaram, pois nos últimos anos questões de ordem econômica, política, social e cultural cada vez mais e mais são responsáveis por conflitos que surgem no contexto mundial, como a Guerra entre Irã e Iraque (1980-88), a Guerra do Golfo (1990), a Guerra de Kosovo (1996-1999), o conflito entre a Índia e o Paquistão (2008). Sem contar

com as guerras na África em países como Ruanda (1990-1993) Congo (1996-1997 e 1998 – 2003), Serra Leoa (1991- 2002), Sudão (2011 – em andamento) entre outros. As guerrilhas nos países latino americanos principalmente na Colômbia também são evidenciadas. A ameaça constante de Guerra presente entre as duas Coreias. Líbia, Bahrein e Egito populações de países que se destacaram por lutarem contra sistemas autoritários.

Na Síria, como já mencionado anteriormente, ocorre um dos mais perturbadores conflitos da atualidade. Segundo dados da ONU (2015), existem aproximadamente quatro milhões de refugiados sírios que estão vivendo em países vizinhos como a Turquia, o Líbano, o Iraque e a Jordânia. A “perturbação demográfica” no Oriente Médio apresenta preocupação, pois como os países receptores poderão atender a números significativos de refugiados? Assim o deslocamento forçado de pessoas em busca de sobrevivência vai sendo definido tanto por conflitos internos como por conflitos externos nos países e estes movimentos causam nos países receptores problemas de diversas ordens.

Além dos refugiados de guerra existe outra categoria de migração forçada, caracterizada pelos sujeitos que são obrigados a deixar o país de origem por questões políticas, não deixam de ser refugiados também, no entanto são conhecidos como exilados. George (1977) chama-os de “deslocados”, definindo-os como:

[...] grupos de população escorraçados dos seus países de origem ou residência, em virtude de decisões políticas ou arbitragens internacionais. A sua admissão em certo país, bem como o seu afastamento, resulta de actos jurídicos que envolvem a responsabilidade dos Estados interessados. Mas pode ser modulada pela intervenção de organizações internacionais, que tomam a seu cargo o trânsito e distribuição de pessoas. (GEORGE, 1977, p. 13).

O Brasil durante o período da ditadura militar (1964-1985) exilou pessoas que se manifestavam contra os militares, esses sujeitos foram obrigados politicamente a deixarem o país, diferente do refugiado de guerra que por questões de sobrevivência deixam seus países. Estes exilados a princípio se fixaram no Uruguai e no Chile, mas conforme outras ditaduras foram se estabelecendo na América Latina, inclusive nesses dois países, os exilados políticos brasileiros foram obrigados a migrar para países da Europa, como a

Suécia, Portugal, Inglaterra e principalmente a França, assim como para países do bloco socialista, como a antiga União Soviética.

McIlwaine (2011) evidencia que a migração internacional de latino-americanos para Londres inicia-se justamente com a os exilados políticos, que não eram muitos, e que ocorreu até a década de 1970. Após os primeiros exilados, a Inglaterra, então, cria uma política específica para atender os migrantes colombianos, lhes fornecendo autorização de entrada para trabalhar.

### Migrações Permanentes

A migração permanente pode ocorrer de duas maneiras. A primeira relaciona-se com a tomada de decisão do sujeito de entrar no processo migratório de forma definitiva, ou seja, este já sai do seu país de origem com a definição de estabelecer sua vida no país de chegada, sem perspectiva de retorno, e para isso este sujeito necessita estar legalmente documentado. Beaujeu-Garnier (1971), neste sentido, expressa preocupação com a identidade cultural, pois:

[...] um rompimento completo com o país natal é um mergulho no centro de um ambiente inteiramente novo não se realiza sem dificuldades, pois ao afastamento acrescentam-se delicados problemas de assimilação... ao chegar enfrenta testes rigorosos. (BEAUJEU-GARNIER, 1971, p. 202).

A segunda forma de migração permanente relaciona-se com o paradoxo da legalidade/ilegalidade. O sujeito quando decide entrar no movimento migratório não tem a perspectiva de estabelecer toda sua vida fora do país natal, mas tem a perspectiva do retorno. No entanto, após alguns meses ou anos longe do país de origem percebe que aquilo que deixou não existe mais, as pessoas não são mais as mesmas, o lugar não é mais o mesmo, e o sujeito percebe-se dividido e opta por permanecer no país receptor. Faz parte deste grupo os migrantes temporários, forçados, os refugiados, os irregulares, enfim todos aqueles que tinham como objetivo inicial o retorno, mas que por decorrência do estar lá e cá e do não estar em lugar nenhum, no final, tenta se estabelecer no país receptor.

A partir das categorizações expostas, verificamos que tanto George (1977) como Beaujeu-Garnier (1971) e Martins (1986,1998) afunilam o

pensamento para demonstrar que é a perspectiva econômica o principal fator para a tomada de decisão do sujeito de se inserir no movimento migratório internacional. Desta forma, o migrante internacional entra no movimento para trabalhar exclusivamente, na expectativa de poder se reproduzir socialmente.

Observamos que as categorizações delineadas por Castles (2000, p. 270-271) às vezes se aproximam e às vezes se distanciam das categorizações de Garnier-Beaujeur (1971), George (1977) e Martins (1986, 1998):

#### Migrantes trabalhadores temporários

Também conhecidos como “guest-workers” ou “overseas contract workers”, homens e mulheres que migram por um período limitado (de poucos meses a muitos anos) para ter um emprego e mandar dinheiro para casa.

#### Migrantes de alta qualificação e de negócios

Pessoas com qualificação, como gerentes, executivos, profissionais, técnicos ou similar, que se deslocam dentro dos mercados de trabalho internos das corporações transnacionais e organizações internacionais, ou que procuram emprego através do mercado internacional do trabalho. Muitos países os recebem com prazer e possuem programas especiais para encorajar os migrantes de negócios e qualificados para se estabelecerem.

#### Migrantes Irregulares

Também conhecidos como não documentados ou ilegais. São pessoas que entram no país, normalmente procurando emprego, sem os documentos e permissões necessários para tanto. Muitos fluxos de migrantes trabalhadores não são documentados e ocorrem graças a tácita permissão do controle migratório de alguns países em resposta às demandas do mercado de trabalho, sem custos sociais ou medidas para a proteção dos migrantes.

#### Refugiados

De acordo com a Convenção das Nações Unidas de 1951 relacionada com o estado dos Refugiados, tem-se que um refugiado é a pessoa que reside fora do seu país natal e que não é permitido ou que se recusa retornar por causa ‘do temor de perseguição por motivo de raça, religião, nacionalidade, membro particular de um grupo, ou opinião política’. Signatários da Convenção comprometeram-se a proteger os refugiados, permitindo-lhes entrar com concessão temporária ou estatuto de residência permanente.

#### Requerentes de asilo

Pessoas que se movimentam pelas fronteiras procurando proteção, mas que talvez não se enquadrem no critério estrito descrito pela Convenção de 1951. Em muitas situações de conflitos em países menos desenvolvidos é difícil diferenciar entre fuga por motivos pessoais e saídas causadas pela destruição da infraestrutura econômica e social necessária para sobrevivência. Tanto as motivações econômicas quanto as

políticas estão juntas para a generalização e persistente violência que pessoas enquadradas neste grupo recebem e são resultado do rápido processo de colonização e globalização gerenciados pelos países desenvolvidos.

#### Migrante Forçado

Numa ampla percepção, esta categoria não inclui somente refugiados e requerentes de asilo, mas também pessoas que são forçadas a se mudar por catástrofes ambientais ou projetos desenvolvimentistas (como novas fábricas, rodovias ou represas/barragens).

#### Membros de família

Também conhecido como reunião familiar ou reunificação familiar dos migrantes. Esta categoria se refere a migração que une pessoas que já haviam entrado nos países de imigração sob uma das categorias acima. Muitos países, incluindo Estados Unidos, Canadá, Austrália e muitos Estados membros da União Europeia reconhecem o princípio (lei) do direito da reunião familiar por imigrantes legais. Outros países, especialmente aqueles com sistema laboral de contratos negam o direito de reunião familiar.

#### Migrantes retornados

Pessoas que retornam para seus países originários depois de um período no país receptor. Migrantes retornados são frequentemente observados favoravelmente como aqueles que trazem o capital, trazem habilidades e experiências proveitosas para o desenvolvimento econômico. Muitos países têm planos ou programas para o uso deste “desenvolvimento em potencial”. No entanto, alguns governos veem os retornados como suspeitos, visto que talvez possam atuar como agentes de mudança cultural ou política (CASTLES, 2000, p. 173, tradução nossa)<sup>34</sup>.

---

<sup>34</sup> Temporary labour migrants: (also known as guest-workers or overseas contract workers): men and women who migrate for a limited period (from a few months to several years) in order to take up employment and send Money home (remittances).

Highly skilled and business migrants: people with qualifications as managers, executives, professionals, technicians or similar, who move within the internal labour markets of transnational corporations and international organisations, or who seek employment through international labour markets for scarce skills. Many countries welcome such migrants and have special 'skilled and business migration' programmes to encourage them to come.

Irregular migrants (also known as undocumented or illegal migrants): people who enter a country, usually in search of employment, without the necessary documents and permits. Many labour migrations flows consist predominantly of undocumented migrants. In some cases, immigrations countries tacitly permit such migration since it allows mobilization of labour in response to employer demands without social costs or measures for protection of migrants.

Refugees: according to the 1951 United Nations Convention relating to the Status of Refugees, a refugee is a person residing outside his or her country of nationality, who is unable or unwilling to return because of a 'well-founded fear of persecution on account of race, religion, nationality, membership in a particular social group, or political opinion'. Signatories to the Convention undertake to protect refugees by allowing them to enter and granting temporary or permanent residence status [...].

Asylum-seekers: people who move across borders in search of protection, but who may not fulfil the strict criteria laid down by the 1951 Convention. In many contemporary conflict situations in less developed countries it is difficult to distinguish between flight because of personal persecution and departure caused by destruction of the economic and social infrastructure needed for survival. Both political and economic motivations for migration are linked to the

Em relação aos migrantes estudantes, Macilwaine (2013) evidencia que este tipo de migração é intensa na Europa. Muitos destes migrantes além da atividade estudantil, também realizam atividades laborais. Saliencia-se que existem casos de requerentes de visto de estudante, que utilizam este status migratório como artimanha de entrada no país, pois a intenção é a realização de atividades laborais. Assim, existem basicamente três variações de migrantes estudantes: o migrante que realmente migra apenas para estudar; o migrante que migra para estudar e trabalhar; e o migrante que migra com visto de estudante, mas não estuda na prática, apenas trabalha.

Apesar de Castles (2000) expor estas tipologias, para ele não existe “nada muito objetivo a este respeito e as categorias são resultado das políticas estatais<sup>35</sup>”. Assim corrobora-se com King (2012) quando ele afirma que existem três grandes núcleos que dominam os estudos migratórios, “os migrantes temporários, os migrantes das ex-colônias, e os refugiados”; considera-se nesta pesquisa que os migrantes das ex-colônias são os permanentes. King (2012) se aproxima da perspectiva de Beaujeu-Garnier (1971), George (1977) e Martins (1986, 1998), que analisam o fenômeno migratório classificando-o em: migração temporária, forçada e definitiva.

Se pensarmos na perspectiva dos núcleos dos estudos migratórios (KING, 2012) em relação à perspectiva das categorizações do sujeito realizada por Castles (2000), vemos que os migrantes de alta qualificação, os irregulares,

---

generalized and persistent violence that has resulted from rapid processes of de-colonisation and globalization under conditions determined by developed countries (Zolberg, *et al.* 1989).

Forced migration: in a broader sense, this includes not only refugees and asylum-seekers but also people forced to move by environmental catastrophes or development projects (such as new factories, roads or dams).

Family members (also known as family reunion or family reunification migrants): migration to join people who have already entered an immigration country under one of the above categories. Many countries, including the USA, Canada, Australia and most European Union (EU) member states recognize in principle the right to family reunion for legal immigrants. Other countries especially those with contract labour systems, deny the right to family reunion. In such cases, family members may enter illegally.

Return migrants: people who return to their countries of origin after a period in another country. Return migrants are often looked on favourably as they may bring with them capital, skills and experience useful for economic development. Many countries have special schemes to make use of this 'development potential'. However, some governments view returnees with suspicion since they may act as agents of cultural or political change.

<sup>35</sup> [...] the fact that there is nothing objective [...] about definitions of migration: they are the results of state policies [...]. Op. cit, p. 173.

os estudantes (CASTLES, 2000) se qualificariam na migração temporária (KING), já os requerentes de asilo, os refugiados (CASTLES, 2000) se qualificaram na migração forçada (KING, 2012) de modo geral, e os membros de família (CASTLES, 2000) se qualificariam na migração permanente (KING, 2012).

Contudo, existe um grande obstáculo entre as tipologias apresentadas e a diversidade de experiências migratórias que existem atualmente, que pode ser evidenciado, por exemplo, pelas motivações que levaram as trabalhadoras brasileiras a migrarem para Londres (capítulo 4). Nota-se que o status do migrante é móvel, ora ele pode ser temporário ora ele pode ser permanente, o estudante pode tornar-se irregular se o visto vencer e ele permanecer no país, ou este estudante pode se tornar um (a) cidadão do país se contrair matrimônio com alguma pessoa do país, ou ainda uma trabalhadora que entra no país com um visto de trabalho e o visto vai se renovando até ela adquirir o visto permanente, ou o trabalhador brilhante que tem um contrato de trabalho e este pode ser renovado ou não, se não for renovado este torna-se um migrante retornado. São múltiplas as situações que não se moldam com a perspectiva de Castles (2000).

Para King, (2012, p.9), se faz necessário incorporar aos estudos migratórios as “mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais no percurso do migrante, incorporar o acesso à mobilidade, o fator de classe e desigualdade, e a relevância do contexto emocional das dimensões da migração”. Assim, as classificações apresentadas por Castles (2000) podem ser úteis para o “controle do Estado-Nação” (CASTLES, 2000), na entrada deste migrante no país, uma vez que para ele o sujeito migrante é considerado um problema econômico e político, não considerando assim outras dimensões sociais.

Dessa maneira, não consideramos que necessariamente estas tipologias correspondam com a realidade efetivamente existente. Os tipos se confundem e se sobrepõem, não sendo possível encaixar a dinamicidade migratória numa abordagem tão esquemática, portanto, como veremos no decorrer do trabalho, as tipologias não abarcam a complexidade do fenômeno migratório.

Assegura-se então, a partir das perspectivas apontadas por Vainer (2005), Poulantzas (2000) e George (1977) que o Estado-Nação exerce uma

função fundamental no fenômeno migratório internacional, pois ele é o monopolizador das leis, das regras, portanto é um dos geradores da violência que faz parte da vida cotidiana do migrante, assim como é o controlador da mão-de-obra, considerando a força do trabalho enquanto mercadoria. Mas, mesmo assim, os migrantes buscam na migração a sua inclusão na sociedade capitalista, ainda que esta aconteça de forma marginal, portanto, a única certeza que o migrante tem é a incerteza do que irá acontecer na sua vida.

Entendemos que a compreensão da migração humana é relevante para os estudos geográficos, pois o ser humano é o principal transformador do espaço geográfico. Assim, compreender ou, pelo menos, ajudar na compreensão destas mudanças, poderá contribuir para o cotidiano do sujeito migrante.

Observamos que com o crescimento da migração internacional formam-se novos arranjos espaciais, em que existem várias características que se instauram por toda parte e que influenciam direta ou indiretamente a vida dos sujeitos. Como um dos resultados desses arranjos, encontra-se a comunidade brasileira em Londres, que é o foco deste estudo.

Com a intenção de compreender como a população brasileira residente em Londres contribui para a formação desses arranjos espaciais, é necessário conhecê-la. Porém, antes de conhecer especificamente a realidade entre Brasil e Londres, focalizamos a seguir a mobilidade espacial de brasileiros para o mundo, e as possíveis razões da intensificação da saída dos brasileiros do país.

### **Capítulo 3 - A ESPACIALIDADE DA MIGRAÇÃO INTERNACIONAL DE BRASILEIROS**

Apresentamos neste capítulo três objetivos. Realizamos no primeiro uma breve discussão de como se intensifica o movimento migratório internacional no Brasil. Neste sentido, como o foco da nossa pesquisa é a migração internacional veremos que a intensificação da emissão dos sujeitos para outros países ocorreu especialmente a partir da segunda metade dos anos 1980.

O segundo objetivo é identificar a população brasileira na Europa e especificamente em Londres. Para isso utilizamos as informações provenientes do Ministério das Relações Exteriores (2008, 2009, 2010, 2011 e 2012) que nos permitiu identificar algumas situações. A primeira infere que do ano de 2008 até o ano de 2011 a Inglaterra foi o país na Europa que mais recebeu migrantes brasileiros e que estes fixaram-se principalmente na cidade de Londres, no entanto, de 2011 a 2012 evidenciamos uma regressão neste número que vai de 180.000 para 118.000.

Em relação ao terceiro objetivo desse capítulo iremos apresentar as informações sobre a comunidade brasileira existente em Londres. Para tanto utilizamos os dados provenientes das pesquisas realizadas por Evans (2010) e Evans et al (2011). Salientamos que alguns dados da pesquisa realizada no ano de 2010, quando possível, são agrupados com os dados da pesquisa realizada em 2011.

O levantamento realizado, neste capítulo, nos auxilia a compreender um pouco mais sobre o movimento migratório internacional entre Brasil e a Inglaterra, demonstrando assim: os estados e municípios da saída destes sujeitos, os distritos em que eles vivem em Londres, as características demográficas destes sujeitos, os principais fatores de migração, as possibilidades de permanência no Reino Unido, o trabalho realizado pelos brasileiros, a condição salarial e a carga horária semanal. Assim, podemos afirmar que existe uma comunidade migrante de brasileiros em Londres expressiva.

Historicamente, o Brasil sempre foi reconhecido como um país receptor de migrantes, principalmente a partir do final do século XIX e início do século XX.

Merecem destaque os fluxos de portugueses, italianos, espanhóis, japoneses, alemães, africanos (escravos), sírios e libaneses. Estes povos de diferentes nações contribuíram para a configuração da nação brasileira.

A chegada massiva dos imigrantes (final do século XIX) teve o apoio de uma política migratória, pois com a abolição da escravatura (1888) era necessário substituir a mão-de-obra escrava. No entanto, a chegada desses imigrantes representava a efetivação da ideologia do branqueamento da população brasileira e o isolamento social da população negra, portanto, sua exclusão. Receber os fluxos de imigrantes significava para o estado brasileiro não apenas a substituição de mão-de-obra e o desenvolvimento econômico, mas também constituir uma política de “branqueamento” da população.

Não se pode deixar de levar em consideração neste contexto dos fluxos migratórios direcionados para o Brasil, que os conflitos bélicos (primeira e segunda guerra mundial – século XX) também contribuíram nesta movimentação migratória.

Durante o período de desenvolvimento da urbanização e industrialização brasileira, especificamente na segunda metade do século XX, também não constatamos a saída massiva de brasileiros para os outros lugares do mundo. O Brasil era, expressivamente, um país receptor de imigrantes (SALES, 1999).

É apenas a partir do final dos anos 80, início dos anos 1990 que se inicia no Brasil o processo inverso, o de emissão de migrantes brasileiros promovendo “uma mudança nos padrões migratórios” (BOMTEMPO e SPOSITO, 2010). O Brasil, por exemplo, passou de um país de imigração para um país de emigração” (VALENTINI, 2005, p. 10). Intensifica-se a migração internacional do Brasil para o mundo, um novo fenômeno populacional, definido, portanto, pela saída de brasileiros para outros países. Este movimento populacional caracterizou-se como:

[...] uma grande novidade para o seu corpo social que não havia sido registrada em nenhum outro momento anterior: o fenômeno da emigração brasileira. Pela primeira vez na história do Brasil, verifica-se um processo inédito de saída da população brasileira em direção a outros países do chamado Primeiro Mundo. Este processo, em grande parte, “assustou” a sociedade brasileira, porque, além de inédito, resultou num movimento emigratório que começou de forma sutil, e que foi aos poucos tomando

amplas proporções em determinados setores mais ou menos específicos (OLIVEIRA, 1997, p. 61).

Para a compreensão desta mudança efetiva, Sales (1999) faz referência a um possível fluxo de 3000 brasileiros que migraram durante o governo militar:

Houve um surto de brasileiros durante os anos mais repressivos dos governos militares, que pode ser caracterizado como migração de refugiados, porém de pequena expressão numérica – menos de 3.000 refugiados políticos saíram do país nesse período, grande parte retornou ao Brasil após a Anistia (SALES, 1999, p. 13).

Segundo as pesquisas realizadas por Sales (1999), encontrou-se no “Caderno Especial da *Folha de São Paulo* de 18-07-91” (SALES, 1999, p. 17), o valor aproximado de “1,25 milhão” de brasileiros que haviam deixado o país entre os anos de “1985 e 1987”, a autora designa este aumento do número de saída de brasileiros para outros países de “corrente migratória”.

Percebemos que o fluxo migratório de brasileiros para outros países se intensifica, configurado principalmente pela conexão com as redes sociais e pelo direcionamento espacial dos fluxos, pois não se migrava para qualquer lugar. Os principais países de destino dos brasileiros neste período foram os “Estados Unidos (38%), seguido do Paraguai (30%), Japão (13%) e de vários países da Europa, que no conjunto representavam cerca de 11%<sup>36</sup>” (Sales, 1999, p. 16).

Interessante destacar que Beaujeu–Garnier (1971), George (1977), o Ministério das Relações Exteriores (2008) e Sales (1999) já chamavam a atenção para a questão da imprecisão dos dados estatísticos, como vimos no capítulo 2. Assim, Sales (1999, p. 15) julga que: “mesmo com a imprecisão das estimativas, há certa convergência delas que induzem à suposição de que a leva de brasileiros imigrantes em outros países (...) representa um montante em torno de 1% da população brasileira”.

A falta de precisão em relação a migração internacional é justificada, nas décadas de 1980 e 1990, pela falta de dados e de sua coleta sistemática, por

---

<sup>36</sup> Salientamos que, apesar da intensificação dos fluxos migratórios terem ocorrido de maneira direcionada, ela também aconteceu de forma diferenciada. A migração para o Paraguai, por exemplo, se iniciou com a construção da Usina de Itaipu e com o processo de esgotamento da possibilidade de reprodução do campesinato no Sul do Brasil. A migração para os Estados Unidos e para Europa nos parece que está relacionada com a efetivação da estrutura urbana, então é o urbano que migra, são as pessoas das cidades que migram.

isso os estudiosos deste fenômeno trabalhavam com estimativas. No entanto, isso ainda ocorre, pois mesmo com o desenvolvimento tecnológico o Ministério das Relações Exteriores Brasileiro trabalha com números estimados. E as informações numéricas provenientes do IBGE, relacionados com a migração internacional, iniciam-se apenas nos anos 2000 de forma incipiente<sup>37</sup>.

Apesar da imprecisão dos dados estatísticos apresentados, encontra-se a representação do sujeito migrante e as possíveis razões pelas quais estes brasileiros migram e passam a fazer parte do movimento migratório internacional.

### **3.1 A intensificação da migração internacional de brasileiros**

Impossível dissociar a dinâmica migratória da periodização histórica, mesmo porque se acompanha o pensamento de que o espaço geográfico existe a partir dos resultados e das condições estabelecidas pela sociedade. Desta forma, faz-se necessário destacar em que momento socioeconômico brasileiro intensifica-se a mobilidade espacial de sua população para outros países, mobilidade esta capaz de criar no país um novo fenômeno populacional até então desconhecido, nunca vivido anteriormente, como já apontado por Sales, e que resultou das relações sociais estabelecidas pelas redes de contato.

Estudiosos do movimento migratório internacional apontam que o fluxo migratório de brasileiros para outros países impulsionou-se a partir da metade da década de 1980, como destaca Oliveira (1997, p.55) “ninguém define a data exata, mas todos concordam que o nosso “ponto de inversão” na história das migrações internacionais começa em algum momento da década de 80, precisamente entre os anos de 1984 a 1987”, e este fluxo migratório direciona-se para várias áreas do mundo. Inferimos ainda que é um período de crise econômica no país.

---

<sup>37</sup> O IBGE inseriu no Censo Demográfico questões referentes ao fenômeno da migração internacional, tendo como resultado um total de **51.955** pessoas que trabalhavam ou estudavam fora do país, sendo que destas **49.766** eram provenientes de áreas urbanas e **2.189** eram provenientes da área rural. Deste total as faixas etárias com maior representatividade respectivamente foram de 20-24 anos com **10.171 e 591**. De 25 - 29 anos com **7.793 e 398**. E de 30-34 anos com **5.922 e 264**. Observa-se desta forma que são os mais jovens os principais representantes de migrantes internacionais brasileiros.

Este período compreende dois momentos fundamentais na história do Brasil: o fim da ditadura militar (1985) que deixou marcas profundas na população brasileira; o início do processo de democratização do país com o movimento “Diretas Já”; e a definição do processo urbano industrial. A década de 1980 é comumente conhecida como “a década perdida” devido a estagnação econômica e social que assolou o país. Aponta-se que foi no final dos anos 1970, após o fim do “milagre econômico”, que se iniciou a referida crise econômica, mais precisamente em 1979 com o segundo choque do petróleo, e com o aumento da taxa de juros internacional.

Carneiro (2002, p. 179) considera que, “nos anos 80, explicita-se na sua inteireza o desequilíbrio do setor público por meio da crise do seu padrão de financiamento”, que acabou gerando instabilidade econômica e social no país, tornando-se impossível o estado de bem-estar social para a população, já que ocorreu o crescimento da dívida externa. Ao mesmo tempo que este período é marcado pelo não desenvolvimento econômico, pela hiperinflação, sendo também marcado pelo desemprego (CARNEIRO, 2002).

Em virtude desse endividamento começa a desilusão da população que acreditava na possibilidade de estabilidade econômica e social no país, enfim acreditava-se em perspectivas promissoras, como destaca Sales (1995):

A chamada década perdida foi na verdade muito mais do que uma época de recessão econômica. Nela a sociedade brasileira se mobilizou e criou esperanças. O país se redemocratizou, segmentos da sociedade se organizaram politicamente, partidos e movimentos sociais foram criados, o povo foi às ruas para exigir eleições diretas para presidente, voltamos a exercer o direito do voto para eleger o presidente do Brasil. A inflação, o desemprego e a recessão não vieram sozinhos, mas junto com muitas perspectivas promissoras e até o vislumbre de saídas com o Plano Cruzado ou com as promessas políticas que se renovavam a cada eleição e a cada fator de mobilização popular. O fator político teve, portanto, um peso na balança dessas migrações internacionais brasileiras, se considerarmos as esperanças e *frustrações* dos primeiros anos de nossa redemocratização. (SALES, 1995, p. 129).

O quadro nacional era de instabilidade econômica nos anos 80, pois ocorreram nas áreas de telecomunicação, siderurgia e de energia elétrica expressiva diferença e/ou defasagem de preços que, somados aos elevados custos financeiros originários do endividamento externo precedente, ocasionou

naquele momento transferências crescentes do Tesouro, auxiliando assim a deterioração das finanças públicas, levando o governo ao caminho do ajuste fiscal (CARNEIRO, 2002, p. 185) ou seja, foram cortados gastos generalizados, que atingiram cerca de 50% dos investimentos, 33,4% dos custeios, cortes destinados ao pessoal e também aos investimentos das empresas estatais.

Dessa forma, ocorreu a maxidesvalorização cambial que desequilibrou a capacidade de pagamento do Estado, em razão dos encargos da dívida externa. Deste modo, a “nova característica do processo inflacionário, após o ajuste externo, decorre da flexibilização das margens de lucro das empresas em razão da instabilidade dos preços macroeconômicos” (CARNEIRO, 2002, p.210).

A aceleração da inflação ocorreu pela instabilidade de preços macroeconômicos, como já citado, como também ocorreu pela antecipação aos prováveis congelamentos de preços. A antecipação do aumento dos preços era uma tática adotada pelas empresas para “evitar que fossem pegas com preços defasados” (CARNEIRO, 2002, p.217), desta forma todos os dias havia uma infinidade de produtos com maiores preços.

Para Carneiro (2002, p.223), neste período “a economia brasileira foi vítima de uma das maiores recessões da sua história contemporânea”. A inflação em “1988 chega a 685% e em 1989 chega a 1320%” (SALES, 1999, p. 32), valores impensáveis no contexto brasileiro atual.

A crise econômica da década de 80 foi, de acordo com Sales (1999), determinante para o início da migração de brasileiros para outros países. A autora associa os períodos de maior saída de brasileiros com a periodização da crise dos anos 80 - Plano Cruzado I, Plano Cruzado II, Plano Verão, Plano Bresser. Em sua pesquisa, constata com clareza os motivos da decisão do sujeito de migrar: “a desilusão com o Brasil da inflação e dos baixos salários” (SALES, 1999, p. 32). Além de revelar também o que chamou de “*triênio da desilusão*” (SALES, 1999, p. 32), destacado pelos três últimos anos da década, “de ascensão e queda de pelo menos três planos econômicos” (SALES, 1999, p. 32), sendo que o Plano Cruzado foi considerado o pivô deste sentimento, “por ter sido maior a esperança depositada em um novo governo, uma nova república, uma nova democracia. Isto posto o ano de 1987, representa o maior fluxo de saída do país dos valadarenses”.

Particularmente, Bomtempo e Sposito (2010, p.72) destacam que os Japoneses e seus descendentes (com dupla nacionalidade), iniciam o movimento migratório para o Japão devido “ao quadro de instabilidade econômica e política que perdurava no Brasil na década de 1980 e início dos anos 1990, muitos brasileiros “deixaram para trás” seu lugar de origem, seus familiares, amigos, sua própria identidade” para vender a “força de trabalho onde o capital necessitava”. Claro que vender a força de trabalho migrante significa a sujeição a “trabalhos que exigem baixa qualificação” (BOMTEMPO e SPOSITO, 2010, p. 72), recordando o sujeito sujeitado de Heidemann (2003).

Oliveira (1997) apresenta fundamentalmente a recessão econômica dos anos 80 como a responsável pelo início do movimento migratório internacional no Brasil, principalmente devido a desilusão econômica vivida pelo país. Ela ressalta que:

Passados os anos 70, onde as perspectivas econômicas estavam em alta, relativas à expansão do “milagre econômico”, um contexto social inimaginável para os padrões daquela época começava a surgir no Brasil. Os anos 80 deste século, para o Brasil, amargaram uma grande recessão econômica e uma frustração e desilusão generalizada por parte da população brasileira que via, após o tão esperado período de abertura democrática, suas condições de vida declinarem sensivelmente, dia após dia. As expectativas sucessivamente frustradas de resolução do problema inflacionário, que chegou a níveis insuportáveis em determinados períodos críticos, somadas a uma série de derrotas das condições sociais que tornaram-se para alguns setores populacionais, absolutamente degradantes (basta ver os números de aumento da miséria brasileira neste período) foram gerando, pouco a pouco, um clima de pessimismo generalizado dentro da sociedade brasileira (OLIVEIRA, 1997, p. 56).

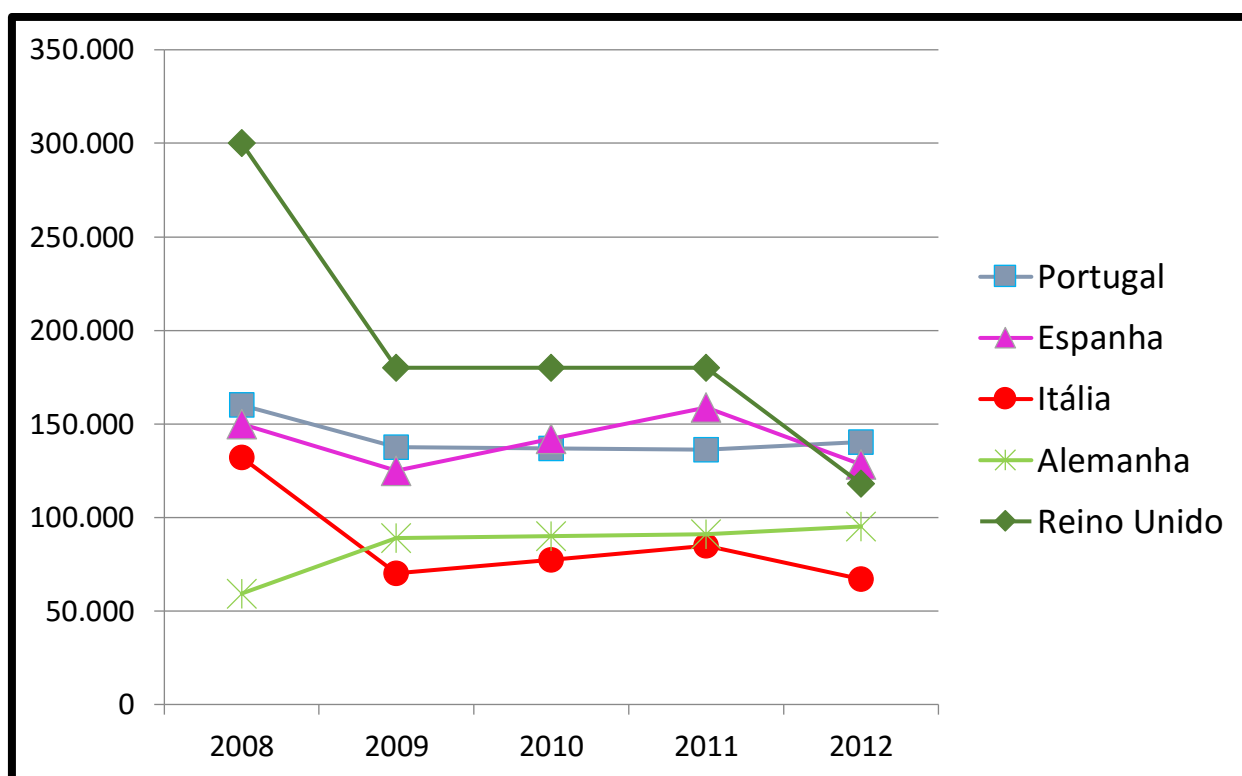
Este clima de pessimismo foi aumentando e com a entrada do governo Collor, se dá o chamado “boom” de dekasseguis (OLIVEIRA, 1997, p. 56), comprovando que “a situação política e econômica daquele momento no Brasil” (OLIVEIRA, 1997, p. 56) teve grande influência na decisão do sujeito fazer parte deste fluxo significativo de saída de brasileiros rumo ao Japão.

Considerado o contexto da década de 1980, definida pela instabilidade econômica e recessão, nos anos de 1990 intensifica-se o movimento migratório de brasileiros para o mundo e a Europa (Portugal e Espanha inicialmente) representa um dos destinos dos brasileiros, desde então. Mas, ainda, essa

década (1990) se mostrará com pontos médios e baixos de migração, sendo que apenas nos anos já da década seguinte (2000...), ter-se-á um expressivo aumento na migração de mulheres brasileiras para Londres (como demonstraremos no capítulo 4). Para, em seguida, a partir de 2008, a migração apresentar tendência de queda ou, pelo menos, de estabilidade.

Apresentamos, no gráfico 2, um panorama dos países europeus (Portugal, Espanha, Itália, Alemanha e Reino Unido) que possuíam contingente populacional brasileiro significativo no período de 2008-2012.

*Gráfico 2 - Estimativa da população brasileira nos países da Europa com maiores contingentes populacionais (mil) (2008-2012)*



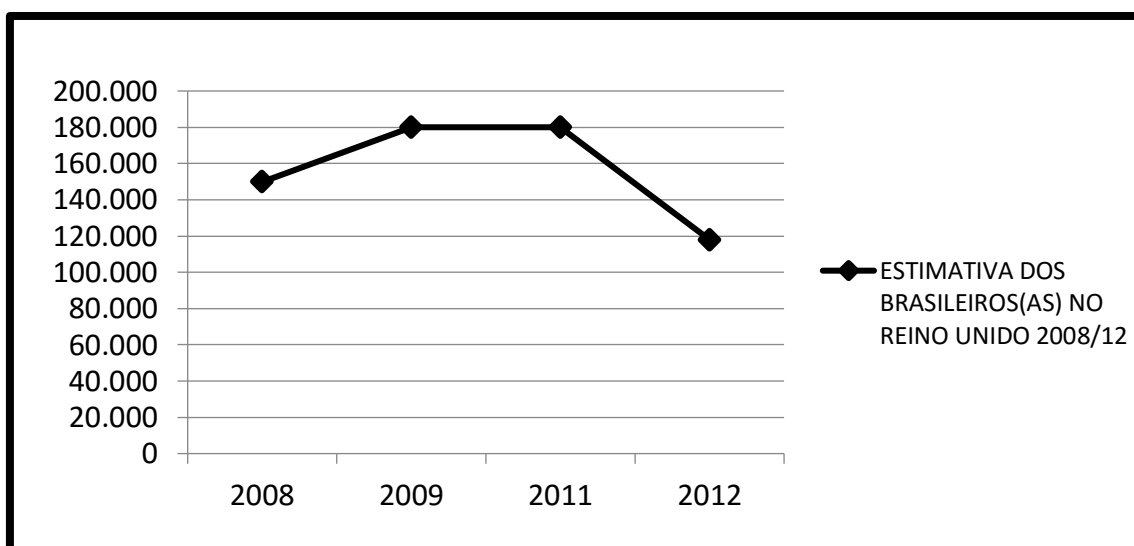
Fonte: Ministério das Relações Exteriores, 2013. Org.: Ana Paula Archanjo Batarce

Observamos no gráfico 2 que, em 2008, o Reino Unido destacou-se por apresentar maior número de imigrantes brasileiros do que em Portugal, Espanha, Itália e Alemanha, no entanto, segundo as estimativas, no ano seguinte ocorre uma queda relativamente brusca deste número que vai de 300.000 brasileiros aproximadamente para 180.000 brasileiros no Reino Unido, nos

outros países também ocorre pequena queda da participação dos imigrantes brasileiros, menos na Alemanha, que apresenta aumento desta população.

Ressaltamos que os dados do ano de 2008 provenientes do Ministério das Relações Exteriores não são padronizados, eles passam a ser padronizados a partir das estimativas realizadas no ano de 2009. Isto posto, observamos no gráfico 2 a incongruência dos dados da presença de brasileiros no Reino Unido, pois encontramos duas fontes de dados no ano de 2008, uma pautada em informações não oficiais (300.000 brasileiros) e a outra pautada apenas nos números oficiais (gráfico 3) provenientes das embaixadas e dos consulados brasileiros. Optamos nessa pesquisa por utilizar os números oficiais.

*Gráfico 3 - Estimativa da presença de brasileiros(as) (mil) no Reino Unido 2008-2012*



Fonte: Ministério das Relações Exteriores, 2013. Org.: Ana Paula A. Batarce

A tendência do Reino Unido em apresentar as maiores estimativas até 2011, demonstra justamente que foi o principal destino de chegada dos brasileiros na Europa, especificamente na Inglaterra. Os dados apresentados pelo Departamento de Geografia da Universidade de Londres, em 2007, também demonstram esta situação, apontando que existiam entre 130 mil a 160 mil brasileiros em Londres, tornando a capital inglesa a principal cidade receptora destes imigrantes.

Desta forma, no gráfico 3, observamos que no ano de 2008 existiam cerca de 150.000 brasileiros vivendo no Reino Unido. Nos anos de 2009 e 2011 este contingente populacional atingiu aproximadamente o número de 180.000 brasileiros e no último levantamento em 2012 ocorreu uma queda para 118.000 brasileiros. Lembrando que a maioria destes imigrantes brasileiros viviam na capital londrina.

Esta queda da presença brasileira na Inglaterra pode estar relacionada com as mudanças na política migratória inglesa, assim como pode ser reflexo da crise europeia que se iniciou em 2008, ou ainda pode ser reflexo da estabilidade econômica que se instaurou no Brasil (retorno de migrantes). As pesquisas realizadas até então trazem algumas características demográficas, socioeconômicas e de estilo de vida dos brasileiros que se encontram em Londres. As informações oficiais encontradas são provenientes do Ministério das Relações Exteriores, produzidas em seus consulados e embaixadas.

Observamos que o movimento migratório de brasileiros para Europa, segundo Povia Neto (2010), se intensifica a partir da década de noventa, representando um campo novo de pesquisas. Países como Portugal e Espanha ratificam, por meio de pesquisas realizadas, significativa presença de brasileiros. Na Inglaterra pesquisadores iniciam os trabalhos sobre a presença de brasileiros (as) na capital, motivados pelo trágico evento ocorrido em 2005.

A morte de um imigrante brasileiro confundido com um possível terrorista, assassinado pela polícia londrina, despertou a atenção para a evidência da presença de uma significativa comunidade, pouco reconhecida, marcada pela irregularidade (POVOA NETO, 2010, p. 5).

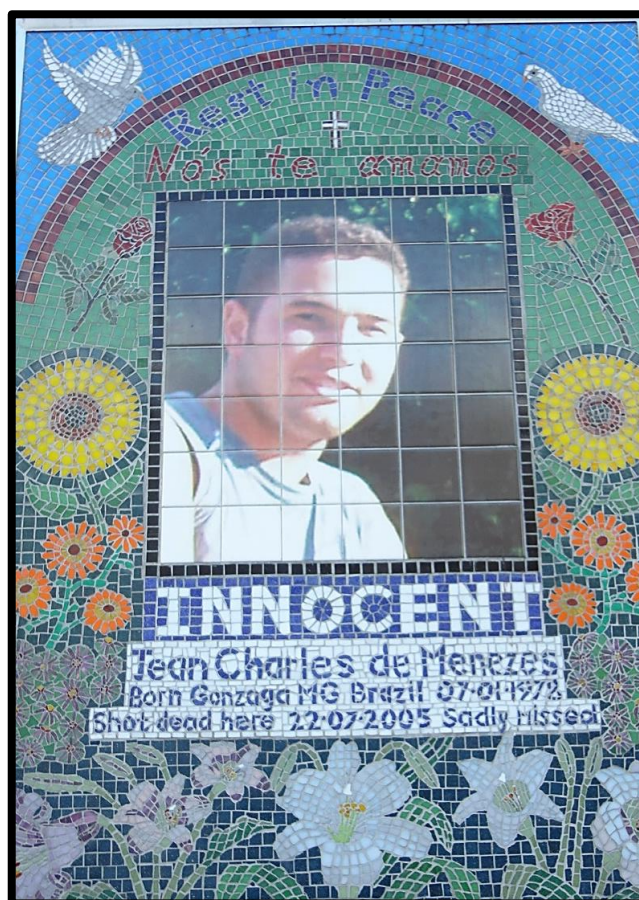
A morte de Jean Charles de Menezes foi tão marcante para a sociedade inglesa e para a comunidade brasileira de Londres, além de seus próximos, obviamente, que se criou na estação de metrô de “Stockwell”, local da morte do brasileiro, um santuário (fotografias 7 e 8).

Fotografia 7 - Entrada da estação de "Stockwell" (Londres)



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

Fotografia 8 - Santuário de Jean Charles de Menezes na estação de "Stockwell" (Londres)



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

A morte de Jean Charles evidencia a necessidade de identificarmos essa população brasileira que vive em Londres, justamente para conhecê-la e para demonstrar como as relações humanas modificam o contexto espacial, neste caso como as identidades brasileiras representadas pelos migrantes modificam determinadas porções do espaço londrino. Isto posto, iremos conhecer uma das primeiras pesquisas quantitativas sobre brasileiros em Londres elaborada por Evans (2010) e por Evans et al (2011).

### **3.2 A comunidade brasileira em Londres**

Uma das primeiras pesquisas quantitativas sobre brasileiros em Londres foi realizada por Yara Evans no ano de 2006. Ela utilizou para isso um levantamento por questionários, com:

[...] perguntas abertas e fechadas sobre aspectos demográficos, econômicos, bem como razões para a vinda a Londres, aspirações e perspectivas para o futuro, foi distribuído a brasileiros que frequentaram duas igrejas em Londres (católica e pentecostal) durante os meses de setembro e outubro de 2006. Um total de 423 questionários foram respondidos. Até onde se sabe, essa foi a primeira vez que se realizou um estudo para obter dados quantitativos sobre brasileiros em Londres. Considerando os métodos de obtenção da amostragem, e também seu limitado número, não se pode afirmar que os resultados são representativos da comunidade brasileira como um todo. Mesmo assim, acredita-se que os mesmos refletem a situação de muitos dos brasileiros que atualmente residem e trabalham em Londres. (EVANS, 2010, p. 11).

No ano de 2011 publicou-se um segundo levantamento quantitativo, organizado também por Evans e pelos integrantes do GEB (Grupo de Estudos de Brasileiros em Londres), nesta amostragem aplicaram-se 553 questionários.

Em nosso trabalho realizamos um novo levantamento quantitativo, foram utilizados 214 questionários, direcionados a mulheres brasileiras. As mulheres que participaram desta pesquisa eram migrantes que estavam há pelo menos um ano em Londres e eram trabalhadoras.

Os resultados dessas pesquisas possibilitaram a elaboração de informações pertinentes sobre a comunidade brasileira. Assim, tanto os dados demográficos fornecidos por Evans (2010, et al 2011), quanto os dados dessa

pesquisa que focalizou as particularidades da mulher brasileira, colaboraram para o aprofundamento do conhecimento dessa população.

Pautado nas informações dos trabalhos de Evans (2010), e Evans et al (2011), portanto, da aglutinação de alguns dados resultantes de sua pesquisa, iniciamos a caracterização da presença da população brasileira em Londres. Assevera-se, primeiramente, a discussão sobre os locais de saída dessa população, em seguida os locais em que se encontram em Londres e, então, apresentamos os dados demográficos existentes sobre a comunidade brasileira.

### **3.2.1 O movimento de saída**

A partir da pesquisa de Evans et al. (2011) foi possível identificar a origem do migrante brasileiro que se encontra em Londres, revelando o local de saída deste sujeito no Brasil (cartograma 5). Segundo Evans et al. (2011, p.10) os Estados brasileiros que se destacam com o maior número de saída dos imigrantes são: São Paulo (32,7%); Minas Gerais (13,6); e Paraná (13,3). O estado de São Paulo representa quase um terço do total analisado, representando mais do que o dobro dos imigrantes originários dos outros dois estados de maior ocorrência migratória. Esta amostragem aponta os Estados de maior ocorrência da saída dos imigrantes, no entanto, Evans et al (2011) não destaca especificamente as cidades de maior ocorrência de emigração.

A amostragem, realizada em nossa pesquisa e apresentada no mapa 1, referente apenas as mulheres brasileiras, condiz com os dados de Evans a respeito dos estados de maior saída de brasileiros rumo à Londres.

Nosso estudo avança na produção de informação, indicando os principais municípios brasileiros emissores de migrantes para Londres. Os dados foram agrupados e analisados em escala regional, estadual e municipal.

No estado de São Paulo, a cidade com maior número de saída de migrantes é São Paulo, mas também apareceram algumas ocorrências em Santos, Santo André, Ribeirão Preto e Sorocaba.

*Cartograma 1 - Origem dos migrantes residentes em Londres por estados brasileiros*



Fonte: EVANS et al, 2011, p. 10.

Outros estados da Região Sudeste aparecem neste contexto, como o estado do Rio de Janeiro, que também apresenta sua capital como principal emissora de pessoas para Inglaterra. Minas Gerais também tem representação significativa na saída dos sujeitos, neste estado destaca-se a capital, Belo Horizonte e, além dela, aparecem ocorrências em Uberlândia, Montes Claros e Governador Valadares. O estado do Espírito Santo apresenta Vitória como a principal cidade emissora de migrantes para Inglaterra, assim a capital e Vila Velha destacam-se como as duas principais cidades de saída destes sujeitos. As cidades de Itarana e Cariacica aparecem como emissoras secundárias.

A região Sul também aparece no movimento de brasileiros. Destacam-se o Estado do Paraná com maior ocorrência proveniente da cidade de Curitiba,

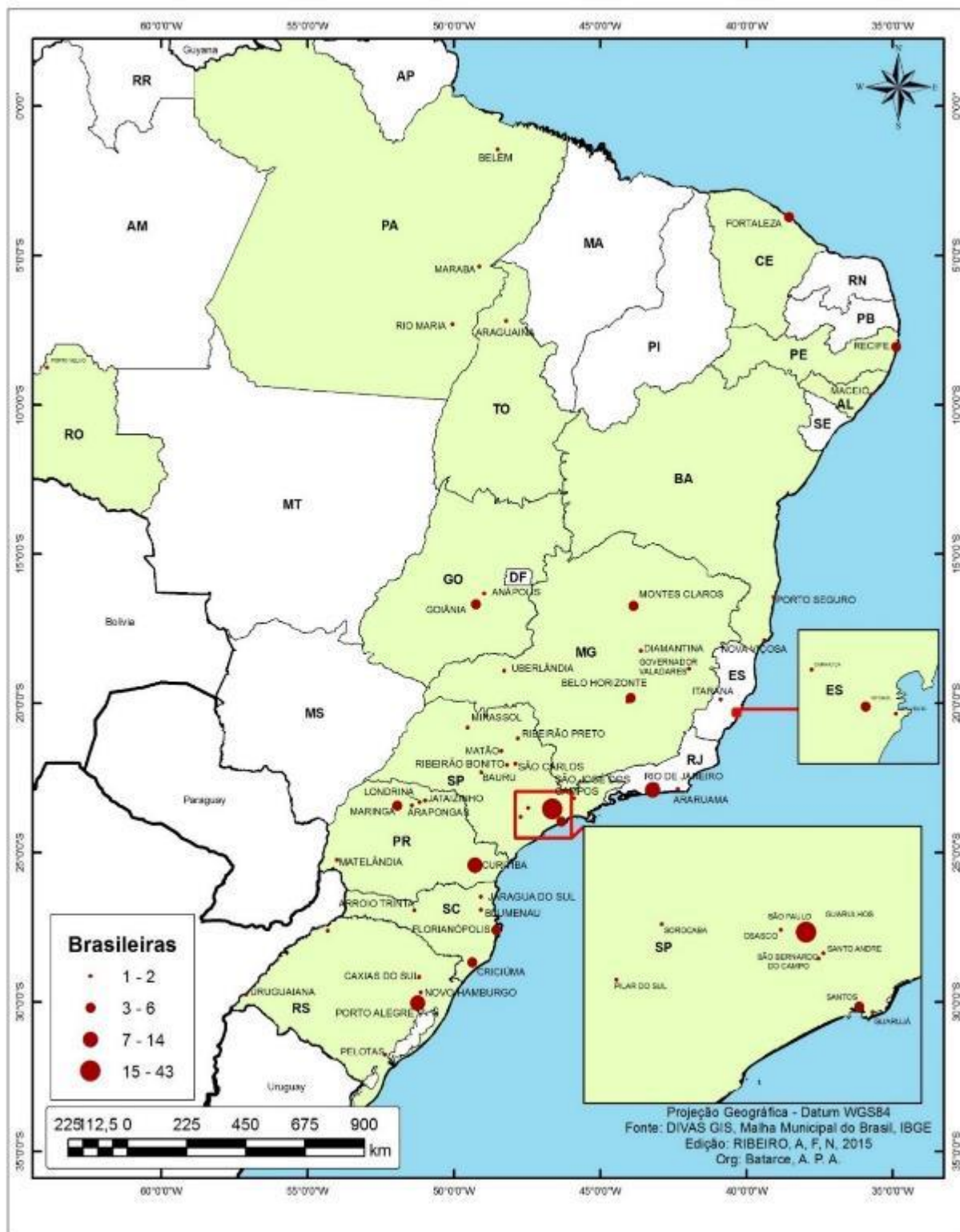
seguido pelas ocorrências secundárias nas cidades de Maringá, Londrina, Araçongas e Jataizinho. Em relação ao estado de Santa Catarina, houveram ocorrências nas cidades de Criciúma e Florianópolis. Já no estado do Rio Grande do Sul destacam-se Uruguaiana, Pelotas e Caxias do Sul.

Em relação a Região Centro Oeste, a maioria das ocorrências estão relacionadas a Goiás, destacando-se as cidades de Goiânia e Anápolis como as de maior fluxo.

Na Região Nordeste aparecem ocorrências nos estados de Pernambuco (Recife), Bahia (Porto Seguro e Nova Viçosa), Ceará (Fortaleza) e no estado de Alagoas (Maceió). A capital baiana, Salvador, não apareceu na amostragem como referência no movimento migratório Brasil – Londres.

Na Região Norte destacam-se ocorrências de saída de brasileiros o estado do Pará (com as cidades Rio Maria e Marabá) e em Rondônia (Porto Velho).

Mapa 1 - Origem das migrantes residentes em Londres por estado e municípios brasileiros



Analisando a cartograma 1, resultado das pesquisas realizadas por Evans et al (2011) e o mapa 1, resultado dessa pesquisa, inferimos que apesar de Evans trabalhar com maior número de sujeitos e demonstrar, assim, quais são os estados do Brasil responsáveis pela emissão de migrantes para Londres, ela não apura a cidade especificamente de saída destes sujeitos, como faz essa pesquisa.

De qualquer forma, independente da escala, as duas pesquisas trazem informações complementares. Por exemplo, no cartograma 1 aparecem as saídas de migrantes dos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Rio Grande do Norte e Paraíba, que são ocorrências de estados que não aparecem no mapa 1, no entanto, no mapa 1 aparece ocorrência de saída no estado do Alagoas (Maceió) que não aparecia na cartograma 1 (Evans et al, 2011).

No mapa 1 reafirma-se a saída dos brasileiros nos estados do Pará, Ceará, Pernambuco, Bahia, Tocantins, Goiás, Rondônia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul. Neste mapa se aponta os municípios em que viviam estes migrantes, informação de fundamental importância para o aprofundamento de futuras pesquisas.

Observamos no mapa 1, que os locais de emissão dos imigrantes, ou os locais de saída destes sujeitos, são caracterizados como os grandes centros urbanos metropolitanos e as cidades médias. Estes municípios apresentam efetivo fluxo de informações e serviços como agência de turismo, casa de câmbio, aeroportos, enfim, que possibilitam maior acessibilidade ao sujeito na entrada do movimento migratório internacional.

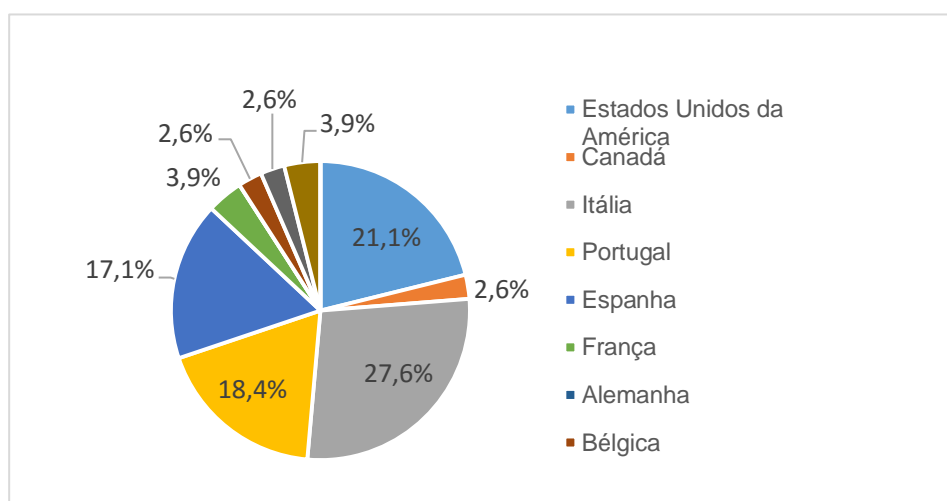
Destacamos que na rota migratória no contexto dos lugares de saída dessas mulheres, se identificam os casos de mulheres que declararam a saída do Brasil primeiramente para outros países, para depois seguirem para a Inglaterra, mas a maioria sai do Brasil rumo à Londres (Inglaterra). Desta forma 63,1, % das participantes declararam sair do Brasil direto para Inglaterra, enquanto que 36,9% declararam ter vivido em outro país em momento anterior.

O gráfico 4 apresenta o destino destas 36,9% antes de chegarem à Inglaterra. A Itália destaca-se como o principal país de destino, representado por 27,6%, os Estados Unidos da América aparecem em segundo com 21,1%, já

Portugal destaca-se em terceiro com 18,4%, a Espanha aparece em quarto com 17,1%, França e Irlanda com 3,9%, Canadá e Escócia com 2,6%.

Como veremos adiante, o fato da Itália destacar-se como principal local de chegada de brasileiras (gráfico 4,) antes de chegarem a Inglaterra é coerente com o fato de que muitos brasileiros em Londres, possuem passaporte Europeu graças a cidadania Italiana que obtiveram. Há em Londres uma rede de contatos de brasileiros que buscam a cidadania na Itália para que as pessoas consigam visto de permanência na Inglaterra.

*Gráfico 4 - Países de primeiro destino de brasileiras antes da migração para a Inglaterra (%)*



Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

Conhecer especificamente o lugar de saída deste migrante internacional é importante, pois esta informação poderá demonstrar possíveis ligações entre um lugar e outro neste movimento, permitindo identificar possíveis transformações espaciais promovidas pelas ações dos sujeitos migrantes, tanto no lugar de saída como no lugar de chegada.

Governador Valadares – MG é um exemplo disso, esta cidade é considerada a principal emissora de migrantes brasileiros para os Estados Unidos. As pesquisas apontam que esta cidade sofreu transformações urbanas devido ao envio de remessas dos migrantes valadarenses. Salientamos que nessa pesquisa encontramos mulheres valadarenses que estavam vivendo em Londres.

Essas migrantes deixam o Brasil rumo à capital londrina e se estabelecem em diferentes distritos de Londres, como será discutido a seguir.

### 3.2.2 O movimento da chegada

A espacialidade destes migrantes é revelada tanto nas pesquisas de Evans et al (2011) como em nossa pesquisa por meio do movimento dos locais de saída no Brasil e do movimento dos locais de chegada em Londres. Neste sentido evidenciamos o direcionamento dos locais de maior concentração de brasileiros na capital inglesa. Consta-se, segundo Evans et al (2011, p.25), que os brasileiros se encontram principalmente nos:

[...] bairros que constituem o cinturão interno de Londres (*Inner London*) abrigam muitas das principais concentrações: *Westminster, Camden, Islington, Hackney, Tower Hamlets, Southwark, Lewisham, Lambeth, Wandsworth, Hammersmith and Fullham e Kensington and Chelsea* (EVANS et al., 2011, p. 25).

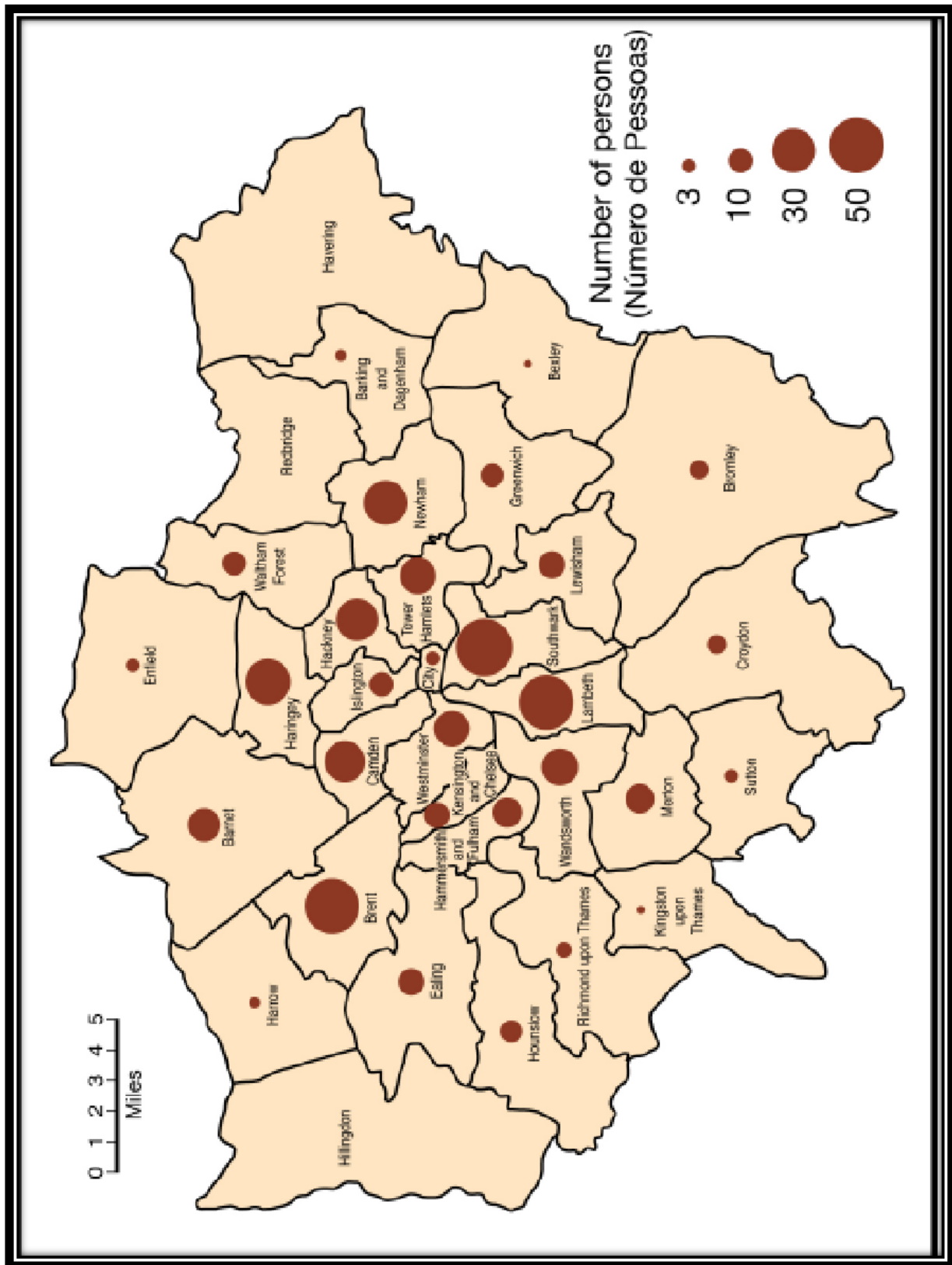
O cartograma 2 representa justamente a comunidade brasileira que se encontrava em Londres, no momento da realização da pesquisa de Evans et al (2001). É importante apontar que bairros como “Brent, Bayswater e Stockwell” são conhecidos como recinto ou reduto dos brasileiros, denotando a presença marcante da comunidade brasileira nestes locais, no estabelecimento de residências, por meio da identidade brasileira no contexto Londrino, pois nestes bairros encontrou-se, por exemplo, mercearias, cabeleireiros, restaurantes, estabelecimentos de remessas de dinheiro, entre outros comércios direcionados as demandas identitárias (principalmente alimentação) e de serviços da comunidade brasileira.

O mapa 2, resultado de nossa pesquisa, confirma os dados apresentados por Evans et al (2011) no cartograma 2, logo “Brent” mais uma vez aparece como o principal distrito de concentração de brasileiras. Também nesta amostragem os distritos de “Lambeth” e “Southwark” se destacam, pois possuem o maior número de pessoas falantes de língua portuguesa<sup>38</sup>, o que provavelmente aproxima a população brasileira à estas regiões.

---

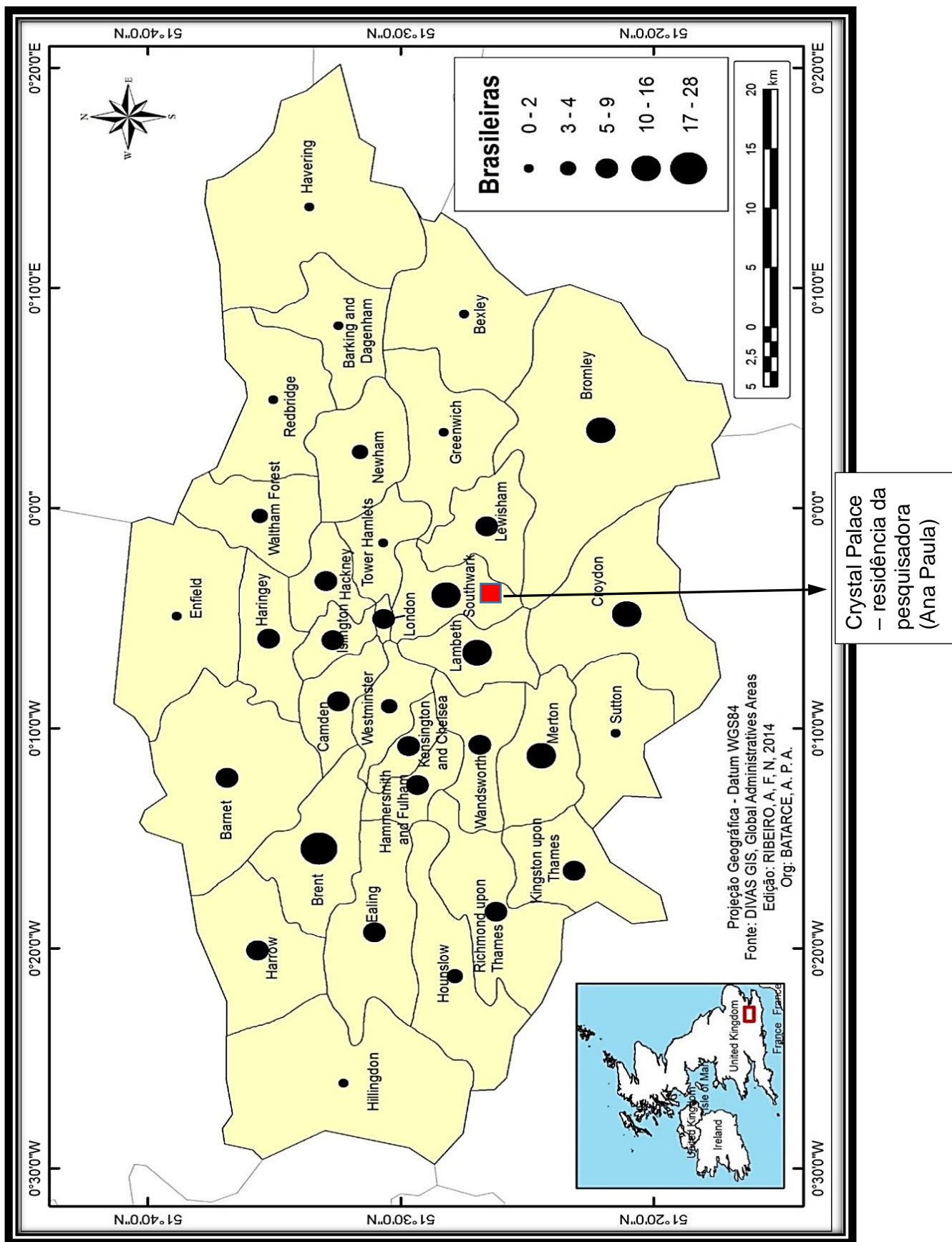
<sup>38</sup> Esta informação é proveniente da Conferência: “The development of Latin American studies in the UK during the last 50 years”, em comemoração aos “50th Anniversary of SLAS (Society for Latin American Studies)”, que ocorreu no dia 2 de Abril no “Clare Management Centre of Birkbeck College”, sala B.01.

Cartograma 2 - Residência dos brasileiros nos diferentes bairros de Londres



Fonte: EVANS et al, 2011, p. 26.

Mapa 2 - Distribuição e localização de residências das brasileiras em Londres (2014)



Em nossos dados aparecem em Londres três distritos com a presença brasileira, que não constam na amostragem realizada por Evans et al (2011). São eles: *Hillingdon, Havering e Redbridge* (mapa 2). Estes estão localizados nos extremos leste e oeste da cidade.

A ocorrência da presença brasileira demonstra a expansão do processo migratório em território londrino e podemos afirmar que existe pelo menos um brasileiro em cada distrito da cidade (mapa 2).

Salientamos que mesmo utilizando uma amostragem quantitativa menor que a utilizada por Evans (2010) e Evans et al (2011), essa pesquisa foi capaz de apontar no Brasil, a região, o Estado e a cidade emissora destas brasileiras para Londres, da mesma forma foi possível identificar os locais de residência dessas mulheres nos diferentes distritos da capital inglesa, sugerindo a expansão do processo migratório no interior da cidade. Estas são informações que antes não existiam a respeito do movimento migratório internacional entre Brasil e Inglaterra (Londres).

Conhecer os locais de saída e de chegada destes sujeitos pode ser a chave que nos permitirá compreender as questões socioespaciais essenciais deste movimento migratório internacional e contemporâneo.

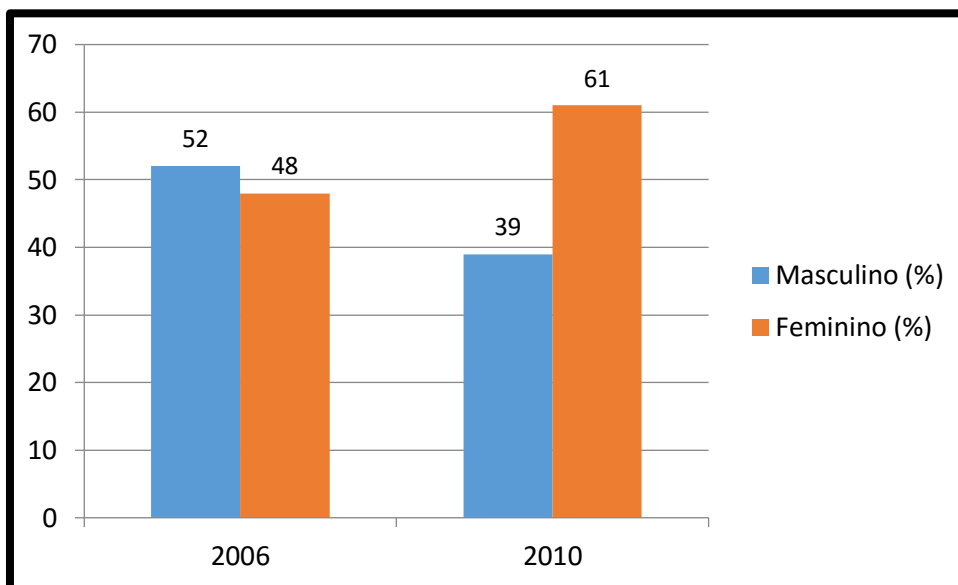
### **3.2.3 Caracterização social do migrante**

Na próxima seção apresentamos informações demográficas referentes ao gênero e faixa etária, moradia e grau de escolaridade de brasileiros em Londres. Os dados foram coletados das pesquisas de Evans (2010) e Evans et al (2011). Salientamos que, quando possível, algumas informações dessas pesquisas foram agrupadas, para uma análise comparativa.

#### **3.2.3.1 Gênero e faixa etária**

O gráfico 5 mostra a composição por gênero. Observamos o aumento da população feminina entre os anos de 2006-2010. Estes dados reafirmam as informações da ONU (gráfico 1), apresentados anteriormente, que demonstram que um pouco mais de 50% das migrações provenientes da América Latina e do Caribe, em 2010, são de mulheres.

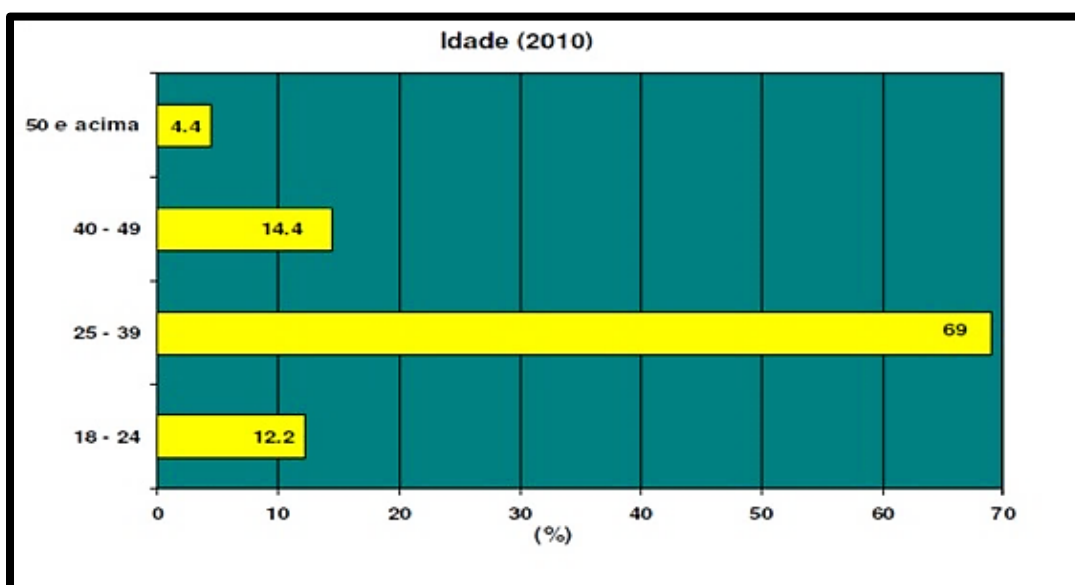
Gráfico 5 - Composição da população brasileira por gênero (%) – 2006 e 2010



Fonte: EVANS, 2010 e EVANS et al., 2011. Org.: Ana Paula A. Batarce, 2013

Em relação à faixa etária, Evans em 2006 aponta que 82% dos entrevistados encontravam-se na faixa etária dos 18-40 anos. No gráfico 6 referente ao ano de 2010, podemos observar que 69% dos entrevistados apresentavam-se na faixa etária de 25-39 anos.

Gráfico 6 - População brasileira em Londres segundo faixa etária (2010)

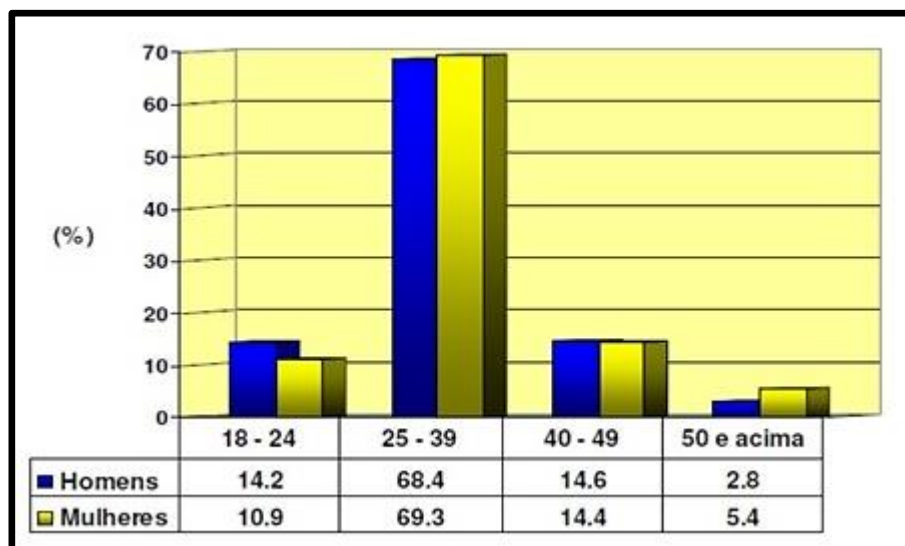


Fonte: EVANS et al., 2011, p. 8.

Outra informação relevante é a idade média destes migrantes. No ano de 2006 era de 35 anos, enquanto que em 2010 a idade média passa a ser de 32 anos, sugerindo assim que a população brasileira que se encontra em Londres está mais jovem no ano de 2010.

Em relação à diferença de idade por gênero, segundo Evans (2010) predominaram em 2006 as mulheres na faixa etária de 18-30 anos e os homens na faixa etária de 41-50 anos. Já em 2010 (gráfico 7), observamos que apesar das diferenças percentuais não serem tão representativas, predominaram as mulheres na faixa etária de 25-39 e na faixa acima de 50 anos, enquanto que os homens têm maior representatividade na faixa etária de 18-24. Não há diferença representativa entre homens e mulheres nas faixas etárias de 25-39 e 40-49, mas percebemos mudança na faixa etária predominante dos homens, pois em 2006 o predomínio dos homens estava na faixa etária de 41-50 anos e em 2010 este predomínio passa a pertencer a faixa etária de 25-39 anos.

*Gráfico 7 - População brasileira em Londres segundo gênero e faixa etária (%) (2010)*

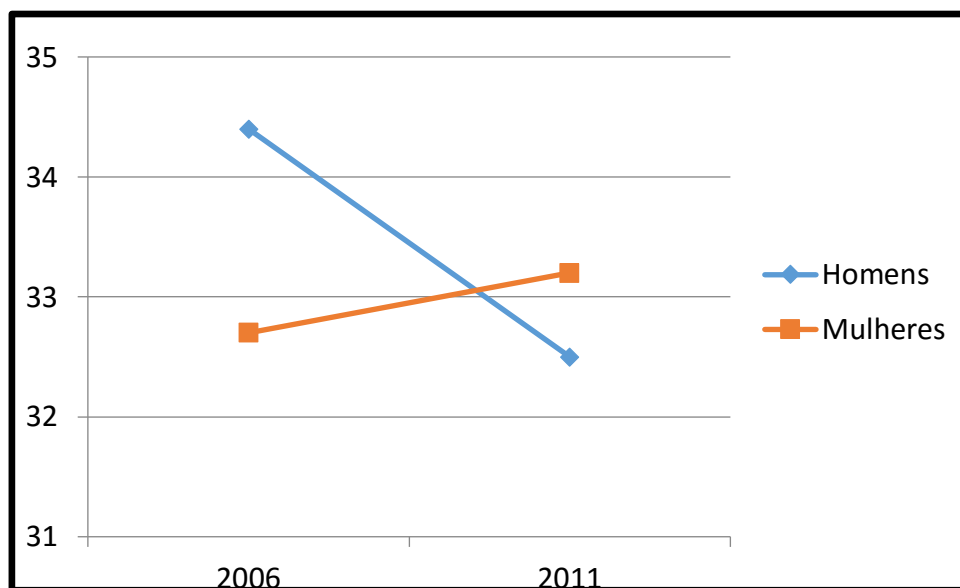


Fonte: EVANS et al., 2011, p.9.

Em virtude das variações apresentadas nas pesquisas de Evans, referente às faixas-etárias nos anos de 2006 e 2010, o gráfico 8 traz a as alterações na idade média da população brasileira residente em Londres segundo o gênero. Possibilitamos, assim, observar que ocorre diminuição na

idade média masculina entre os anos de 2006/2010 e, em contrapartida, aumento da idade média feminina, ou seja, a população de homens da pesquisa de 2010 eram, em média, mais novos em relação aos da pesquisa do ano de 2006, e as mulheres, em contrapartida estão mais velhas em relação ao ano de 2006.

*Gráfico 8 - Idade média (anos) da população brasileira por gênero (2006-2010)*



Fonte: EVANS, 2010 e EVANS et al., 2011. Org.: Ana Paula A. Batarce, 2013

### **3.2.3.2 Moradia**

Evans, em seu levantamento em 2006, constata que “praticamente todos os brasileiros dividiam sua moradia. Mas, enquanto 41% desses viviam em lares não familiares, 42% moravam com cônjuges ou companheiros”. (EVANS, 2010, p.12).

Em relação ao tipo de habitação em que se encontravam em 2006, 31% dos entrevistados dividiam uma casa e outros 31% dividiam apartamento, sugerindo que nos dois casos não dividiam o quarto, no entanto foi apresentado que 36% dos entrevistados dividiam um quarto em média com três pessoas.

Em 2006, 82% dos participantes declararam não possuir filhos na Inglaterra. Em 2010, 41% dos entrevistados declararam que viviam em lares não familiares, indicando serem solteiros, enquanto que 52% dos participantes

declararam residir com a família, cônjuge, companheiro (a), indicando unidades familiares.

Em relação a estrutura domiciliar em 2010, 12% dos entrevistados declararam residir em habitação própria ou de propriedade do cônjuge, assim, 9% declararam possuir residência própria e 86% dos domicílios foram declarados alugados.

### **3.2.3.3 Grau de escolaridade**

Segundo os dados obtidos por Evans em 2006, os brasileiros que se encontravam em Londres possuíam “grau avançado de educação” (EVANS, 2010, p. 12), pois 54% dos participantes da amostragem cursaram até o ensino médio, 36% iniciaram curso superior, no entanto, metade destes abandonaram o estudo, não concluindo a graduação.

Já na pesquisa realizada em 2011 existe uma diferenciação, pois 23,5% dos participantes declaram ter cursado o ensino médio, 73% dos pesquisados declaram ter iniciado o curso superior, sendo que destes, 53% concluíram o curso e 20% não concluíram; 3,5% apenas declararam ter cursado somente o ensino fundamental. Pautado nesses dados sugerimos que, do ano de 2006 para o ano de 2010, mais pessoas tiveram oportunidade de alcançar o ensino superior.

As duas pesquisas apresentaram dados em relação à divisão de gênero, e apontaram que, em 2006 (EVANS, 2010) 51% das mulheres cursaram o ensino médio, e 56% dos homens confirmaram ter cursado esse nível de formação; 37% de mulheres ingressaram no curso superior, assim como 35% dos homens ingressaram no ensino superior. Já no levantamento realizado em 2010 (EVANS et al, 2011) os dados apontaram que, 51% dos homens concluíram o curso superior, assim como 55% das mulheres; também se destacou que, 17% das mulheres e 23% dos homens ingressaram no ensino superior, mas não concluíram.

Em relação aos cursos de nível superior em 2006 Evans, em sua amostragem, destacou que foram citados trinta cursos, enquanto que em 2010 foram citados sessenta cursos. Segue abaixo o quadro 1 que evidencia os cursos mais citados em ambas as pesquisas.

Quadro 3 - Cursos de Graduação mais citados referentes aos anos de 2006 e 2010

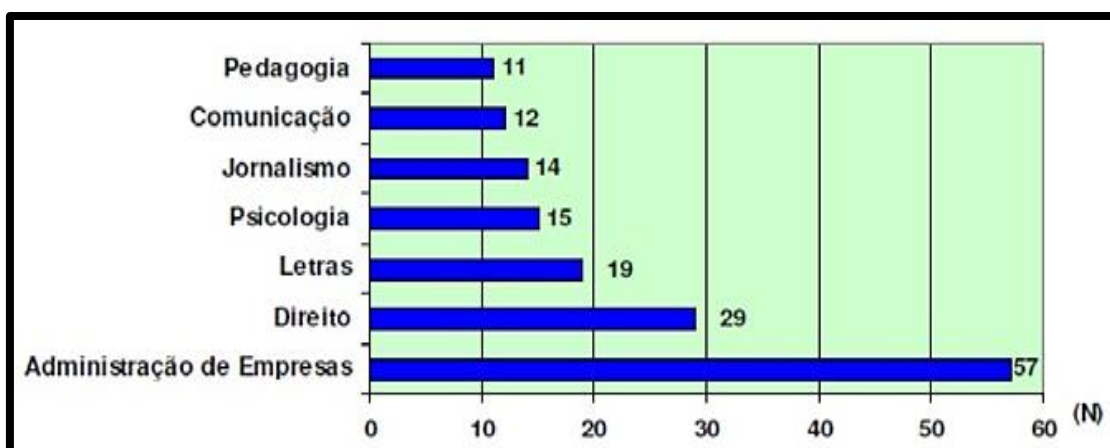
2006	2010
Odontologia	Análise de sistemas
Direito	Biomedicina
Línguas	Comércio exterior
Filosofia	Desenho industrial
Biologia	Economia
Jornalismo	Fonoaudiologia
Administração de empresas	Hotelaria
Hotelaria	Informática
	Literatura
	Medicina
	Odontologia
	Política
	Química
	Relações Exteriores
	Teatro
	Pedagogia
	Comunicação
	Jornalismo
	Psicologia
	Letras
	Direito
	Administração de empresas

Fonte: EVANS, 2010 e EVANS, et al., 2011. Org.: Ana Paula A. Batarce, 2013.

Percebemos neste quadro 3 que dos cursos mencionados em 2006, são citados novamente em 2010 os cursos de Odontologia, Hotelaria e de Administração de Empresas.

O gráfico 9 evidencia os cursos de graduação mais citados na amostragem de 2010. Constatamos que o curso de Administração de Empresas foi o mais citado, seguido do curso de Direito, Letras, Psicologia, Jornalismo, Comunicação e Pedagogia. Identificamos nesses dados que os cursos citados pertencem a área de formação das Ciências Humanas.

Gráfico 9 - Cursos frequentemente citados



Fonte: EVANS et al., 2011, p. 11.

Observamos que ocorreu a ampliação do leque profissional, pois na amostragem realizada em 2006 foram registrados, entre os mais citados, oito cursos diferentes de graduação. Na pesquisa realizada em 2010 são evidenciados, entre os mais citados, vinte e dois cursos diferentes de graduação.

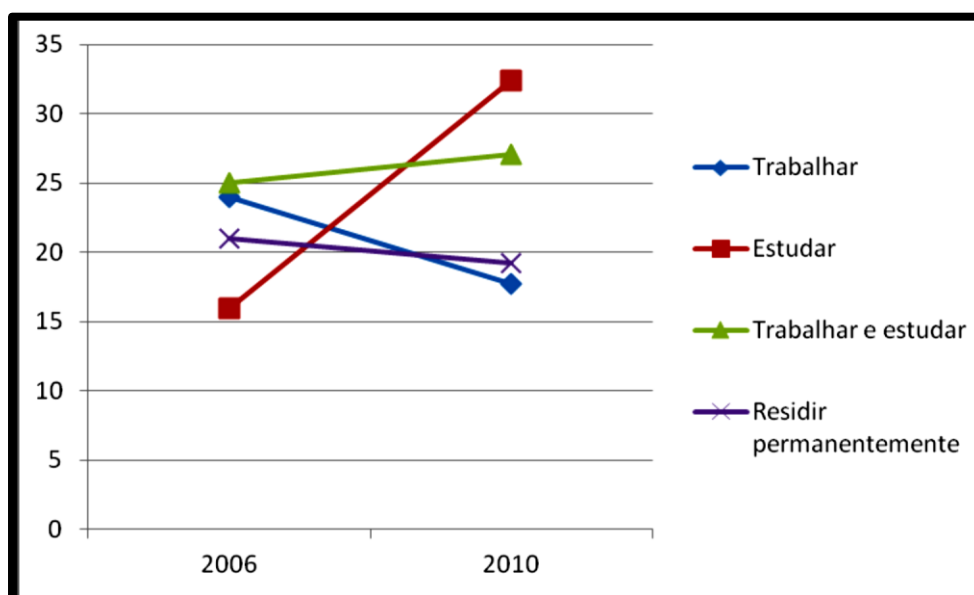
### 3.2.4. Principais fatores da migração

Os resultados apresentados na pesquisa realizada por Evans em 2010 e em 2011, conforme o gráfico 10, permite indicar que no ano de 2011 os brasileiros apresentaram como principal motivação para migrar, estudar. Assim, existem três formas para o imigrante ingressar ao Reino Unido (Inglaterra) com este objetivo: estudar a língua inglesa ou estudar em cursos de graduação, pós-

graduação e cursos oferecidos nos *Colleges*<sup>39</sup>, que são cursos de formação profissional.

Estudar a língua inglesa é a forma de ingresso mais comum no Reino Unido, visto que isso pode representar um diferencial na vida destas pessoas, favorecendo-as em possível inserção no mercado de trabalho brasileiro. Importante salientar que talvez esta seja a forma mais fácil de cruzar a fronteira no Reino Unido, pois na Inglaterra existem inúmeras escolas de idioma em inglês, para atender especificamente o público estrangeiro, e estas fazem parte de um mercado promissor da economia.

Gráfico 10 - Principais fatores de imigração Brasil-Londres (%) (2006-2010)



Fonte: EVANS, 2010 e EVANS et al., 2011. Org.: Ana Paula A. Batarce, 2013

As Universidades inglesas são privadas, portanto, os cursos de graduação e pós-graduação não são acessíveis a todas as pessoas (migrantes), e os cursos oferecidos nos *Colleges* também são pagos, estes são mais acessíveis economicamente, pois normalmente são cursos de formação profissional. De qualquer maneira os cursos de idiomas são os mais procurados.

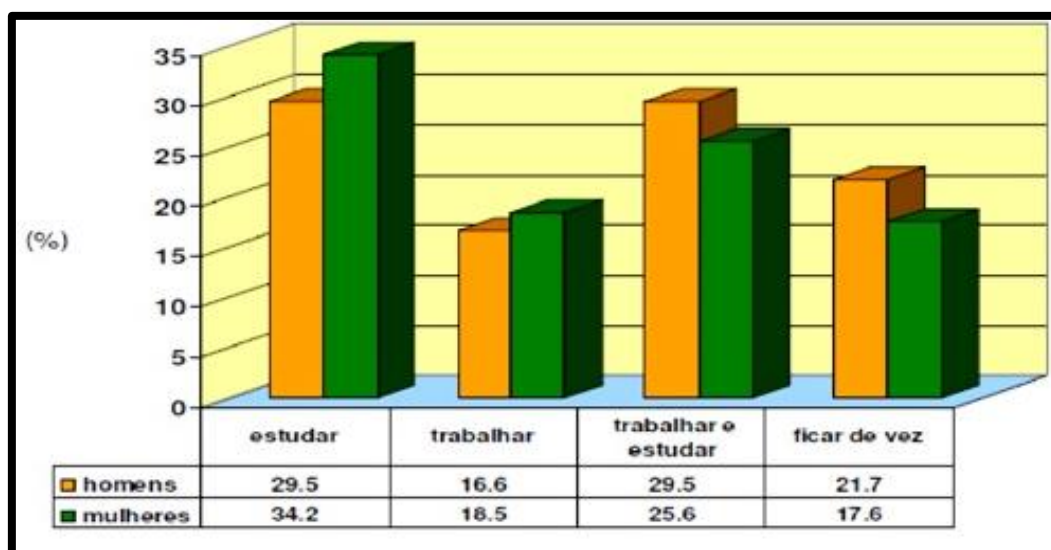
Ressaltamos que a possibilidade de trabalhar e estudar era real, nos anos de 2006 e 2010, para o migrante que se encontrava em uma situação legal, isto é, documentado. Esse migrante poderia ser estudante e lhe era permitido

<sup>39</sup> Faculdade

trabalhar até 20 horas semanais formalmente, no entanto, as leis migratórias com o passar dos anos tornaram-se cada vez mais restritivas, e nos anos de 2014/2015 não era mais possível o estudante trabalhar, portanto, o estudante foi proibido de trabalhar formalmente, passou a ser crime passível de multa contratar um estudante, por isso, quando preciso, esses migrantes estudantes realizam trabalhos informais (diarista, garçom, servente pedreiro, etc.).

Em relação aos resultados das motivações para entrada na imigração, segundo a separação por gênero, não existe significativa diferença percentual, como se evidencia no gráfico 11, mas notamos que entre as mulheres pesquisadas o principal fator apresentado foi o de estudar, já para outra parcela significativa além de estudar o fator trabalhar também se apresentou como importante.

*Gráfico 11 - Principais fatores de imigração Brasil– Londres segundo o gênero (%)*



Fonte: EVANS et al., 2011, p. 13.

Já em relação aos homens destacamos como principal motivação para imigração, segundo Evans, et al (2011) o fator trabalhar, depois trabalhar e estudar e por último residir permanentemente.

### 3.2.5 Permanência no Reino Unido segundo as leis migratórias

Após a identificação dos principais fatores que levam os brasileiros (as) a iniciar sua participação no movimento migratório internacional, apontamos quais são as possibilidades deste imigrante permanecer no Reino Unido, segundo as leis inglesas.

As leis migratórias inglesas, ao longo dos últimos anos, vêm limitando cada vez mais a entrada e permanência de estrangeiros no país. As limitações migratórias que são crescentes têm sido impostas para as pessoas não pertencentes à União Europeia, pois todas as pessoas pertencentes à União Europeia ou que possuem passaporte europeu devido à ascendência europeia (portugueses, italianos e espanhóis...) tem a entrada livre ao Reino Unido.

A forma econômica mais acessível para entrar no Reino Unido é através do visto de turista, pois este não exige nenhum tipo de taxa extra, como exigem os outros tipos de visto. O visto de turista pode ser adquirido no momento da chegada das pessoas, ou seja, quando elas passam pela imigração, e tem a duração de seis meses. Neste caso, esta pessoa não pode trabalhar, não pode renovar o visto e não pode requerer qualquer benefício do Estado. O imigrante nessa situação, dependendo do seu objetivo, pode deixar o visto vencer e permanecer na Inglaterra ou nos outros países do Reino Unido sem o documento válido. Evans ressalta que, nos estudos realizados por Margolis (1998), verificou-se que deixar o visto de turista vencer e permanecer como irregular é “[...] uma estratégia bastante utilizada por brasileiros, em Londres e em Nova Iorque” (EVANS, 2010, p. 14).

A outra maneira de cruzar a fronteira é com o status de estudante, como já foi mencionado anteriormente, este pode ser adquirido por meio de uma escola de idioma ou por meio de uma universidade. Nessa categoria existem três tipos de vistos: *General student*, *visitor student* e *prospective student*<sup>40</sup>.

Existe mais uma categoria de visto que o brasileiro pode utilizar que é o de residente, permitido àquelas pessoas que já vivem na Inglaterra há muitos anos e que possuem algum tipo de visto como o de permissão de trabalho, ou

---

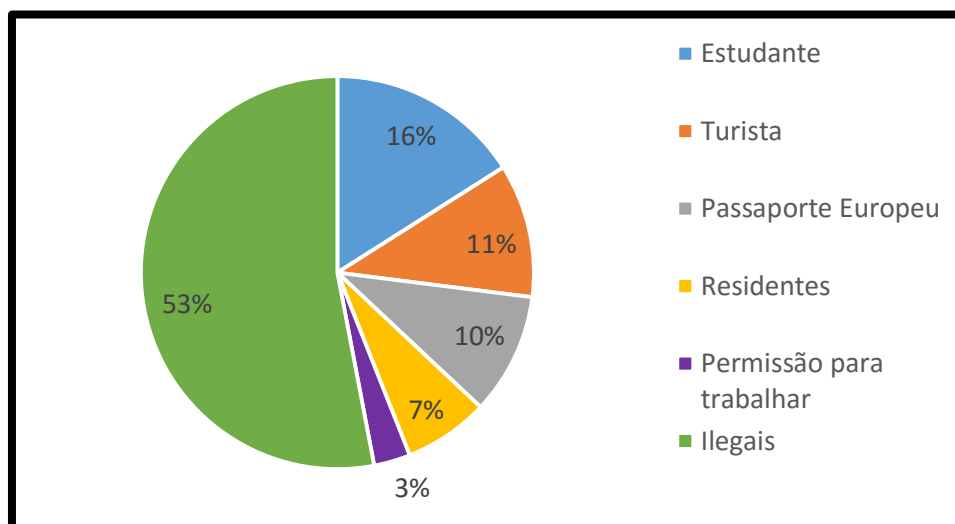
<sup>40</sup> Estas informações podem ser encontradas no site oficial: <<https://www.gov.uk/government/publications/guidance-on-applying-for-uk-visa-approved-english-language-tests>>

aquelas pessoas que estão casadas com uma pessoa de origem britânica ou de origem europeia (pessoas pertencentes à União europeia). Nesse caso essas pessoas podem trabalhar sem limites de horas e possuem os direitos de um cidadão britânico.

Finalmente, a última categoria que os brasileiros podem utilizar, a que mais vem crescendo nos últimos anos, trata-se da aquisição do passaporte europeu oriundo da consanguinidade dos antepassados, ou seja, oriundos de avós, avôs maternos ou paternos ou até mesmo de bisavós/bisavôs ou tataravós/tataravôs maternos e paternos. Ao possuir o passaporte europeu, estes brasileiros passam a ter dupla cidadania e com isto têm os mesmos direitos que um cidadão europeu na Inglaterra.

Evans (2010, p.15), a partir de sua pesquisa, demonstra o tipo de visto que os participantes possuíam na amostragem realizada no ano de 2006, cujo os dados foram publicados no ano de 2010. Verificamos que mais da metade dos brasileiros (53%) estavam ilegais. Isto nos levou a observar um resultado diferenciado, quando comparado aos dados da amostragem de 2010 (gráfico 14), notamos que se reduz o número de ilegais ou pessoas com visto vencido de 53% em 2006 para 29% em 2010, assim como se reduz o número de pessoas com visto de estudante de 16% em 2006 para 5% em 2010. Ocorre também o crescimento de pessoas detentoras do passaporte europeu, visto que, esse número sobe de 10% em 2006 para 43,9% em 2010. O número de vistos para residentes também sobe de 7% em 2006 para 17% em 2010.

Gráfico 12 - Situação migratória dos brasileiros em Londres (2006) (%)

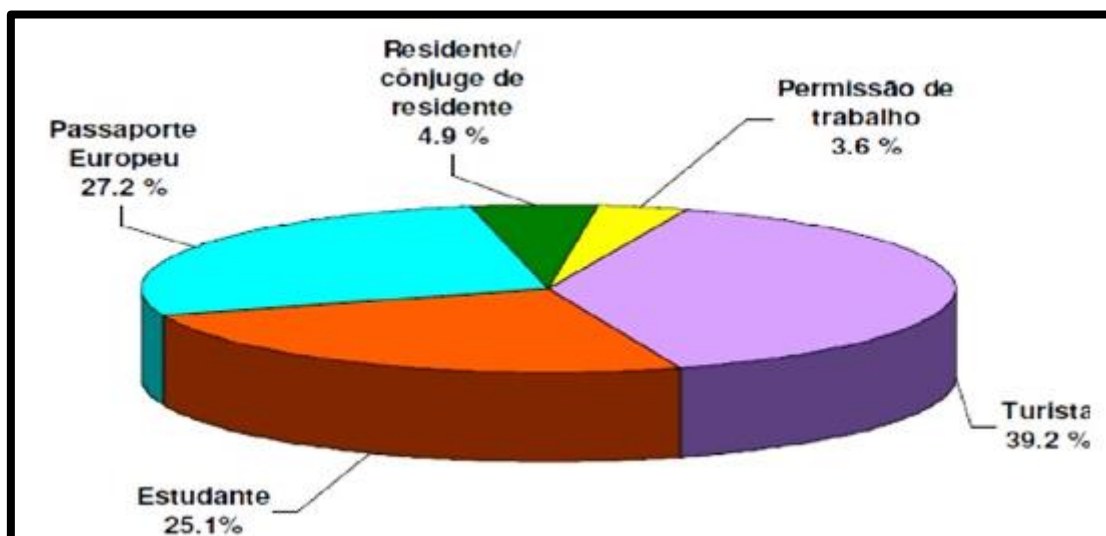


Fonte: EVANS, 2010. Org.: Ana Paula A. Batarce, 2015

Sugerimos que ainda no ano de 2006, existiam caminhos que permitiam a mudança no status migratório, como por exemplo, a união matrimonial de um imigrante brasileiro (a) a um (a) britânico (a) ou europeu (eia), ou a renovação do visto de estudante, mas que no ano de 2010 a mudança no status migratória torna-se mais limitada, para os imigrantes não pertencentes à União Europeia, o que explicaria o crescimento no número da aquisição do passaporte europeu.

O gráfico 13, evidencia os tipos de vistos de admissão dos imigrantes brasileiros no momento de entrada em Londres no ano de 2010. Isto posto, a maior porcentagem de visto recebido foi para a categoria turista, em seguida, destacamos os vistos das pessoas que possuíam o passaporte europeu devido à descendência e por fim o visto de estudante, também com significativo destaque. As declarações dos vistos pertencentes a categoria residente e de permissão de trabalho apresentam menor significância.

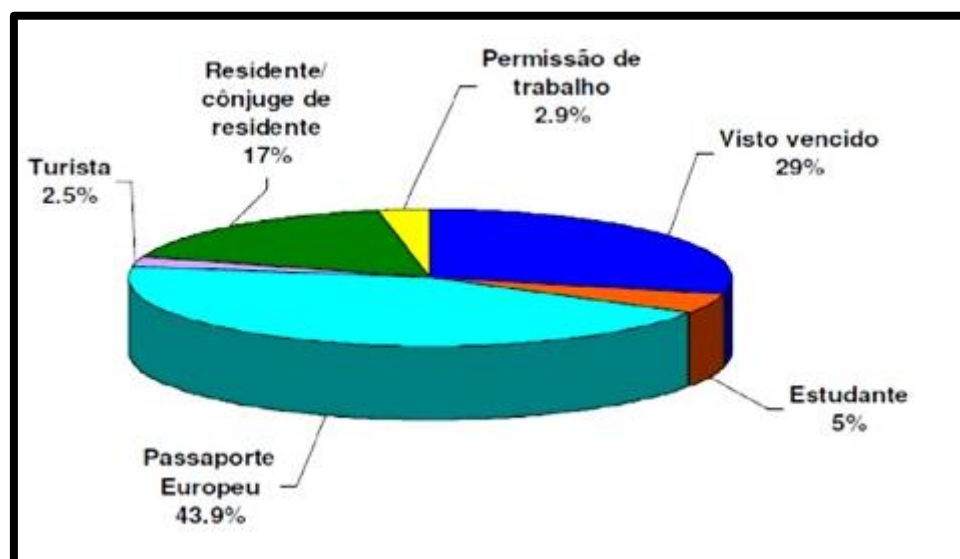
Gráfico 13 - Admissão dos brasileiros em Londres em 2010 (%)



Fonte: EVANS et al., 2011, p. 15.

Comparando os dados obtidos na admissão dos brasileiros em Londres (gráfico 13) com os dados obtidos referentes a permanência dos brasileiros em 2010 (gráfico 14), destacamos que o visto de turista com maior porcentagem no momento da entrada de 39,2% caiu para 2,5%, assim como houve queda para os vistos de estudantes de 25,1% para 4,7% e também para os vistos de permissão de trabalho que caíram de 3,7% para 3%.

Gráfico 14 - Situação migratória dos(as) brasileiros(as) em Londres – Definição de permanência (2010) (%)



Fonte: EVANS, et al., 2011, p. 16.

Logo, estas pessoas ou mudaram seu status em relação ao visto de entrada ou tornaram-se não documentadas, visto que houve um aumento nos vistos concedidos para cidadãos europeus de 27,2% (gráfico 13) no momento da entrada para 43,9% em 2010 (gráfico 14), assim como nos vistos concedidos para cônjuges de residente que saiu de 4,9% para 17%. Ambas as situações envolvem países europeus como outorgantes de cidadania, sendo que, os países mais citados na pesquisa de Evans (2011, p. 17) foram a Itália, Portugal, Espanha e o próprio Reino Unido<sup>41</sup>.

Surge, assim, uma nova categoria de pessoas que não se enquadram neste padrão exposto, mas que tem significativa relevância, pois, representam 28,9 % dos entrevistados, são aquelas consideradas não documentadas, já que após a entrada e permanência máxima de seis meses, essas passam a não possuir documento válido. No entanto, como já mencionado, notamos no gráfico 14 comparado ao gráfico 12, que houve uma queda nesse percentual, pois em 2006 os indocumentados representavam cerca de 53% (gráfico 12).

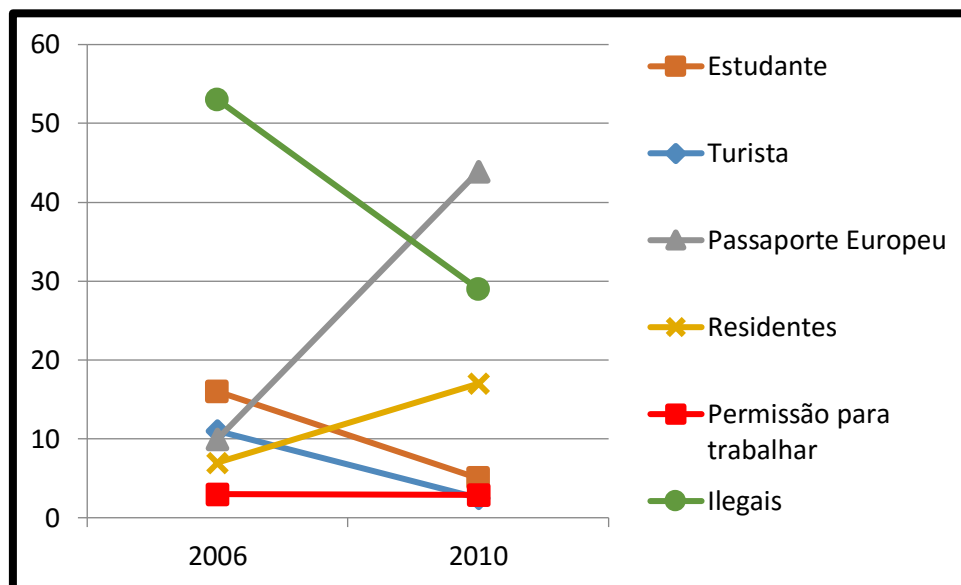
A mudança no status migratório, desde o momento da entrada até o momento da realização da pesquisa, evidencia que o e/imigrante após ter cruzado a fronteira e passado pela barreira da imigração, busca o melhor caminho para assegurar a sua permanência na Inglaterra. Os gráficos 12, 13 e 14 mostram a situação migratória em que se encontravam os participantes da pesquisa tanto no ano de 2006, quanto no ano de 2010.

O gráfico 15 nos dá uma ideia de como a situação migratória dos brasileiros que vivem em Londres vem evoluindo do ano de 2006 ao ano de 2010. Percebemos uma queda acentuada dos migrantes indocumentados (ilegais).

---

<sup>41</sup> Para informações mais detalhadas a respeito dos países outorgantes de cidadania ver Evans et al, 2011, p.17.

Gráfico 15 - Status migratória dos brasileiros nos anos de 2006/2010 – Londres (%)



Fonte: EVANS, 2010 e EVANS, et al., 2011. Organização: BATARCE, 2013

Como já mencionado, o gráfico 15 sugere que a partir do ano de 2006 para 2010, os brasileiros que possuíam status migratório de estudante e de turista, podem ter mudado seu status de permanência, através da aquisição do passaporte europeu ou de união matrimonial com um britânico(a) ou europeu(eia). Dessa forma se revela a tendência dessas pessoas de continuarem em Londres além do tempo determinado pelo visto.

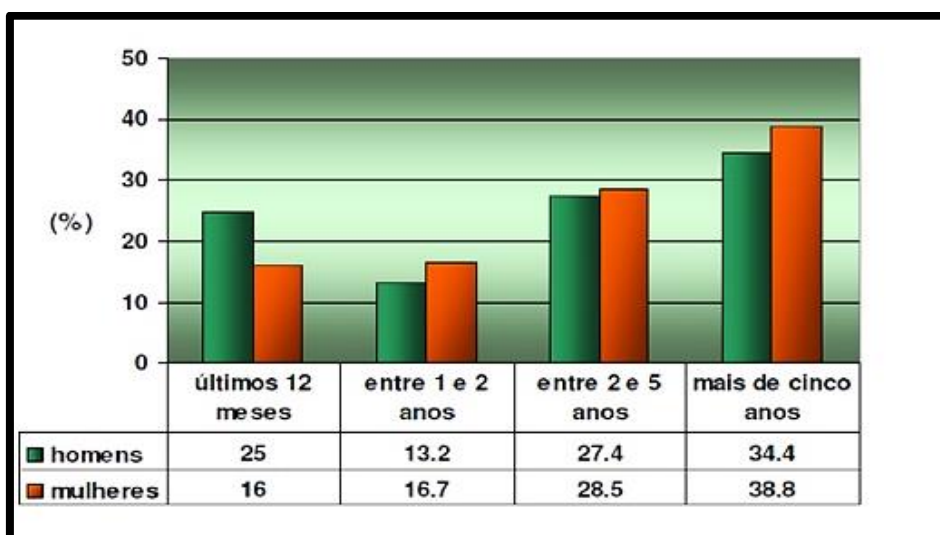
Esta tendência do migrante querer se estabelecer e continuar vivendo em Londres, fornece indícios de que existem formas irregulares de se adquirir um passaporte europeu ou um matrimônio europeu. O documento europeu pode ser adquirido no mercado negro de falsificação e o matrimônio pode ser adquirido como uma mercadoria, com preços variados de compra e venda. Isto não quer dizer que estes imigrantes brasileiros da amostragem de Evans não possuíam autenticidade, mas é apenas para evidenciar que existe outra face<sup>42</sup> no movimento migratório.

<sup>42</sup> Esta informação é originária de conversas informais que tive com vários brasileiros durante o período que estive em Londres (2006-2008) e durante o período de 2014-2015.

### 3.2.6 Período de permanência

Como vimos no item anterior existe uma relação entre a admissão do visto e a permanência do imigrante no Reino Unido. O tipo de visto que estes migrantes brasileiros (as) adquirem no momento da entrada na imigração é o determinante inicial da permanência deste sujeito neste país. Isto posto, nota-se no gráfico 16 a variação segundo o gênero no período de permanência destas pessoas.

Gráfico 16 - Período de permanência dos brasileiros segundo gênero em Londres (%)



Fonte: EVANS, et al., 2011, p. 19.

Percebemos nesse gráfico que tanto homens quanto mulheres já viviam em Londres por mais de cinco anos, isto relaciona-se novamente com o fato da mudança do status migratório, ou seja, estes brasileiros foram admitidos no país com um tipo de visto, mas para permanecerem em Londres legalmente necessitaram mudar este tipo de visto, explicando dessa forma o aumento na categoria possuidora do passaporte europeu e na categoria residente.

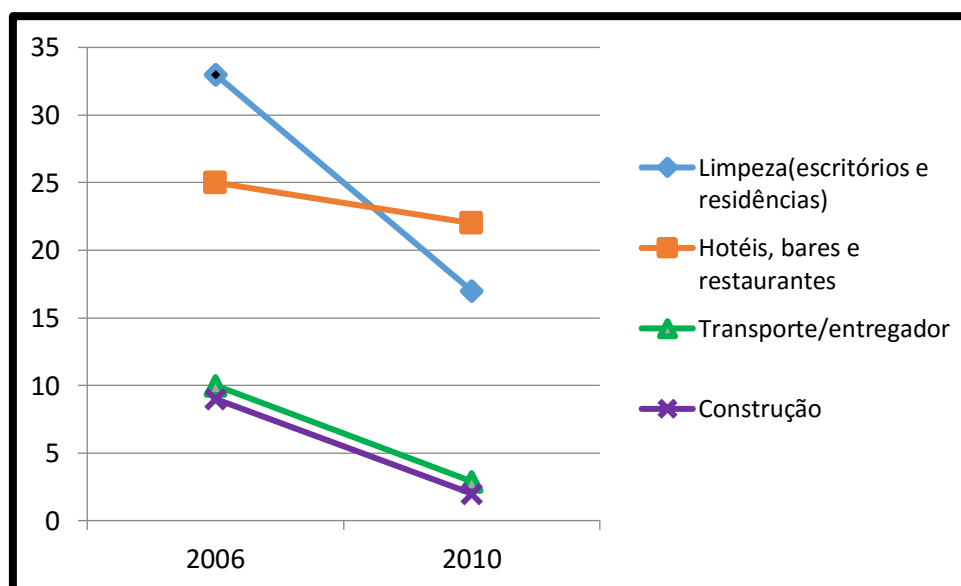
### 3.2.7 O trabalho de brasileiros

Sequenciando os dados apresentados até agora, inferimos que a atividade remunerada, embora não apareça claramente em todos os fatores que levaram os brasileiros a entrarem no movimento migratório e tornarem-se

migrantes internacionais, aparece implicitamente nos dados das amostragens realizadas por Evans. Muitos também entram para estudar e o trabalho realizado é para se manter. Isto posto, a questão do trabalho tem centralidade na sobrevivência desses sujeitos, tanto que nessa pesquisa esta temática será abordada com maior profundidade teórica.

Em relação a identificação dos principais postos de trabalho alcançados pelos migrantes brasileiros nos anos de 2006 e 2010, o gráfico 17 revela que em 2006 os principais trabalhos desenvolvidos por brasileiros davam-se no setor de limpeza e de hotéis, bares e restaurantes, enquanto que em 2010 esta relação ocorre primeiro com os postos de trabalho no setor de hotéis, restaurantes e bares e depois aparecem os postos no setor de limpeza. De qualquer forma estes dois setores merecem destaque, pois essas atividades normalmente são ocupadas por imigrantes, uma vez que não exigem nenhum tipo de qualificação profissional e nem domínio da língua inglesa.

*Gráfico 17 - Identificação dos setores de atividade remunerada de brasileiros em Londres entre 2006 e 2010 (%)*



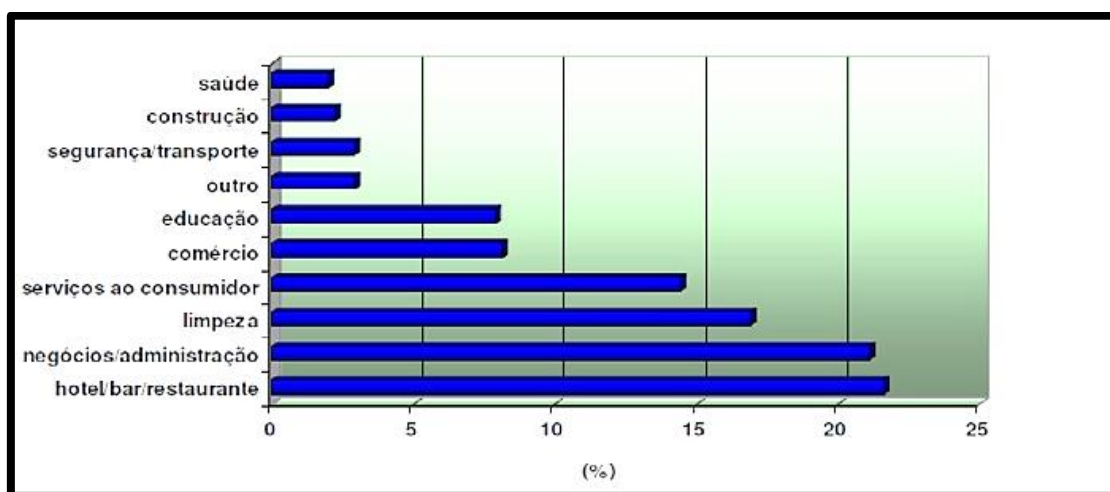
Fonte: EVANS, 2010 e EVANS, et al., 2011. Organização: BATARCE, 2013.

Observamos ainda no gráfico 17 que ocorre uma queda percentual, na participação dos imigrantes, em todas as categorias de atividade remunerada. Este fato está relacionado com a crise econômica mundial que se iniciou em 2008 e que elevou as taxas de desemprego mundialmente, e isto se refletiu na

Inglaterra que atingiu patamares de desemprego de 5% (média de 2004-2008) e de 8% de desemprego (média 2009-2013)<sup>43</sup>.

Além destes dois setores destacados, em ambos os anos nas pesquisas realizadas por Evans e Evans et al., outros setores foram destacados no ano de 2010, conforme pode ser observado no gráfico 18.

*Gráfico 18 - Diferentes setores de trabalho apresentados por brasileiros / 2010 Londres (%)*



Fonte: EVANS, et al., 2011, p. 20.

A partir desse levantamento de dados, destacam-se outros setores de atividade remunerada, que na pesquisa realizada em 2006 não apareciam, como o setor de negócios, de serviços ao consumidor, comércio, de saúde, entre outros. Os setores de hotel/bar/restaurante e de limpeza, ainda aparecem em evidência e demonstram a falta de domínio da língua das pessoas que trabalham nestes setores e que estas provavelmente não estão no país há muito tempo.

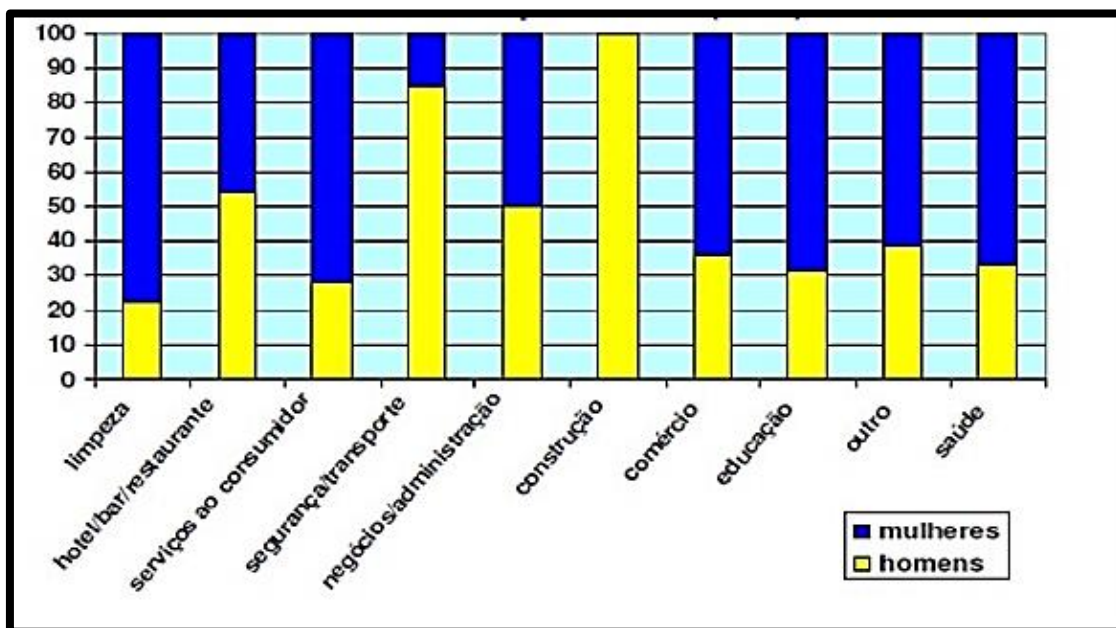
Outro setor que se destaca é o de negócios/administração<sup>44</sup>, demonstra a possibilidade de as pessoas pertencentes a este setor da economia possuírem o domínio do idioma, portanto, conseguem melhores postos de trabalho.

<sup>43</sup> Fonte: WEO, FMI. Crise econômica global e o aumento da taxa de desemprego., 2014. Apresenta informações especializadas em: <<http://brasildebate.com.br/crise-economica-global-e-o-aumento-da-taxa-de-desemprego/>>. Acesso em: outubro de 2014.

<sup>44</sup> Esta afirmação pode ser equivocada, pois o trabalho de campo realizado nesta pesquisa dá a entender que este setor de administração-negócios, não se refere especificamente ao mercado financeiro, mas sim refere-se a pequenas empresas (negócios próprios) e trabalhos autônomos, como o de cabeleireira, salgadeira, boleira.

É essencial demonstrar os dados relacionados com a atividade remunerada e gênero, posto que, já evidenciamos que existem mais mulheres e imigrantes em Londres do que homens. No gráfico 19, apresentamos esta diferenciação de gênero.

Gráfico 19 - Atividade remunerada de brasileiros em Londres segundo gênero 2010 (%)



Fonte: EVANS, et al., 2011, p. 20.

Como se observa no resultado da pesquisa de Evans et al (2011), as mulheres se sobressaem em relação aos homens nas atividades relacionadas a limpeza com 77%, assim como nas atividades de serviços ao consumidor com 72%, na saúde com 67%, na educação com 69% e no comércio com 64%. Os homens, no entanto, prevalecem nas atividades relacionadas a construção com 100%, na segurança e transporte com 85% e com 54% nas atividades relacionadas com hotel/bar/restaurante.

A atividade na limpeza, como demonstrado, não exige qualificação profissional, tampouco o domínio da língua, portanto, normalmente é o primeiro emprego que o (a) migrante tem acesso. No entanto, existem outros fatores facilitadores de acesso a esse primeiro emprego, que são as redes de contato formadas entre amigos e familiares e a aproximação linguística entre os

imigrantes brasileiros com os imigrantes falantes de português e espanhol, esta aproximação permite a cooperação na busca pelo emprego.

Isto posto, dificilmente uma pessoa que não possui o domínio mínimo da língua inglesa conseguirá trabalhar em outros setores como o de serviços ao consumidor, se não tiver um amigo, porque é necessário entender o que o cidadão inglês fala, e neste caso o migrante que não entende a língua do país, precisa que alguém o ajude linguisticamente até o momento de se familiarizar ao menos com o vocabulário exigido naquele tipo de trabalho.

Além da falta do domínio do idioma como fator limitante para a aquisição de trabalho, existem também as leis internas do país que limitam as oportunidades de entrada no mercado de trabalho, isso explica, porque mesmo o sujeito tendo qualificação profissional oriunda do seu país, não consegue exercê-la, conquistando apenas empregos de baixa qualificação. Esta questão será melhor elucidada na sequência da discussão sobre o tempo de permanência desses migrantes brasileiros na Inglaterra.

Segundo a pesquisa apresentada por Evans et al (2011), a medida que os migrantes brasileiros aumentam o tempo de permanência em Londres, adquirem melhores postos de trabalho, pois passam a ter maior domínio da língua inglesa. A tabela 1 demonstra esta situação.

*Tabela 1 - Setor de atividade por tempo de estadia em Londres (2010)*

SETOR DE ATIVIDADE	TEMPO DE ESTADA (%)			
	até 1 ano	1-2 anos	2-5 anos	> 5 anos
Limpeza	16,2	16,2	47,3	20,3
Construção	33,3	11,1	44,4	11,1
Segurança/transporte	23,1	15,4	23,1	38,5
Hotel/bar/restaurante	29,8	25,5	23,4	21,3
Comércio	8,3	13,9	33,3	44,4
Educação	5,7	8,6	20	65,7
Negócios/administração	8,7	9,8	29,3	52,2
Serviços ao consumidor	14,1	9,4	31,3	45,3
Outro	23,1	30,8	7,7	38,5
Saúde	0	11,1	22,2	66,7
<b>Total (%)</b>	16,2	5,3	30,3	38,3

Fonte: EVANS et al., 2011, p. 21.

Analisando cada categoria, em relação ao tempo de permanência em Londres verificamos, crescimento no setor de limpeza no período de 2-5 anos e depois o decréscimo no período > 5 anos, sugerindo que somente após cinco anos de permanência parte dos migrantes passam a compreender melhor a língua e, assim, podem adquirir emprego em outro setor da economia, no entanto, parte destes sujeitos continuam na área da limpeza mesmo após cinco anos de permanência. Questiona-se será que essa parcela não aprendeu o idioma suficientemente? Muitas vezes não, pois pode ter convivido todo este tempo com brasileiros e outros povos latinos, ou não tiveram condições de frequentar uma escola de inglês para aprender o idioma. Ou será que essas pessoas querem continuar neste setor?

No setor da construção, observa-se que os homens no primeiro ano participam efetivamente, depois em relação ao período de 1-2 anos há uma queda neste efetivo e novamente sobe representativamente entre 2-5 anos.

Sugere-se que na construção civil estes sujeitos são mais valorizados economicamente do que no setor da limpeza, ambos os setores que não necessitam do domínio da língua inglesa. Já com o período de permanência de mais de cinco anos é possível observar que parte destas pessoas deixa de trabalhar neste setor, mas uma pequena fração continua no setor.

Referente a estes dois setores em Londres, Evans (2010) destaca que:

[...] só homens trabalhavam na construção e como motoristas e entregadores, enquanto só mulheres trabalhavam como babás. E também mais homens do que mulheres trabalhavam em hotéis, bares e restaurantes, enquanto as mulheres predominavam em tarefas de limpeza. (EVANS, 2010, p. 15).

A área de segurança/transporte também sofre uma queda no período de 1-2 anos, mas cresce nos períodos subsequentes. Já no setor de hotel/bar/restaurante ocorre queda desde o primeiro período até o período relativo a permanência de mais de cinco anos, talvez porque nestes postos de trabalho normalmente a pessoa trabalha várias horas diárias ou porque trabalha nos finais de semana.

Existe certa expressividade de crescimento na atividade econômica relacionada ao comércio e serviços, como elucida a tabela 3, sugerindo que após a passagem pelas atividades de limpeza e de hotel/bar/restaurante os migrantes começam a participar dessas outras duas atividades cujo salário é melhor.

O crescimento nas atividades dos setores de negócios/administração, educação e saúde são os que mais se destacam em relação ao tempo de permanência. Desta forma, destacamos que os migrantes que alcançam estes setores após cinco anos de permanência, aprenderam a língua inglesa e que possivelmente são aqueles oriundos de uma situação econômica melhor, que chegou a Inglaterra já com o ensino superior e pode, assim, ter vantagens no desenvolvimento das atividades remuneradas que exigem maior qualificação.

Em relação às outras atividades, que não se encaixam em nenhum dos outros setores já mencionados, ocorreu também crescimento. Destacamos nesta categoria, segundo Evans et al (2011) atividades como:

Técnico de laboratório, professor universitário, assistente de eventos corporativos, analista de sistemas, engenheiro, pesquisador, arquiteta, assistente administrativo, auditor, analista financeiro, secretária, gerente de restaurante, bancário, gerente de operações, gerente de marketing e, gerente de pesquisa de mercado. (EVANS et al., 2011, p. 21).

### 3.2.8 Condição Salarial

Na pesquisa realizada por Evans, tanto no ano de 2006, quanto no ano de 2010, revelou que a maioria dos migrantes brasileiros que se encontravam em Londres possuíam remuneração acima do salário mínimo inglês.

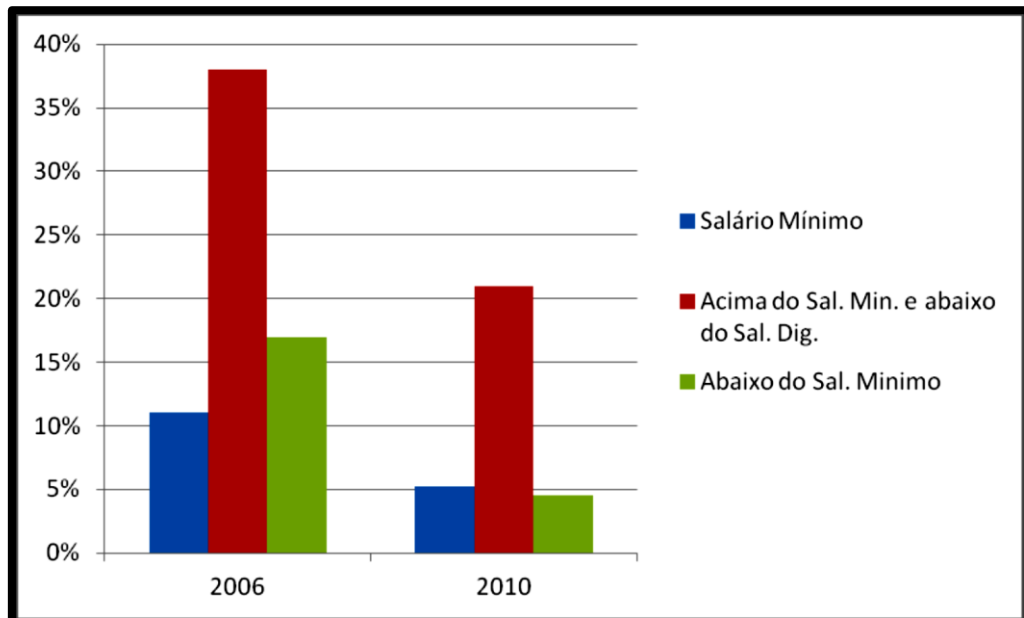
Esta autora utilizou, para classificar os salários recebidos pelos brasileiros, o salário mínimo inglês conhecido como *National Minimum Wage*, bem como o salário digno conhecido como *living Wage*. O salário mínimo “é compulsório, sendo estipulado como salário-hora. Seu valor é incrementado em outubro de cada ano pelo governo nacional (EVANS, et al. 2011, p. 22)”. Em 2010, o valor vigente era de £ 5,80 (Evans et al. 2011), já o salário digno:

[...] é designado como o salário-hora necessário à manutenção de uma família (um casal e dois filhos) em um padrão de vida minimamente decente. Seu valor é vigente por um ano, sendo incrementado em maio de cada ano pelo Gabinete do prefeito de Londres (*Office of the Mayor of London*). Em 2010 o valor era de £ 7,85 (EVANS et al 2011, p. 22).

Cruzando os dados das pesquisas realizadas nos diferentes anos, o gráfico 20, elucida que em 2006 existia mais migrantes recebendo o salário mínimo do que em 2011, houve uma queda de praticamente 50%. Esta queda também é percebida nas pessoas que se enquadravam recebendo entre o salário mínimo e o salário digno e naquelas que recebiam abaixo do salário mínimo. Normalmente as pessoas que recebem abaixo do salário mínimo são aquelas consideradas ilegais, Evans (2010, p.18) observa que:

[...] dos 17% que recebiam abaixo do salário mínimo a maioria não tinha autorização para trabalhar (visto vencido). Do mesmo modo, cerca de um quinto dos que não estavam autorizados a trabalhar (visto vencido) recebia salários abaixo do salário mínimo. Assim, a falta de autorização para trabalhar não implicava, necessariamente, em receber salário abaixo do salário mínimo [...]

Gráfico 20 - Ganhos salariais dos brasileiros nos anos de 2006 e 2010 (% em Londres)



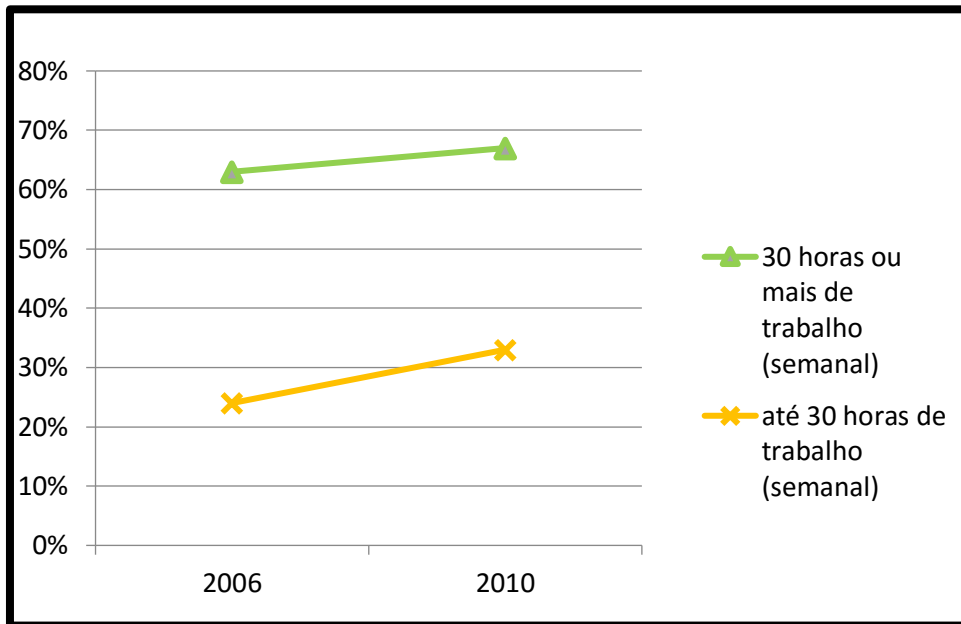
Fonte: EVANS, 2010 e EVANS, et al., 2011. Org.: Ana Paula A. Batarce, 2013.

### 3.2.9 Carga horária semanal de trabalho

Como já foi dito anteriormente, o salário é compulsório, ou seja, existe um valor mínimo estipulado, sendo obrigatório o seu estabelecimento. Este salário é remunerado por hora de trabalho. As pessoas podem receber este salário, mensalmente, semanalmente ou diariamente dependendo da atividade que exerce.

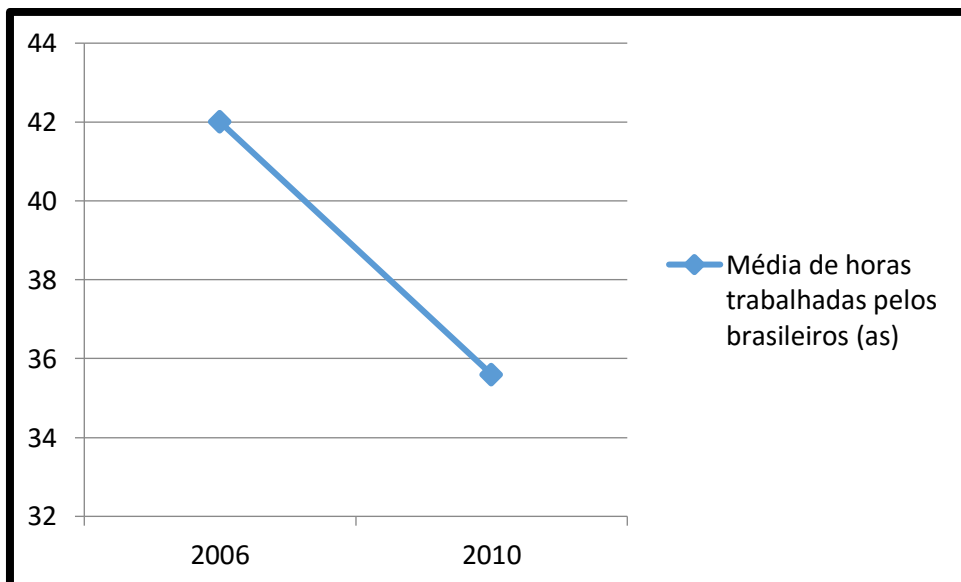
Em relação à população de brasileiros (as) que se encontra em Londres a amostragem de Evans em 2006 e em 2010 demonstra que de modo geral a maioria dos homens e mulheres possuem trabalhos em período integral, enquanto que cerca de um terço dos outros possuem trabalhos de tempo parcial, como é evidenciado no gráfico 21. Também consta a média de horas trabalhadas no gráfico 22.

Gráfico 21 - Carga horária semanal de trabalho dos brasileiros (as) em Londres – 2006-2010 (%)



Fonte: EVANS, 2010 e EVANS et al., 2011. Org.: Ana Paula A. Batarce, 2013.

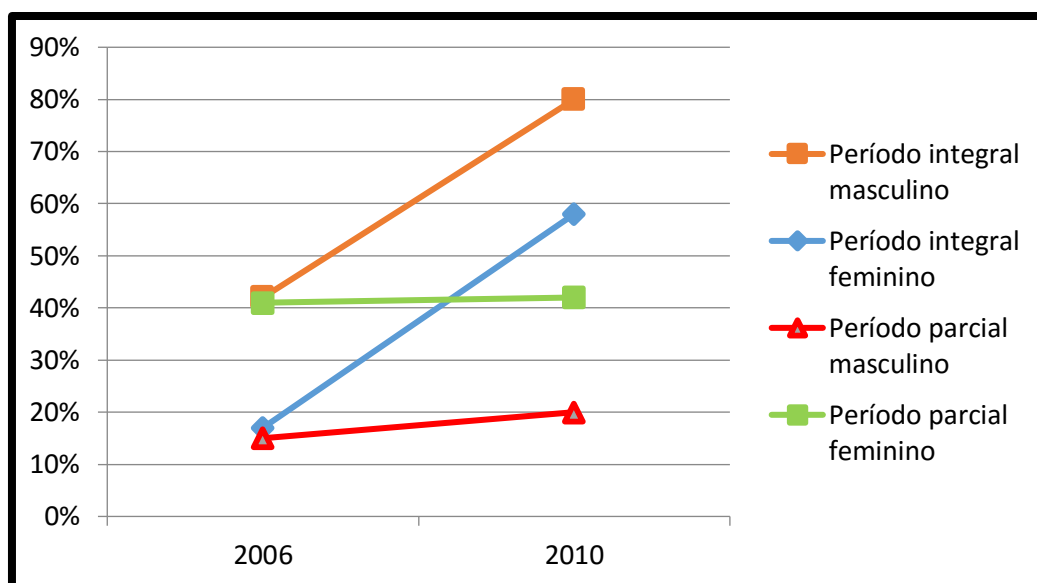
Gráfico 22 - Média da carga horária semanal trabalhada pelos brasileiros (as) em Londres - (horas)



Fonte: EVANS, 2010 e EVANS et al., 2011. Org.: Ana Paula A. Batarce, 2013.

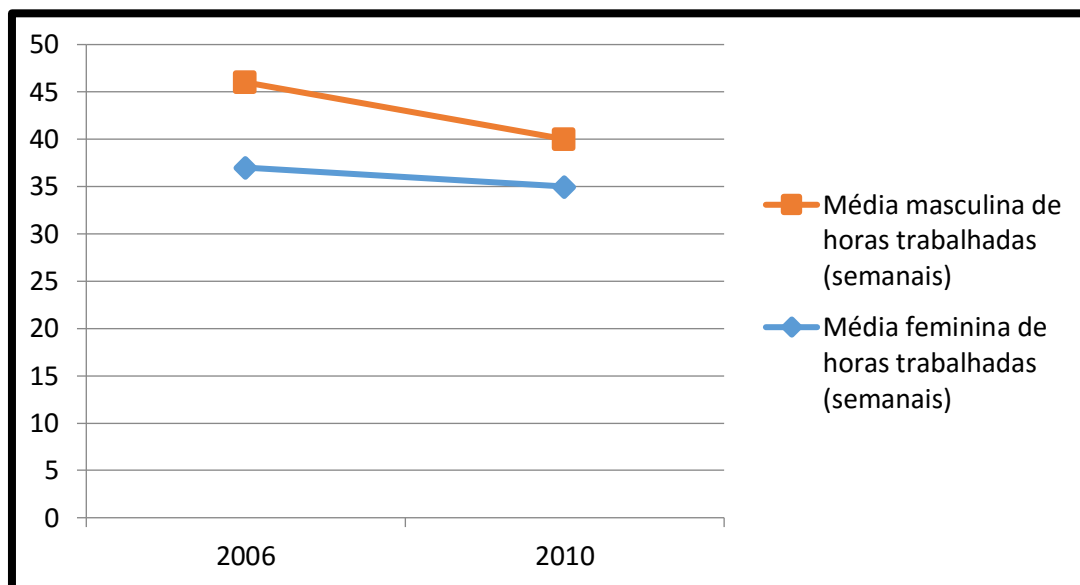
Quando nas duas amostragens utilizamos o período de trabalho segundo gênero verificamos que tanto no ano de 2006 quanto no ano de 2010 haviam mais homens realizando atividades de tempo integral do que mulheres. Observamos, também, que ocorreu crescimento considerável na presença de homens e mulheres que realizavam atividades no período integral. Em contrapartida, apontamos que em trabalhos realizados em período parcial, apesar de leve crescimento percentual em relação ao sexo masculino, tanto em 2006 quanto em 2010 às mulheres se destacaram. De modo geral, percebemos que há um decréscimo na carga média de horas trabalhadas semanalmente em relação aos anos de 2006 e 2010. Estas situações podem ser observadas nos gráficos 23 e 24.

*Gráfico 23 - Carga horária semanal de trabalho 2006-2010 segundo gênero de brasileiros (as) em Londres (%)*



Fonte: EVANS, 2010 e EVANS et al, 2011. Org.: Ana Paula A. Batarce, 2013.

Gráfico 24 - Média da carga horária semanal trabalhada segundo gênero de brasileiros em Londres (Horas semanais)



Fonte: EVANS, 2010 e EVANS et al, 2011. Org.: Ana Paula A. Batarce, 2013.

Segundo Evans no ano de 2006, a média de horas trabalhadas pelos homens entrevistados era de 46 horas semanais, já as mulheres trabalhavam em média 37 horas semanais. Em 2010 os homens trabalhavam em média 40 horas, e as mulheres, 35 horas.

Se usarmos para fins de comparação o valor do salário mínimo na Inglaterra em 2006 era de £ 5,35 temos uma renda mensal de £1107,45 no caso dos homens e de £ 890,77 no caso das mulheres. E em 2010 temos £ 1067,4 para os homens e £933,97 para as mulheres.

Ainda podemos relacionar esta média de carga horária com os postos de trabalho como nos apresenta os dados, existem mais mulheres realizando atividades nas áreas de limpeza e de atendimento ao consumidor do que homens. Os dados sugerem que as mulheres trabalham em sua maioria em trabalhos de período parcial, ou seja, meio período, isso condiz com o fato de que culturalmente a mulher brasileira tem dupla jornada de trabalho, pois é, geralmente, quem executa as tarefas domésticas e familiares.

Sintetizando o exposto nesse capítulo, vimos que, a partir dos dados desta pesquisa foi possível corroborar com Evans et al (2011) em relação ao Estado

de São Paulo ser o principal emissor de migrantes brasileiros. Salientamos ainda que, de acordo com os dados coletados nesse trabalho, a cidade de São Paulo é a principal emissora destes sujeitos, seguida por outras cidades de outros Estados como Goiânia (GO) e Belo Horizonte (MG).

Esse trabalho também reafirma os dados de Evans et al (2011) de que há na metrópole Londrina a concentração da presença de brasileiro(a)s principalmente nos distritos de “Brent”, “Lambeth” e “Southwark”. Mesmo não existindo a possibilidade de comparação rigorosa entre os resultados de ambos os trabalhos, pois trata-se de diferentes amostragens, sugerimos uma tendência de crescimento desta concentração populacional de brasileiros no Sul de Londres no distrito de “Bromley”. No entanto, esta tendência apenas poderá ser confirmada com o aprofundamento da pesquisa, pois não existem números, dados quantitativos que comprovem isso, o que existe além da amostragem deste trabalho é a percepção empírica do lugar, devido à realização da pesquisa e de alguns meses de residência e observação neste local de Londres e também de conversas informais com as pessoas frequentadoras do café e mercearia “Braziliana”.

Notamos, a partir de Evans, que os brasileiros que se encontram em Londres são originários principalmente dos Estados de São Paulo, Paraná e Minas Gerais e evidenciamos que no ano de 2006 havia maior representatividade masculina no movimento migratório, mas este número se inverte em 2010, pois a população feminina ultrapassa a masculina. Verificamos também que a faixa etária predominante entre homens e mulheres foi de 25-39 anos em 2010, denotando que as pessoas que passam a fazer parte do movimento migratório estão mais velhas em relação à pesquisa realizada em 2006.

O nível educacional dos brasileiros também apresentou melhoras, comparando-se as amostras nos distintos momentos, pois mais brasileiros (as) completaram o ensino superior. Observamos que, o principal motivo apresentado pelas amostragens para entrar no movimento migratório foi o de estudar, este representado tanto pela procura dos cursos de pós-graduação, quanto pela procura da aprendizagem da língua inglesa.

Percebemos, também, que cruzar a fronteira e estabelecer a permanência no Reino Unido representa uma das preocupações mais latentes desta comunidade migrante. Verificamos um crescimento na aquisição do passaporte europeu, que permite a completa legalidade destas pessoas na Inglaterra. Em contrapartida, também cresceu o número de brasileiros (as) com vistos vencidos, cerca de 1/3 da última amostragem.

Mesmo utilizando de amostragens quantitativas ainda limitadas, as informações apresentadas aqui, inéditas, proporcionam a abertura de um leque de possibilidades de pesquisa. Os trabalhos de Evans (2010), Evans et al (2011) e esta pesquisa são fundamentais, pois eles iniciam a criação de um banco de dados, ainda que pequeno, sobre a população brasileira que reside em Londres e que é “invisível” perante o governo inglês e perante o próprio governo brasileiro. O governo brasileiro não sabe ao certo quantos brasileiros residem em Londres, os dados oficiais são estimativas que se baseiam no atendimento ao público realizado pelo Consulado brasileiro e pela Embaixada brasileira.

Entendemos que a partir dos dados que apresentamos, outras portas para pesquisa sobre a comunidade brasileira se abrem, indicando o tipo de influências econômicas, sociais e culturais que esta comunidade pode proporcionar em ambos Países. Casos particulares como o movimento migratório valadarense para Inglaterra também pode ser interessante, já que aparece nessa pesquisa a ocorrência de pessoas que vivem em Londres e que são originárias de Governador Valadares e sabemos que esta cidade enviou centenas de migrantes para a América do Norte no final do século passado. Outra possibilidade de investigação seria a de aprofundamento sobre a concentração brasileira nos bairros específicos de Londres apontados pelos nossos dados.

O direcionamento dos locais de saída e de chegada destes sujeitos nos permite, compreender a dinâmica espacial migratória destes sujeitos e principalmente a necessidade deste migrante que deixa seu território nacional para viver no território nacional do outro. Assim, a localização geográfica nos permite conhecer e relacionar fatos concretos como a realidade da espacialidade migratória dos brasileiros em Londres. Estudar a comunidade brasileira em Londres é contribuir para demonstrar a existência destas pessoas e criar possibilidades de políticas públicas para os migrantes internacionais.

Finalizamos com a evidência de que o movimento migratório atual apesar de estar pautado nos processos de regionalização e globalização e de as pessoas que dele participam se encontrarem condicionadas às restrições, contenções e controles dos deslocamentos, como bem observado, resistentemente constroem o espaço a partir de suas trajetórias de vida. A presença das mulheres é cada vez mais evidenciada no movimento migratório de brasileiros (as) para Londres, o próximo capítulo é dedicado a refletir sobre uma parcela das trabalhadoras brasileiras em Londres.

## Capítulo 4 - MULHERES BRASILEIRAS EM LONDRES

Este capítulo tem como objetivo apresentar a cidade de Londres e as territorialidades brasileiras encontradas nela, assim como, objetiva delinear o perfil das características demográficas das trabalhadoras brasileiras que se encontravam em Londres (RU) e que fizeram parte dessa amostragem, e também de explorar os motivos desta migração através de suas “vozes”. Assim, pesquisar a migração de brasileiras para Londres contribuirá para o avanço na fronteira do conhecimento dos estudos migratórios.

Para tanto, adotamos como base os dados provenientes da pesquisa empírica realizada em Londres no período de 2014-2015. Destacamos que durante a realização dessa parte empírica, descobrimos vários locais na cidade de Londres que representavam a territorialidade brasileira, logo, percebemos que essas territorialidades existiam para além do Consulado brasileiro e da Embaixada brasileira. Foi a partir da localização desses dois lugares que, possuem função diplomática, que foi possível traçarmos outros caminhos, auxiliados pelo mapa do metrô de Londres (cartograma 5), caminhos estes que nos levaram a outras territorialidades.

Também a partir dos questionários aplicados, conseguimos delinear o perfil das características demográficas das mulheres trabalhadoras da amostragem, verificamos que 72,7% das mulheres eram brancas, apresentaram-se na faixa etária de 30 a 40 anos, 53,7% possuíam filhos, 40,3% possuíam ensino superior completo. Quanto a origem, o principal lugar evidenciado foi a cidade de São Paulo. Em relação ao estado civil em 2014, 49,3% estavam casadas com brasileiros, 13,6% casadas com portugueses e, o restante, casadas com outras nacionalidades. Do ponto de vista do status migratório 4,6% encontravam-se indocumentadas. Além dessas questões demográficas, por meio das entrevistas semiestruturadas apresentamos as “vozes” individuais que expressam os motivos de sua entrada no movimento migratório internacional.

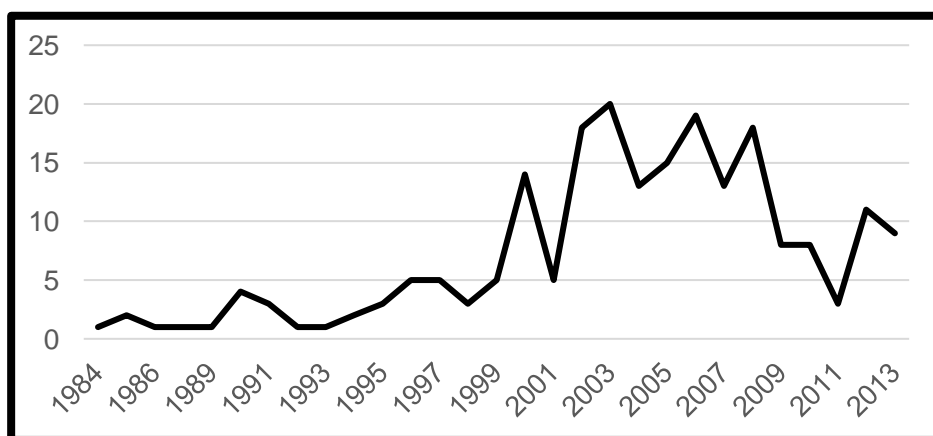
Analisar quem são estas mulheres que migram para estudar, que migram para trabalhar, que migram por melhores condições de vida, que migram por aventura, que migram por um sonho, que migram fugindo da violência, que migram fugindo do sofrimento matrimonial e o porquê elas utilizam a migração

como uma estratégia de sobrevivência, contribuirá no aprofundamento da realidade migratória da comunidade brasileira que vive em Londres-RU.

Além da apresentação dos dados demográficos, é possível relacionar o aumento deste fluxo migratório entre Brasil-Londres com o momento histórico-econômico, social, político, cultural pelo qual passava o país. Este contexto é importante porque o ato de migrar não deve ser analisado apenas pela ação, pelo movimento de ir e vir, mas deve abarcar uma complexidade maior, ir além, procurar outras respostas.

Evidenciamos, no gráfico 25, claramente, os anos de maior fluxo de saída destas mulheres do Brasil rumo à Londres (RU). Percebemos que nos anos de 1980 a movimentação migratória era pouco representativa, as oscilações no gráfico são pequenas e esta situação permanece estável até o início dos anos 1990. A intensificação da crise econômica com o fracasso do Plano Cruzado deve ter contribuído para um pequeno aumento da migração entre 1989 a 1991, com volta ao patamar anterior devido, certamente, ao Plano Real (1993-1994), mas com tendência ao crescimento logo em seguida (1995 em diante).

*Gráfico 25 - Ano em que as mulheres deixam de viver no Brasil (nº. de mulheres/ano)*



Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

Com a valorização da moeda ascende a movimentação migratória. No entanto, em 1998, ocorreu uma inflexão negativa, pois iniciou-se a desvalorização cambial e elevou-se a taxa de desemprego. Com o início do governo Lula, em 2003, ocorreu uma retomada da economia, diminuiu a taxa de

desemprego, diminuiu a taxa de juros, ocorreram políticas de distribuição de renda.

Mas, conforme também aponta o gráfico 25, o fluxo migratório do universo desta pesquisa atinge patamares mais elevados justamente no ano de 2003; isto sugere uma possível relação com a transformação histórico-econômica descrita, mas também com a possibilidade de acesso a uma certa condição cultural que antes não estava colocada. E esta condição, no interior de uma metrópole cosmopolita (como São Paulo), pode ter possibilitado, também, um conjunto de relações e de contatos com outros lugares, como Londres; ou seja, a dinamização da internet e redes sociais, associada a expectativas positivas de trabalho e estudo no exterior, pode ter provocado o aumento da corrente migratório de brasileiros para a Inglaterra.

Neste sentido, podemos vincular esse movimento de possibilidades, ao desenvolvimento ou o aprimoramento da técnica, conforme aponta Santos (1994) com o meio -técnico-científico-informacional. Veremos, nitidamente, o *poder da técnica*, nas vozes das mulheres migrantes, pois elas evidenciam as redes de contato como facilitadoras no desenvolvimento do processo migratório, e essas redes se concretizam tanto no mundo real (relações interpessoais), quanto no mundo virtual (redes sociais/Skype).

No ano de 2008, o gráfico nos mostra uma queda no movimento de saída. Este é o ano da crise econômica que se iniciou nos Estados Unidos e atingiu os países europeus e o mundo no contexto econômico internacional.

Em 2011, iniciou-se uma crise interna no Brasil, ocorreu a desvalorização da moeda e estagnação econômica, com isso elevou-se a taxa de desemprego. Este momento é marcado pelo fim do governo Lula (2010) e início do Governo Dilma (1º de janeiro de 2011).

Este contexto, esta conjuntura política, econômica, social por qual passou o país, estava presente na vida das mulheres que fizeram parte dessa pesquisa, pois estes foram os anos em que elas declararam ter deixado de viver no Brasil. Não podemos deixar de salientar que também estava presente nesse contexto a internet, a possibilidade de maior acesso a realização de viagens internacionais e principalmente as redes de contato. Elementos facilitadores no movimento migratório.

Veremos a partir das “vozes” das entrevistadas, quais foram os motivos da migração. Porém, antes de conhecer os motivos pelos quais elas migraram, é importante conhecer algumas características da cidade de Londres e as territorialidades brasileiras, assim como é importante conhecer as características demográficas dessas brasileiras.

#### 4.1. Conhecendo Londres e a territorialidade brasileira

Londres é a maior cidade e a mais populosa da Inglaterra e do Reino Unido, com aproximadamente uma população de 8.173.941<sup>45</sup>, a cidade está localizada na porção sul do país, como pode ser observado no cartograma 3.

Cartograma 3 - A Inglaterra no Reino Unido



Fonte: National Archives, 2013.

Ela também é a segunda cidade mais importante do mundo financeiro, perdendo apenas para Nova York, assim é uma das líderes mundiais em

<sup>45</sup> Fonte: Mais informações do Censo inglês na página <<http://files.datapress.io/london/dataset/2011-census-demography/2011-census-first-results.pdf>>. Pesquisa realizada no dia 04 de janeiro de 2015.

investimento e hospeda varejistas de todo o mundo, todas as marcas e estilos são encontrados em Londres.

A capital inglesa está dividida em 32 distritos<sup>46</sup>, também chamados de *borough*<sup>47</sup>, mais a pequena área central conhecida como *City of London*. Assim são 33 subdivisões administrativas. Cada *borough* é governado pelo que se chama *Council*<sup>48</sup> que é um governo local responsável pela: coleta de lixo, pela reciclagem do lixo, habitação, planejamento e principalmente por recolher a taxa chamada *Council tax* cobrada de todos os moradores pertencentes ao distrito.

Além da divisão em distritos, estes pertencem ou a região denominada *Inner London*<sup>49</sup> ou a região denominada *Outer London*, conforme evidenciado na cartograma 4.

Em relação ao sistema público de transporte a cidade está dividida em seis diferentes zonas, como pode ser observado no cartograma 5. Estas zonas são representadas por círculos, e a zona um é localizada no centro deste círculo, sendo assim os outros círculos são encontrados ao seu redor, formando as outras zonas. Isto é bem nítido no cartograma 5. Assim a zona mais cara é a um, que envolve boa parte do centro de Londres, inclusive o financeiro, então quanto mais a pessoa se deslocar utilizando o transporte público entre as zonas, mais ela pagará<sup>50</sup>.

---

<sup>46</sup> Apresenta-se resumidamente a estrutura urbana de Londres, pois não é o objetivo desta tese esta discussão.

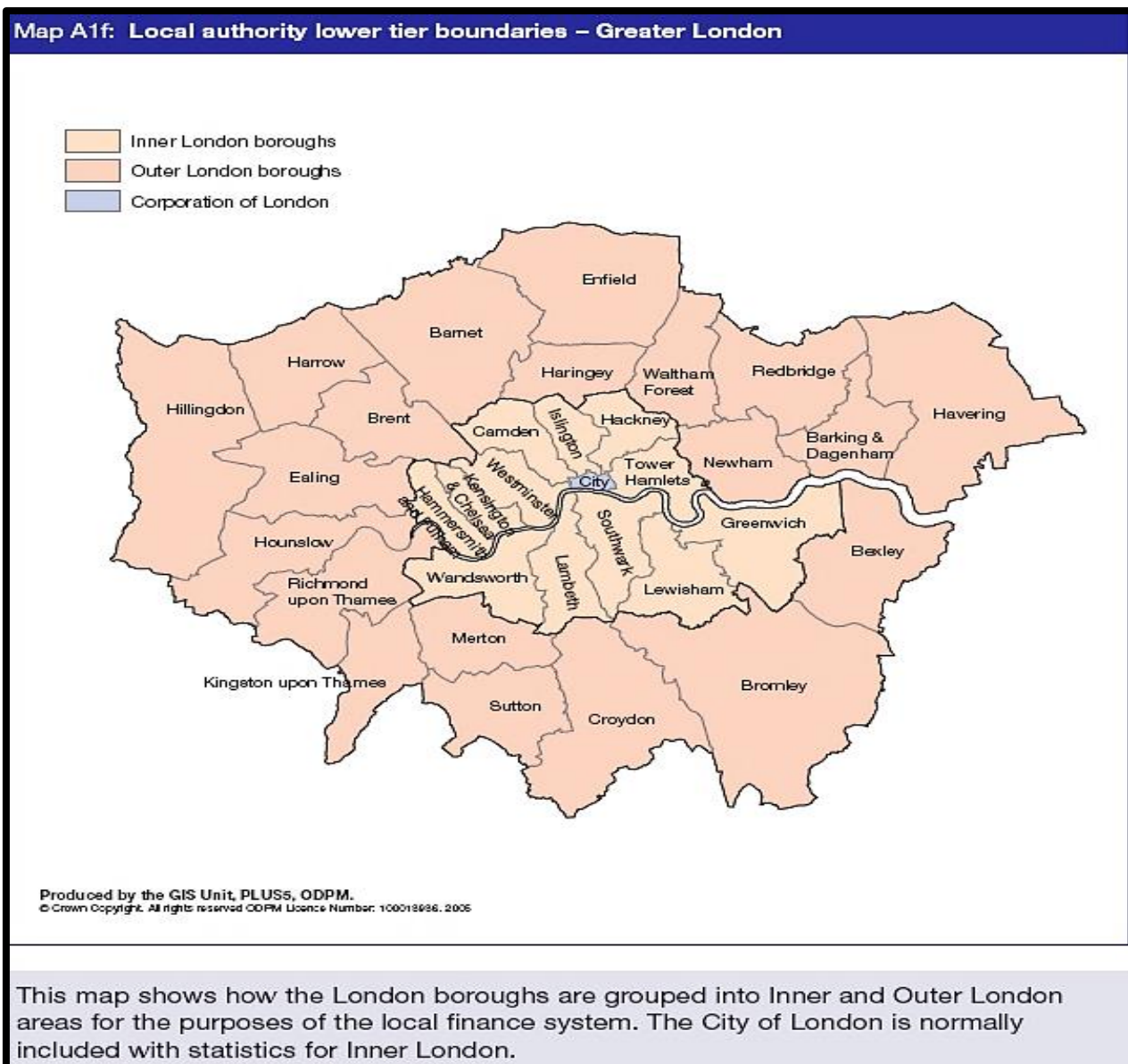
<sup>47</sup> Para maiores informações, disponível no site: [www.london.gov.uk](http://www.london.gov.uk).

<sup>48</sup> Informações retiradas do site: <[www.gov.uk/understand-how-your-council-works/types-of-council](http://www.gov.uk/understand-how-your-council-works/types-of-council)>.

<sup>49</sup> A lista dos “Boroughs” pertencentes a “Inner London” e “Outer London” pode ser encontrada no site: [www.gov.uk/node/londoncouncils](http://www.gov.uk/node/londoncouncils) 1938.

<sup>50</sup> Informações a respeito das tarifas conforme as zonas se encontram no site: <https://tfl.gov.uk/fares-and-payments>.

## Cartograma 4 – Regiões - Inner London e Outer London



Fonte: National Archives (UK), 2013.

O sistema do transporte público de Londres é formado por diferentes tipos de veículos, os principais são o ônibus, o metrô, e o trem. Desta maneira, compreender o cartograma<sup>51</sup> do transporte de Londres é um dos possíveis caminhos para chegar a alguns lugares cuja identidade brasileira está em evidência.

<sup>51</sup> Os mapas de transporte da cidade de Londres podem ser encontrados no site: <https://tfl.gov.uk/maps>.



No cartograma 5, que é um dos mais utilizados e o mais facilmente encontrado nas estações ou no site dos sistemas de transportes da cidade, se encontra as diferentes linhas do metro, assim como, as outras modalidades de transporte que existem e suas possíveis conexões. Assegura-se que estas conexões foram e são elaboradas, pois constantemente há reformas, com o objetivo de realizar a ligação com alguma linha de metrô para que assim toda a cidade possa estar conectada com um transporte mais rápido.

Para isso existem outros tipos de transporte além do ônibus e do metrô como por exemplo o *DLR – Docklands Light Railway*, o *Tramlink*, o *Emirates Air Line* e o *River Bus*. Tanto o *DLR* como o *Tramlink* são uma espécie de trem elétrico, porém, é pequeno em relação aos outros tipos de trem encontrados na cidade, suas linhas normalmente caminham ao ar livre, muitas vezes por ruas e viadutos que cortam regiões específicas da cidade. O *Emirates Air Line* é uma linha aérea, semelhante a um bondinho aéreo que cruza o rio Tâmis, ligando *Greenwich* à *Royal Docks*. E o *River bus* é formado por cinco barcos que operam em 19 cais e atravessam o rio Tâmis com pessoas que podem ser turistas e não turistas. Estes dois transportes alternativos aceitam o pagamento com o *oyster card*<sup>52</sup>, que é um cartão magnético utilizado para realizar o pagamento do transporte.

As fotografias (9,10,11 e 12), em seguida, evidenciam alguns dos tipos de transporte que existem em Londres, como: o ônibus que é o meio de transporte mais barato, com ele se pode cortar a cidade de norte a sul e de leste a oeste; o trem que leva as pessoas para áreas mais distantes da zona 1 e até mesmo para outras cidades que se encontram ao redor de Londres, ele possui vários vagões e não é tão veloz; o metrô que é o transporte mais rápido, caminha pelo subterrâneo e estabelece as conexões com os outros tipos de transporte; e o *Overground* que é um tipo de trem mais moderno, mas que não possui tantos vagões é mais rápido do que o trem mas não tão rápido quanto o metrô, ele caminha por áreas ao ar livre e alguns túneis, porém não é subterrâneo e foi

---

<sup>52</sup>Para maiores informações do “oyster card” procurar no site: <https://tfl.gov.uk/fares-and-payments/oyster?intcmp=1683>.

criado à poucos anos para ligar áreas cuja a conexão ocorria com o trem ou com o ônibus.

*Fotografia 9 - Ônibus urbano em Crystal Palace Parade (Londres)*



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

*Fotografia 10 - Trem da companhia "Southern" na estação de "Anerley"*



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

*Fotografia 11 - London Underground – metrô-estação de “Seven Sister”*



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

*Fotografia 12- London Overground- trem - estação de Willesden Junction*



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

Conhecer o sistema de transporte é fundamental para as pessoas que vivem na cidade. Elaine<sup>53</sup> conta que quando chegou em Londres seu amigo lhe trouxe três elementos básicos de sobrevivência na cidade, “seria como que um “kit básico de sobrevivência”, que foi o *oyster card*, o mapa do transporte e da cidade e um chip para o celular”. O *oyster card* é um cartão de plástico, parecido com os cartões de banco, ele é utilizado no transporte urbano da cidade, então pode ser usado no ônibus, no metrô (*underground* ou *tube*), no *London overground*, no *Tramlink*, no *DLR*, no *TFL rail* e na maioria dos trens urbanos.

Atualmente também existe o *contact less*, que nada mais é do que o uso do cartão do banco, seja ele qual for, direto no leitor do *oyster card*, assim é descontado o valor da passagem, ou do passe da semana no próprio cartão do banco, na verdade, ele funciona como o *oyster card*, mas não é ainda muito utilizado.

O mapa do metrô (cartograma 5), do trem, das rotas de ônibus e da cidade, facilita a locomoção, assim como, o uso do GPS, que pode ser instalado nos smartphones, pois estes auxiliam na localização dos lugares. Dessa maneira as pessoas utilizam constantemente o GPS, devido ao tamanho da capital inglesa e a constituição do tecido urbano, visto que Londres é tão densamente povoada que em qualquer beco existe alguma coisa construída. Observamos que o celular além do aspecto da localização, tem uma função essencial na vida das pessoas, pois ele facilita o desenvolvimento das redes sociais, o que é também chamado de *network*.

Asseguramos, assim, que nessa cidade dificilmente uma pessoa vive sem um celular, sem o transporte seja ele qual for, portanto, não se vive sem o *oyster card* e sem os mapas que direcionam as pessoas exatamente aos lugares onde precisam estar. Sem contar que a conexão à internet em Londres pelo celular é acessível economicamente e muitas vezes se encontra gratuitamente. Claro que toda esta tecnologia não é utilizada por todas as pessoas, mas comumente é assim, existem, por exemplo, aquelas pessoas que preferem os mapas de papel que se encontram nas estações ou no guia conhecido “*A to Z*”, que é um livro

---

<sup>53</sup> Informação obtida através da pesquisa empírica - entrevista

mapa, com todas as ruas, avenidas e códigos postais de Londres, muito utilizado, até hoje é facilmente encontrado para compra.

Isto posto, descrevemos Londres, a partir do cotidiano do migrante brasileiro e da manifestação da identidade brasileira em território londrino, logo, essa caracterização se dá a partir de alguns pontos chaves, alguns locais onde é perceptível a presença brasileira na cidade.

Para tanto, utilizamos imagens fotográficas que além de conservar um momento em uma imagem, apresenta duas perspectivas. A primeira relaciona-se com olhar geográfico, pois ponderamos no momento de tirar a fotografia em como trazer determinados locais de Londres, ou determinadas situações rotineiras em que os migrantes brasileiros estejam envolvidos, para dentro da pesquisa, de forma concreta. A segunda perspectiva partiu do olhar de uma migrante que vivia na cidade e queria apresentar aos amigos e parentes os locais que ela visitava, os seus locais de vivência cotidiana, a presença brasileira, enfim a cidade onde vive.

Deste modo iniciamos a descrição de Londres com a visualização de uma de suas principais ruas comerciais, *Oxford Street*, que pertence ao distrito chamado *City of Westminster*. É nesta rua e ao seu redor que encontramos as lojas de grifes conhecidas mundialmente. Podemos dizer que é uma das ruas mais movimentadas da Europa, visitada por mais de 200 milhões<sup>54</sup> de pessoas por ano.

---

<sup>54</sup> Fonte: London Town On-line. Apresenta informações especializadas em: <[http://www.londontown.com/LondonInformation/Attraction/Oxford\\_Street/892f/](http://www.londontown.com/LondonInformation/Attraction/Oxford_Street/892f/)>. Acesso em: 06 de janeiro de 2016.

### Fotografia 13 - Oxford Street (Londres)



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014.

Encontra-se nesta rua, lojas de departamento como a *Selfridges* e a *Debenhams*, que também foram as primeiras lojas deste complexo comercial, inauguradas em 1909. Outra famosa loja de departamento é a *John Lewis* com produtos de qualidade e preços para todos os bolsos. As lojas de departamento são as preferidas dos londrinos, pois nelas se encontram tudo o que é necessário para uma casa e para uma pessoa.

Além das lojas de departamento também se encontram lojas como a *GAP*, *Zara*, *Mango*, *Topshop*, *Nike*, *Adidas*, *Benetton*, *French Connection*, *Swatch*, *Swarovski*, *Primark*, entre outras grifes, que podem ser mais conhecidas ou menos conhecidas. Além dessas lojas existe uma variedade de cafés, restaurantes e *fast foods*, como por exemplo o *McDonald's* que pode ser observado na fotografia 14, que é também um dos locais mais baratos para se alimentar em Londres, e nele sempre se encontram brasileiros.

### Fotografia 14 - Loja do McDonald's em Oxford Street



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014.

Há mais de 300 lojas<sup>55</sup> neste local, trata-se de uma rua extensa. É diante desta extensão e de um caminhar a pé, que se observa a diversidade das pessoas a partir da aparência no vestuário, no fenótipo e na linguagem. É principalmente na linguagem que se identifica a brasilidade neste local, pois em meio a uma infinidade de pessoas caminhando ao mesmo tempo, é possível corriqueiramente escutar o português do Brasil<sup>56</sup>, mas não apenas o português, é possível escutar diversas línguas. Tanto é que segundo o jornal britânico *The Telegraph*<sup>57</sup>, o departamento de educação realizou uma investigação que evidenciou que existem mais de 300 línguas faladas nas escolas britânicas de Londres, isto demonstra a enorme diversidade cultural que existe na cidade. As falas de Emília<sup>58</sup> e de Sônia exemplificam bem a questão da linguagem. Emília

<sup>55</sup> Fonte: London Town On-line. Apresenta informações especializadas em: <[http://www.londontown.com/LondonInformation/Attraction/Oxford\\_Street/892f/](http://www.londontown.com/LondonInformation/Attraction/Oxford_Street/892f/)>. Acesso em: 06 de janeiro de 2016.

<sup>56</sup> Diferencia-se da língua portuguesa falada no Brasil, porque também existe o português de Portugal.

<sup>57</sup> Fonte: The Telegraph Journal (On-line). Apresenta informações especializadas em: <<http://www.telegraph.co.uk/education/educationnews/11761250/More-than-300-different-languages-spoken-in-British-schools-report-says.html>> Acesso em 05 de janeiro de 2015.

<sup>58</sup> Essas falas são resultantes da pesquisa empírica.

destaca uma situação corriqueira em sua vida e na vida de outros brasileiros que vivem em Londres:

[...] acontece de vez em quando, [...] se você tá no centro, aí quando você vê que é um brasileiro turista, a gente para de falar português, ou sai de perto porque, porque daí o turista acha que é uma coisa fantástica alguém que fale português em Londres, sendo que na verdade quando você sai em algum lugar em Londres você tropeça em gente falando português, muitas vezes alguém vira quando escuta o português e isso acontece porque aquele cara não ouviu o português ainda, aí você fala puta já vem né, as perguntas: você mora aqui? Quanto tempo você mora aqui? Mas o que você faz? Você tem visto? Bom aí você fala gente não aguento mais esse papo furado (Emília)

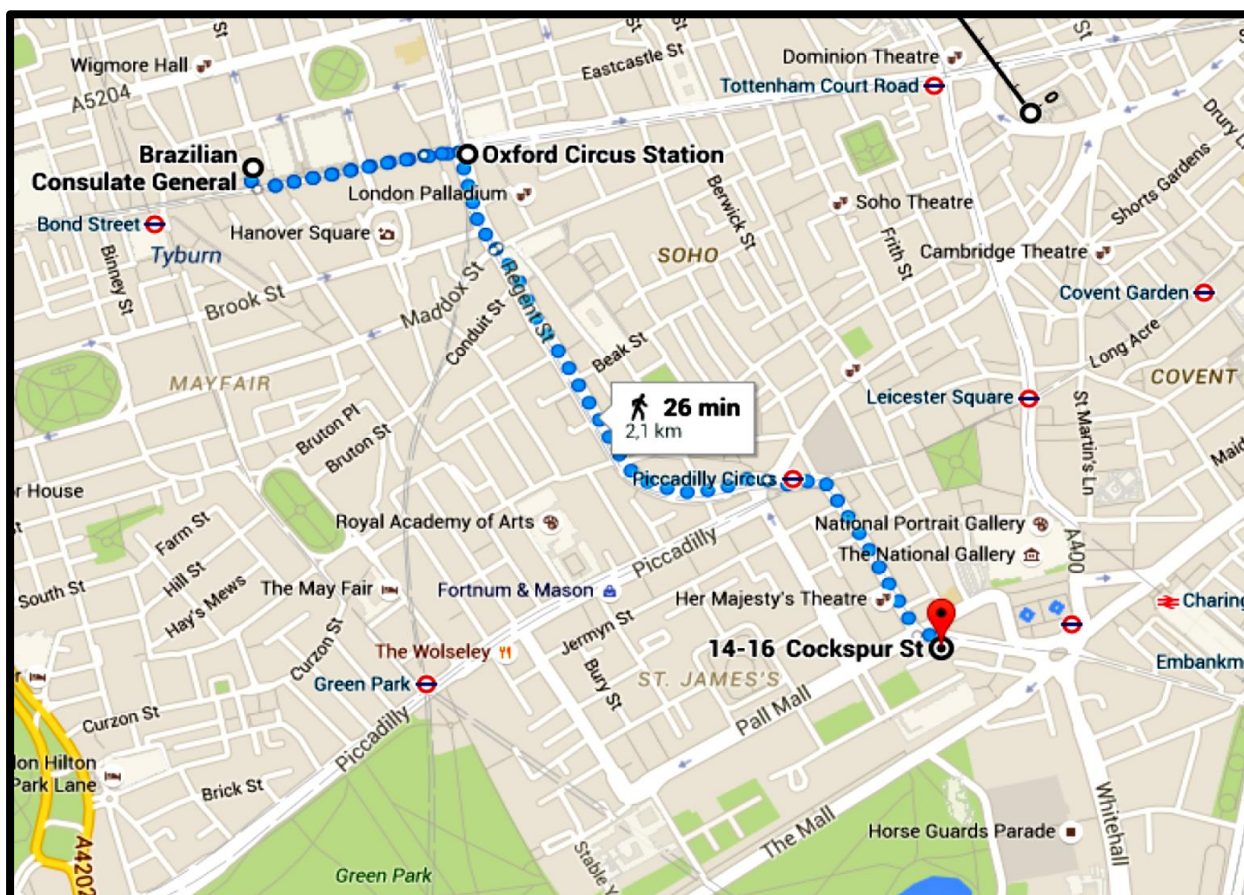
Sônia em sua fala já expõe a sua percepção em relação ao aumento da presença brasileira em Londres e da percepção, após alguns anos de residência na cidade, da identificação de brasileiros tanto a partir do estereótipo quanto da linguagem. Ela diz: “tem um monte, tem muito brasileiro em Londres em muitos lugares, mais eu vejo algo bastante nítido, vendo ao longo dos anos também, até um pouquinho antes de eu sair de Londres em 1996”, pois ela foi morar no país de Gales.

Ela conta que se lembra de falar para o ex-marido que na região em que morava em “*Finsbury Park*, passou o tempo e começou a chegar, você batia o olho via que era brasileiro, não importava se era branco, se era negro, se era japonês, você sabia, além de ouvir o português”, com o detalhe que “não era sempre nem que ouvia o português, eu falava para ele aquele pessoal ali é brasileiro, nós chegávamos perto tava falando português e era engraçado isso”. Ela também conta que “agora aqui em *Leyton*, nos últimos cinco, seis anos assim, se ouve muito mais, ontem eu ouvi, hoje eu fui no *Asda* supermercado, tinha dois ou três brasileiros, sempre tem brasileiro por perto, é muito interessante”.

Escutar brasileiros falando em *Oxford Street* é uma situação natural para os que ali estão. Aí se encontram todos os tipos de pessoas, em seus variados estilos de vida, mesmo porque além de ser uma rua famosa que todos querem visitar, ao seu redor existem áreas de residência de uma população mais alternativa, como *Camden Town* e *Soho*. Enfim, a rua é frequentada principalmente pelos turistas, pelas pessoas que trabalham nesta região e pelas pessoas que desejam comprar alguma coisa.

Além de “Oxford Street” ser conhecida pela variedade de lojas e pela diversidade cultural, ela também desempenha um papel central na vida dos brasileiros que estão em Londres, pois ali em uma de suas travessas, bem próxima a estação de metrô de *Oxford Circus*, na rua *Vere Street* se encontra o Consulado<sup>59</sup> brasileiro que atende as necessidades da comunidade, e também em uma distância de dois quilômetros desta estação, se encontra a Embaixada na *Cockspur Street*, há duas estações de *Oxford Circus*, ou seja, em menos de 7 minutos se chega a estação de *Charing Cross* e em seguida a Embaixada que está bem próxima a estação, de ônibus leva-se de 11 a 14 minutos, e a pé, partindo do Consulado, são mais ou menos 26 minutos, conforme ilustra o cartograma 6.

Cartograma 6 - Trajeto a pé do Consulado brasileiro à Embaixada do Brasil em Londres



Fonte: Google Maps, 2014

<sup>59</sup> Para maiores informações dos serviços prestados, visitar a página on-line Consulado-Geral do Brasil em Londres. Disponível em: <http://cglondres.itamaraty.gov.br/pt-br/>.

Além da representação diplomática em território londrino a Embaixada promove encontros culturais, exposição de filmes brasileiros, debates acadêmicos, entre outras atividades. Mas, mesmo promovendo atividades para o público brasileiro, a embaixada é sinônimo de um local de exclusão social para os próprios brasileiros, a começar pelo site, todo escrito em inglês. As atividades desenvolvidas também são uma forma de exclusão, pois, apesar de serem públicas e muitas vezes com limitação ao número de pessoas, não atingem a grande massa da população brasileira que se encontra em Londres.

A Embaixada e o Consulado todos os anos organizam o dia do Brasil em Londres – “Brazilian Day”, evento que acontece em uma das praças mais famosas da cidade, a *Trafalgar Square*, que se localiza na zona 1. Nesse dia, nesse local bem próximo a *Oxford Street* há manifestações da identidade brasileira, como pode ser observado nas fotografias 15 e 16.

*Fotografia 15 - Baianas na Trafalgar Square (Londres)*



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

Fotografia 16 - Churros tradicional e guaraná – Brazilian Day – Trafalgar Square – Londres



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014.

A *Oxford Street* é uma das ruas mais conhecidas e frequentadas em Londres, e isto se irradia por uma grande extensão, no entanto, não é apenas nesta área em que se encontram manifestações da identidade brasileira, existem outros lugares na cidade em que se revelam, como em *Camdem Town* (zona 2) na área central ao norte, em *Willesden Junction* (zona 2-3) a noroeste, em *Seven Sister* (zona 3) a nordeste, em *Queens Park* (zona 2) a noroeste, em *Crystal*

*Palace* (zona 3-4) a sudeste, em *Stockwell* (zona 2) ao sul, *Norwood* (zona 4), entre outros lugares.

Quando as pessoas relatam que em toda parte de Londres se encontra brasileiros, elas têm razão, por exemplo, no mercado de *Camdem Town*, encontramos duas barracas de comidas típicas brasileiras, ambas próximas ao referido mercado. A “Brazuca” (fotografia 17) comercializa coxinha, pastel e outras comidas enquanto, outra barraquinha comercializa churros tradicionais (fotografia 18).

*Fotografia 17 - Banquinha de pastel “Brazuca” em Camdem Town Market*



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

Fotografia 18 - Brazilian Churros em Camden Town Market (Londres)



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

A área de *Willesden Junction* a noroeste, que está na zona de transição entre a zona 2 e a zona três, localizada no distrito de *Brent*, também é uma área de intensa manifestação da identidade brasileira. Mas quando se fala em *Brent*, outros estabelecimentos comerciais brasileiros que se encontram em outros bairros pertencentes a este distrito, também merecem destaque, como o salão de beleza “*Divine*” encontrado em *Queens Park* (fotografia 19).

Ainda ao norte encontramos no distrito de *Hackney* o “Café Raízes” (fotografia 20) que se localiza na *Hackney Road*, transição da zona 1 para a zona 2. E também o açougue “*Camareli*” (fotografia 21) próximo à estação *Hackney Central* na zona 2.

Fotografia 19 - Salão de beleza brasileiro “Divine” em “Queens Park”



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

Fotografia 20 - Café Raízes na Hackney Road em Hackney



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

Fotografia 21 - Casa de Carnes Camareli em Hackney



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014.

No Sul de Londres, em *Crystal Palace*, bairro pertencente ao Borough of *Southwark* existe o café “Braziliana” (fotografia 22) localizado em uma de suas avenidas principais, *Weston Hill*.

Fotografia 22 - Braziliana Café – “Crystal Palace”



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

Saindo de Crystal Palace em direção a city, é possível observar a mercearia *Baron* (fotografia 23) em *Norwood Road*, que pertence a um casal em que a mulher é brasileira e o marido é polonês.

*Fotografia 23 - Mercearia Baron - Comida Polonesa e Brasileira em Norwood Road*



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

Próximo à estação de metrô de *Stockwell* (fotografia 24), local onde Jean Charles de Menezes foi morto, existe uma igreja “Deus é amor” e no mesmo prédio um salão de cabeleireiro.

*Fotografia 24 - Salão de beleza brasileiro e igreja pentecostal “Deus é amor” em “Stockwell”*



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

Salientamos que, as fotografias apresentadas podem ser especializadas no cartograma 5, pois sempre há uma referência espacial representada por uma estação no referido cartograma 5. As fotografias representam alguns locais que são frequentados pela comunidade brasileira, logo são locais que expressam a identidade brasileira e suas territorialidades na capital inglesa de diferentes formas. Destacamos, ainda, que várias das informações apresentadas sobre brasileiros (as) em Londres, estão ligadas a estes locais.

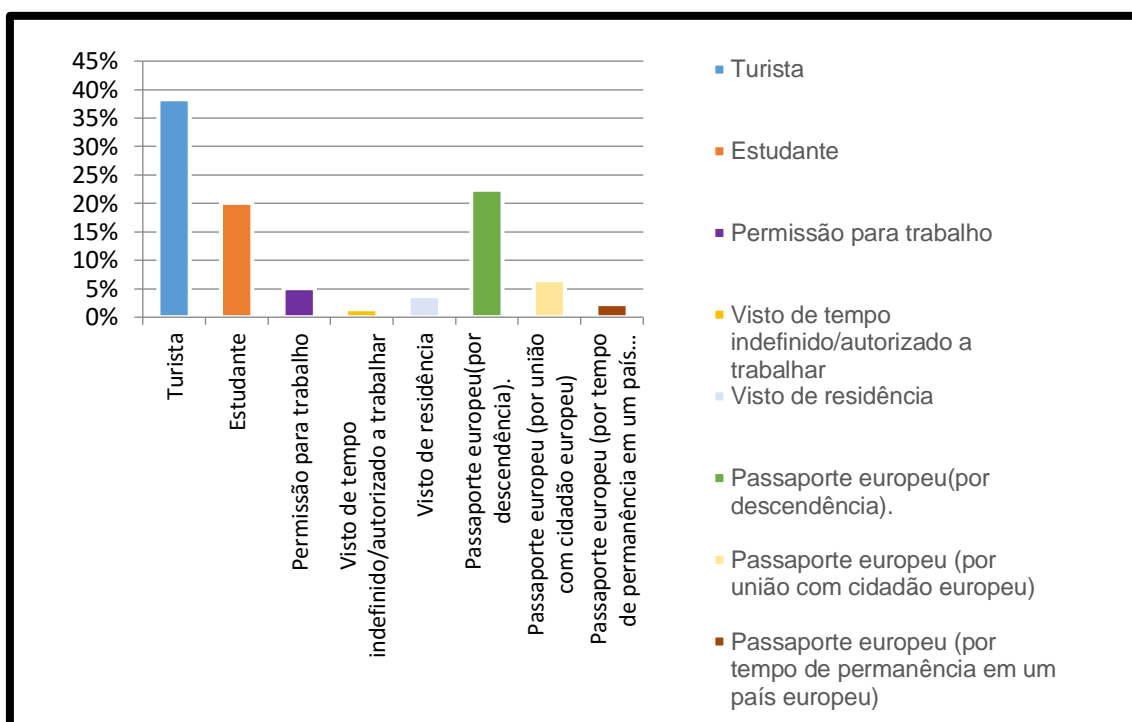
#### **4.2 Caracterização demográfica do universo da pesquisa**

A fim de delinear as características demográficas das trabalhadoras brasileiras do universo desta pesquisa, apresentamos os resultados relacionados ao status migratório, a etnia, a faixa etária, a educação, a qualificação profissional, o estado civil, a nacionalidade do companheiro e a quantidade de filhos.

Iniciamos apresentando o status migratório dessa mulher. Os dados estão organizados de acordo com o tipo de visto de entrada e o tipo de visto de permanência da brasileira no Reino Unido. Observamos no gráfico 26 o tipo de visto de ingresso (entrada) no Reino Unido, então 38,3% das mulheres obtiveram

o visto de turista, 22,4% declararam possuir o passaporte europeu por descendência, 20,1% obtiveram o visto de estudante, 6,5% possuíam visto por união com cidadão europeu, 5,1% possuíam visto de permissão para o trabalho, 3,7% possuíam visto de residência, 2,3% possuíam passaporte europeu por tempo de permanência em um país europeu e 1,4% possuíam visto de tempo indefinido com permissão para trabalhar.

Gráfico 26 - Tipo de visto de ingresso ao Reino Unido (%)



Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

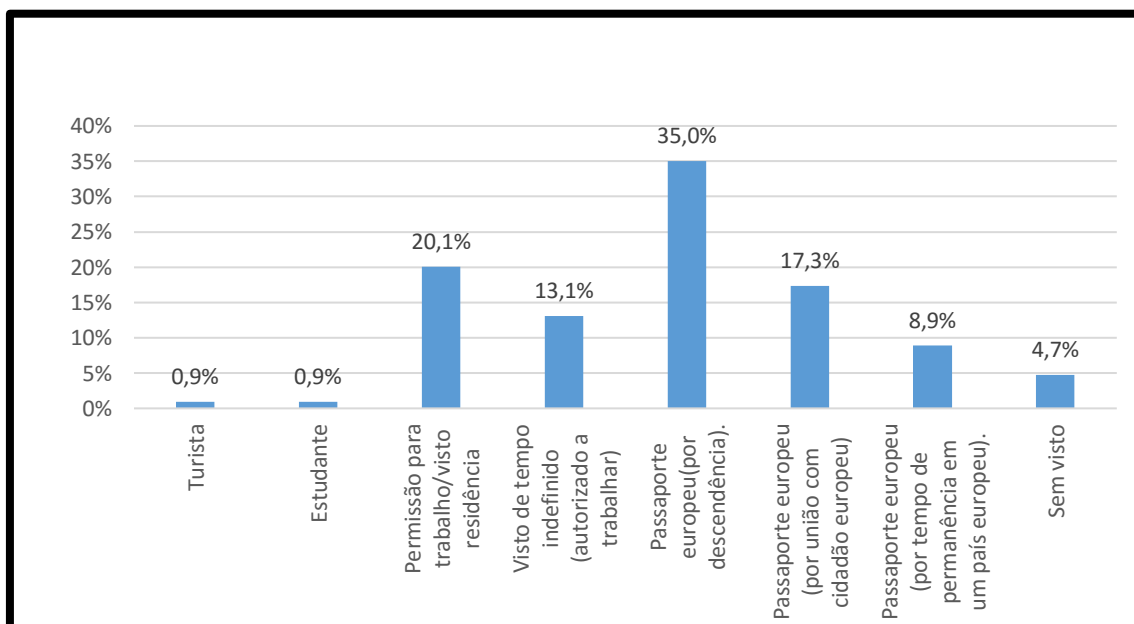
As leis migratórias no Reino Unido sofrem alterações constantes devido ao aumento do fluxo migratório internacional. Desta forma, é interessante destacar que estas mulheres que cruzaram a fronteira e receberam na passagem pela imigração o visto de turista, que tem validade de seis meses, em algum outro momento ou obtiveram um outro tipo de visto a fim de permanecerem legais no país ou tornaram-se indocumentadas que em outras palavras significa sem documentos legais, ou sem visto, ou ilegais.

A mesma situação ocorreu para 20,1% das mulheres que declararam ter obtido o visto de estudante na passagem pela imigração, pois este visto dá

legalidade à pessoa durante o período do curso em que estará matriculada, depois deste período, ou ela volta ao país de destino ou ela torna-se indocumentada. Lembrando que o visto de estudante é obtido no país de origem, porque o sistema migratório inglês não permite mudança de status no visto de estudante.

O gráfico 27, por sua vez, mostra o tipo de visto ou o documento que as participantes declararam possuir no momento da realização da pesquisa. Segundo este gráfico, 35% das participantes declararam possuir passaporte europeu por descendência.

Gráfico 27 - Tipo de visto no ano de 2014 (%)



Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

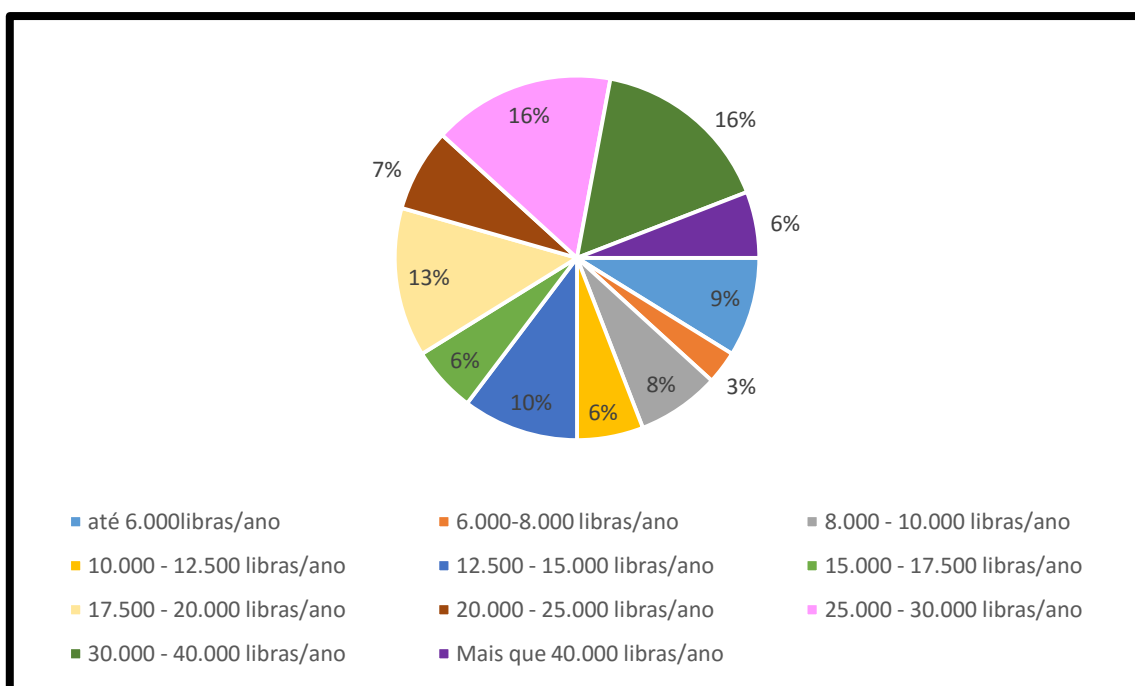
Percebemos que o número de mulheres com passaporte europeu por descendência aumentou em relação ao gráfico 26, sugerindo que as mulheres que não tinham documento europeu conseguiram mudar seu status migratório por meio da aquisição de um passaporte europeu por descendência (gráfico 27).

Outro aspecto a destacar é que provavelmente estas mulheres que declararam possuir visto de turista, encontram-se na verdade na categoria sem visto, pois para o visto de turista são dados no máximo seis meses de

autorização para permanecer no país e todas as mulheres participantes do estudo residiam em Londres no mínimo um ano.

A fim de apurarmos a relação entre a legalidade e a renda, ou seja, o quanto uma pessoa estar em situação legal no país influencia na questão do salário, cruzamos as informações referentes ao tipo de visto no ano de 2014 (gráfico 27) com as informações referentes aos salários declarados por estas mulheres (gráfico 28).

Gráfico 28 - Passaporte europeu por descendência por renda salarial (%)



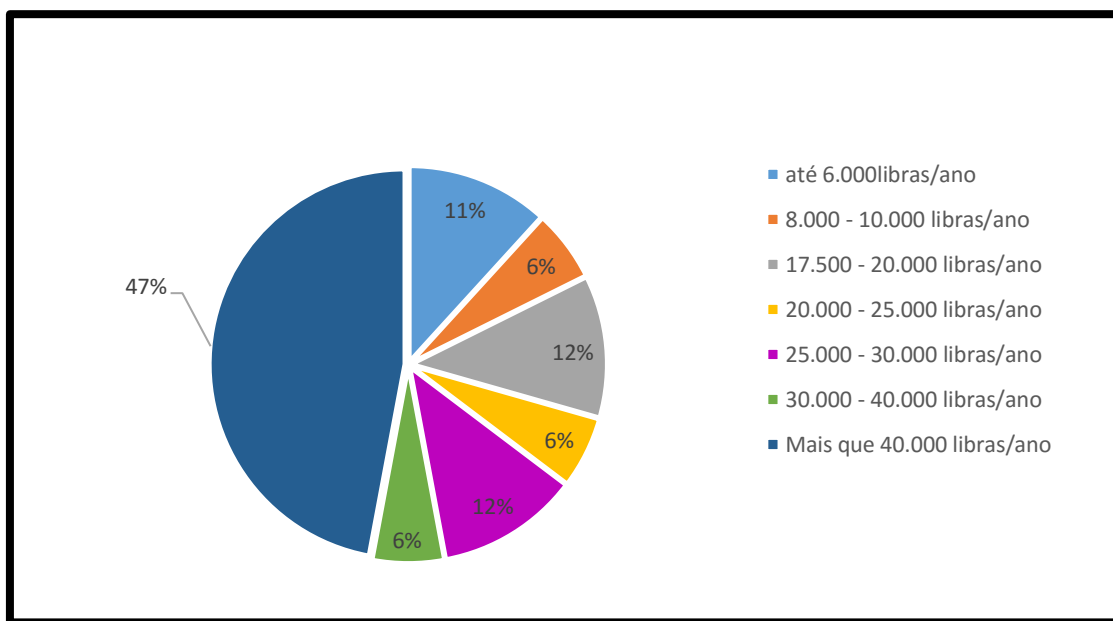
Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

Os resultados referentes as mulheres com patamares mais elevados de salários relacionam-se com as mulheres com passaporte europeu por descendência (gráfico 28) que revelam que 6% delas recebiam mais que 40.000 libras/ano, 16% recebiam de 30.000-40.000 libras/ano e 16% recebiam 25.000-30.000 libras/ano, estas três faixas representam cerca de 40% desta categoria, em um total de 68 pessoas.

As mulheres com passaporte europeu por tempo de permanência em um país europeu (gráfico 29) revelam que 47% possuíam salário de mais de 40.000

libras, 12% possuíam salário de 25.000-30.000 e 12% possuíam salário de 17.500 a 20.000, em um total de 17 pessoas.

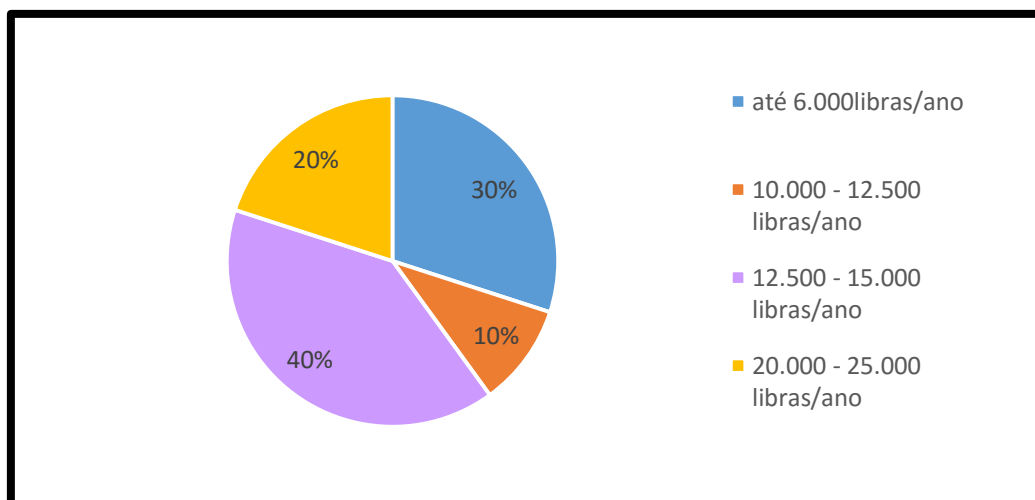
*Gráfico 29 - Passaporte europeu - por tempo de permanência em um país europeu por renda salarial (%)*



Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

Em relação as mulheres que se declararam sem visto (gráfico 30), os resultados relacionados ao salário e legalidade evidenciam que 40% possuíam um salário de 12.5000-15.000 libras/ano, 30% possuíam um salário de até 6.000 libras/ano, 20% salário de 20.000-25.000 libras/ano, em um total de 10 pessoas.

Gráfico 30 - Mulheres que se declararam sem visto por renda salarial 2014 (%)

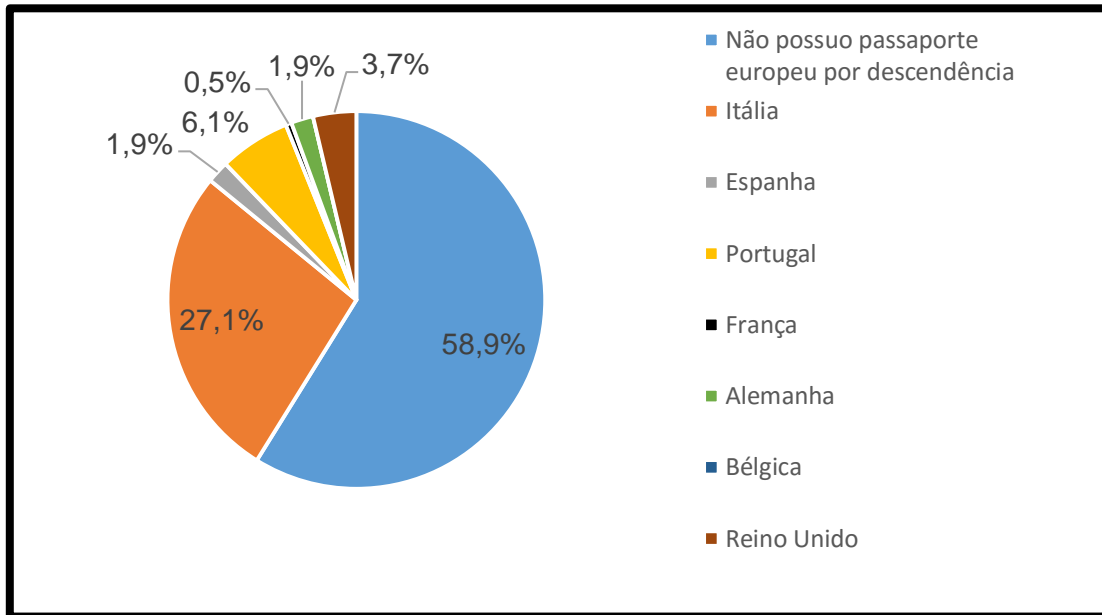


Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

Contudo, o número de pessoas que se declararam como indocumentadas, portanto sem visto, não é significativo porque representa apenas 4,7% do total das mulheres que responderam ao questionário.

Em relação à descendência europeia, o gráfico 31 aponta que 58,9% das participantes responderam não possuir descendência europeia. Outras 27,1% responderam ter descendência italiana, 6,1% descendência portuguesa, 3,7% declararam ter descendência inglesa, 1,9% descendência alemã, 1,9% descendência espanhola e 0,5% descendência francesa. Esta situação explica a aquisição do passaporte europeu.

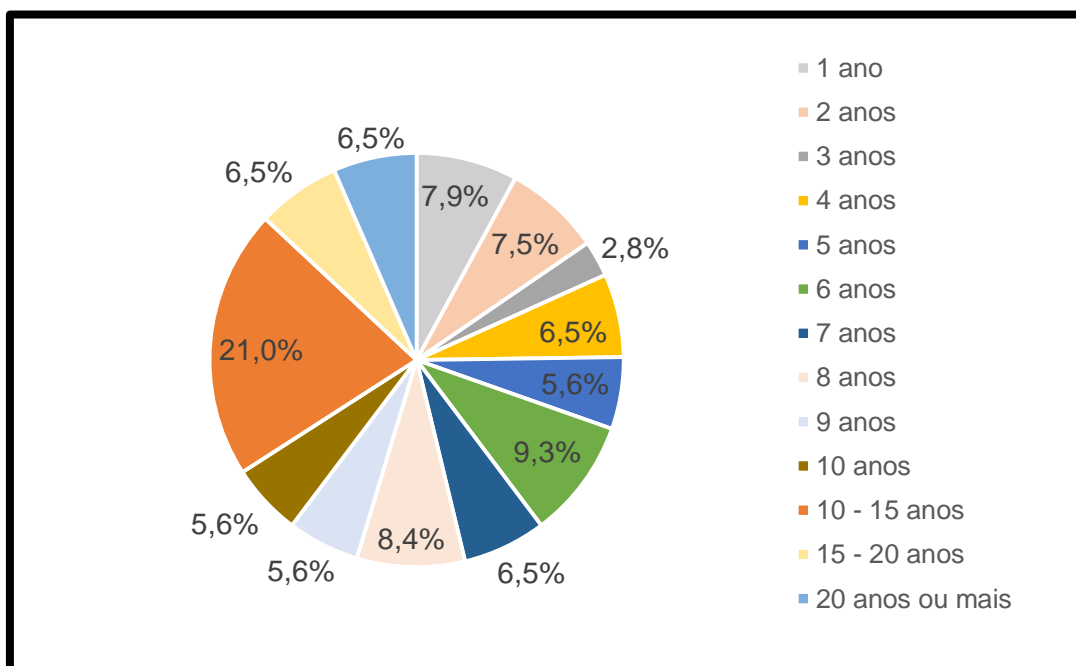
Gráfico 31 - Passaporte europeu por descendência (%)



Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

Observamos no gráfico 32 o tempo de residência destas mulheres em Londres. Assim, 21% das brasileiras declararam viver em Londres entre 10-15 anos, 9,3% declararam viver há pelo menos 6 anos, 8,4% vivem há 8 anos, 7,9% residem há um ano, 6,5% residem há 20 anos ou mais, 6,5% residem há 15-20 anos, 6,5% vivem há 7 anos, 6,5% residem há 4 anos, 6,5% vivem há 2 anos, 5,6% vivem há 5 anos, 5,6% há 9 anos, 5,6% há 10 anos e 2,8% declararam viver há 3 anos em Londres.

Gráfico 32 - Tempo de residência em Londres (%)



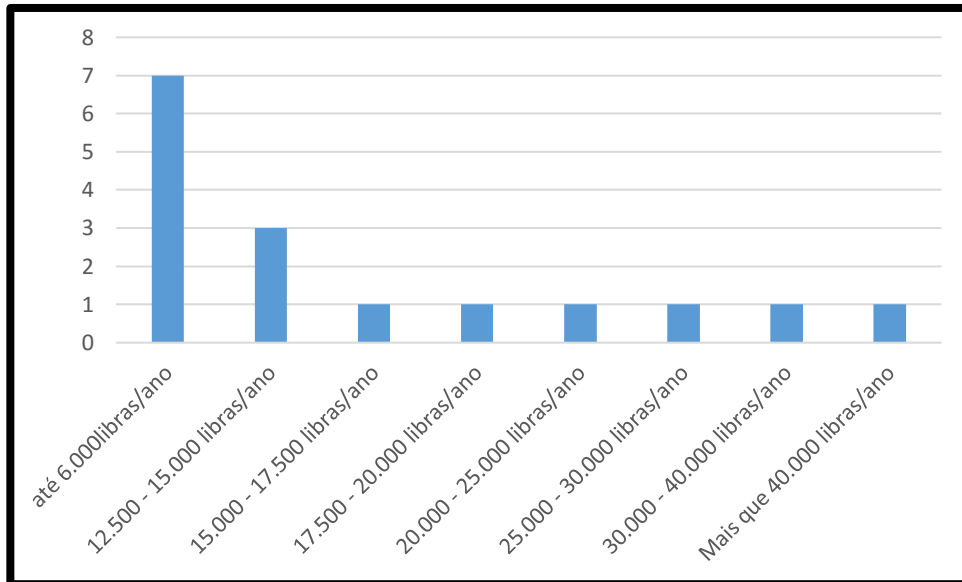
Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

Percebemos que ao agrupar as categorias de 10 até 20 anos ou mais, obtemos o valor aproximado de 40% das mulheres brasileiras que residem em Londres há pelo menos 10 anos.

Considerando o cruzamento dos dados da faixa salarial declarada pelas mulheres com o tempo de residência em Londres, revelamos que conforme vai aumentando os anos de residência em Londres, aparecem ocorrências em diferentes faixas salariais. No gráfico 33, predominam mulheres na faixa salarial mais baixa (até 6000 libras). Com o aumento do tempo de residência, ao contrário do primeiro gráfico, percebemos uma distribuição maior dos dados nas diferentes faixas salariais. As faixas médias e altas dos salários, conforme nossa classificação, aparecem com mais ocorrências nestes outros gráficos do que aparecem no gráfico 33. De modo geral, é notável que as ocorrências na parte direita dos gráficos que representam as faixas salarias mais altas, aumentam conforme aumenta o tempo de residência em Londres. Contudo, é importante notar que a ocorrência na faixa salarial mais baixa persiste em todos os gráficos, com exceção do gráfico 35. Há uma queda proporcional desta faixa salarial em relação as outras, mais relevante, apenas nos gráficos 36 e 37. O extremo mais

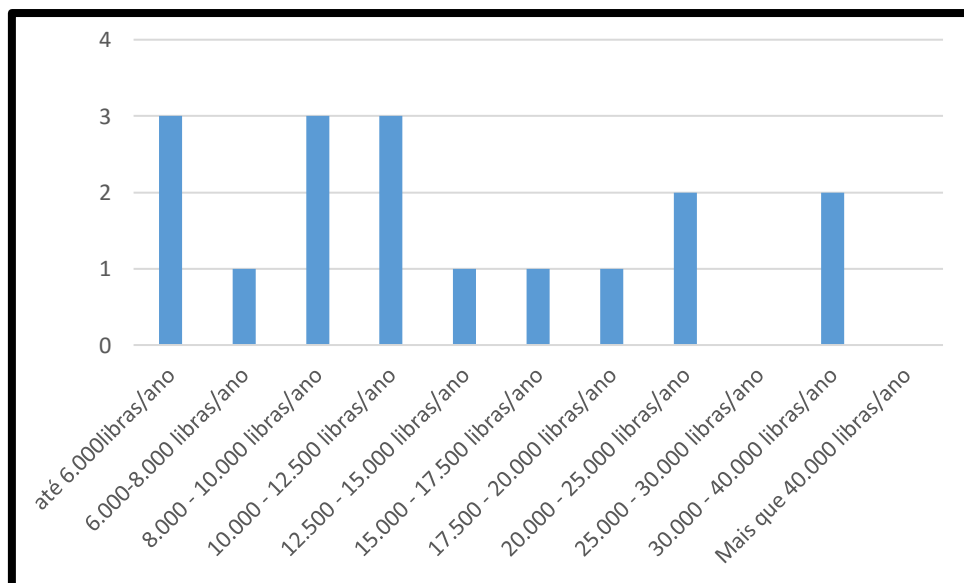
alto de faixa salarial “Mais que 40.000 libras/ano” ocorre nos três últimos gráficos (35, 36 e 37).

*Gráfico 33 - Frequência de pessoas com um ano residindo em Londres por renda salarial*



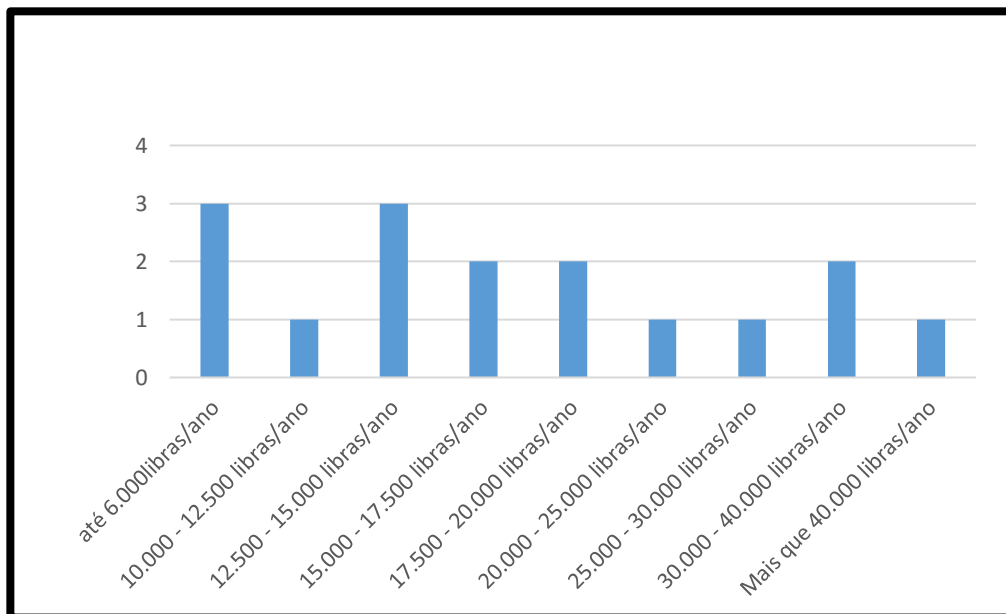
Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

*Gráfico 34 - Frequência de pessoas com 6 anos residindo em Londres por renda salarial*



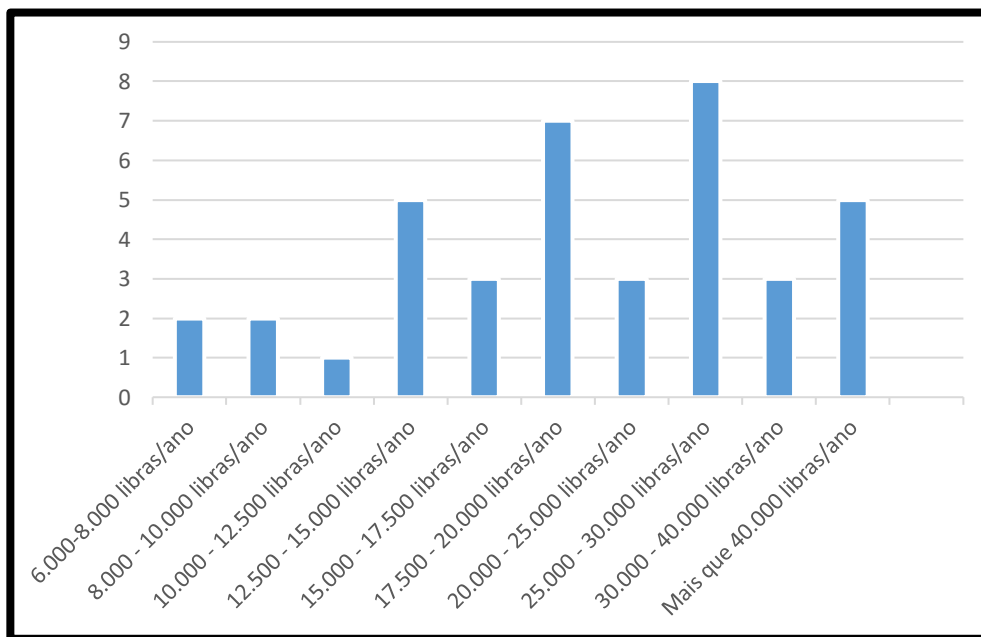
Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

Gráfico 35 - Frequência de pessoas com 8 anos residindo em Londres por renda salarial



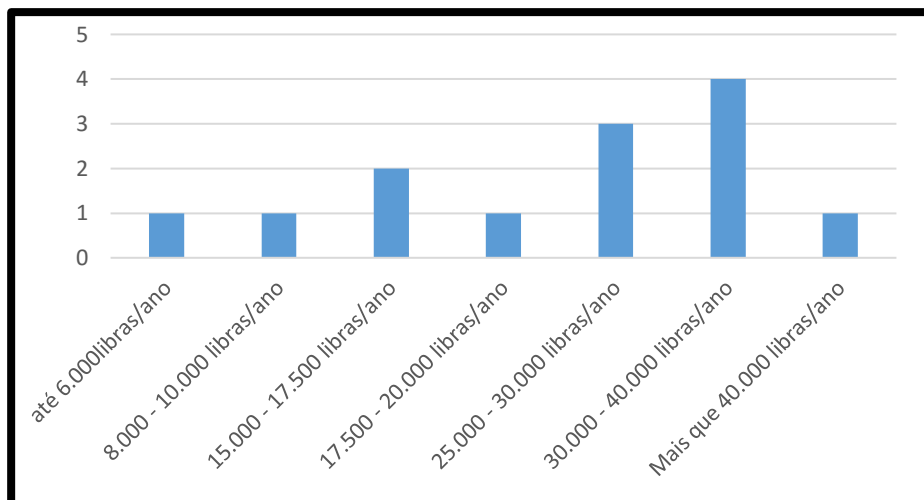
Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

Gráfico 36 - Frequência de pessoas com 10 a 15 anos residindo em Londres por renda salarial



Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

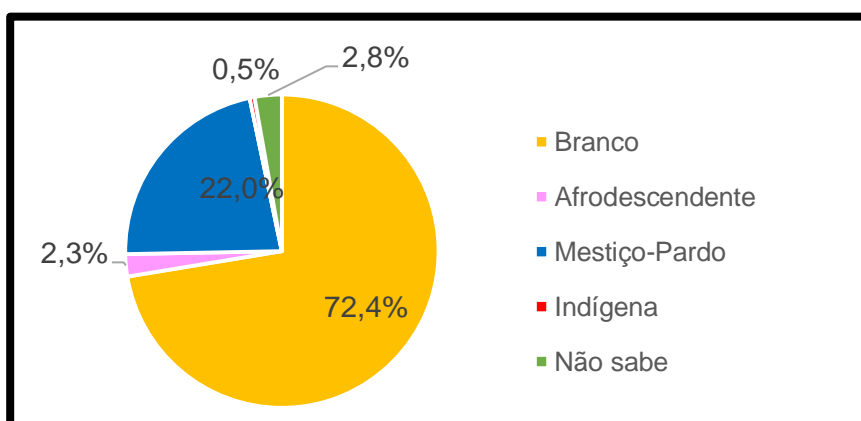
Gráfico 37 - Frequência de pessoas com 20 anos ou mais residindo em Londres por renda salarial



Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

Em relação aos aspectos étnicos, nossa pesquisa não utilizou como modelo a classificação por cor ou raça adotada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE que trabalha com cinco categorias: branca, preta, amarela, parda e indígena, mas utilizamos o critério de autodeclaração<sup>60</sup>. Realizamos assim uma adaptação entre as categorias do IBGE e as categorias utilizadas nas pesquisas realizadas por Mcilwaine (2011a e 2011b) a respeito da população latino-americana.

Gráfico 38 - Pertencimento étnico (%)



Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

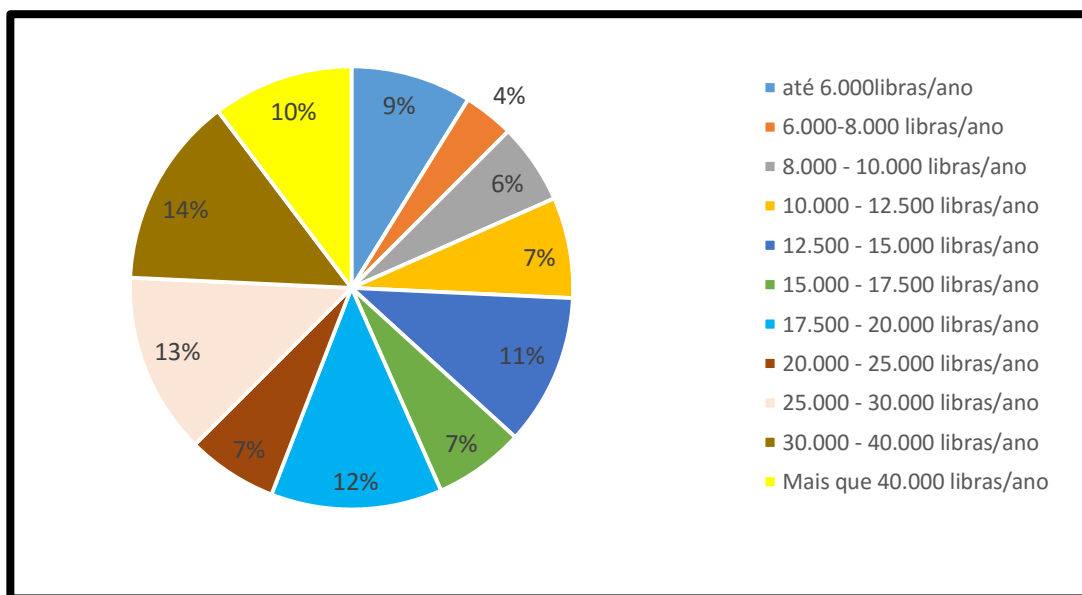
<sup>60</sup> O critério de auto declaração foi utilizado para dar liberdade à entrevistada de identificar a cor que acreditava ser a sua pele.

Isto posto, observamos no gráfico 38 que 72,4% das mulheres consideravam-se brancas, 22% consideravam-se mestiças-pardas, 2,3% consideravam-se afrodescendentes, 0,5% consideravam-se indígena e 2,8% não forneceram informação.

Os resultados afirmam que a maioria das trabalhadoras brasileiras são brancas, isso nos remete a perspectiva de Vainer (2005), em relação a existência da conformação da estrutura de classes no interior do processo migratório, reafirmando, assim, tanto a desigualdade social quanto a desigualdade racial existente no Brasil<sup>61</sup>, portanto, migrar não é para todos. É nítido a transposição da estrutura de classes na migração, pois a cor representa classe social no Brasil.

Observamos, então, que ao relacionarmos os salários com as duas principais categorias étnicas, os gráficos 38 e 39 não evidenciam impactos relevantes na faixa salarial das brasileiras que responderam aos nossos questionários associados a estas duas categorias.

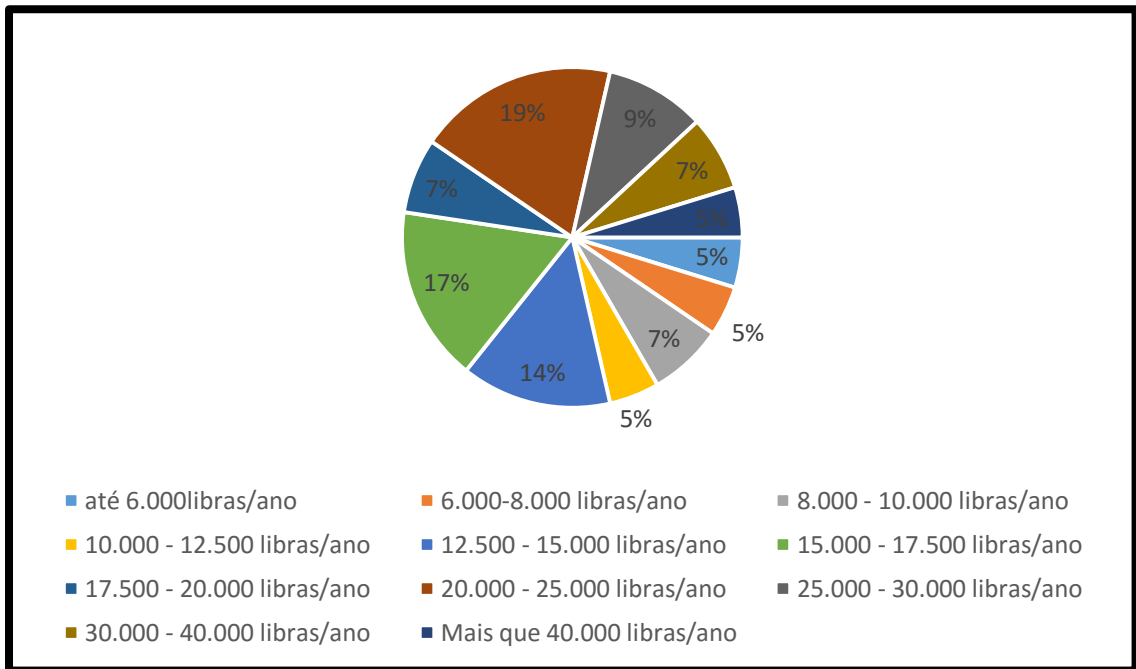
Gráfico 39 - Étnica Branca por renda salarial (%)



Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

<sup>61</sup> Segundo o IBGE, no Brasil existem 50,7% de negros e pardos, equivalente total de 190.732.694.

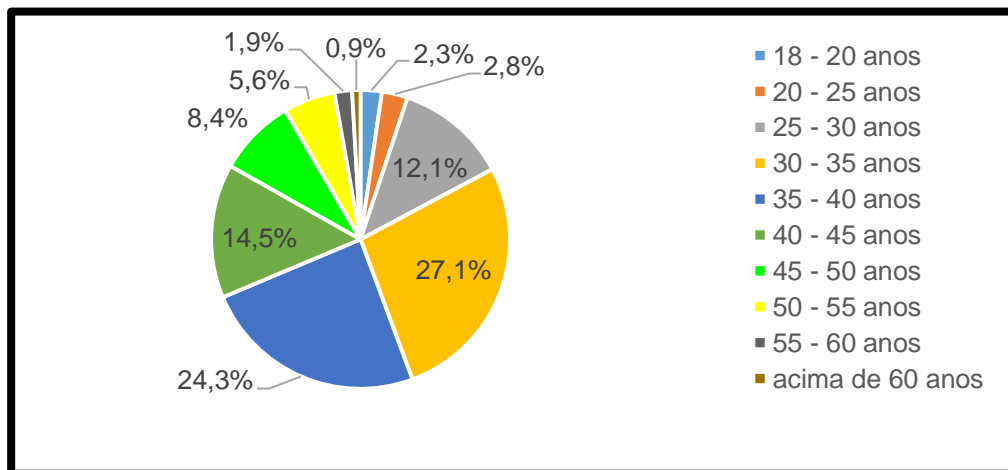
Gráfico 40 - Étnica Mestiça – Parda por renda salarial (%)



Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

Em relação à questão da faixa etária, foram criados grupos etários, como pode ser observado no gráfico 41. O primeiro grupo com um intervalo menor de anos (dois anos) e a partir do segundo grupo com o intervalo maior de anos (5 anos). Observamos que nos 10 grupos criados existem mulheres, no entanto, os principais grupos etários correspondem às faixas de 30-35 anos (27,1%) e 35-40 anos (24,3%), que somados ultrapassam 50% dos dados.

Gráfico 41 - Faixa etária (%)



Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

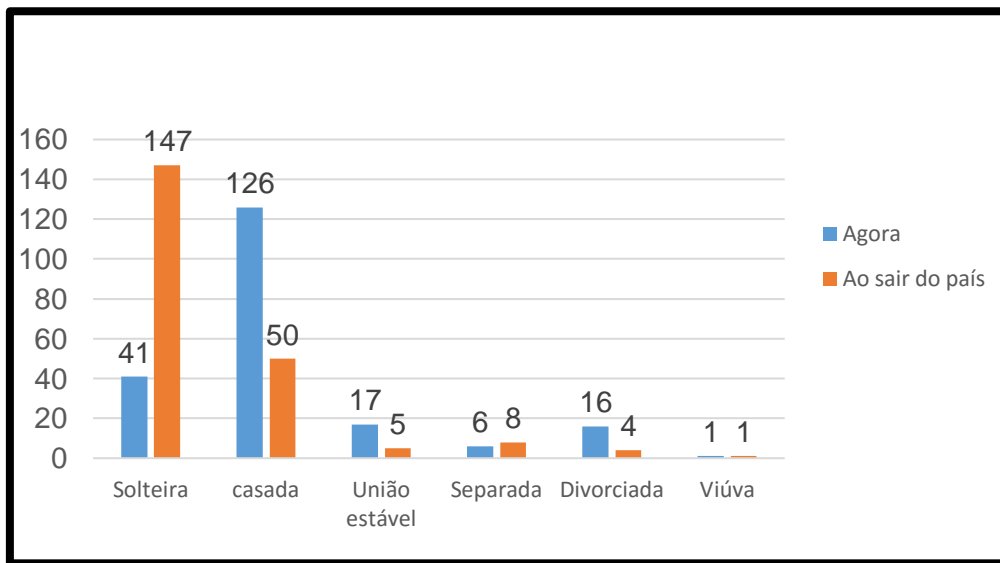
Não se pode deixar de mencionar que tanto o grupo etário entre 25-30 anos (12,1%) quanto o grupo etário na faixa de 40-45 anos (14,5%), compõem também parte relevante das ocorrências dos dados. Percebemos que a partir da faixa etária dos 45-50 anos até o grupo acima de 60 anos, a participação das mulheres é reduzida.

Em relação aos dados referentes à faixa etária apresentados por Evans (2006) verificamos que as mulheres migrantes predominaram na faixa etária de 18-30 anos, no entanto, na pesquisa realizada em 2010, as mulheres predominaram na faixa etária de 25-39 anos e na faixa acima de 50 anos. Como vimos nesta pesquisa a predominância da faixa etária das mulheres da amostragem é de 30-35 anos (27,1%) e 35-40 anos (24,3%), mas se juntarmos os dados destas duas faixas etárias e mais a faixa etária 25-30 anos (12,1%) criaríamos uma faixa de 25-40 anos, teríamos mais ou menos 64% da amostragem nesta faixa etária, podendo comparar com os dados de 2010 de Evans que apresenta na faixa etária de 25-39 anos 69,3% das participantes, notamos que a variação não é grande no todo.

O gráfico 42 refere-se à situação matrimonial das mulheres ao saírem do Brasil e a situação matrimonial das mesmas em 2014. Das 214 mulheres que responderam o questionário, 147 afirmaram que eram solteiras ao sair do Brasil e destas 41 continuam solteiras. Em relação às mulheres casadas 50 declararam sair do Brasil casadas e agora 126 encontram-se casadas. Identificamos em união estável 5 mulheres que saíram do Brasil nesta situação e 17 encontram-se em Londres em união estável em 2014.

Dentre estes números ainda existem o grupo das separadas e das divorciadas. Estes dois grupos foram somados, pois apresentaram-se em número reduzido e em situação semelhante, matrimonialmente. Assim 12 mulheres declararam-se separadas ou divorciadas ao saírem do Brasil e 22 encontram-se nesta situação em 2014. Aparece apenas um caso de viúva nessa pesquisa.

Gráfico 42 - Situação matrimonial das brasileiras ao sair do país e no ano de 2014 (valor absoluto)



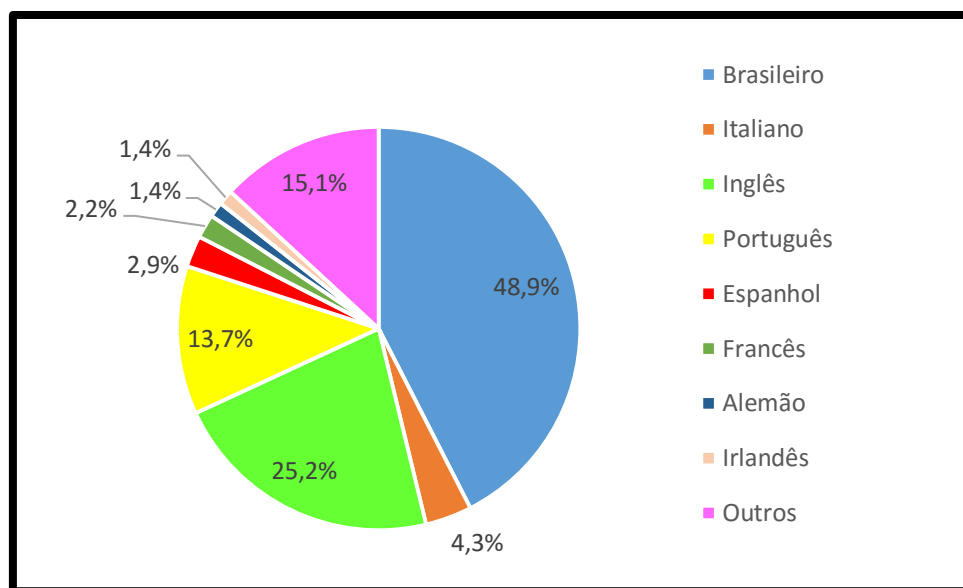
Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

Em relação aos dados apresentados na pesquisa de Evans, referentes à situação matrimonial em 2010, 52% dos participantes declararam residir com a família, indicando a existência de unidades familiares.

No gráfico 42, as mulheres que se declararam casadas ou em união estável em 2014 apresentaram como companheiro principalmente as pessoas de nacionalidade brasileira (48,9%), seguida dos companheiros de nacionalidade inglesa (25,2%) e dos companheiros com nacionalidade portuguesa (13,7%).

Outras nacionalidades de cônjuges que apareceram foram a italiana (4,3%), a espanhola (2,9%), a francesa (2,2%), a alemã (1,4%), a irlandesa (1,4%), também aparecem. Ainda neste contexto existem nacionalidades menos expressivas como: a polonesa com 5 casos, a americana com 3 casos, a australiana com 2 casos, e as demais (húngara, árabe, dinamarquesa, cipriota, marroquina, russa, filipina, grega e romena) com o aparecimento de um caso.

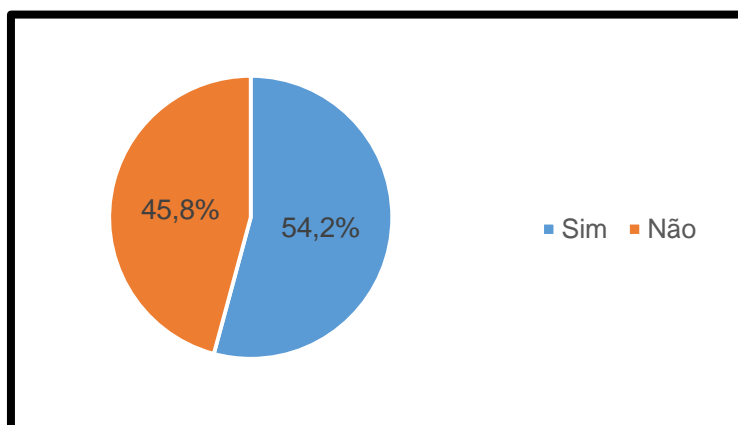
Gráfico 43 - Nacionalidade do companheiro(a) das brasileiras casadas (%)



Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

Em relação à existência de filhos (as) na vida destas mulheres, o gráfico 43 evidencia que a porcentagem das mulheres que não possuíam filhos (45,8%) é menor do que a porcentagem das mulheres que possuíam filhos (54,2%). Destas mulheres que declararam ter filhos, 51,3% possuíam apenas uma criança, 34,8% possuíam duas crianças, 12,2% possuíam 3 crianças e 1,7% possuíam 4 ou mais crianças. Em relação aos dados apresentados por Evans em 2006, 82% dos participantes declararam que não possuíam. Os dados da nossa pesquisa, então, sugerem o crescimento da formação de unidades familiares.

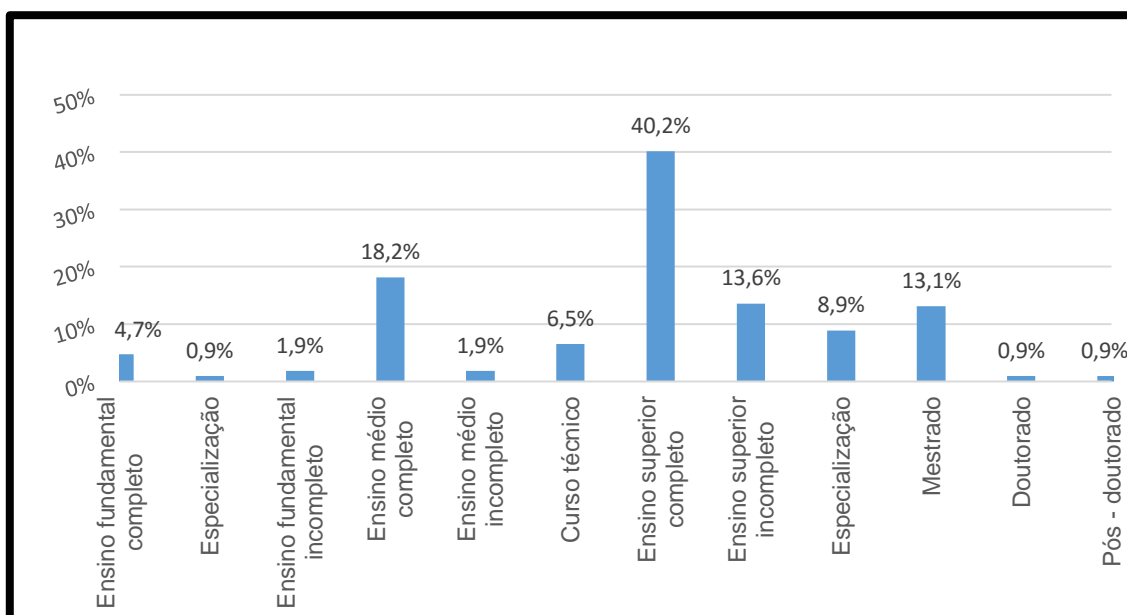
Gráfico 44 - Presença ou não de filhos (%)



Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

O grau de escolaridade destas mulheres apresenta-se no gráfico 45. Interessante destacar que 40,2% das participantes declararam possuir nível superior completo, 13,1% possuíam mestrado, 18,2% possuíam ensino médio completo, 6,5% não terminaram o ensino médio e 4,7% possuíam o ensino fundamental.

Gráfico 45 - Grau de escolaridade (%)



Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

O gráfico 45, além das informações quantificáveis, quando fragmentado e analisado na ótica apenas da categoria do ensino superior, nos apresenta uma outra informação relacionada a questão étnica. Além da migração internacional de brasileiras para Londres ocorrer principalmente por mulheres brancas, destacamos que todas as mulheres com nível superior completo (40,2%), portanto com mão de obra qualificada, se declararam brancas.

Estas mulheres com nível superior declararam ter diferentes profissões como: jornalista, tradutora e intérprete, gestora de negócios, psicóloga, dentista, economista, bacharel em direito, farmacêutica/bioquímica, publicitária, professora de letras/inglês, relações públicas, turismóloga, educadora física, administradora, enfermeira, radialista, web designer, nutricionista, comunicadora social, administradora de hotel, engenheira de software, gerente de logística, publicitária, analista de sistemas, comércio exterior, mídia social, composição de interiores, artista e designer, engenheira têxtil, analista de contratos, professora

de biologia e matemática, comerciante, relações públicas, tecnóloga em moda e estilo, arquivista e professora de história.

Constatamos no quadro 4 que a gama de profissões declaradas em 2014 é maior do que as profissões declaradas nos anos de 2006 e 2010.

*Quadro 4 - Profissões declaradas por brasileiros - 2006-2010-2014*

<b>2006</b>	<b>2010</b>	<b>2014</b>
Odontologia	Análise de sistemas	Jornalista
Direito	Biomedicina	Tradutora/interprete
Línguas	Comércio exterior	Gestora de negócios
Filosofia	Desenho industrial	Psicóloga
Biologia	Economia	Dentista
Jornalismo	Fonoaudiologia	Economista
Administração E.	Hotelaria	Publicitária
Hotelaria	Informática	Bacharel em direito
	Literatura	Farmacêutica/bioquímica
	Medicina	Professora letras/inglês
	Odontologia	Relações públicas
	Política	Turismóloga
	Química	Educadora física
	Relações Exteriores	Administradora
	Teatro	Enfermeira
	Comunicação	Radialista
	Jornalismo	Web designer
	Psicologia	Nutricionista
	Letras	Comunicadora social
	Pedagogia	Engenheira de software
		Gerente de logística
		Comércio exterior
		Mídia social
		Composição de interiores
		Artista e designer
		Engenheira têxtil
		Analista de contratos
		Professora biologia
		Professora matemática
		Comerciante
		Relações públicas
		Tecnóloga de moda
		Arquivista
		Professora de história

Fonte: Evans (2006), Evans et al (2011), Batarce, 2015. Organização: Batarce, 2016

Isto posto, estas mulheres efetivaram sua formação profissional no Brasil, com recursos próprios ou do Estado, e depois migraram, é o que se chama de migração qualificada. Martine (2005, p. 64) fala em “déficits de recursos humanos qualificados nos países mais pobres”, déficits porque trata-se da perda de mão de obra qualificada que será utilizada no país receptor.

Em relação aos dados apresentados por Evans em 2006, tem-se que em 51% das mulheres de sua amostragem haviam cursado o ensino médio, 37% das mulheres possuíam curso superior, já na pesquisa realizada em 2010, 55% das mulheres haviam feito o curso superior. Percebemos que o número de mulheres com curso superior é substancial, desta maneira corrobora-se com Evans (2006, p. 12) quando ela afirma que “os brasileiros que se encontram em Londres possuem “grau avançado de educação”.

Desta maneira a pessoa qualificada de um país qualquer do hemisfério Sul migra rumo ao hemisfério Norte para realizar algum outro tipo de trabalho, pois não é uma constante o migrante internacional conseguiu uma excelente colocação profissional, ou até mesmo uma colocação na sua área de formação. De toda forma, independente do trabalho, este será realizado com mão-de-obra qualificada.

Os gráficos e números representados acima, nos dão uma ideia da trabalhadora brasileira em Londres em relação a etnia, a idade, a escolaridade, a situação matrimonial, a presença ou não de filhos, ao status migratório, enfim, trata-se de um perfil destas mulheres. Na sequência vamos conhecer os motivos que levaram parte destas mulheres ao movimento migratório internacional.

### **4.3 Motivos da migração**

Mulheres que migram para estudar, trabalhar, ter melhores condições de vida, que migram por aventura, por um sonho, migram fugindo da violência, migram fugindo do sofrimento matrimonial, que migram, que migram, que migram.... Por que migram estas mulheres?

O objetivo desta sessão é, justamente, a partir das “vozes” das migrantes brasileiras que participaram dessa pesquisa, elucidar as motivações que as levaram ao ato de migrar. Veremos que a decisão de migrar e para onde migrar

surge de um momento cotidiano de suas vidas e muitas vezes em decorrência das redes de contato.

Em um contexto geral, desde a tomada de decisão do sujeito até o momento da ação, do ato de migrar, este sujeito está sendo influenciado por um determinado momento histórico-econômico-social-cultural. Contudo, não é menos verdade que esta mulher que vivia em uma determinada cidade do Brasil, determina o dia da ação, do ato de migrar, dependendo dos acontecimentos que ocorreram na particularidade de sua vida.

A migração é definida também na realização da vida cotidiana, que pode ser representada por uma conversa com o outro migrante, ou com um amigo, com a mãe, com o primo, com o tio. Os fragmentos das falas de Marisa, Helena e Susan nos apontam situações de sujeitos que se encontravam na migração e que apoiaram essas mulheres que queriam entrar na migração, além de, também apontar, o papel das redes de contato.

Meu tio ficava empolgando a gente pra gente vir pra cá. Ele que ficava falando, vem vocês vão gostar, vem, vem, vem, daí a vontade do Douglas sempre foi sair do Brasil conhecer né, aí eu vim, o tio tá lá. (Marisa).

Ele morava com a minha mãe, morava na Itália e eu morava com o pai dele. Na Itália, foi minha mãe a ponte, foi ela que fez nossa residência. (Helena).

Eu tinha um primo que morava aqui, que ele migrou pra cá, ele morava comigo na época em Goiânia, e aí ele resolveu vir pra cá. (Susan).

A migração também pode ser definida por ilusões criadas na perspectiva de uma vida diferente ou na perspectiva da inclusão social. As falas de Isabela, Lilian, e Carla exemplificam estas outras situações.

Nós tínhamos um amigo que veio para cá. Fazia um ano que ele estava aqui em Londres, aí ele ajudou a gente. Ele falou: “é bom, vem para cá, vão ganhar dinheiro”. Aí chegando aqui, vimos que era tudo mentira. (Isabela).

O Pastor falou, porque não vai para Londres? Lá tem um amigo nosso, ele pode ajudar vocês. E o dito do amigo me deixou no

aeroporto e não foi me buscar, com três crianças pequenas. (Lilian).

Eu já tinha uma prima que morava aqui e primos, ela me ajudou. Cheguei na casa dela e já sabia como era, como era a vida de todo mundo, não era iludida não. (Carla).

Além da migração ser definida por meio das interações sociais estabelecidas no decorrer da vida desses sujeitos, veremos que as mulheres dessa pesquisa apresentam os mais variados motivos ou razões cotidianas para entrarem no movimento migratório internacional, isto poderá contribuir na ampliação do campo dos estudos migratórios tirando o olhar apenas da perspectiva econômica utilizada para explicar o fenômeno, isto não significa dizer que isso não faça parte do processo, mas que a questão econômica pode, sim, muitas vezes, aparecer como um pano de fundo na decisão do sujeito migrar.

As motivações que serão elucidadas pelas mulheres demonstram que estas estão conectadas a vida cotidiana, como a fatores racionais (trabalho, estudo), afetivos (acompanhar o parceiro), emocionais (sonho de conhecer outros lugares) e comportamentais (auto identificação consigo mesmo). Veremos que as diversas experiências migratórias tencionam aquelas tipologias apresentadas no capítulo 2.

É claro que não se pode deixar de chamar atenção para as motivações que se conectam com os problemas estruturais e conjunturais do país, como o desemprego, ou os baixos salários. No entanto, é importante perceber que esses aspectos, ora mais objetivos, ora mais subjetivos, se mesclam na decisão de migrar que culminam na ação de migrar.

### **Helena**

Helena é casada com um brasileiro. É formada em psicologia. Em Londres é *nanny* de uma criança de 4 anos, está estudando para fazer o IELTS<sup>62</sup> e com

---

<sup>62</sup> International English Language Testing System – IELTS – Trata-se de um teste de proficiência na língua inglesa, exigido pelas universidades inglesas para o aluno que é estrangeiro.

isso conseguir fazer mestrado em uma Universidade inglesa. Ela possui cidadania italiana.

Ela e o marido tinham a ideia de Helena terminar a graduação, enfim se formar antes de sair do Brasil. Seu marido era militar, trabalhava há muitos anos no exército, quase 9 anos, e ela conta que “ele estava super cansado de trabalhar no exército pois era um trabalho muito rotineiro, ele queria mudar de trabalho”. E assim foi que “surgiu essa enorme vontade de morar fora”.

Primeiro eles foram para a Itália, mas como a região que eles estavam era “um pouco afastada, muito boa de se morar, qualidade de vida altíssima, só que muito fechada”. Para Helena a possibilidade de desenvolvimento profissional era muito limitada, ela não arrumava emprego. Então “Londres foi surgindo e tá dando certo”.

Helena, em 2014, estava a mais de um ano residindo em Londres.

### **Juliana**

Juliana é casada com um português. É técnica em moda, fez dois anos na Universidade Anhembi Morumbi em São Paulo. Tinha 36 anos. É de São Paulo e é umbandista. Possui passaporte brasileiro com visto de dependente de europeu. Em Londres é *babysiter* de crianças de 3 meses a 3 – 4 anos e também é empresária de uma marca de roupa lúdica “*EverywhereTales*”.

O pai de Juliana havia morrido. Ela conta que “como ficou meio sem rumo resolveu viajar, ficou viajando pelo Brasil até sua mãe propor a viagem à Londres”. Juliana fala que “não tinha ideia para onde estava indo, pois, sua mãe que havia organizado a viagem à Londres”.

Juliana, em 2014, completava doze anos de residência em Londres.

### **Isabela**

Isabela tinha 35 anos. Morava em Guarulhos – SP, com seu marido. No Brasil se formou em auxiliar de enfermagem. Trabalhava no aeroporto de Guarulhos e “era uma espécie de ajudante geral, uma espécie de ‘faz tudo’ ”. Em Londres é estudante e tem visto de estudante.

Seu marido um dia falou que “queria migrar” e Isabela falou “vamos embora né, quando a gente tá num relacionamento, tem que ser companheira né. Ele sempre sonhou com isso, morar fora do Brasil, morar no exterior”.

Ela conta que seu marido tinha esperança de que fora do Brasil “ele ia ganhar bastante dinheiro pra fazer o que ele quisesse no Brasil, como comprar casa, comprar carro, viver uma vida boa”. Esse é o sonho da maioria quando sai do Brasil, poder ter seu dinheiro”. Esse era o desejo do seu marido na época e ela diz que “sonhou junto”. Isabela, em 2014, já vivia em Londres há 10 anos.

### **Elaine**

Elaine tinha 35 anos. É formada no Brasil em jornalismo. Trabalhava como jornalista na TV, era chefe de reportagem. É de São Paulo e tem um visto de refugiada. Em Londres trabalha como *Personal Assistant*<sup>63</sup>.

Elaine encontrava-se muito estressada, com o trabalho na TV e começou a ficar doente, a ter convulsão. Ela conta que em uma semana teve “mais ou menos 10 crises de epilepsia, no entanto, era o ataque epilético, mas sem epilepsia”. Passando por essa situação ela percebeu que existia “tanta coisa mais na vida que queria fazer”. Então ela resolveu ir para Londres porque queria “aprender a falar inglês”.

Elaine completava oito anos de residência em Londres, no ano de 2014.

### **Susan**

Susan é de Goiânia. Trabalhava em salões como manicure, pedicure e depiladora, a mesma coisa que faz em Londres. Estudou no Brasil até a 7ª série. Sempre trabalhou para os outros, pois não tinha condições financeira de abrir o próprio negócio. Ela tem visto de dependente de europeu, pois é casada com um português.

Susan começou a ter problemas no Brasil com o local onde morava, pois ela “morava na periferia, que era um lugar perigoso” e sua mãe morava ao seu lado. Mas Susan conta que sua mãe mudou e ela ficou sozinha com seu filho e começou a ter muitos problemas com “ladrão”, “que aparecia todo dia na porta da minha casa, fazendo ameaças”.

Ela tinha um primo que morava em Londres, tinha uma “vida até legal”. E ele sempre a convidou para ir para Londres. Então, Susan, enfrentando tanta violência, “resolveu que nem uma doida” migrar para Londres. Seu primo

---

<sup>63</sup> Assistente pessoal.

organizou tudo, comprou a passagem, pois ela não tinha condições financeira para isso.

Susan, em 2014, completava quatorze anos de residência.

### **Marisa**

Marisa residia no Paraná, trabalhava em um jornal da cidade. Em Londres ela tem uma revista chamada “Brasil na mão”, que é direcionada para o público brasileiro. Ela tem cidadania italiana.

Seu marido tinha vontade de morar fora do Brasil, ele queria ir para os Estados Unidos. Mas como tio de Marisa já morava em Londres e “tirava todas as dúvidas” que o casal tinha, a respeito da cidade, a respeito de como morar, onde morar...

Eles resolveram vir para Londres, com o objetivo de “conhecer” a cidade, mas principalmente para juntar uma “grana rápido, porque a ideia era só comprar uma casa e um carro”.

Marisa, em 2014, completou sete anos de residência em Londres.

### **Julia**

Julia morava em Mogi das Cruzes. No Brasil tinha um emprego administrativo trabalhava em um escritório, era analista financeira de uma mineradora na cidade de Santa Isabel, cidade próxima de onde morava. Em Londres ela administra seu próprio restaurante, chamado “Braziliana”.

Julia conta que sua mãe migrou primeiro para Portugal. Depois de um tempo em Portugal, a mãe de Julia a aconselhou que ela e o marido deveriam fazer o mesmo, ir para Portugal para conhecer e disse: “se é a hora de experimentar o novo na vida é agora, se é hora de mudar, a mudança tem que ser agora, daqui a pouco vocês vão querer filhos, então vem, se vocês não gostarem, vocês voltam”.

Em Portugal Julia e o marido ficaram por dois anos. Passados estes dois anos, como sua mãe foi para “Inglaterra”, que era o lugar que Julia sempre quis ir. Ela migrou também.

Julia chegou em Londres em agosto de 2002. Portanto, vive em Londres há 12 anos.

### **Suzete**

Suzete residia em Porto Alegre com seus pais. Formada em publicidade e propaganda. É garçonete em Londres e tem cidadania italiana.

Ela migrou para Londres porque: “tava a fim de sair pra morar fora, as minhas amigas estavam todas indo, tavam vindo pra Londres, passavam um ano aqui pra aprender inglês e voltavam. E eu queria fazer a mesma coisa, só que eu já sabia inglês”.

Nessa época ela tinha duas primas que estavam em Londres e “estavam se virando super bem, trabalhando em um restaurante, tava ganhando quase 1000 libras por mês, mais de 1000 libras por mês, mais gorjeta, tavam juntando uma grana, viajando bastante e eu queria viajar também”. As primas a ajudaram.

Suzete, chegou em Londres em 2008, portanto, em 2014, fazia seis anos que residia na cidade.

### **Lurdes**

Lurdes tem 49 anos. Sua formação é em letras/inglês. Morava em Vitória – ES. No Brasil trabalhava em uma empresa de comércio Exterior. Em Londres tem a função de *Publication Officer*<sup>64</sup> no Parlamento inglês. Ela tem cidadania italiana.

Lurdes já deixou o Brasil mais de uma vez. A primeira vez, foi porque ela tinha um bom emprego, era secretária executiva bilíngue, mas não estava satisfeita com o salário, achava que não estava sendo bem paga, pela responsabilidade, por tudo que fazia. Resolveu, então, procurar um outro emprego na mesma área, procurou logo numa empresa que era mais ou menos a mesma coisa que ela teria de fazer no trabalho e eles estavam precisando de uma pessoa que falasse inglês fluente. Ela se aplicou, mas não foi escolhida. Escolheram uma amiga dela, porque o conhecimento dela de inglês era bom, pois tinha morado um ano nos Estados Unidos. Então decidiu se “é isso que eu preciso fazer eu vou fazer, vou sair do país, vou passar um ano fora para poder desenvolver meu inglês”, ela foi para os Estados Unidos. Lá ficou por 8 anos e se casou com um brasileiro.

---

<sup>64</sup> Oficial de publicação

Em 2003 seu pai faleceu, e ela com o marido voltaram para o Brasil. Ela conta que na volta para o Brasil surge “aquela velha história você acha que vai dar certo, você acha que você sabendo inglês morando fora tanto tempo”, vai dar certo. Mas Lurdes tentou arrumar emprego, porém ela “não conseguia por causa da idade, que já estava com 38 anos”.

Lurdes tentou fazer as mesmas coisas que fazia antes, tinha experiência com o comércio exterior e queria qualquer emprego em que ela pudesse falar inglês porque ela sabia “falar inglês fluente, só que a realidade é outra né, a realidade é muito diferente, eu não conseguia”. Ela tentou emprego na sua área que era professora de inglês, coordenadora, não conseguiu. Para ela foi uma decepção muito grande chegar no Brasil e “não conseguir emprego”.

Lurdes tentou por dois anos e meio, ela ficou “muito decepcionada com o Brasil”. Um dia sua amiga propôs a Lurdes de ir para Londres: “a gente vai e tenta, se não der certo a gente volta”. Lourdes sentiu “aquela vontade né”, ela já tinha passaporte italiano, sua amiga também tinha. Lurdes pensou: “não vai ter nada que impeça a gente de entrar no país e trabalhar legalmente”.

Lurdes tinha um ex-aluno em Londres entrou em contato, e ele ofereceu ajuda. Ela viajou sozinha, depois seu marido migrou também.

Lurdes, seu marido e sua filhinha (3 anos) vivem em Londres, desde 2006, há oito anos.

### **Rosa**

Rosa tem 35 anos, é de Governador Valadares. No Brasil não teve oportunidade de realizar nenhum tipo de formação porque logo aos 19 anos migrou para os Estados Unidos. Ela tem formação de cursos de enfermagem de curta duração que fez nos Estados Unidos. Em Londres, ela é dona do próprio negócio, vende marmitas para brasileiros.

Rosa migrou em 1997 para os Estados Unidos, entrando nesse país pelo México.

Ela decidiu migrar porque o que “ganhava não era suficiente para sustentar minha família”. Nos Estados Unidos, ela tinha um amigo “que sempre morou lá, ele foi um dos primeiros a migrar para os Estados Unidos e ele foi meu porto seguro quando cheguei lá”.

Viveu nos Estados Unidos por quase dez anos, mas voltou ao Brasil devido a doença de seu pai. Ela ficou no Brasil uns seis meses, antes de ir para Londres, em 2005. Nessa época seu irmão residia em Londres e a ajudou na chegada.

Rosa vive em Londres, desde 2005, há nove anos, com seu marido (português) e sua filha de três anos.

### **Lígia**

Lígia tem 51 anos. No Brasil morava em Londrina no Paraná, era governanta, empregada, secretária, trabalhava na casa dos padres e fazia tudo, morava com seus dois filhos. Em Londres ela é diarista. Ela não possui visto para estar no país, então está ilegal.

Lígia foi para Londres para conhecer e visitar sua filha mais velha, que estava em Londres já fazia um ano. Sua filha pagou a passagem para ela ir e “ficar por três meses”.

Lígia também nessa época estava muito stressada porque tinha se separado do marido, estava com muitos problemas. Então resolveu aceitar o convite. Lígia conta que: “quando eu cheguei aqui ela já tinha até arrumado um trabalho pra mim”.

Lígia, reside em Londres desde 2003, portanto, está em Londres há onze anos.

### **Carla**

Carla tem 35 anos. Morava em Goiânia – Goiás, com a família. No Brasil estudava de manhã, fazia o curso de Engenharia ambiental, e trabalhava nos períodos da tarde e da noite na própria Universidade em que estudava. Mas ela não conseguiu terminar o curso. Em Londres, ela tem seu próprio negócio, trabalha com a venda de bolos e salgadinhos, atendendo principalmente a comunidade brasileira. Até o ano de 2014 ela não possuía documentos legais para poder estar na Inglaterra.

Ela migrou com a “intenção de fazer dois anos de inglês, pra fazer um mestrado na minha área” que era engenharia ambiental. Carla foi para Londres com visto de estudante de um ano e meio e conta que “já tinha uma prima que morava aqui, primos, ela me ajudou”.

Carla reside em Londres, desde 2003, há onze anos, com seu marido e seus dois filhos,

### **Isadora**

Isadora tem 49 anos. É formada em Letras. Morava em São Paulo antes de migrar, no entanto, é de uma cidade do interior do Estado (Ribeirão Preto). Ela trabalhava na Secretaria da Fazenda, como técnico administrativo. Em Londres é *housekeeping*, ou seja, empregada doméstica. Sua situação migratória é sem visto, isto é, ela não tem permissão para estar no país, está com o visto vencido.

O plano de Isadora era tirar sua licença prêmio e ir morar seis meses na França com o noivo, mas eles terminaram o noivado antes da viagem, no entanto, tudo já estava pronto, organizado para ela viajar.

Então, seguindo os conselhos de uma amiga e desiludida com o fim do relacionamento, Isadora mudou o destino e foi para Londres, no início para estudar inglês.

Isadora decidiu que não queria mais ficar no Brasil então ela começou o processo de desligamento da Secretária da Fazenda “porque era isso que tinha que acontecer”, ela precisava pedir exoneração do cargo.

No ano de 2014, Isadora era *housekeeping*, ou seja, empregada doméstica. Ela trabalha de segunda, quarta e sexta em uma casa, e de terça e quinta ela trabalha em três casas diferentes. Vivia sozinha, é católica, participava de grupos de orações e frequentava à igreja todos os dias para assistir à missa. Ela fala que “ora assiste missa em francês, ora em inglês, ora em português”.

Ela entrou na Inglaterra como estudante, seu visto venceu e até 2014 não tinha permissão para estar em Londres. Vive em Londres desde 2003, há onze anos.

### **Pietra**

Pietra tem 41 anos. Morava em São Paulo. No Brasil estudava, fazia o curso de Serviço Social e também trabalhava, não chegou a se formar no Brasil, mas fez isso em Londres, pois fez um curso de psicologia. Em Londres ela trabalha em uma organização não governamental chamada *Latin American*

*Womens Rights Service* - LAWRS dando “suporte para mulheres e meninas brasileiras que sofrem violência doméstica”.

Pietra não estava muito satisfeita com sua vida, “estava procurando algo mais, aí eu conheci... uma amiga da minha irmã, elas estudaram juntas e ela estava voltando, ela morou aqui quase 2 anos e tava voltando, ... e perguntei pra ela como que era morar aqui no Reino Unido”. A amiga de sua irmã disse que tinha sido a melhor coisa ter migrado, pois estudou, trabalhou um pouco e retornou.

Pietra queria ir para um país para aprender a língua inglesa. Migrou para Londres. Reside em Londres desde de 1997, portanto há 17 anos. No ano de 2014, vivia com seu marido indiano e seu filho de quatro anos.

### **Emília**

Emília morava em Brasília, era professora de língua estrangeira, ministrava aula em tempo integral. Ela fez dois cursos de graduação: licenciatura em letras (português-inglês), e na UNB fez o curso de tradução, português-inglês. Em Londres até o ano de 2014 era professora e pesquisadora de duas universidades diferentes, sempre trabalhou com contratos de trabalho de curta duração. Em 2015, conseguiu um emprego permanente na Universidade de Oxford.

Emília era professora de línguas no Brasil. Resolveu migrar porque “cansou de dar aula e ficar ensinando a mesma coisa. Resolvi fazer mestrado”. Ela escolheu Londres porque já havia feito quando adolescente intercâmbio nos Estados Unidos. Então queria ir “para outro lugar”.

Emília reside em Londres, desde 1997, portanto, há 17 anos. É casada com um indiano e possui nacionalidade britânica.

### **Sônia**

Sônia, formada em história pela Unicamp, e em Geografia pela “Queen Mary University of London”. Está com 51 anos é de São Paulo. Possui dupla cidadania, brasileira/britânica, é professora acadêmica.

Sônia sempre quis morar na Inglaterra. Mas era tudo muito incerto. Ela pensava: “eu vou ter que ir por navio descascando batata”. Não tinha dinheiro

para isso. Seu pai tinha seus recursos, ele tinha outra família, as famílias cresceram paralelamente. “...minha mãe era a outra, nós éramos as outras”.

O avô tinha prometido a passagem para alguém da família que quisesse visitar um filho que estava em Londres. Sônia trabalhava em Campinas e um dia a mãe ligou e disse: “teu avô ofereceu uma passagem para eu ir para Londres, vai no meu lugar, porque eu não vou mesmo”.

Mas logo depois o avô de Sônia morreu e ficou tudo meio no ar. Sua avó, depois que assentou a poeira, disse para Sônia: “seu avô deu a passagem para você, se você quiser ir, eu quero ir com você, a gente vai, só vou ficar uns dois meses”. Sônia foi, e reside em Londres, desde 1984, há 30 anos.

### **Claúdia**

Claúdia, foi para Londres em 1992, morava em Jacarepaguá no Rio de Janeiro. Era analista de sistema. Ela tem passaporte britânico. Em Londres trabalha com social mídia e é tradutora.

A irmã de Claudia, em 1992, estava indo para Londres para estudar, ela tinha conhecidas em Londres, algumas amigas “não chegadíssimas”. Nessa mesma época Claudia havia terminado um relacionamento amoroso. Então Claudia aproveitando a companhia de sua irmã, pediu demissão do emprego e disse para irmã “eu vou também”, assim ela decidiu migrar, “no susto”.

Claudia vive na capital inglesa há 23 anos, desde o ano de 1991.

### **Lilian**

Lilian morava em Curitiba. Ela tinha uma empresa de artesanato. Em Londres tem uma empresa de decoração de festas, “GranBelle” eventos. Ela tem cidadania italiana.

Lilian migrou porque tinha um sonho interno de “morar fora”. Durante 4 anos “era noite e dia”, ela pensava “vou morar fora, vou morar fora”. A princípio os planos de Lilian era de ir para os Estados Unidos, mas com o atentado de 11 de setembro, seu visto e de sua família foi negado.

Lilian é evangélica e foi o pastor que sugeriu a ela ir para Londres, porque tinha um conhecido que poderia ajudá-la. Então em “um mês e meio” depois ela

migrou. Lilian reside em Londres com sua família há 11 anos, portanto desde 2003.

### **Diva**

Diva morava em Pelotas no Rio Grande do Sul. No Brasil Diva trabalhava no comércio. Em Londres é *make up artistic*.

Diva migrou porque seu marido migrou primeiro. Ele resolveu migrar para Londres influenciado pelo irmão que já estava em Londres e este dizia “aqui é ótimo, país maravilhoso, maravilhoso, aqui se ganha em libras”. Ela conta que “ele já veio com a intenção de ficar e depois fazer uma vida, estudar que é o que ele quer, estudar engenharia, então ele já veio para isso”.

Diva ficou na casa de seus pais um ano e quatro meses, até ela poder migrar também, que foi quando seu marido disse: “agora você vem, que eu já estou preparado para que você venha”.

Diva migrou por “causa dele”, seu marido e reside em Londres, desde 2009, há 5 anos.

### **Clara Costa**

Clara morava em São Paulo. Trabalhava em um Instituto de pesquisa como Analista de Pesquisa Junior. Sua formação é em jornalismo. Em Londres é estudante de graduação do curso de tradução inglês e trabalha como atendente de um restaurante chamado ‘Pret a Manger’.

Um dia, Clara pensou “que não estava satisfeita com o que estava fazendo, era um bom trabalho, uma boa empresa, uma empresa de pesquisa multinacional, mais não conseguia ver o futuro dali”, como algo que “eu queria fazer entendeu, meu sonho de carreira não era ser um gerente de projeto, e esta seria a consequência natural, Analista de pesquisa Junior, Pleno, Senior e aí um gerente”. Ela então “não queria fazer aquilo, via os gerentes trabalhando mais de 12 horas uma carga massiva de trabalho uma pressão, prazos e prazos, sempre tem que brigar”. Então Clara falou “isso não é vida pra mim”. Nessa época ela começou “a dar entrada no passaporte português”.

Ela decidiu migrar porque sempre foi uma vontade antiga:

(...) pegar uma mochila, colocar nas costas e sair por aí viajando, mas enfim a vida vai tomando outros rumos, eu fiz faculdade depois comecei a trabalhar na área, enfim você vai se

envolvendo com as coisas que tem que se envolver, e nisso o tempo vai passando. Mas aí minha prima veio pra cá, ela já estava há uns três anos e viajando toda hora, no primeiro ano que ela veio viajou mais de 10 países em um ano. Pensei nossa essa é a vida que eu quero pra mim, e aí começou a crescer ainda mais essa vontade. Minha prima falou que era fácil conseguir emprego aqui, empregos diferentes do Brasil, não seria do nível que eu estava fazendo, mas garçõete, ou qualquer outro tipo de emprego nesse nível seria fácil conseguir e o suficiente para se manter em Londres.

Clara está em Londres há 6 anos, desde 2008, vive sozinha em um quarto, divide a residência com uma outra pessoa.

Delineamos neste capítulo as características demográficas do universo dessa pesquisa, assim como exploramos os motivos ora mais objetivos, ora mais subjetivos da migração, apresentado pelas mulheres, que de uma certa forma, explicam sua participação no movimento migratório internacional.

Deparamos nas entrevistas com um denominador comum, os contatos, ou as redes de contato migratórias. Denotamos, assim, que todas as mulheres das entrevistas tinham um contato pessoal em Londres, estabelecidos previamente a viagem, que de uma forma ou de outra as auxiliaram na chegada, facilitando o movimento.

Corroboramos com os resultados apontados por Evans et al (2011) que elenca que os principais motivos da migração eram os fatores estudar e estudar/trabalhar, e esses foram reafirmados nessa pesquisa, nas “falas” de: Juliana (estudar), Isabela (trabalhar), Elaine (estudar), Susan (trabalhar), Marisa (trabalhar), Lurdes (trabalhar), Carla (estudar), Pietra (estudar) e Emilia (estudar). No entanto, nas pesquisas de Evans et al (2011) não foi possível abordar outras realidades, como fizemos nessa pesquisa. Apontamos aqui, por meio das “vozes” os aspectos subjetivos motivadores da entrada dessas mulheres na migração.

Desta forma, para analisar um pouco melhor o papel dessas mulheres neste processo, ampliaremos, na perspectiva do trabalho, o nosso olhar no próximo capítulo, pois evidenciaremos algumas características relacionadas as trabalhadoras brasileiras. Características estas pautadas nos resultados do universo da amostragem realizada na capital inglesa.

## Capítulo 5 - TRABALHADORAS BRASILEIRAS EM LONDRES

As migrações internacionais assumem cada vez mais importância nos mercados de trabalho, na mobilidade da força de trabalho (GAUDEMAR, 1977), nos fluxos financeiros, nas mudanças ocasionadas tanto nos lugares de saída como nos de entrada, enfim, no cotidiano das pessoas.

Discutir o fenômeno migratório internacional pode envolver várias dimensões do processo, como os fluxos de saída, as direções destes fluxos migratórios, o fluxo de remessas de dinheiro, as mudanças urbanas nos lugares de saída, as mudanças urbanas nos lugares de chegada, o retorno, entre outras dimensões de análise. No entanto a questão do trabalho realizado pelo sujeito que migra quase sempre está presente nestas dimensões, com maior ou menor centralidade. Para Sayad (1998, p. 20) a necessidade de “emigrar e imigrar acontece exclusivamente por motivo do trabalho”, isto porque o trabalho, ou melhor, a força de trabalho é a única mercadoria que o trabalhador assalariado possui para vender e com isso reproduzir sua vida.

Neste sentido Marx (1999; 2006), Virillo (1996), Antunes (1999, 2000, 2005, 2014), Gaudemar (1977), Alves e Ranieri (2011), Meszáros (2002) nos auxiliam neste capítulo, que evidencia a importância da realização do trabalho social, e a intensificação deste trabalho a partir do estabelecimento do sistema capitalista de produção.

Antunes (2000) aborda um conceito mais atualizado de classe trabalhadora, a classe-que-vive-do-trabalho, este conceito consegue abarcar as transformações que o mundo do trabalho vem sofrendo no mundo contemporâneo, assim como apresenta as novas formas de trabalho que passam a existir como os *part-time job*<sup>65</sup>.

Para entender o cerne da precarização do trabalho, Alves e Ranieri (2011) evidencia que o desemprego estrutural ocorre justamente pela crise estrutural do sistema do capital que se inicia na década de 1970. Assim, a nova fase histórica da acumulação capitalista conhecida como “acumulação flexível” é a responsável pela reestruturação produtiva do capital que estende ainda mais a exploração da força do trabalho e intensifica a mobilidade do trabalho,

---

<sup>65</sup> Trabalho em tempo parcial

principalmente em países ricos. Neste sentido, deve-se levar em consideração que a mobilidade do capital cria novas condições para a mobilidade do trabalho (SASSEN, 1988, p. 01).

Normalmente, países como os Estados Unidos, Japão, Alemanha, França, Itália, Portugal, Espanha, Inglaterra entre outros, caracterizados por terem o sistema capitalista mais desenvolvido, são receptores de migrantes internacionais, pois despertam a atenção do sujeito migrante.

Este sujeito disposto a migrar, a enfrentar as barreiras do deslocamento, também tem sido representado pelas mulheres. Antunes (2000) nos auxilia nesta discussão destacando: a explosão do universo feminino no mundo do trabalho, a realização do trabalho precarizado das mulheres e a dupla exploração pelo capital que ocorre tanto no espaço produtivo quanto no espaço reprodutivo do universo feminino.

Neste Capítulo apresentamos os resultados da pesquisa empírica, tanto quantitativa como qualitativa, realizada em Londres, destacando assim a dinâmica do trabalho realizado por mulheres brasileiras naquela capital.

Em relação aos resultados quantitativos apresentamos aspectos do trabalho realizado por mulheres migrantes brasileiras antes de saírem do Brasil assim como, apresentamos aspectos do trabalho realizado pelas mesmas em Londres. Em relação aos resultados qualitativos, apresentamos aqui, também, as “vozes” que nos revelam perspectivas do trabalho de brasileiras na capital inglesa.

## **5.1 A importância do trabalho social**

O homem em toda sua existência esteve preso à dinâmica do trabalho, porque a realização deste é, foi e será a garantia de sua sobrevivência, a garantia de sua reprodução social. Apesar disso, registros do mundo antigo já evidenciavam os conflitos para realização do trabalho, pois ao mesmo tempo em que este era compreendido como necessário para a realização da vida era também sinônimo de degradação, “era criação e infelicidade, atividade vital e escravidão, felicidade social e servidão” (ANTUNES, 2005, p. 11).

Isto posto, vemos que o trabalho é uma ação social necessária, porém paradoxal, pois ao mesmo tempo em que sua realização é essencial para a

sobrevivência do indivíduo, para a reprodução da vida, é também uma obrigação, uma forma de tortura, uma imposição econômica e social. Desta forma a pessoa que realiza o trabalho sabe que está garantindo a sua sobrevivência, mas ao mesmo tempo sofre ao realizar o labor, pois não existe prazer em ser explorado.

É justamente isso o que acontece com o trabalhador assalariado, ele é explorado, ele é a força de trabalho. Gaudemar (1977) baseado em Marx, diz que o “agente real da produção é a força de trabalho”, esta é determinada como:

A mercadoria que um homem possui ou o conjunto de faculdades psíquicas, físicas e intelectuais que existem num corpo de um homem, na sua personalidade viva, e que ele tem de pôr em movimento para produzir coisas úteis (GAUDEMAR, 1977, p.189).

Assim, a força de trabalho é necessária para a manutenção da vida, no entanto, o que ocorre é a sua exploração, e está se repete cotidianamente na vida das pessoas que vivem do trabalho, pois esta exploração apresenta-se no formato do trabalho assalariado que é encontrado nos diferentes setores da economia formal e informal.

Clara, nos exemplifica como que essa exploração ocorre, em um restaurante chamado “Pret a Manger” em Londres.

“No começo eu até gostava, porque quando você está aprendendo coisa nova é sempre bom, você tem um estímulo, mas eu confesso que depois de um tempo, é um trabalho muito repetitivo e tem uma pressão grande dessa companhia, que é sempre estar sorridente, sempre tratar bem o cliente, sempre How are you? E aquelas perguntas automáticas. Depois que você trabalha dias e dias, horas e horas, meses e meses, anos e anos perguntando a mesma coisa isso te estressa. Eu cheguei no meu limite.” (Clara).

A exploração da força do trabalho, se modifica e adquire características específicas para cada momento histórico, no decorrer da reprodução da vida, como vimos no depoimento de Clara. Não é nosso objetivo discutir todos estes períodos, mas é importante nos ater na “separação radical das funções produtivas de controle do processo do trabalho social entre aqueles que *produzem* e aqueles que *controlam*” (ANTUNES, 1999, p. 24), pois os que produzem são os trabalhadores assalariados e os que controlam são os capitalistas, e principalmente nos ater a intensificação do trabalho social.

Para compreender melhor a intensificação do trabalho social recorre-se a Virillo<sup>66</sup> (1996) que utiliza a descoberta da máquina a vapor como um dos principais agentes intensificadores do trabalho, pois o motor a vapor no século XVIII foi capaz de revolucionar a indústria têxtil na Inglaterra culminando na revolução industrial e na efetivação do modelo econômico vigente e de todo este aparato tecnológico que temos atualmente. Assim foi que

[...] o motor a vapor, na ocasião de uma revolução da informação e da criação da primeira máquina, ou seja, da máquina que serviu à revolução industrial. Foi o motor a vapor que permitiu o trem e, portanto, a visão do mundo através do trem, a visão em desfile, que já é a visão do cinema. (VIRILLO, 1996, p. 127).

Virillo (1996, p. 128) teoriza também que os motores da história são os modificadores do “quadro de produção de nossa história”, estes vão tecnificando o território, portanto, transformando a relação do indivíduo com o território, desta forma os motores estão intrinsecamente relacionados com o desenvolvimento do sistema capitalista de produção e indissociavelmente relacionados ao trabalho assalariado.

Assim, no decorrer da história as transformações socioeconômicas que acontecem mundialmente reestruturam a produção e a reprodução do capital, pois, segundo Marx (2006, p. 47), o capital nada mais é que “uma relação social de produção”, porque os homens “somente produzem colaborando entre si de um modo determinado e trocando entre si as suas atividades” (MARX, 2006, p. 46).

Logo, a discussão que permeia o trabalho é complexa visto que as pessoas vendem o seu trabalho ou sua força de trabalho, ou melhor, dizendo, vendem a sua mercadoria em troca de um salário, então “a força de trabalho é, uma mercadoria, que o seu proprietário, vende ao capital. Por que ele vende? Para viver” (MARX, 2006, p. 36). No entanto, majoritariamente o valor de troca, ou seja, o salário, ou o pagamento pelo serviço prestado não é o suficiente para a reprodução da vida cotidiana das pessoas, como também não é o suficiente para que este trabalhador ou trabalhadora consuma as mercadorias, ou consuma as necessidades (objetos) criadas pelo capitalismo.

---

<sup>66</sup> Para entender melhor, ver a obra “A arte do motor” (1996), de Paul Virillo.

Em verdade desde a sistematização do modo de produção capitalista e da intensificação da realização do trabalho, a classe-que-vive-do trabalho<sup>67</sup> luta contra a expropriação realizada pelo capital, com o passar dos anos vai ocorrendo “uma ação destrutiva contra a força humana de trabalho, que tem enormes contingentes *precarizados* ou mesmo à margem do processo produtivo” (ANTUNES, 1999, p. 33).

A classe-que vive do trabalho então vende a sua mercadoria – o trabalho – por um preço inferior ao que seria justo, permitindo cada vez mais aos capitalistas a acumulação do capital, admitindo que “o capital só pode se multiplicar sendo trocado por força de trabalho” (MARX, 2006, p. 50). Consideramos que o movimento migratório é um de tantos outros facilitadores no processo de acumulação do capital, justamente por permitir esta troca precarizada, entre a força de trabalho e o capital.

Logo, na possibilidade de compreender no mundo moderno o fenômeno da migração brasileira para a Inglaterra (RU) e os aspectos da precarização do trabalho migrante, buscamos em Engels algumas situações das relações de trabalho na Inglaterra com os migrantes Irlandeses, pois estes iniciam a migração para Inglaterra após a Revolução Industrial, período histórico que revolucionou o modo de produção econômico mundial, reconfigurando o espaço geográfico. Segundo Engels (2010, p. 131):

O rápido desenvolvimento da indústria britânica não teria sido possível se a Inglaterra não dispusesse de uma reserva – a numerosa e pobre população da Irlanda. Quase todos os irlandeses se radicam nas áreas industriais, em especial nas grandes cidades, onde constituem a classe mais baixa da população (ENGELS, 2010, p. 131).

Realizando um paralelo com a realidade atual, observa-se que um dos embriões do que hoje é denominado de trabalho precarizado, já existia no início da Revolução industrial, no dinamismo migratório representado pelos Irlandeses. Período este marcado pela descoberta do motor a vapor, um marco histórico e revolucionário como apresentou Virillo (1996).

Contudo, percebemos que, passados mais de dois séculos, o movimento migratório continua sendo semelhante ao demonstrado por Engels quando ele

---

<sup>67</sup> Classe-que-vive-do-trabalho – este termo é explicitado mais à frente no trabalho.

relaciona o desenvolvimento da indústria com a abundante disponibilidade de trabalhadores (Irlandeses) para a reprodução do capital. Então hoje, com o avanço tecnológico, a disputa por um emprego continua sendo acirrada, aliás mais do que acirrada pois, a reserva de trabalhadores só vem se multiplicando, e, em contrapartida, cresce exponencialmente o número de desempregados, ou seja, atualmente não há trabalho para todos.

Desta maneira, quanto maior o número de trabalhadores disponíveis menores serão os salários, pois há excedente de mercadoria (trabalhadores), há força de trabalho em abundância, conseqüentemente há maior acumulação de capital. Mas isto não é tão simples assim, porque no interior da acumulação surgem as contradições, atingindo toda a classe-que-vive-do-trabalho, e os trabalhadores migrantes fazem parte desta complexidade.

Contradições que culminam na atualidade com o desemprego estrutural, que de certa forma, preliminarmente, Marx (2006, p. 65) já evidenciava, não como estrutural, mas como um problema para a sobrevivência da classe trabalhadora, pois ele retratou que a guerra entre as indústrias tinha a “particularidade de as batalhas serem ganhas menos pela contratação e mais pela dispensa do exército operário. Os generais, os capitalistas disputam entre si quem pode dispensar mais soldados da indústria”.

Claro que, na contemporaneidade isto ocorre de forma diferenciada, com outros sujeitos, a Inglaterra, por exemplo, é um país cosmopolita que recebe grande contingente de migrantes, oriundos da Ásia, da África, da América do Sul, como também da própria Europa e da União Europeia. Desta forma, a metrópole londrina destaca-se, pois é a “mediação entre o local e o mundial, ela é dominada pela lógica da acumulação” (CARLOS, 2011, p.85) é a representação da concentração de riqueza e poder e, talvez por isso, chame a atenção de tantos migrantes<sup>68</sup> “consumidores/consumidos” nesta cidade.

Londres recebe migrantes de vários países, no entanto, os provenientes do Leste Europeu, de alguns países africanos, países asiáticos e da América do Sul, em sua maioria, são os mais explorados, significando menores salários, ou seja, “extração da mais valia em tempo cada vez mais reduzido” (Antunes, 2000,

---

<sup>68</sup> Esta afirmação parte da minha experiência vivenciada entre os anos de 2005 a 2008 em Londres.

p. 11). E parte da população brasileira, ou seja, migrantes, se inserem neste grupo.

No entanto, esta não é uma realidade apenas londrina, hoje a cidade se destaca na Europa como um dos principais locais receptores de migrantes internacionais, mas em décadas passadas nos países centrais quem preenchia os postos de trabalhos terceirizados, “*part time*, subcontratos eram os migrantes conhecidos como os *gastarbeiters na Alemanha*, o *lavoro nero* na Itália, os *chicanos* nos EUA, os *dekasseguis* no Japão, entre outros” (ANTUNES, 1999, p.105).

Na perspectiva do trabalho dos subcontratos, evidenciamos, pelas falas de Carla e Rosa a informalidade no trabalho em Londres.

Fazia ‘cleaner’ de casa, e estudava a noite. Estudava à noite inglês. Quando eu cheguei, minha tia já tinha me colocado já, ela já tinha organizado. Aí sim e fui fazendo minhas casas. Eu fazia 12 casas por semana. (Carla).

Vai fazer um ano que eu tenho meu próprio negócio que é marmita. E eu gosto, gosto de tudo porque o horário é eu que faço, o dia que eu resolvo, eu falo assim “amanhã eu vou fazer uma comida fácil” e eu posso acordar duas horas depois do meu horário normal de acordar, porque eu não tenho que cumprir horário, eu faço porque eu quero, mas eu gosto de acordar por volta das 6 horas 6:30 horas da manhã, porque quando das 11 horas, meu marido já sai pra entregar tudo. As vezes quando ele volta, as vezes eu até vou com ele quando tem que fazer alguma coisa na rua, e quando ele volta também já está tudo pronto, tem vezes que as 2 horas da tarde nosso trabalho tá tudo pronto e entregue, nossa cozinha já tá toda arrumada. É pra gente ter a nossa tarde tranquila, nossa tarde livre, quando tem, porque as vezes tem que ir no supermercado. Eu tiro o dia pra ir no supermercado, pra comprar as coisas, mais é assim gosto muito, gosto. (Rosa).

Assim, o que Marx e Engels evidenciam no século XVIII acontece também na contemporaneidade marcada por outras características, entretanto, pelo capital mundializado no tempo e no espaço, pois o capital se transforma, se revoluciona e se adapta em cada período histórico, e o trabalho assalariado acompanha este movimento, mesmo que este trabalho seja informal, porque o

trabalho é a “substância social comum a todas as mercadorias” (MARX, 2006, p. 99).

É acompanhando este movimento, que temos hoje o que Antunes (1999, p.101) denomina de a “classe-que-vive-do-trabalho” a fim de “*conferir validade contemporânea* ao conceito Marxiano de *classe trabalhadora*”, dando assim amplitude ao ser social que trabalha e que é assalariado. Desta maneira esta expressão engloba “a totalidade daqueles que vendem sua força de trabalho tendo como núcleo central os trabalhadores produtivos<sup>69</sup>” (ANTUNES, 1999, p. 102), mas não apenas estes, pois com as exigências do capital no mundo moderno, crescem o setor de serviços e a classe-que-vive-do-trabalho engloba também os trabalhadores “*improdutivos*” (ANTUNES, 1999) que:

São aqueles cujas formas de trabalho são utilizadas como serviço, seja para uso público ou para o capitalista, e que não se constituem como elemento diretamente produtivo, como elemento vivo do processo de valorização do capital e de criação de mais-valia. São aqueles que segundo Marx, o trabalho é consumido como *valor de uso* e não como trabalho que cria *valor de troca*. O *trabalho improdutivo* abrange um *amplo leque* de assalariados, desde aqueles inseridos no setor de serviços, bancos, comércio, turismo, serviços públicos, etc. (ANTUNES, 1999, p. 102).

Apesar de existir, segundo o ponto de vista Marxista, essa diferenciação entre trabalhadores *produtivos* e *improdutivos*, nesta pesquisa será considerada uma noção mais estendida da classe trabalhadora, visto que é incorporada à classe-que-vive-do-trabalho “não apenas o proletariado industrial e os assalariados do setor de serviços, mas também o proletariado rural, que vende sua força de trabalho para o capital” (ANTUNES, 2005, p. 118). Incluindo também aqueles trabalhadores que estão desempregados (ANTUNES, 1999, p. 103). Segundo Antunes, essa noção (1999, p. 103)

[...] incorpora o *proletariado precarizado*, o *subproletariado moderno*, *part time*, o novo proletariado dos McDonalds, os *trabalhadores hifenizados* de que falou Beynon, os *trabalhadores terceirizados* e *precarizados* das empresas

---

<sup>69</sup> Para compreender melhor os *trabalhadores produtivos* ver “Os sentidos do trabalho” de Ricardo Antunes.

*lioofilizadas* de que falou Juan José Castilho, os trabalhadores *assalariados* da chamada “economia informal”, que muitas vezes são indiretamente subordinados ao capital, além dos trabalhadores desempregados, expulsos do processo produtivo e do mercado de trabalho pela reestruturação do capital e que hipertrofiaram o exército industrial de reserva, na fase de expansão do *desemprego estrutural*. (ANTUNES, 1999, p. 103).

Mas não se inclui na classe-que-vive-do-trabalho,

[...] os *gestores do capital*, seus *altos funcionários*, que detêm papel de controle no processo de trabalho de valorização e reprodução do capital no interior das empresas que recebem rendimentos elevados ou ainda aqueles que, de posse de um capital acumulado vivem da especulação e dos juros. *Exclui* também, em nosso entendimento, os pequenos empresários, a pequena burguesia urbana e rural *proprietária* (ANTUNES, 2012, p. 118).

Abarcar a classe-que-vive-do-trabalho na contemporaneidade de forma *ampliada* nos permite corroborar que o mundo do trabalho vem sofrendo transformações importantes. Desta maneira outras formas de trabalho como os chamados “*part time job*”, assumem importância vital na vida das pessoas, confirmando aquilo que Antunes diz (2005, p. 27) “o sistema de metabolismo social do capital necessita cada vez menos de trabalho estável e cada vez mais de trabalho parcial – *part time* – terceirizado e precarizado dos trabalhadores”.

Amplia-se o “*part time job*” no final do século XX, assim como amplia-se o trabalho precarizado marcado por ser temporário, por empregar pessoas em “trabalho parcial, trabalho precário, trabalho por tempo, trabalho por hora” (ANTUNES, 1999, p. 199). Trabalho realizado por pessoas que recebem salários baixos, que não possuem direitos trabalhistas, mas que precisam realizar qualquer tipo de trabalho para manutenção da vida. Este formato é absorvido pelos trabalhadores em escala mundial, do hemisfério Norte ao hemisfério Sul, com algumas nuances diferenciadas de um país para outro, mas sempre na perspectiva da instabilidade trabalhista, da precarização. Logo, essa redução da carga horária de trabalho relaciona-se diretamente com a diminuição dos direitos trabalhistas e principalmente com a reestruturação produtiva do capital.

## 5.2 Reestruturação produtiva do capital e a mobilidade do trabalho

Para compreender a reestruturação produtiva do capital, é necessário, antes, assimilar que a contemporaneidade é marcada por um novo estágio do sistema capitalista de produção, este é conhecido como acumulação flexível. Iniciou-se na década de 1970, após a primeira grande recessão pós-guerra marcada pelos dois choques petrolíferos em 1973 e 1979 e pela perda da paridade do dólar com o ouro.

Assim inaugurou-se segundo Alves (2011, p. 11) o período histórico de “crise estrutural do sistema do capital” responsável pelo desemprego estrutural, e proliferação do trabalho precário (2011, p. 21), logo, pelo aumento do movimento migratório mundial, visto que as pessoas necessitavam trabalhar para poder se reproduzir socialmente.

Para Meszáros (2002, p. 798):

A crise estrutural do capital que começamos a experimentar nos anos 70 se relaciona, na realidade, a algo muito mais modesto que as tais condições absolutas. Significa simplesmente que a tripla dimensão interna da auto-expansão do capital exhibe perturbações cada vez maiores. Ela não apenas tende a romper o processo normal de crescimento, mas também pressagia uma falha na função vital de deslocar as contradições acumuladas do sistema.

Desta forma entendemos que as três dimensões fundamentais do capital – “produção, consumo e circulação/distribuição/realização” (MESZÁROS, 2002, p. 798), não se harmonizam mais como antes da década de 1970 e começam a ter problemas internos, pois os interesses de cada dimensão não são mais os mesmos, assim as contradições se acumulam e se tornam estruturais, afetando a sociedade “de um modo nunca antes experimentado<sup>70</sup>” (MESZÁROS, 2002, p.800)

A sobreacumulação e a intensa concorrência internacional fazem parte destas dimensões e são responsáveis por esta crise estrutural do capital no mundo contemporâneo, tanto que estes dois fatores atingiram os países centrais favorecendo assim “uma série de transformações sócio-históricas que

---

<sup>70</sup> Para entender melhor a crise ver MESZAROS, 2002, p. 799-801.

envolveram as mais diversas esferas do ser social capitalista” (ALVES, 2011, p. 11).

Desta forma, instaura-se uma nova fase histórica da acumulação capitalista mundial, a acumulação flexível, que segundo Alves (2011) é a responsável pela reestruturação produtiva do capital. Deste modo:

A acumulação flexível decorre da necessidade de o capital reconstituir sua base de produção, exploração da força de trabalho e acumulação de valor nas condições de uma crise crônica de sobreacumulação. O regime de acumulação flexível tende a debilitar o mundo do trabalho, promovendo alterações importantes na objetividade da classe dos trabalhadores assalariados (ALVES, 2011, p.12).

Portanto a acumulação flexível surge como estratégia corporativa que busca enfrentar as condições críticas do desenvolvimento capitalista na etapa da crise estrutural do capital caracterizada pela crise de sobreacumulação, mundialização financeira e novo imperialismo. Constitui um novo ímpeto de expansão da produção de mercadorias e de vantagem comparativa na concorrência internacional que se acirra a partir de meados da década de 1960, compondo uma nova base tecnológica, organizacional e sociometabólica para a exploração da força de trabalho (ALVES, 2011, p. 13).

Na verdade, trata-se de uma “nova ofensiva do capital na produção, (re) criando novos mundos do trabalho, instaurando novas provocações sócio históricas para a classe dos trabalhadores assalariados” (ALVES, 2011, p. 30).

Logo, alarga-se o número dos trabalhadores, homens e mulheres, no regime de tempo parcial, em trabalhos assalariados temporários. Isto posto, a diminuição da estabilidade financeira dos trabalhadores é cada vez maior, afinal a sua mercadoria, a força de trabalho está cada vez mais abundante e isto determina a queda dos salários, a queda dos benefícios trabalhistas.

O trabalhador não tem escolha, ou ele vende a sua força de trabalho para sobreviver ou ele não a vende e vive em péssimas condições de existência até chegar a morte, ou seja, “o trabalhador dispõe livremente da sua força de trabalho, mas tem absoluta necessidade de a vender (GAUDEMAR, p. 191, 1977). Ele é o detentor da força de trabalho, é a mercadoria que possui e cabe a ele querer vendê-la ou não. Trata-se da única mercadoria que possui para vender, pois “a força de trabalho é uma mercadoria que pertence, como bem

particular, ao trabalhador, que pode dela dispor à sua vontade” (GAUDEMAR, 1977, p. 189).

Como a força de trabalho é a única mercadoria da classe-que-vive-do-trabalho, o trabalhador acaba por viver o paradoxo de ter a mercadoria para vender e ser obrigado a vendê-la para qualquer um, pois precisa viver, se reproduzir socialmente. Assim, o trabalhador e sua mercadoria devem estar disponíveis ao capital, sem liberdade de escolha, porque:

[...] No seu aspecto positivo a liberdade conduz à possibilidade de o trabalhador escolher o seu trabalho e o local onde exercê-lo; no seu aspecto negativo, ela conduz às exigências do capital e ao seu poder de despedir em qualquer altura um trabalhador, ou de transformar o seu trabalho assim como as condições em que ele o exerce. Em ambos os casos, a força de trabalho deve ser móvel, isto é, capaz de manter os locais preparados pelo capital, quer tenham sido escolhidos, quer impostos; móvel, quer dizer apta para as deslocações e modificações do seu emprego, no limite, tão indiferente ao conteúdo do seu emprego como o capital o é de onde investe, desde que o lucro extraído seja satisfatório (GAUDEMAR, 1977, p. 191).

Nesta situação para o trabalhador “pouco importa o emprego desde que o salário recebido em troca seja satisfatório” (GAUDEMAR, 1977, p. 192). Esta situação é nítida nas vozes das brasileiras participantes desta pesquisa, dentre as 20 entrevistadas não tivemos nenhuma que provou ao contrário, pois não existiu uma migrante que experimentou trocar sua força de trabalho realizando um trabalho prazeroso, visto que, o que importava era o dinheiro, porque todos os trabalhadores assalariados têm plena consciência de que sem ele não há como viver, ainda mais em um país diferente.

Isadora e Suzete, nos revelam exatamente esta situação.

Eu acredito que seja lá qual for o tipo de trabalho que você faça, se as pessoas te pagam, você precisa fazer bem, é assim que eu penso. Então eu detesto fazer o que eu faço, mais eu faço bem porque eles tão pagando por isso né, então eu penso se você não gosta daquilo que você está fazendo, se for para fazer mal feito, você deixa pra outro vir, fazer e ganhar o dinheiro. Então no meu caso como eu não posso fazer outra coisa ainda, eu só posso fazer isso, então eu faço bem, porque, porque eles tão pagando por isso. (Isadora).

Assim essa dificuldade do trabalho mesmo né, é um trabalho físico. Assim é uma coisa que a minha realidade no Brasil eu

jamais trabalharia como garçõnete, então vir pra cá pra trabalhar assim é uma coisa, que acho tu nunca esperava né. Então ter que ficar em pé não sei quantas horas, não pode sentar, tem que ouvir desaforo de cliente, a gente tem que saber, aprender a servir, tem que cuidar de 400 coisas ao mesmo tempo e isso no início é bem pesado. E pra quem nunca teve experiência é bem humilhante até. (Suzete).

Segundo Gaudemar a mobilidade da força de trabalho “é uma característica do trabalhador submetido ao capital e por essa razão ao modo de produção capitalista” (GAUDEMAR, 1977, p. 193). Para ele o capitalismo começa com a exploração da força do trabalho e também com a mobilidade do trabalhador, mas “... no sentido das contrariedades que lhe são impostas por esta procura de emprego” (Ibidem). A mobilidade da força de trabalho é uma “condição necessária, se não suficiente, da gênese do capitalismo e como um índice do seu desenvolvimento. Logo são “nos países mais desenvolvidos que se observa maior mobilidade” (Ibidem). Como é o caso da Isadora “eu trabalho três vezes por semana na casa dela e trabalho em mais três casas diferentes, 3ª e 5ª eu trabalho em 03 casas diferentes e 2ª, 4ª e 6ª eu vou na mesma casa”, que apesar de exercer a mesma função nas três casas, são três contratantes diferentes, além também de considerarmos a mobilidade física espacial de um lugar para o outro. São diferentes formas de mobilidade que vão se estabelecendo na informalidade migratória.

Levando em consideração que a mobilidade da força de trabalho surge como uma condição necessária na criação do capitalismo, ela está diretamente relacionada com “a produção das forças de trabalho, a sua utilização no processo de produção e a sua circulação entre as diferentes esferas de atividade” (GAUDEMAR, p. 191, 1977). Desta maneira, Gaudemar caracteriza como a força do trabalho, enquanto mercadoria de um sujeito, se submete as exigências do capital.

Cabe destacar que a pesquisa empírica deste trabalho evidenciou a circulação entre as diferentes esferas de atividade econômica das vinte trabalhadoras brasileiras que se encontravam em Londres. Assim, parte-se do princípio da circulação das forças de trabalho que é:

O momento da submissão da mobilidade do trabalhador às exigências do mercado, aquele em que o trabalhador, à mercê

do capital e das suas crises periódicas, se desloca de uma esfera de atividade para outra; ou por vezes aquele em que sucede o trabalhador ser sensível a toda variação da sua força de trabalho e da sua atividade, que lhe deixa antever um melhor salário (GAUDEMAR, 1977, p. 194).

Isabela ajuda a compreender, na prática, essa submissão da mobilidade do trabalhador.

Foi mais ou menos uns três anos. Era com a mesma pessoa eu ia duas vezes na semana. Fazia, porque não era todos os dias a Home Care. Eu fiz de babá, mas tipo assim eu fazia limpeza pra ela e aí eu comecei a ajudar ela com as crianças entendeu. Então aí depois ela me apresentou pra uma outra, que eu também ajudava ela com as crianças, fazia babysiter a noite. Fiz os dois, por uns três anos também, foi praticamente na mesma época, fazia Home Care, fazia um pouco de limpeza e cuidava também. Agora limpo só casa. Eu gosto, eu tenho clientes bons já de muitos anos, que valorizam meu trabalho, que ficam muito felizes quando eu chego, termino a limpeza agradecem, obrigado por ter vindo. Isso é gratificante, embora eu pense que não aguento ficar fazendo esse trabalho muito tempo, tem alguns que eu tenho dó de deixar, tem um casal de idosos, ontem, 4ª feira né, casa que eu limpo, dois casais de idosos diferentes né, então eu tenho dó de deixar entendeu, eu não sei como que vai ser. Tenho umas onze casas. A semana toda. É, às vezes menos, às vezes mais que oito horas por dia. (Isabela).

Inserese neste contexto de Gaudemar (1977) duas esferas de análise a força de trabalho feminina, e a migração de brasileiras para Londres. O sujeito migrante, do ponto de vista econômico representa exatamente a mobilidade do trabalho apresentada por Gaudemar (1977), pois normalmente os migrantes por mais qualificação profissional que tenham adquirido em seus países, realizam no país receptor as atividades chamadas de “baixo escalão”, ou seja, aquelas atividades que os “nativos” não querem e nem precisam realizar para sobreviver.

Asseveramos, neste aspecto, que o importante é o dinheiro proveniente da venda da força de trabalho individual, de cada um, não importando se o trabalho realizado é bom, prazeroso ou não. Percebemos, então, que o fator econômico é intrínseco ao processo.

### 5.3 O Universo feminino no mundo do trabalho

É fundamental destacar que o trabalho feminino se insere como trabalho precarizado e na expansão do *part time job*, que se amplia consideravelmente. As mulheres sempre compuseram a classe-que-vive-do-trabalho, no entanto, nas últimas décadas, esta participação sofre significativo aumento em relação ao trabalho masculino, tanto que no Reino Unido o número de trabalhadoras já é maior do que o de trabalhadores, assim:

[...] o contingente feminino superou, desde 1998, o contingente masculino na composição da força de trabalho. Sabe-se que essa *nova divisão sexual do trabalho* tem, entretanto, significado fortemente desigual, quando se comparam os salários e os direitos e condições de trabalho em geral (ANTUNES, 2014, p. 119).

Para Antunes (2014, p. 119):

Compreender a classe trabalhadora hoje, significa perceber também o significativo processo de *feminização do trabalho*, que atinge mais de 40% a 50% da força de trabalho em diversos países, e que tem sido absorvido pelo capital, preferencialmente no universo do trabalho *part-time*, precarizado e desregulamentado.

Essa explosão da participação do universo feminino no mundo do trabalho apresenta suas contradições, pois além da força de trabalho feminino ser consumida pelo capital especialmente no formato “precarizado, *part time* e desregulamentado” (ANTUNES, 2014, p. 119), na divisão sexual do trabalho existe a diferença salarial que “contradita a sua crescente participação no mercado de trabalho” (ANTUNES, 1999, p. 105).

Além destas contradições apresentadas no universo laboral feminino, corrobora-se com Antunes que a mulher trabalhadora é:

[...] duplamente explorada pelo capital, tanto no espaço *produtivo* como no *reprodutivo*. Além de atuar crescentemente no *espaço público*, fabril e de serviços, ela realiza centralmente as tarefas próprias do *trabalho doméstico*, garantindo a esfera da *reprodução societal*, esfera do *trabalho não diretamente mercantil*, mas indispensável para a reprodução do sistema do metabolismo social do capital (ANTUNES, p. 119, 2011).

Nesse sentido, Diva e Carla demonstram as suas angústias ao assumirem a dupla exploração, a qual se refere o autor.

Em questão de ser mãe, eu nunca pensei que fosse ser mãe, eu nunca sonhei em ser mãe e de repente eu me vi mãe, num país diferente, sem minha família, sem ninguém. Eu tive ela aqui, então foi muito diferente assim, foi um choque, ser mãe eu acho que foi o melhor bem, mas não é a melhor coisa que aconteceu, eu acho que eu não teria ficado aqui se eu não tivesse ela. Quando eu cheguei aqui foi muito, foi uma mudança muito radical, quando tú chega assim sozinha, eu sempre fui muito grudada na minha mãe e a minha família e a gente é unido. Então de repente eu me vi, sem minha mãe, sem minha irmã, sem minhas amigas, sem meus parentes e sozinha só com meu marido, eu tinha que cuidar de uma casa, eu tinha que cuidar do marido, tinha que lavar roupa coisa que eu nunca fiz, fazer comida né, então assim foi um choque e quando me vi com uma criança no colo eu digo e agora? Minha mãe dizia “minha filha tu grávida, que horror, como vai te virar, não tem como”. Ela queria que eu voltasse, eu disse não. (Diva).

Enquanto mulher, eu tenho mais trabalho, mãe, dona de casa e indo trabalhar. No Brasil eu morava sozinha, eu vivia solteira, agora aqui nossa minha vida mudou muito. Cheguei solteira, hoje sou casada, tenho marido, eu tenho dois filhos eu tenho minha família. (Carla).

Destacamos na sequência mulheres trabalhadoras brasileiras que exerciam determinadas funções no mercado de trabalho brasileiro e que ao migrarem para Londres passam a exercer diferentes formas de trabalho. Em suas vozes elas contam suas experiências de trabalho, algumas positivas, algumas negativas, no entanto experiências reais.

Para tanto, abordamos os resultados da pesquisa quantitativa que evidencia as características gerais do trabalho realizado por estas mulheres, tanto no Brasil quanto em Londres.

Desta maneira, auxiliamos na análise da expansão do trabalho feminino brasileiro migrante em Londres, permitindo assim identificar: os setores da economia que estas mulheres participam em Londres; a existência da mobilidade da força de trabalho de forma mais intensa, como mencionado por Gaudemar (1977); e a inserção da mão de obra migrante e suas condições em um território desconhecido.

Não se pode esquecer que a expansão do trabalho feminino muitas vezes acontece no formato precarizado, pois faz parte das artimanhas que o capital

cria para poder continuar sobrevivendo, porque a cada etapa histórica do desenvolvimento capitalista apresenta-se uma forma de organização do capital e esta forma organizacional altera de modo significativo a vida social, o cotidiano das pessoas.

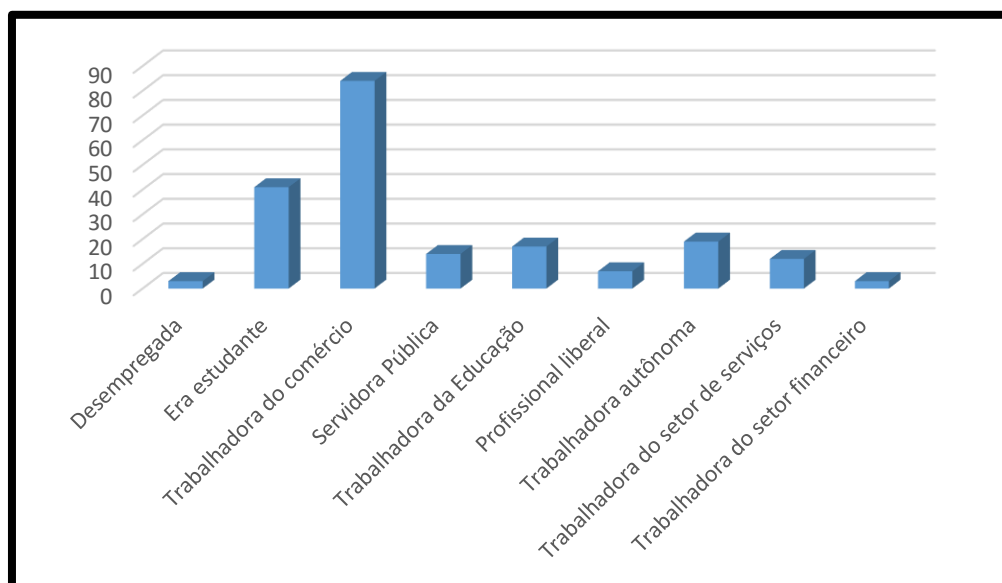
Ainda pautada nas informações da pesquisa empírica, veremos características gerais relacionadas ao trabalho da mulher brasileira desse universo.

#### 5.4 O trabalho realizado no Brasil

Os resultados que serão apresentados nessa sessão estão relacionados especificamente com a questão do trabalho realizado por mulheres brasileiras que participaram da pesquisa.

Isto posto, o gráfico 46 caracteriza o tipo de trabalho que estas mulheres realizavam um ano antes delas saírem do Brasil. Importante salientar que estes resultados se pautam no total de 188 respostas, pois 26 mulheres não responderam esta questão. Além disso, esta questão permitiu que uma mesma pessoa escolhesse mais de uma categoria.

*Gráfico 46 - Atividade econômica exercida um ano antes de imigrar do Brasil (valor absoluto)*

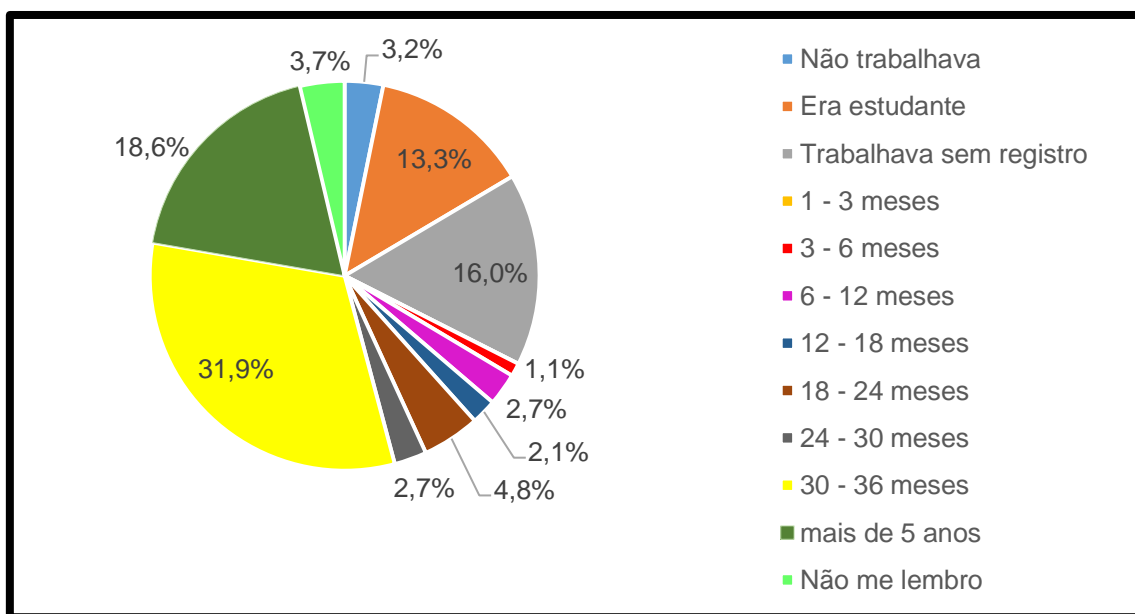


Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

No gráfico 46, duas categorias destacam-se, a saber, a de “Estudante” e a do “Setor Privado”. A alta frequência destas duas categorias destoa das demais.

O gráfico 47 representa o tempo de registro em carteira que estas mulheres tinham no Brasil. Contrariamente ao que pode sugerir o senso comum, parte fundamental de nossas migrantes, aproximadamente 50%, tinham 3 anos ou mais de carteira assinada quando migraram. Se juntarmos a estas, aquelas que eram estudantes ou trabalhavam sem registro chegamos aproximadamente a 80% de nossas migrantes. Uma parcela muito pequena era desempregada, apenas 3,2%.

Gráfico 47 - Tempo de registro em carteira no Brasil (%)



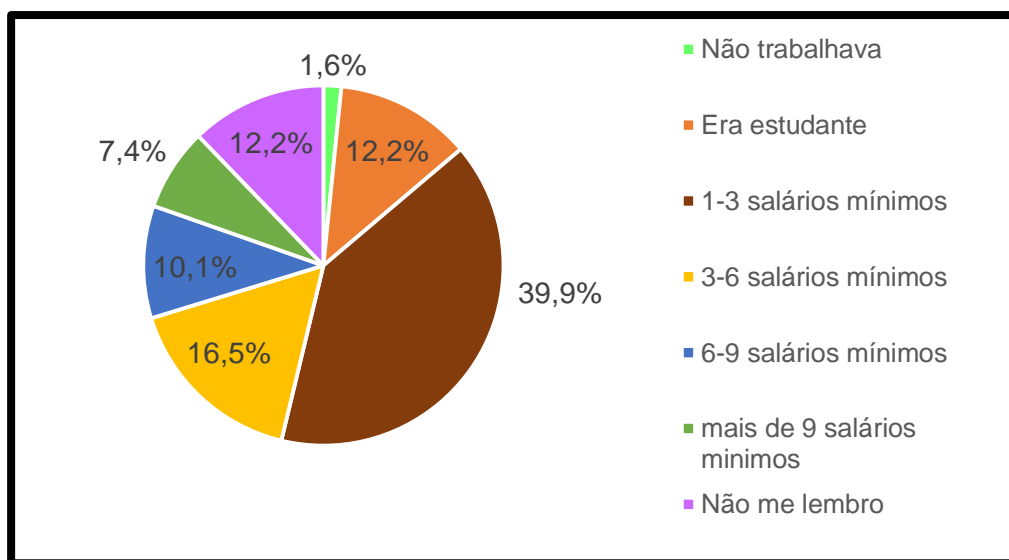
Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

Se o Gráfico 47 revela que a grande maioria de nossas migrantes trabalhava de forma “estável” no Brasil antes de migrar, o gráfico 48, por sua vez, indica que parte fundamental destas, aproximadamente 40%, encontravam-se na faixa salarial de 1 a 3 salários mínimos. Isto sugere a representação de uma população com condições de vida bastante precária se compararmos, por exemplo, com a classe média, ou mesmo a *working class*<sup>71</sup>, em um país

<sup>71</sup> Classe trabalhadora

desenvolvido. Por outro lado, os dados parecem fortalecer também a evidência de que os sujeitos de nossa pesquisa, em sua maioria, são pessoas que têm recursos mínimos para investir em seu processo de migração. Ou seja, não são migrantes que saem de modo “forçado”, sem recurso algum no bolso. Se somamos à esta porcentagem aquelas que declaram ser estudantes antes de migrarem, chegamos à mais de 50% dos dados.

Gráfico 48 - Média salarial das mulheres no Brasil (%)



Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

O número 7,4% que representa a faixa salarial acima de 9 salários mínimos não é completamente desprezível se considerarmos que esta faixa salarial possibilita uma condição de vida estável no Brasil.

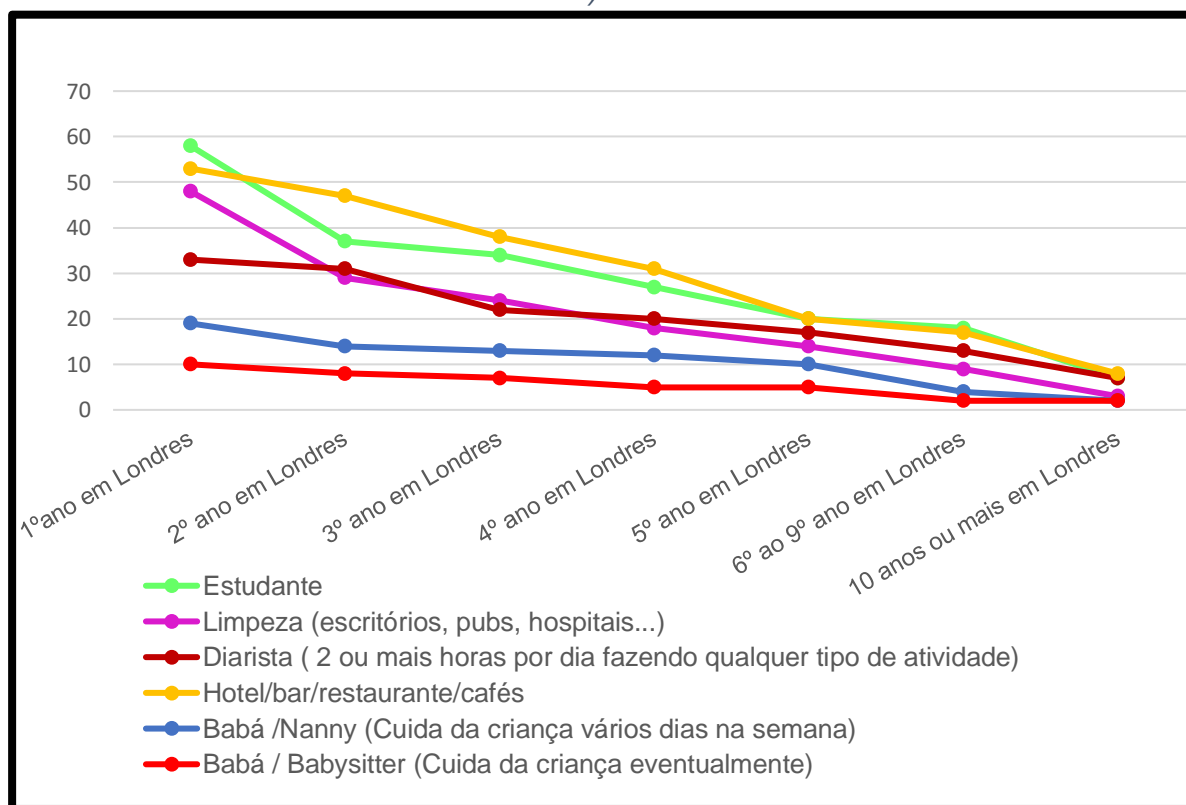
## 5.5 O trabalho realizado em Londres

Representamos nos gráficos a partir de agora, a realidade laboral destas mulheres em Londres. Importante salientar que neste estudo a questão central é o trabalho, não importando se esta mulher é documentada ou indocumentada.

Os gráficos 49 e 50 evidenciam o crescimento das principais atividades econômicas exercidas pelas mulheres e o quanto estas atividades sofreram queda em sua realização com o passar dos anos. Observamos que estes gráficos trazem várias informações a respeito do trabalho que elas declararam realizar desde o primeiro ano de residência em Londres.

Desta forma, identificamos quatro categorias que demonstram nos primeiros anos a intensa participação das mulheres, mas que com o passar dos anos de residência em Londres sofre decréscimo. São elas as de estudantes que representavam 58 pessoas no primeiro ano de residência em Londres e esta atividade vai decaindo com o passar dos anos, chegando na categoria dez anos ou mais com 8 mulheres.

Gráfico 49 - Decréscimo da realização da atividade econômica (valor absoluto)



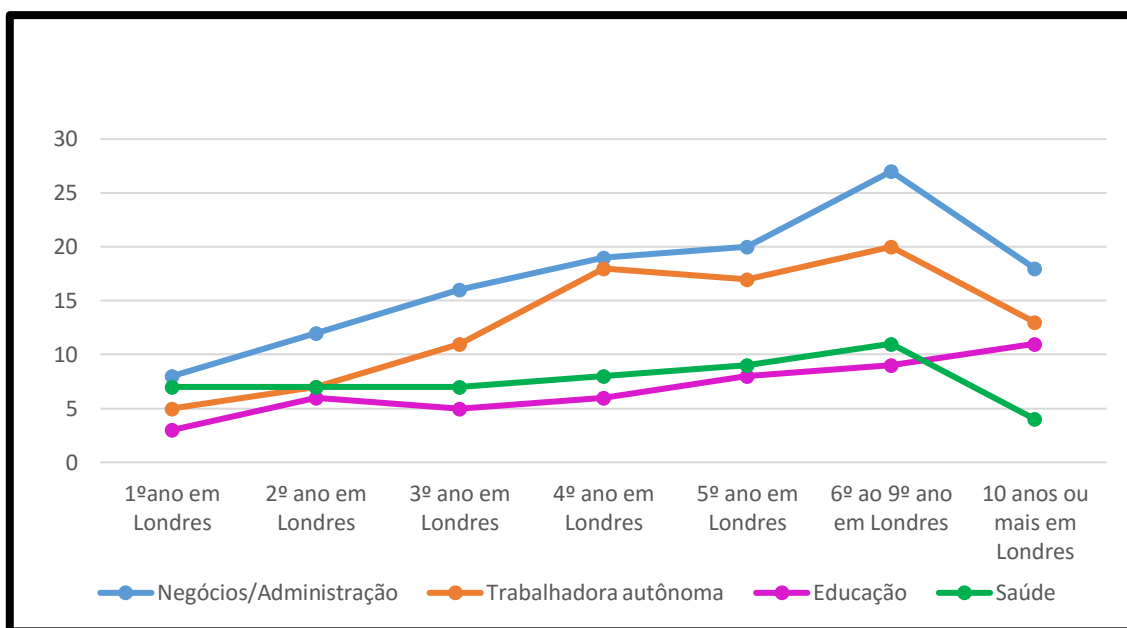
Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

As mulheres que no início realizavam atividades em hotel/bar/restaurante, portanto, representavam o total de 53 pessoas, com o passar dos anos também deixam de realizar esta atividade, caindo para o valor de 8 pessoas. A realização de limpeza em escritórios, pubs e hospitais é representada por 48 pessoas no primeiro ano de residência e cai para 8 que se apresentam na categoria com dez anos ou mais de residência em Londres.

Entre estas atividades apresentadas no gráfico, as que possuem maior reconhecimento financeiro são as *babysitters* e as *nannys*, que no primeiro ano de residência são atividades representativas, assim como as outras, mas que também sofrem queda em sua realização com o passar dos anos. A diferença entre as *babysitters* e as *nannys* é que a primeira cuida a criança eventualmente, para que os pais possam sair, por exemplo, e as *nannys* cuidam a criança duas vezes, três vezes na semana, ou até mais dias na semana, são fixas, normalmente auxiliam os pais que trabalham.

O gráfico 49 apresenta as principais atividades econômicas declaradas na pesquisa e que sofreram crescimento. A atividade de maior crescimento é representada pela categoria negócios/administração, mas que depois (do 6º ao 9º ano) sofreu queda. Importante destacar que várias das participantes autônomas consideravam-se nesta categoria. Percebemos que a categoria autônoma também apresentou crescimento do 6º ao 9º ano e depois sofreu queda. A categoria das mulheres que declararam trabalhar no setor da saúde também apresenta crescimento do 6º ao 9º ano e depois sofreu queda. A única atividade laboral que cresceu desde o primeiro ano até o décimo ano ou mais de residência em Londres é a relacionada com a educação (Gráfico 50).

Gráfico 50 - Crescimento na realização da atividade econômica (valor absoluto)

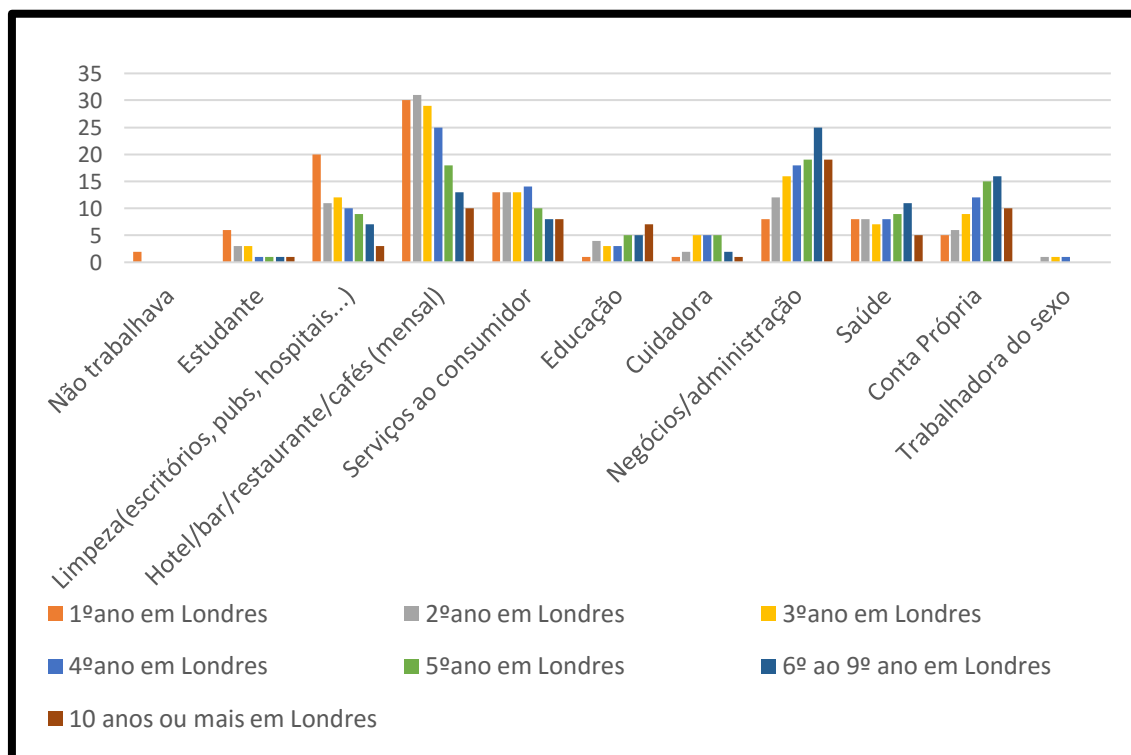


Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

O gráfico 51 evidencia os setores que as mulheres declararam ter contrato de trabalho durante os anos de residência em Londres. Destacou-se, assim, com 50 pessoas, o setor que envolve o trabalho em hotel/bar/restaurante. Em seguida destacou-se (com 38 mulheres) o setor de negócios/administração e também o setor de limpeza, com 30 mulheres. Não se pode deixar de mencionar o setor da saúde com 13 participações. O setor da educação destacou-se com 12 e o comércio com 11 mulheres.

Percebemos que estas são atividades desenvolvidas nos setores formais da economia, ou seja, que são estabelecidos contratos de trabalho com as pessoas. As outras atividades, representadas pela diarista, pela *babysiter*, pela *nanny*, muitas vezes representada pela cuidadora de idosos e por outros tipos de serviços que podem ser esporádicos ou temporários, são considerados informais, pois não contribuem com os impostos. Já as mulheres que se declararam profissional liberal e autônoma podem (ou não) contribuir com o pagamento de impostos, assim, podem ser consideradas formais.

Gráfico 51 – Tipo de atividade remunerada (trabalho formal) por tempo de permanência em Londres (valor absoluto)



Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

Os gráficos 52 e 53 trazem informações a respeito da variação salarial das participantes nos diferentes anos de trabalho e residência em Londres. É necessário deixar claro que a política salarial inglesa se baseia em horas trabalhadas, ou seja, a pessoa ganha pelas horas que trabalha durante o dia, durante o mês, durante o ano. Existe um valor mínimo por hora de trabalho que em 2014 era de £6,50.

A primeira faixa salarial de 6000 libras refere-se ao salário total de uma pessoa durante um ano de trabalho na cidade de Londres. Nesta situação salarial encontramos 34 mulheres no primeiro ano, 15 mulheres no segundo ano, 8 mulheres no terceiro ano, 5 mulheres no quarto ano, 5 mulheres no quinto ano, 5 mulheres no sexto ao nono ano, e nenhuma mulher com dez anos ou mais de residência em Londres recebia até 6000 libras por ano.

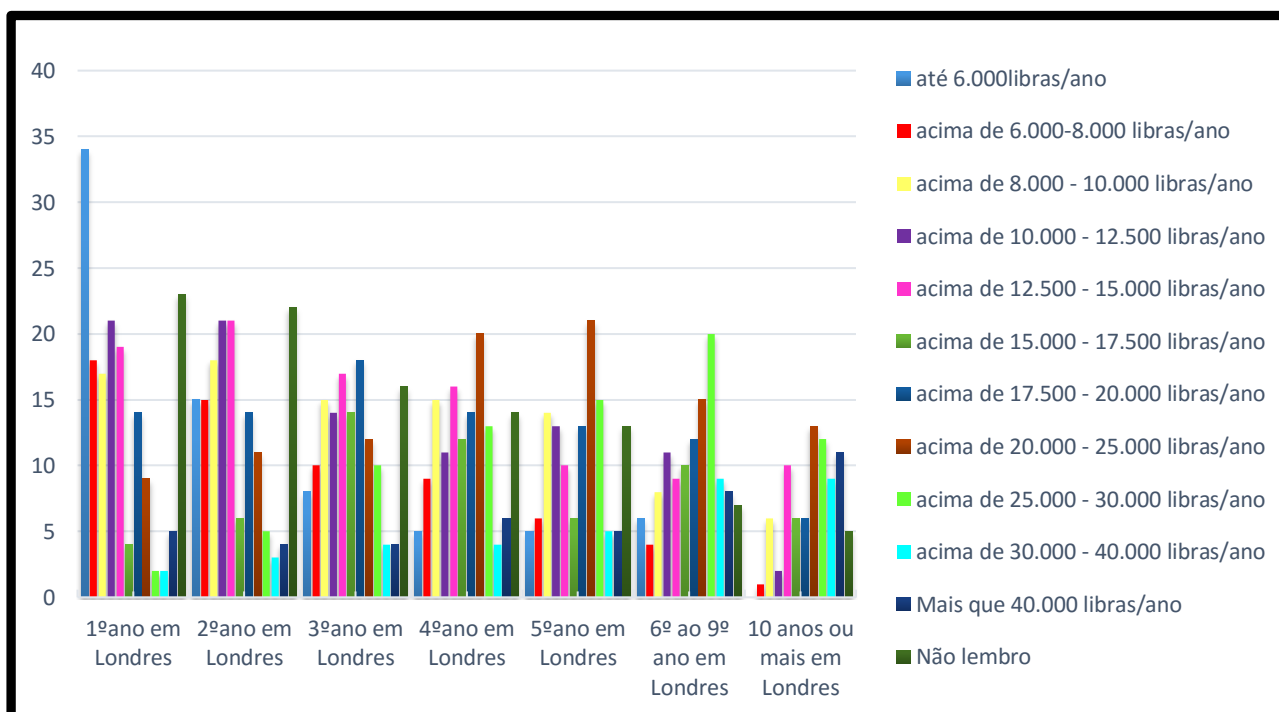
Na segunda faixa salarial, de 6000-8000 libras, que se refere ao salário total de um ano de trabalho, encontramos 18 mulheres no primeiro ano, 15 mulheres no segundo ano, 10 mulheres no terceiro ano, 9 mulheres no quarto

ano, 6 mulheres no quinto ano, no sexto ao nono ano encontramos 4 mulheres e acima de dez anos encontramos 1 mulher.

Observamos no gráfico 52 que a participação na faixa salarial que vai de mais de 8000 libras/ano até a faixa de mais de 15.000 libras/ano é bem representativa desde o primeiro ano de residência. Já a faixa de 15.000 libras/ano -17.500 libras/ano não tem muita representatividade no primeiro e segundo ano de residência em Londres tornando-se mais expressiva a partir do terceiro ano.

A representatividade diminui nas faixas que vão de acima de 17.500 libras/ano a 20.000-25.000 libras/ano a partir do primeiro ano de residência e diminui mais ainda a partir dos ganhos acima de 25.000 libras/ano nos primeiros anos de estabelecimento econômico destas pessoas nesta cidade. O gráfico demonstra que apenas no quarto e no quinto ano de residência em Londres que a pessoa consegue galgar esta faixa salarial.

Gráfico 52 - Salários em Londres (valor absoluto)



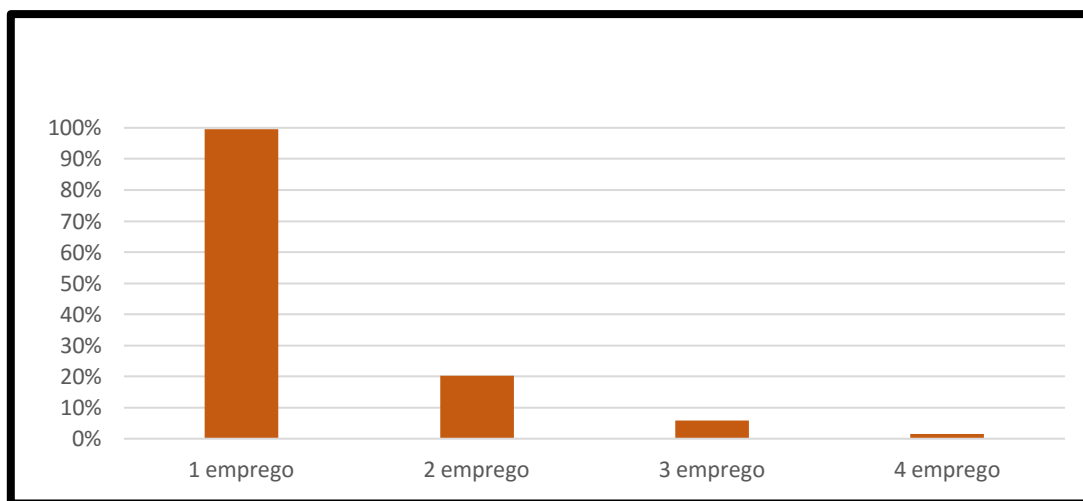
Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

Representamos no gráfico 52 a variação salarial das mulheres que participaram da pesquisa. Salientamos que a mesma mulher que declarou

ganhar 6000 libras no primeiro ano de trabalho em Londres pode ser representada, por exemplo, no quinto ano com o salário de 20.000 libras/ano. Como também se apresenta a mulher que no quinto ano recebia 12000 libras/ano. É claro que existe a relação de que quanto mais tempo residindo e exercendo uma atividade econômica, melhores salários poderiam ser conquistados, mas nem sempre esta relação pode ser utilizada para todas as pessoas. Existiram, por exemplo, mulheres que pararam de trabalhar no decorrer dos anos, e depois voltaram a exercer uma atividade econômica completamente diferente, o que influenciou no salário. O gráfico 52 representa parte da realidade destas mulheres.

Observamos no gráfico 53 que 100% das mulheres possuíam um emprego e destas 20,2% responderam que trabalhavam em dois lugares diferentes diariamente, 5,9% trabalhavam em três lugares diariamente e 1,6% declararam trabalhar em 4 lugares diferentes diariamente.

*Gráfico 53 - Número de empregos diários (%)*



Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

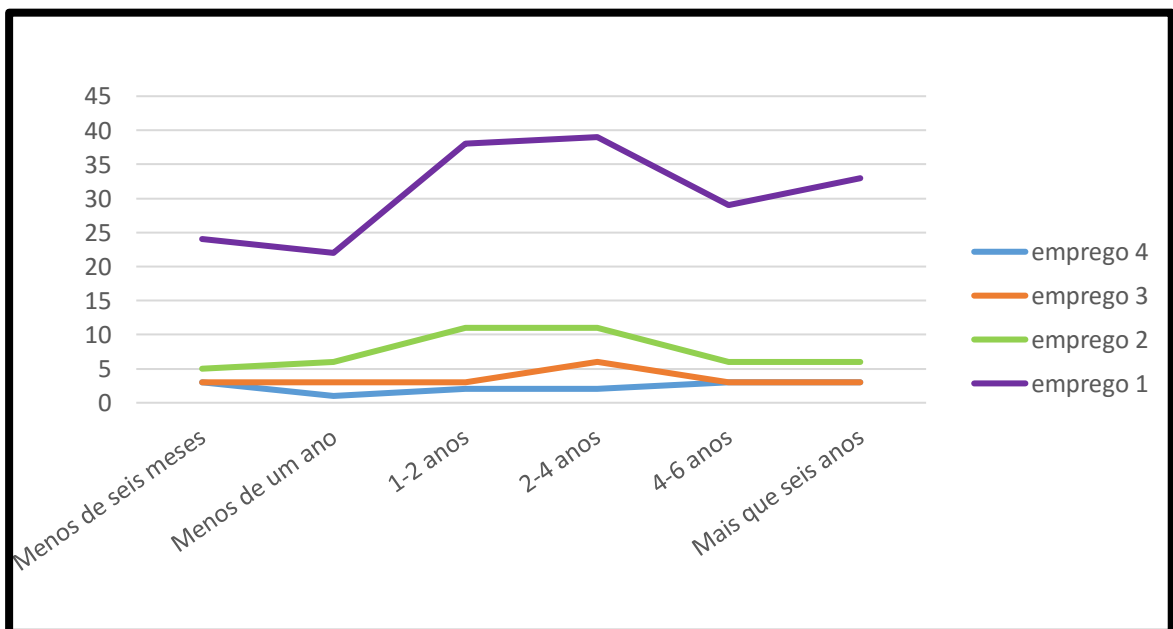
Conforme apresentado no gráfico 53, apenas 20% das entrevistadas trabalhavam em dois empregos. E, o gráfico 54, demonstra que elas mantêm o mesmo emprego por alguns anos. Esta situação também é válida para as mulheres que possuem dois empregos.

Interessante destacar que a maioria das mulheres que possuem de dois a quatro empregos diários, realizam esta segunda, terceira ou quarta atividade no setor de limpeza, muitas declararam que possuíam até três casas por dia, outras que possuíam até quatro casas por dia. Em ambas as situações as residências onde realizam a atividade de limpeza são próximas umas das outras, do contrário não conseguiriam trabalhar em todas as casas no mesmo dia.

A outra situação relaciona-se com a limpeza em escritórios, pubs e restaurantes. Este tipo de limpeza pode ocorrer de duas maneiras ou antes de iniciar as atividades diárias, neste caso a pessoa inicia a limpeza no determinado local as 5 ou 6 horas da manhã e termina no máximo até as 9 da manhã, antes de iniciar o expediente, ou a outra forma de ocorrência é no final do expediente, quando são encerradas as atividades diárias do estabelecimento.

Esta situação é comum, também na limpeza de escritórios após as 18 horas, ou no final do expediente, normalmente a pessoa é contratada para realizar este tipo de serviço por duas, três ou até quatro horas.

*Gráfico 54 - Tempo de permanência em cada emprego (valor absoluto)*

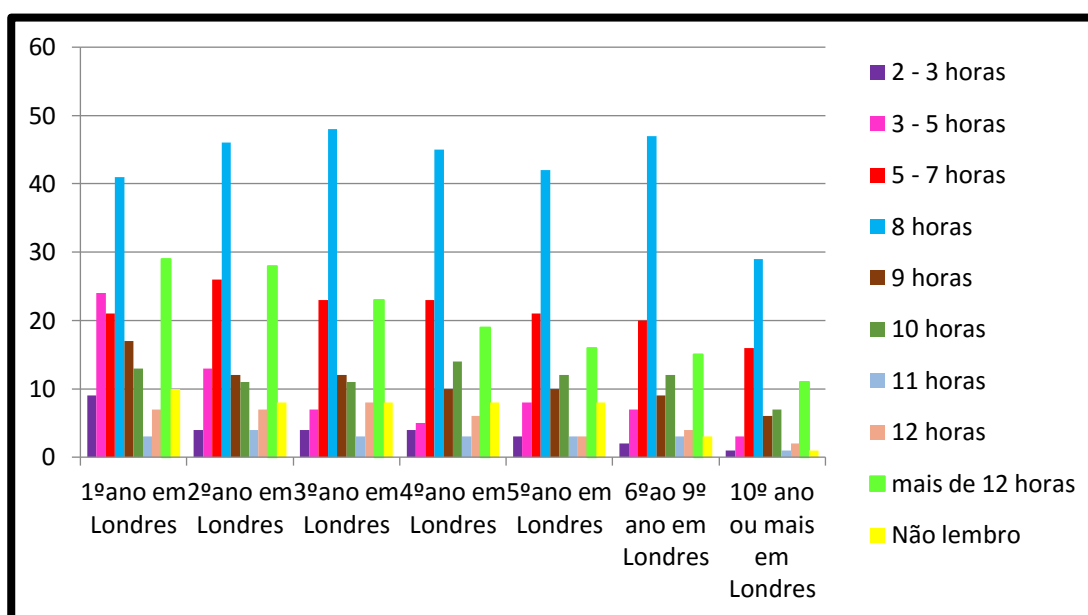


Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

Em relação ao número de horas trabalhadas por dia, percebemos que as mulheres que possuíam apenas um emprego, trabalhavam majoritariamente de

quatro a dez horas por dia. As mulheres que possuíam dois empregos trabalhavam normalmente mais horas no principal emprego cinco a oito horas e menos horas no emprego secundário de duas a quatro horas. No entanto, aquelas que trabalhavam no setor de limpeza poderiam ter uma variação de duas a cinco horas em cada casa, ou em cada local onde realizava a atividade.

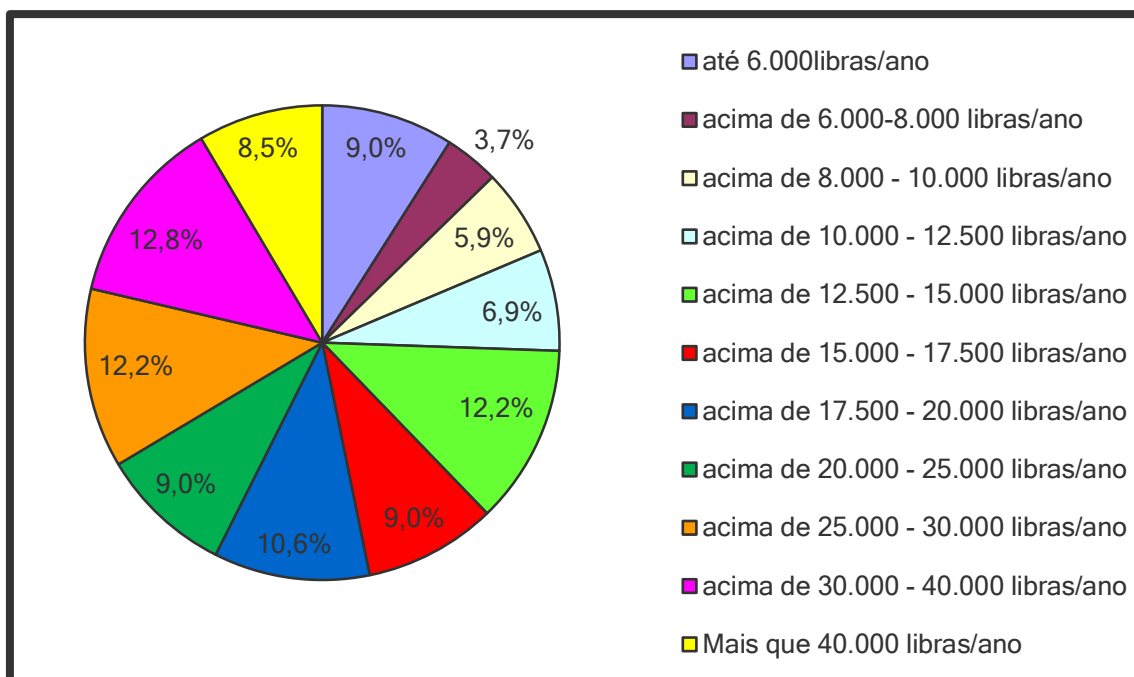
*Gráfico 55 - Horas trabalhadas diariamente pelas mulheres por tempo de permanência em Londres (valor absoluto)*



Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

Segundo a faixa salarial apresentada para o ano de 2014 no gráfico 56, destacamos os valores relacionados com as faixas acima de 12500-15000 libras, acima de 25.000-30.000 libras e acima de 30.000-40.000 libras. Ao agrupar a primeira e a segunda faixa salarial temos aproximadamente uma representação de 12,7%, estas mulheres provavelmente são mães, por isso trabalham poucas horas diárias, ou são mulheres que ainda não se estruturaram economicamente em Londres, ou ainda, são estudantes que trabalham poucas horas semanais, apenas para manter-se e assim não atrapalhar os estudos.

Gráfico 56 - Faixa salarial das mulheres em 2014 (%)



Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2014

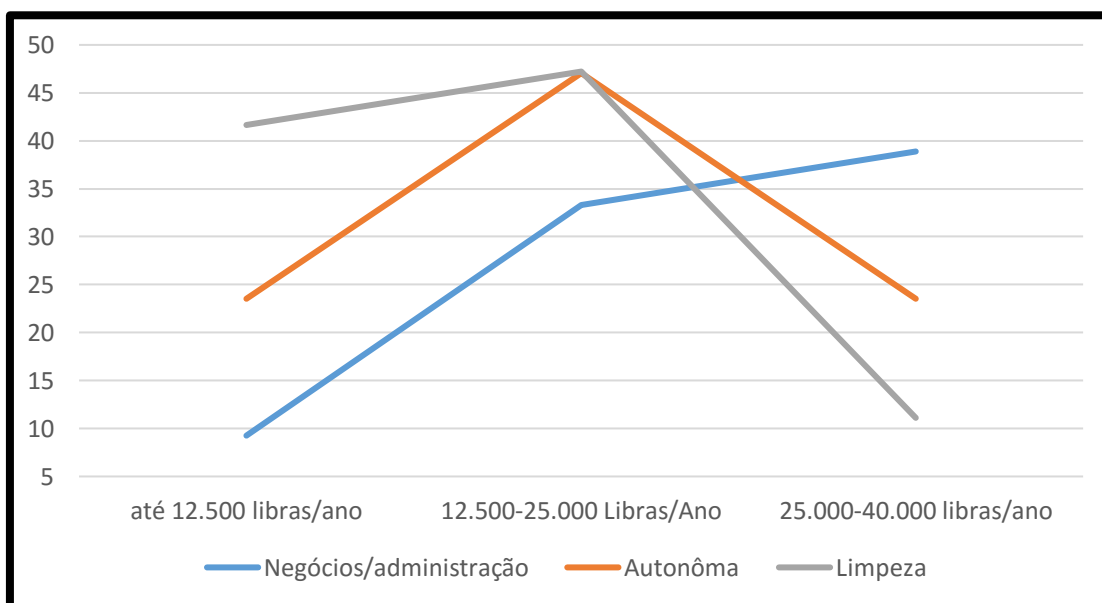
Os próximos gráficos apresentam os dados do cruzamento de setores da economia do trabalho com as rendas salariais. Nos questionários aplicados havia mais categorias de setores do que as que serão apresentadas, pois fizemos uma junção das atividades que foram apresentadas no formulário aplicado. Dessa maneira, configuramos o Setor de comércio/serviços a partir do agrupamento das atividades relacionadas ao turismo, aos serviços bancários, aos restaurantes, aos hotéis, aos serviços de consultoria e aos hospitais. Já no setor de limpeza incorporamos a diarista, os serviços de empregada doméstica, a governanta e as empresas de limpeza. No setor alimentício englobamos os bares, restaurantes, pubs, lanchonetes, cafés, etc. E nas atividades autônomas abarcamos as donas do próprio negócio.

O Gráfico 57 apresenta uma síntese deste cruzamento, consideramos apenas os três setores que tiveram maior ocorrência de dados. Isto posto, 56 mulheres foram enquadradas no setor de “Negócios/administração”, 34 no setor “autônomas” e 36 no setor de “Limpeza”. Todos os demais setores tiveram abaixo de 15 ocorrências.

Como o total de dados para cada setor varia, apresentamos os dados abaixo em percentual para permitir a comparação de dados proporcionais. O Eixo vertical do Gráfico 57 refere-se a porcentagens. Ou seja, as curvas indicam qual a porcentagem dos dados de cada setor dentro de cada uma das faixas salariais.

O que fica explícito no Gráfico 57 é que as porcentagens por renda salarial referentes aos setores “Autônomas” e “Limpeza” diminuem à medida em que a faixa salarial aumenta. Contrariamente o setor de Negócios tem uma porcentagem de dados maior nas faixas salariais mais altas.

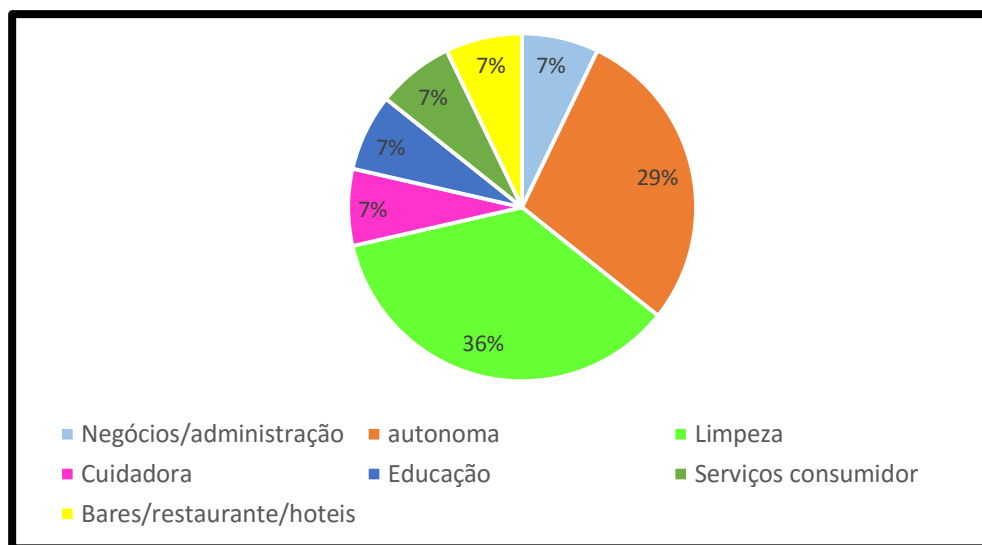
Gráfico 57 – Faixa salarial por atividade econômica (%)



Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2016

O Gráfico 58, estabelecido a partir de valores absolutos e sem levar em conta a proporcionalidade em relação aos totais de cada setor, reforça a observação anterior. A faixa salarial “Até 6.000 Libras/ano” bem abaixo do *minimum wage* aponta a ocorrência de 36% mulheres no setor de limpeza e 29% no setor de autônomas, valores que destoam dos demais setores.

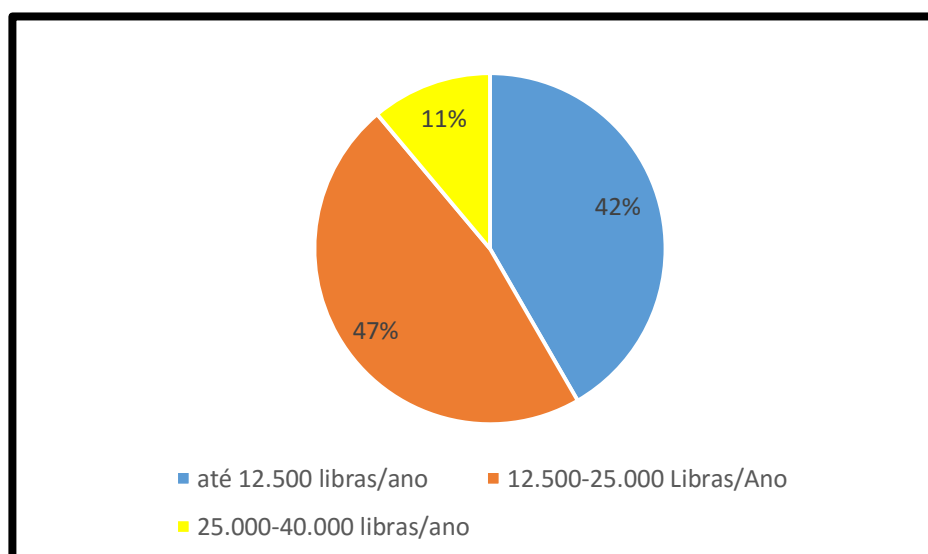
Gráfico 58 – Distribuição da atividade econômica para a faixa salarial de até 6.000libras/ano (%)



Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2016

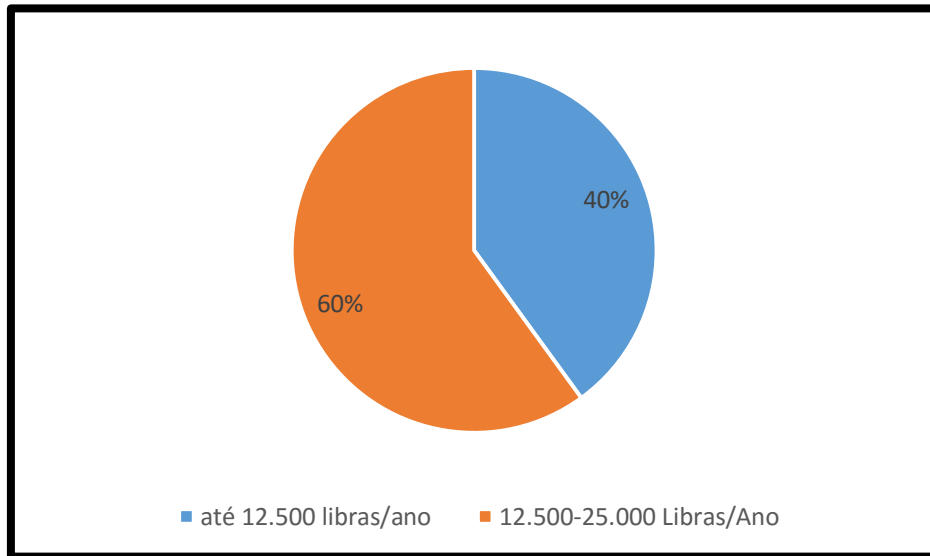
O Gráfico 59 aponta que, especificamente no que se refere ao setor de “Limpeza”, 41,67% das mulheres que responderam os questionários e foram enquadradas neste setor encontram-se na faixa salarial de “Até 12.500 Libras/ano”. E mais 47,22% destas estão na segunda faixa salarial mais baixa. Ou seja, estas duas faixas salariais representam quase a totalidade dos dados deste setor. Situação bastante similar é aquela mostrada no Gráfico 60, referente ao setor de Bares/restaurantes e Hotéis.

Gráfico 59 – Distribuição de faixas salariais para atividade de Limpeza (%)



Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2016

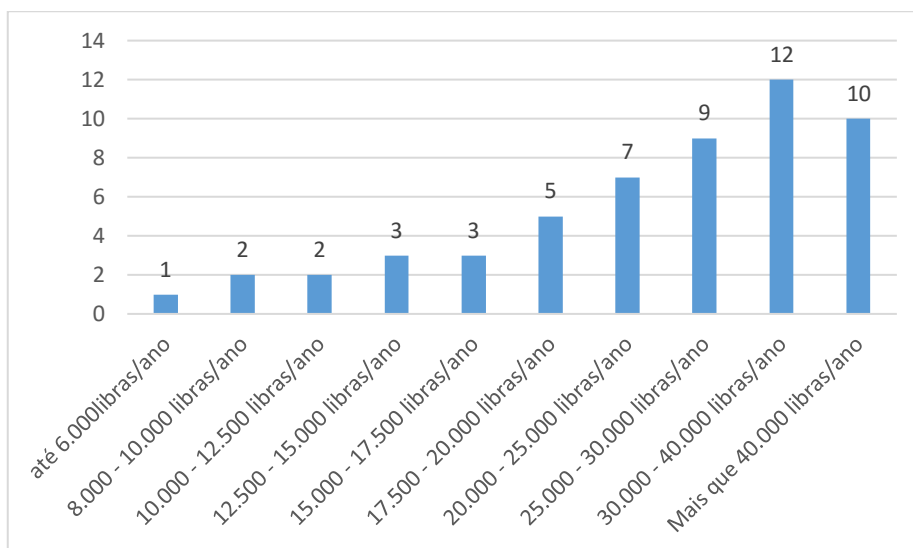
Gráfico 60 – Distribuição de faixas salariais para a atividade em Bares/restaurante/hotéis (%)



Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2016

O Gráfico 61 demonstra em detalhe e com colunas de frequência de valores absolutos a curva Azul representada no Gráfico 57. No entanto, o Gráfico 61 é mais detalhado na medida em que inclui mais faixais (ou sub faixas) salariais.

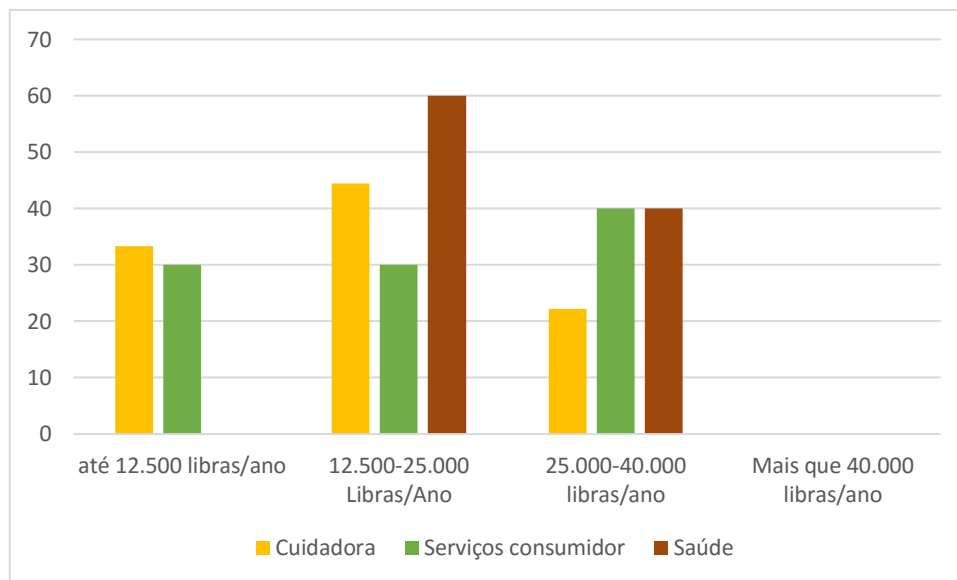
Gráfico 61 – Distribuição de faixas salariais para a atividade de Negócios/administração (valor absoluto)



Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2016

No Gráfico 62 agrupamos os setores “Cuidadora”, “Serviços Consumidor”, “Saúde”, que tiveram menos ocorrências de dados do que os analisados anteriormente. Com as baixas ocorrências, as inferências sobre os dados tornam-se mais problemáticas. Contudo, o que parece é que os dados para estes setores se concentram mais nas faixas médias das rendas salariais.

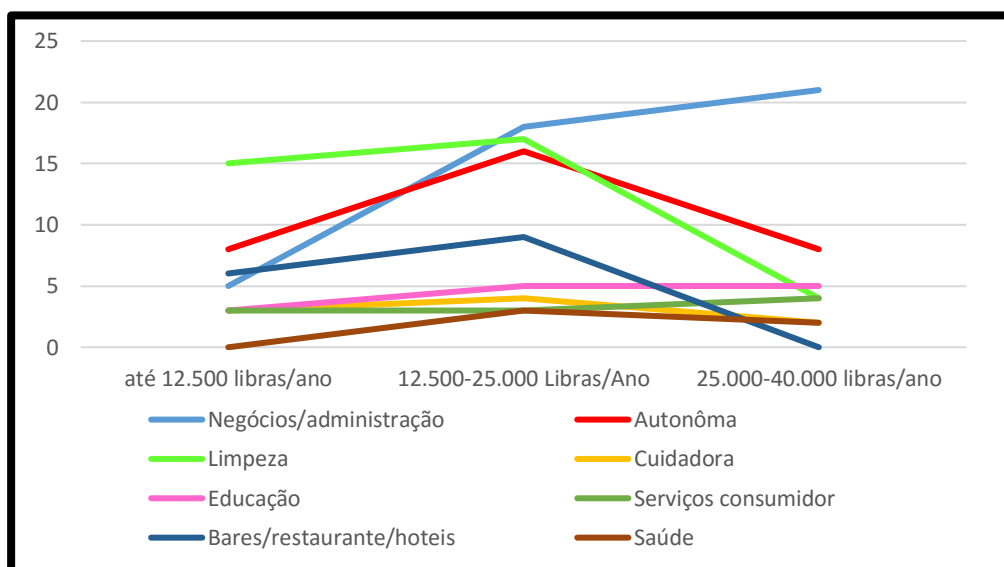
*Gráfico 62 – Distribuição das faixas salariais para as atividades de cuidadora, serviços ao consumidor e saúde (%)*



Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2016

Finalmente, o Gráfico 63 sintetiza todos os dados deste cruzamento, utilizando-se, contudo, valores absolutos para as frequências.

Gráfico 63 – Distribuição das faixas salariais para os diferentes setores de atividade econômica (valor absoluto)



Fonte e organização: Ana Paula A. Batarce, 2016

Apresentamos, assim, o resultado do cruzamento dos dados das faixas salariais declaradas com as atividades econômicas exercidas. Salientamos que os gráficos 49 e 50 representaram um dos aspectos centrais de nossa pesquisa, que é a mobilidade do trabalho. O gráfico 49 deixou evidente que as atividades de Estudante, Limpeza, Diaristas e Hotéis e Restaurantes, são exercidas com muito mais frequência nos primeiros anos da chegada da migrante brasileira em Londres. Se olharmos agora novamente os gráficos de 57 a 60, que cruzam os dados de faixas salarias e categorias de emprego, veremos que estas atividades são aquelas associadas às faixas salariais mais baixas. De outro lado, a ocorrência de dados na categoria negócios/administração, conforme o gráfico 50 apontou, cresce na medida que aumenta o tempo de estada em Londres, e o gráfico 61 denota claramente que os dados da categoria negócio/administração se situam nas faixas salariais mais altas. O gráfico 52 também reforça a tese de que os salários mais baixos se associam com muito mais frequência com recém-chegados em Londres.

Os dados apresentados nesta seção refletem a inserção da mulher brasileira no mercado de trabalho londrino. No próximo capítulo iremos analisar os aspectos relacionados com a apropriação do espaço londrino pela

comunidade brasileira, e com isso os aspectos relacionados aos processos de identificação/diferencial social que se materializam nesse território.

## **Capítulo 6 - TERRITÓRIO E OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO/DIFERENCIAÇÃO SOCIAL**

Os apontamentos realizados nos dois capítulos anteriores evidenciaram o perfil das trabalhadoras brasileiras em Londres, elencaram os motivos que as levaram a fazer parte do movimento migratório internacional, informações estas que nos auxiliam a analisar a manifestação da identidade territorial brasileira em Londres. E revelaram a ocupação dessas mulheres no mercado de trabalho londrino.

Neste capítulo evidenciaremos como que a identidade brasileira se apropria do espaço londrino, e como a construção territorial, em uma perspectiva identitária, se materializa. No entanto, é importante apontar que essa materialidade territorial não ocorre apenas com a participação da comunidade brasileira, mas ocorre também, com a participação de outras nações que se encontram nesse território, pois, como veremos, guetos são formados, e com isso manifestações territoriais de diferentes identidades.

As perspectivas de Hall (2014, 2011), Raffestin (1990), Santos (1996), Haesbaert (1999, 2004, 2006, 2007), Woodward (2014), Silva (2014), Giddens (2002) e Althusser (1985), nos ajudam a traçar a discussão sobre os processos de identificação/diferenciação social no espaço londrino. Desta maneira, revelaremos a partir das fotografias e dos relatos das trabalhadoras migrantes brasileiras, aspectos a respeito da identidade territorial que constroem em Londres

### **6.1 Processos de identificação/diferenciação e o território**

O movimento migratório internacional após a Segunda Guerra Mundial vai assumindo patamares de intensificação contínuos, como já discutido no capítulo 2. Esta movimentação de pessoas que saem dos países pobres em direção aos países ricos, é marcada como “um dos períodos mais longos e sustentados de migração “não planejada” da história recente” (HALL, 2011, p. 81). Assim, a pluralidade das nações que participam deste processo, é representada pelos seus sujeitos que migram e carregam consigo a sua identidade.

Para Hall (2011) esta pluralidade migratória ganha força a partir dos anos 1980 e é representada tanto pelas nações pobres (que enviam os migrantes) como pelas nações ricas (que recebem os migrantes), então ocorre inevitavelmente o encontro e a convivência de várias pessoas provenientes dos países pobres com as pessoas dos países ricos.

Hall (2011) aponta ainda que os principais fluxos migratórios são provenientes de países pobres da América do Sul e da bacia Caribenha (Cuba, Porto Rico, Haiti, República Dominicana...), esses sujeitos, assim como os refugiados políticos provenientes do Sudeste da Ásia e do extremo Oriente (chineses, coreanos, vietnamitas, cambojanos, indianos, paquistaneses, japoneses), são encaminhados para países como os Estados Unidos.

O fato de os Estados Unidos ser um país receptor de migrantes dos países da América do Sul nos remete ao aparecimento nessa pesquisa de dois casos de mulheres que migraram primeiro para os Estados Unidos e depois migraram para Londres:

Em 1997, eu fui para os Estados Unidos pelo México, sofri pra caramba. Quase morri, só não morri porque não era a época mesmo, mas ao mesmo tempo que foi divertido, gratificante, foi muito sofrido, sofri bastante foi um mês de viagem, mas teve os altos e baixos conheci o México, coisa que era minha paixão, conheci mesmo e aí cheguei nos Estados Unidos e vivi lá. (Rosa).

(...) foi em 94, eu acho. Naquela época eles davam muito valor quando você saía do país, ia morar fora, desenvolvesse mais o inglês, o inglês ficasse mais né, afiado né, eles davam mais valor a isso, aí ela conseguiu a vaga, uma amiga minha, eu fiquei muito feliz por ela, mas fiquei muito revoltada, então é isso que eu preciso fazer eu vou fazer, vou sair do país, vou passar um ano fora para poder desenvolver meu inglês. Aí foi que eu ajeitei tudo, consegui visto para ir para os Estados Unidos tudo, fui. Só que cheguei lá gostei de lá, aí é difícil você, você começa a ficar dividida esse é o problema quando você sai do Brasil, você conhece outra realidade, é outra vida. (Lurdes).

No entanto, não é apenas os Estados Unidos o grande receptor de migrantes documentados e indocumentados, os árabes do Maghreb (Marrocos, Argélia, Tunísia) migram para a Europa, os africanos do Senegal e do Zaire migram para a Bélgica e França, os turcos e norte-africanos para a Alemanha, as ex-colônias holandesas e do Suriname para a Holanda, os norte-africanos

para a Itália e para o Reino Unido, principalmente os migrantes provenientes de suas ex-colônias, do Caribe e da Índia, do Paquistão, Bangladesh, Quênia, Uganda e Sri Lanka (HALL, 2011). Sem contar com os outros sujeitos do resto do mundo que aparecem neste processo de forma menos expressiva, como os brasileiros.

Analisar esta movimentação do ir e vir de diferentes nações através dos sujeitos no aspecto sociológico, leva ao que Hall (2011, p. 83) chama de “formação de ‘enclaves’ étnicos minoritários no interior dos Estados-nação do ‘Ocidente’ que é a manifestação de uma ‘pluralização’ de culturas nacionais e identidades nacionais” (HALL, 2011, p. 83). Desse modo, é no interior destes enclaves, portanto, que se constituem territórios (múltiplos territórios) em espaço nacional (Estado-nação) em que estas minorias sobrevivem e se manifestam por meio da força da identidade.

A formação dos “enclaves étnicos” ao qual Hall (2011) chama atenção, nos remete a região de *Willesden* no distrito de Brent. Neste local existe uma estação de trem, com o nome de *Willesden Junction* (conforme fotografia 25). Esta estação é paralela mais ou menos seiscentos metros da *High Street Halersden*, outra rua que chama atenção, pois tem estabelecimentos brasileiros.

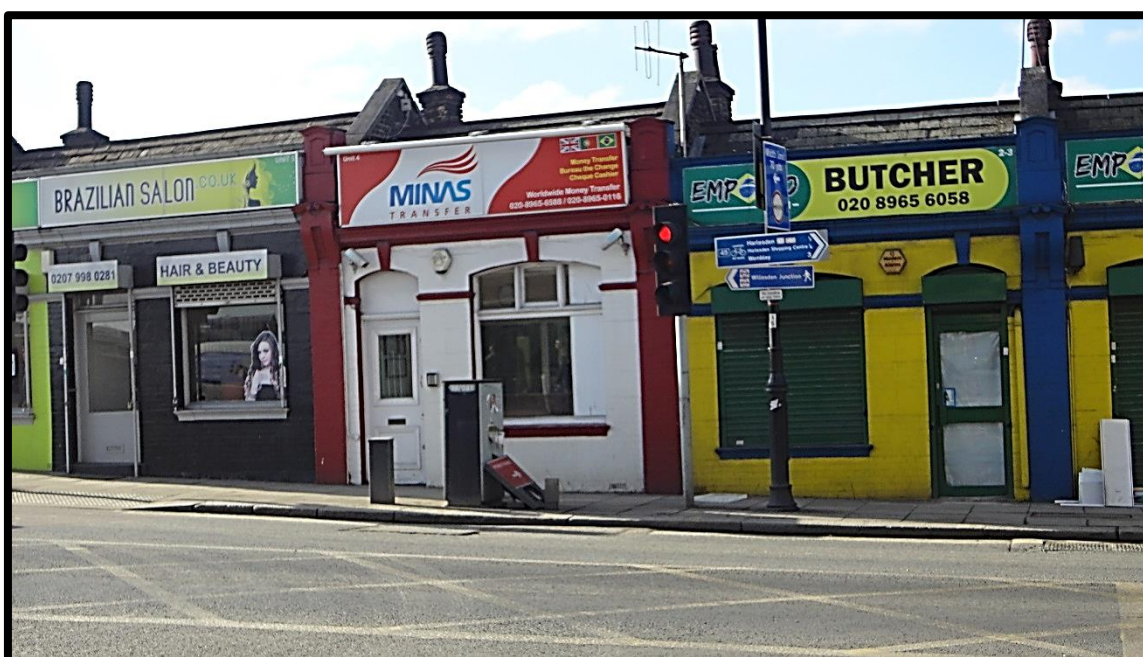
*Fotografia 25 - Visão geral da Station Road no bairro de Willesden Junction – Distrito de Brent (Londres)*



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

A fotografia 25 nos dá um panorama geral do local onde se encontram vários estabelecimentos comerciais que atendem prioritariamente a comunidade brasileira. Observamos de um dos lados da rua o Café do Mineiro e a ABRAS. No outro lado a presença das lojas Brazilian Salon, Minas Transfer e o Empório Brazil.

*Fotografia 26 - Brazilian Salon, Minas transfer e Empório Brazil na Station Road (próximo à estação de Willesden Junction) - Londres*



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

Conforme se observa, os nomes dos estabelecimentos nas fotografias 26, 27 e 28 sempre se remetem ao Brasil, marcando, portanto, a dimensão do pertencimento territorial e com isso a identidade/diferença. O “Brazilian Salon”, por exemplo, é um salão brasileiro, cujo cabelereiro, a manicure e depiladora são migrantes e atendem principalmente o público brasileiro. Ambos, durante uma conversa informal transpareceram serem indocumentados.

A “Minas Transfer” é um estabelecimento de transferência de dinheiro, ou melhor, que realiza remessas de dinheiro principalmente para o Brasil. O “Empório Brazil”, nome que seria genuinamente brasileiro se não fosse pela letra “Z” na palavra Brazil, mas é possível notar na fotografia 27 que existe na fachada da loja a seguinte frase “Como se estivesse lá”, ou seja, se referindo ao Brasil, a

sua casa, a sua cidade. O “Café do Mineiro” identifica a origem do dono do estabelecimento, que é um mineiro. E a ABRAS que é a sigla para Associação Brasileira (fotografias 28 e 29). As cores utilizadas também caracterizam a presença brasileira na paisagem do lugar.

*Fotografia 27 - Reforma do Empório Brazil – Merceria e açougue na Station Road – Willesden Junction - Brent*



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

*Fotografia 28 - Café do Mineiro e ABRAS – Willesden Junction – Brent - Londres*



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

Fotografia 29 - ABRAS – Associação Brasileira – Willesden Junction – Brent - Londres



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

Isabela demonstra, a partir de suas lembranças, que estes estabelecimentos comerciais foram surgindo com o tempo, conforme os sujeitos brasileiros foram ocupando esta região e as necessidades identitárias foram aparecendo, portanto, foram os sujeitos migrantes que recriaram este território atual, na medida em que foram se apropriando desse espaço. Ela aponta que há uns dez anos na região:

Não, não tinha tanto naquela época, tinha, mas não como agora. Era menos que eu me lembre. Não sei agora, porque também não ando muito ali, mas sei que tem um açougue, tem o restaurante do Mineiro, que já existia, não sei a quantos anos ele está ali, tem a mercearia brasileira, já são três, a churrascaria já são quatro. Mas desde quando eu cheguei não tinha isso, só tinha a mercearia, não me lembro da mercearia, falando a verdade, só me lembro do restaurante do mineiro, a churrascaria não existia, nem o açougue. Agora cresceu, cresceu... (Isabela).

Notamos, que os estabelecimentos comerciais e a Associação de Brasileiros – ABRAS que aparecem nestas fotografias demonstram o

fortalecimento da identidade brasileira nesta área, que culturalmente também é uma área habitada por caribenhos, africanos e indianos e recentemente por brasileiros. Observamos nesta intersecção identitária representada nesse território uma mescla cultural de convívio do cotidiano, é a representação dos múltiplos territórios e dos enclaves étnicos do qual fala Hall.

A identidade, no entanto, não é nata, não nasce com a pessoa, ela vai se criando a partir do cotidiano e do lugar em que está pessoa vive. Considera-se que este lugar do cotidiano pode ser um país, um Estado, uma cidade, um bairro. Independente da escala espacial a identidade estará sendo construída, modelada, remodelada, como nos evidenciou as fotografias.

Desta maneira, a identidade em si é definida historicamente, visto que ela vai se modificando conforme o momento histórico do decorrer da vida dos sujeitos e conforme vão sendo realizadas as escolhas, portanto, trata-se de um processo, chamado de processo de identificação, justamente porque a identidade não é estática, ela é móvel, vai se formando e se transformando.

Corrobora-se com a argumentação de Hall (2014) quando menciona que o conceito de “identificação” é um dos conceitos não bem desenvolvidos na teoria social e cultural, mas de qualquer maneira ele defende a ideia de se trabalhar com um conceito estratégico e posicional de concepção. Então esta concepção funcionaria de:

[...] forma diretamente contrária àquilo que parece ser sua carreira semântica oficial, esta concepção de identidade não assinala aquele núcleo estável do eu que passa, do início ao fim, sem qualquer mudança, por todas as vicissitudes da história. Esta concepção não tem como referência aquele segmento do eu que permanece, sempre e já, “o mesmo”, idêntico a si mesmo ao longo do tempo... Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (HALL, 2014, p. 108).

Essa mudança e transformação constante pelo qual vai se modelando a identidade no tempo e no espaço, se concretiza no território, temos nas “vozes” de Helena, Isadora, Isabela, Ligia e Elaine, alguns exemplos de como isso ocorre no cotidiano da migrante brasileira em relação ao consumo de produtos e serviços brasileiros. Inclusive sugere-se que o consumo de produtos brasileiros vem aumentando, e até em supermercados grandes ingleses como o *Tesco* se encontram alguns produtos, como nos evidencia Isabela e Elaine.

Eu fui em alguns mercadinhos que eu achei aqui, fui comprar polvilho pra fazer pão de queijo, batatinha palha coisas assim brasileiras aqui... Mas é só de vez em quando, pra ter alguma coisinha na minha casa assim... (Helena).

Lá perto de casa tem uma mercearia brasileira e eu gosto de comprar peito de frango, mais eu gosto que mói o frango pra mim, então só eles que podem fazer isso pra mim, então, eu vou muito lá fazer isso... eu posso desfiar o frango, mais eu prefiro moer porque é prático pra fazer, eles vendem também. Eu não compro quase nada de produtos brasileiros. É praticamente isso, não é que eu vou lá comprar feijão, porque eu acho que o feijão dos ingleses, cozinha mais rápido do que o nosso, eu acho que é mais fácil pra cozinhar, então tudo que é de supermercado eu compro aqui mesmo, só compro assim..., por exemplo tem um pão de queijo que eles vendem, é de caixinha, isso eu gosto de comprar deles, eu sei fazer o outro, mais eu acho que, gruda na mão e demora, esse aí é fácil de fazer, essas coisinhas só, mas não é sempre que eu compro. (Isadora).

Eu vou num salão que é de brasileiro, a moça é brasileira, ela tem um salão em *Shepherd's bush* é lá que eu vou pra cuidar do meu cabelo. (Isadora).

Depois que eu me casei, como meu marido gosta de arroz e feijão, aí uma vez na semana eu faço feijão[...]. Às vezes a gente encontra parecido com o carioquinha do Brasil, a gente encontra no *Tesco*, no *Sainsbury's*, no *Waitress*.... Aí eu cozinho, mas assim eu já não como mais que nem brasileiro. Mas no “*Tesco*” grande, mercados grandes, você encontra, produtos brasileiros farofa, polvilho, esse tipo de coisa. (Isabela)

Utilizo, mas bem pouco, como eu já acostumei muito com a comida inglesa, mas sempre que eu venho, no *Braziliana*, como alguma coisa aqui, eu tô aqui né, sempre eu levo alguma coisinha, mas não sou assim.... Olha o feijão é muito difícil, esse eu já quase não faço, é mais o estilo inglês mesmo porque, é uma carne uma batata, não é aquela comida arroz feijão, salada igual a gente faz no Brasil, eu já acostumei com o jeito aqui. (Ligia).

Olha quando eu tenho uma amiga minha que vem pra cá eu peço pra ela trazer paçoquinha, a minha mãe eu já pedi pra trazer pé de moça (pé de moleque), eu sei que o *Tesco* em *Islington* tava vendendo um monte de produto brasileiro, bolacha Passatempo, guaraná. É ano de copa, então, a gente não sabe se por ser ano de copa, tem um ponto de vista de marketing aí pra saber se rola, eu também não sei se são todos os *Tescos*, eu sei que ali em *Islington* um amigo meu me mandou uma foto falando, olha só o que eu vi aqui pra você, na verdade o meu ex - da Malásia me disse olha só o que eu achei, bolacha Trakinas, paçoquinha e tudo mais, o que geralmente a gente só vê em lojinhas de brasileiros. (Elaine)

Embora considere-se neste trabalho a identidade enquanto um processo em formação, existem outras abordagens disciplinares para o conceito de identidade, porém é o campo da antropologia ou das ciências sociais, que nos auxilia neste trabalho, pois nestas áreas do conhecimento se trabalha com a identidade no sentido relacional, frente a alteridade (HAESBAERT, 1999), frente ao reconhecimento do outro e de suas diferenças, respeitando-o e integrando-o no contexto em que este se encontra.

Entendemos que neste processo de constante mudança e transformação socioespacial as questões relacionadas a identidade, ou aos processos de identificação, são importantes porque “... existe uma crise da identidade, globalmente, localmente, pessoalmente e politicamente” (WOODWARD, 2014, p. 38). Por este motivo “os processos históricos que, aparentemente, sustentavam a fixação de certas identidades estão entrando em colapso e novas identidades estão sendo forjadas, muitas vezes por meio da luta e da contestação política” (WOODWARD, 2014, p. 39). Na verdade, com a crise do capital, todo o contexto social, econômico, político e cultural tornou-se instável. Evidencia-se, como nunca, o outro enquanto diferente e a alteridade.

Hall (2014, p. 108) também expõe a importância da discussão sobre identidade, pois estas devem estar vinculadas aos “[...] processos e práticas que têm perturbado o caráter relativamente ‘estabelecido’ de muitas populações e culturas: os processos de globalização[...], e os processos de migração forçada (ou ‘livre’) ”. Ressaltamos que, para Hall (2014), o fenômeno migratório se intensifica no “mundo pós-colonial”.

A globalização por sua vez, deve ser vista enquanto produtora de novas identidades (brasileira, londrina, indiana, africana, boliviana...). Para Woodward (2014, p. 21) a “[...] globalização, envolve uma interação entre fatores econômicos e culturais, causando mudanças nos padrões de produção e consumo, as quais, por sua vez, produzem identidades novas e globalizadas [...]”, todavia, a globalização produz “[...] diferentes resultados em termos de identidade” (WOODWARD, 2014, p. 21), assim como, ela pode fortalecer as identidades nacionais ou locais e o fenômeno migratório. No entanto, para Canclini (2004, p. 14) ao mesmo tempo em que a “globalização tecnológica interconecta simultaneamente quase todo o planeta ela cria novas diferenças e desigualdades”, e isto afeta a identidade.

Para Haesbaert (1999, p. 170) a questão da identidade voltar ao centro das atenções no contexto atual, ocorre devido ao fato de estarmos vivendo “[...] num mundo em crise de valores e de sentido[...]”. Corrobora-se com este autor, pois as diferentes motivações apresentadas no capítulo três, das mulheres brasileiras participantes dessa pesquisa, evidenciam justamente essas crises, porque vimos que essas mulheres não migram apenas por questões estruturais ou objetivas, mas elas migram também por aspectos subjetivos, de crises individuais internas.

Para Silva (2014) identidade é:

[...] simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou heterossexual”, “sou jovem”, “sou homem”. A identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente (SILVA, 2014, p. 74).

Nessa perspectiva, Silva nos remete a fala de Elaine, quando ela afirma ter um visto de refugiada e explica o porquê deste visto, sendo brasileira, pertencendo assim a um país “white flag”, ou seja, um país sem guerras, mas que, no entanto, não é um símbolo da alteridade.

Desde março de 2011, eu tenho visto de refugiada.

O Brasil é o país que mais mata no mundo LGBTI [...] No Brasil a cada 33 segundos ou minutos um gay, lésbica ou transgênero, ou intersex são mortos, então a gente mata mais LGBTI no mundo que o Paquistão, do que o Irã, do que a Turquia, do que muitos países africanos[...].

Com base nos direitos humanos, a gente usou dois artigos, o artigo 3º e o artigo 8º, um a respeito à privacidade e o outro com direito a família. (Elaine)

Para Woodward (2014, p. 28) “[...] a formação da identidade ocorre também nos níveis “local” e pessoal”. Ela apresenta em sua obra duas visões diferentes e contraditórias sobre identidade, pois:

Por um lado, identidade é vista como tendo *núcleo essencial* que distinguiria um grupo de outro. Por outro, a identidade é vista como *contingente*; isto é, como o produto de uma intersecção de diferentes componentes, de discursos políticos e culturais e de histórias particulares. (WOODWARD, 2014, p. 38)

A identidade enquanto núcleo e enquanto contingente está relacionada com o tempo histórico e com a construção do espaço geográfico por meio das relações sociais estabelecidas em diferentes contextos. Salientamos, assim, que este contexto histórico em que o sujeito está inserido e que tem provocado constantes mudanças, é reflexo da modernidade. Isto posto, Giddens (2007) refere-se à modernidade de forma geral como:

[...] as instituições e modos de comportamento estabelecidos pela primeira vez na Europa depois do feudalismo, mas que no século XX se tornaram mundiais em seu impacto. A “modernidade” pode ser entendida como aproximadamente equivalente ao “mundo industrializado” desde que se reconheça que o industrialismo não é sua única dimensão institucional. Ele se refere às relações sociais implicadas no uso generalizado da força material e do maquinário nos processos de produção. Como tal, é um dos eixos institucionais da modernidade. Uma segunda dimensão é o capitalismo, sistema de produção de mercadorias que envolve tantos mercados competitivos de produtos quanto a mercantilização da força de trabalho. Cada uma dessas dimensões pode ser analiticamente distinguida das instituições de vigilância, base do crescimento maciço da força organizacional associado com o surgimento da vida social

moderna. A vigilância refere-se ao controle e a supervisão “visível”, no sentido de Foucault, ou do uso da informação para coordenar atividades sociais. Essa dimensão, por sua vez, pode ser separada do controle dos meios de violência no contexto da “industrialização da guerra”. A modernidade inaugura uma era de “guerra total” em que a capacidade destrutiva potencial dos armamentos, assinalada acima de tudo pela existência de armas nucleares, tornou-se enorme. (GIDDENS, 2007, p. 21).

Além disso, para Giddens (2002, p.9), a modernidade deve ser entendida a partir do nível institucional, porque “...as transformações introduzidas pelas instituições modernas se entrelaçam de maneira direta com a vida individual, e, portanto, com o eu”. Portanto, para o autor, “[...] ‘sociedade’ do sociólogo, pelo menos quando aplicada ao período da modernidade, é o Estado-nação” (GIDDENS 2002, p.21).

Desta maneira, não se pode deixar de conectar aqui o poder do Estado-Nação segundo o ponto de vista de Althusser (1985), pois para este autor o Estado é composto pelo que chama de “aparelhos ideológicos do Estado” (ALTHUSSER, 1985, p. 43-44). O aparelho ideológico do Estado influencia diretamente o sujeito através da religião, da escola, da família, dos aspectos jurídicos, políticos, sindicais, na informação, na cultura, enfim, influencia o cotidiano das pessoas, conseqüentemente a construção da identidade. Corroboramos, assim, com Giddens a respeito da influência institucional no cotidiano das pessoas.

Woodward (2014, p. 20) também aponta estas características identitárias como inéditas na sociedade atual, para ela “ ‘identidade e crise de identidade’ são palavras e ideias bastante utilizadas atualmente e parecem ser vistas por sociólogos e teóricos como características das sociedades contemporâneas ou da modernidade tardia”.

Considerando que as características identitárias, são dinâmicas, pois elas estão em transformação ao longo do tempo, ressalta-se a influência que estas sofrem das instituições modernas que, para Giddens (2002, p. 9): “se diferem de todas as formas anteriores de ordem social quanto a seu dinamismo, ao grau em que interferem com hábitos e costumes tradicionais, e a seu impacto global...”. Influências estas que vão desde a escala local, regional, até a escala mundial e vice-versa. Então a modernidade “[...] altera radicalmente a natureza da vida

social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais de nossa existência” (GIDDENS, 2002, p. 9).

Entendemos que a modernidade é um período da história, uma era em que as sociedades contemporâneas colocam em evidência as transformações estruturais deste mundo e que estas estão conectadas com a crise do capital, como já vimos anteriormente. Desta maneira, a palavra crise pode ser vista como um dos sinônimos de descrição da realidade em um contexto espaço-mundo que, na verdade, é representado por crises simultâneas, como a econômica, a ambiental, a social, a cultural, a identitária, enfim, crises que se apresentam de diferentes formas nos diferentes lugares e que, de qualquer maneira, contribuem nas mudanças e transformações globais, nas estruturas políticas e econômicas do mundo contemporâneo.

Muitas vezes estas crises apresentam-se em um contexto mundial, mas muitas vezes se apresentam no contexto local, e até individual, e acabam sendo refletidas nas questões de identidade e nas lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais, étnicas e territoriais. Marcando, assim, os conflitos das identidades.

Podemos exemplificar isso pela dimensão da discriminação de brasileiros em Londres em uma escala local e individual representada no cotidiano. Rosa, Helena e Pietra em suas “vozes” nos evidenciam situações na qual os brasileiros são discriminados pelos próprios brasileiros, inclusive regionalmente (goiano), as brasileiras são discriminadas sexualmente e também ocorre discriminação entre os diferentes povos latinos:

Pelos próprios brasileiros, eu não digo pelo inglês não, porque o inglês pode ser falso, mas ele respeita entendeu. Mas onde você vai aqui, que você vê que tem alguma coisa de errado, eles viram e falam assim: vai vê que tem um brasileiro enfiado no meio. É o que acontece e é verdade, pior que sempre é verdade, sempre. Eu falo de uma história que aconteceu, há uns seis anos atrás, de um caso de passaporte falso, uma onda de passaporte falso que estava rodando aqui em Londres. Eu cheguei a conhecer um dos caras que fazia, porque ele convivia lá com uns amigos que meu irmão tinha e esse cara foi preso. Ele está preso até hoje né por causa disso, então o próprio brasileiro ele difama a própria nacionalidade dele, ele fala do Brasil, só que ele chega aqui ele acha que porque ele tá num país diferente onde ninguém conhece ele pode fazer o que ele quer, mas não é

assim. Ele esquece, muitos, a maioria esquece, principalmente nesse país, aqui tem regras, aqui tem lei e aqui por incrível que pareça, é uma coisa aqui que eu amo esse país, lei aqui é cumprida e tem que ser cumprida. E o brasileiro esquece disso, eles se misturam mesmo com gente errada, fazem mesmo a maioria. (Rosa)

Eu acho que tem discriminação, porque eu já escutei muita gente que procura evitar, exatamente na minha concepção por conta da malandragem que é envolvida com brasileiro. Brasileiro evita alguns brasileiros, porque se é esse o perfil do cara, que é tirar essa vantagem, que envolve com coisa né, que não tá muito legal, tem gente que não se importa faz parte, tem gente que prefere não se relacionar. (Helena).

O brasileiro classe média baixa, ou um pouco mais baixa, que vem pra Inglaterra, trabalha como *cleaner* e *nanny*. A classe média baixa ou classe baixa que eu conheci aqui, alguns são pessoas que eu vi, obviamente eu não conheço muita gente, alguns que eu conheci vem para Londres muito no aspecto da malandragem. Muito assim tirar vantagem o máximo que a gente consegue, muitos. Eu descobri que o goiano aqui tem mania de fazer coisa errada, você fala eu quero um goiano, você quer alguém falso, você quer alguma coisa errada. Eu não imaginava nunca isso na minha vida, que tem essa ideia e tem esse estereótipo em cima do goiano. Eu já ouvi muitas vezes e em diferentes lugares pessoas falando, “essas pessoas eu procuro evitar, que eu não quero confusão para o meu lado obviamente”. E eu vi algumas pessoas que se deram mal, se relacionando com pessoas desse tipo, porque você aluga casa dessa pessoa o cara é da malandragem, promete uma coisa e não cumpre e o pessoal está sempre envolvido com algum problema de alguma maneira. Então eu já escutei histórias diversas desse tipo e eu acho que são pessoas que vem nessa intenção mesmo de tirar vantagem de alguma maneira. Mas em compensação depois que eu comecei a querer buscar para entrar na faculdade, eu acho que eu tive acesso a uma classe mais alta de pessoas, que vêm estudar em Londres, vêm custeado, seja por bolsa, seja por pais. E esse pessoal vem com uma ideia um pouco diferente de Londres, vem usufruir da cultura, eles não vêm só para usufruir do dinheiro, todo mundo quer dinheiro, mas ele não vem para tirar proveito e chance de tudo que ele puder, de quem ele puder, e aí essas pessoas que eu tive contato da universidade, da conferência de brasileiro que a gente se conheceu coisa e tal, é uma qualidade muito diferente, tá focado naquilo que veio fazer, mas ao mesmo tempo muito aberto pra conhecer”. (Helena)

Discriminação eu acho da sexualidade né, essa coisa do Brasil ser o país “das brasileiras” né, uma vez eu trabalhei na Ikea, sabe Ikea, trabalhei lá e foi naquela época que eu estava na faculdade, olha eu nem lembrava, que era ótimo, porque eu tinha um contrato lá, trabalhava 3 horas aqui, 2 horas ali sabe, então batia perfeito com meus horários da faculdade e pagavam bem né e uma vez eu fui cantada lá por um cara, que eu quase

quebrei o cara, “ah você é do Brasil”. O cara simplesmente querendo isso no ambiente de trabalho, isso muda quando você fala que é do Brasil, a pessoa já te olha diferente né, não em relação à mulher, a mulher nunca teve isso. Já relacionado com música, carnaval, homem olha para o lado sexual mesmo, como se você fosse um objeto sexual mesmo. (Pietra)

Eu não sei o que é, eu vejo acho que com latinos tem, eu acho que eu trabalhando aqui eu vejo isso bastante, não que seja até consciente sabe. Parece que a América Latina e o Brasil é separado, eu não sei se a língua que pode ser, tanto é que meu trabalho aqui, é aquela coisa trabalho de formiga também sabe, tem que estar lutando pelo espaço, que as vezes é exaustivo, mas isso não quer dizer que eu seja maltratada, muito pelo contrário, sou bem admirada pelo trabalho que eu estou fazendo sabe, pelo pouco tempo que eu estou aqui. Mas eu sinto isso, às vezes eu fico me perguntando, se pode ser a língua. (Pietra)

A dimensão individual da discriminação evidencia, portanto, aspectos da identidade brasileira no olhar do outro brasileiro. Representa-se, então, que a mulher brasileira é um símbolo sexual, devido ao carnaval e o samba, que são considerados expressões culturais do Brasil. Representa-se que o povo brasileiro é “malandro”. Então, são formas pejorativas de classificar toda uma população, e isto acontece perante o olhar do outro, pela identidade.

Segundo Woodward (2014, p. 25) as identidades em conflito “[...] estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas contribuem”, como os conflitos étnicos, religiosos e políticos que ocorrem no Oriente Médio, como os acampamentos sírios no Líbano, como a passagem pelo Mar Mediterrâneo dos migrantes provenientes da África para a Europa. Esta movimentação migratória, portanto, esta movimentação de identidades está ocorrendo de forma tão intensa que a Organização Internacional para Migração<sup>72</sup> informou em 21/12/2015 que mais de um milhão de migrantes irregulares e refugiados chegaram à Europa em 2015, a maioria originária da Síria, da África e do Sul da Ásia. Estes fatos evidenciam que há crises mundiais que estão ocorrendo por diversos fatores, e que, as identidades estão se transformando.

---

<sup>72</sup> Fonte: IOM – International Organization for Migration. Irregular migrant, refugee arrivals in Europe top one million in 2015 (2015). Apresenta informações especializadas em: <http://www.iom.int/news/irregular-migrant-refugee-arrivals-europe-top-one-million-2015-iom>. Acesso em: janeiro de 2016.

Desta maneira, Haesbaert (2007) apresenta nesta simultaneidade de crises, talvez a mais relevante delas, em se tratando da construção da identidade, a crise do Estado-nação, que afeta diretamente o território, o cotidiano das pessoas, conseqüentemente, a identidade do sujeito, pois o Estado-nação não é apenas uma representação política, “[...] mas algo que produz sentidos – um *sistema de representação cultural* (HALL, 2011, p. 49)”. Como nos casos dos estereótipos sobre a mulher brasileira, e do brasileiro “malandro”, citados anteriormente.

Haesbaert (2007), por sua vez, salienta a respeito do Estado-nação:

[...] Como espaço-tempo dominante, o “espaço-tempo estatal e nacional” é (...) um dos pressupostos fundamentais do contrato social moderno, e tem como uma de suas grandes “constelações institucionais” a “nacionalização da identidade cultural”, “processo pelo qual as identidades móveis e parcelares dos diferentes grupos sociais são territorializadas e temporalizadas [homogeneizadas] no espaço-tempo nacional”, reforçando assim os critérios de inclusão/exclusão, “dentro” e “fora” (HAESBAERT, 2007, p. 34).

O migrante é um sujeito móvel e parcelar que se enquadra em diferentes grupos sociais. Neste sentido, temos que a espacialidade da identidade brasileira em Londres, ou seja, dos cidadãos brasileiros, se dá justamente no processo de inclusão/exclusão. Surgem, assim, alguns questionamentos: Qual é o brasileiro que está incluído e qual é o brasileiro que está excluído deste território? Estes sujeitos migrantes podem ou não usufruir completamente das políticas públicas e sociais que são utilizadas no ordenamento deste território? Estas políticas são apenas para a sociedade constituinte deste território, ou elas são desenvolvidas também para o outro, para o diferente, para o migrante?

Carla nos auxilia a entender como que é a situação de uma brasileira na ilegalidade perante as leis migratórias, que definem a inclusão ou exclusão das pessoas nesse espaço.

As leis mudam. Mudou muito, esse ano muitas leis mudaram aqui, não se aluga mais casa para quem não é legal, não se abre conta mais para quem é ilegal, não tem direito de pôr o filho na escola, para quem é ilegal. A partir desse ano mudou, a partir do segundo semestre de 2014, que começa agora.

Eu sei disso porque eu recebi né documentos, da escola. Da escola, minha filha começa a estudar agora no *primary school*, já chegou a aplicação. Ela não podia fazer, mas aí eu pude fazer porque eu já tinha o cadastro online, do meu outro filho. Então tipo assim, meu Deus o que eu vou fazer agora? Não tem como eu matricular minha filha na escola. (Carla)

Devemos levar em consideração nos critérios de inclusão/exclusão a construção da identidade em si, pois além da presença do Estado-Nação, além do período histórico da sociedade atual, além das crises sucessivas, esta construção não ocorre sem a presença do outro, não ocorre sem o diferente, não ocorre sem a diferença. Assim, identidade e diferença caminham juntas, é este conjunto que se territorializa, portanto, que esta sujeito aos processos de inclusão/exclusão social, como no caso de Carla.

Silva (2014, p. 84) nos auxilia na compreensão desta combinação ao dizer que “[...] A identidade hegemônica é permanentemente assombrada pelo Outro, sem cuja existência ela não faria sentido. Como sabemos desde o início, a diferença é parte ativa da formação da identidade”.

Hall (2014, p. 30) salienta que “as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela”. Assim, é necessário o outro sujeito, que é diferente, nesta construção identitária, em outras palavras, a identidade só existe quando são estabelecidas relações com o outro. Isto é muito claro no fenômeno migratório. O migrante é sempre o outro que representa a diferença, porque o outro é diferente, este pode ser nordestino, gaúcho, capixaba, amazonense, paraense, paraguaio, boliviano, equatoriano, haitiano, português, grego, inglês...

Portanto, algumas interseções e ambivalências (HAESBAERT, 2007) conceituais são necessárias, pois os conceitos fixos, fechados e limitados não nos permitiriam nem ao menos tentar compreender este processo. Desta forma, Haesbaert (2007), pautado no conceito de *différance* de Derrida, vislumbra o caráter contrastivo dos conceitos de identidade e diferença,

[...] num sentido que pode lembrar (em parte) a *différance* de Derrida, onde um acabará sempre sendo (re)definido pelo outro, numa re-significação sempre em aberto. Desse modo não há cultura sem natureza, assim como não há identidade sem diferença – como se fosse construído a partir da sua composição, múltipla e até mesmo ambivalente, com o outro – e

não simplesmente num sentido dialético, de contradição. (HAESBAERT, 2007, p. 37).

Partindo do pressuposto que não há identidade sem diferença, a identidade pode ser analisada enquanto coisa ou enquanto uma relação de igualdade. Conforme Haesbaert (1999):

A identidade, em primeiro lugar, pode tanto estar referida a pessoas como a objetos, coisas. Em segundo lugar, ela implica uma relação de semelhança ou de igualdade. Este é talvez o seu maior paradoxo: encontrar a igualdade num “objeto” ou “pessoa”, ou seja, defini-la a partir de características que a revelem na sua totalidade, na sua “inteireza”, encontrar um significado, um sentido geral e comum. Esta busca do igual, do idêntico, pode ser trocada pela busca do “verdadeiro”, do “autêntico”, como se a verdade fosse una e indivisível. Se a identidade de um indivíduo é dificilmente encontrada e, mais dificilmente ainda, revelada, uma identidade mais ampla, envolvendo um grupo de indivíduos ou mesmo uma “cultura” ou “civilização”, pode ser uma temeridade [...] (HAESBAERT, 1999, p. 173).

Como dito anteriormente a identidade também é marcada por símbolos, melhor dizendo por coisas, ou objetos. Para Woodward (2014, p. 10) “[...] existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa[...] ”, desta forma, a construção da identidade é “*tanto simbólica quanto social*” (WOODWARD, 2014, p. 10).

Os produtos brasileiros consumidos pela comunidade brasileira que se encontra em Londres são exemplos dessa associação identitária entre pessoa e objeto, trata-se de uma característica identitária simbólica, neste caso especificamente uma relação expressiva com a culinária brasileira, produtos industrializados brasileiros e até produtos de uso pessoal. Estas “coisas” podem ser visualizadas nas fotografias 30 a 36.

*Fotografia 30 - Salgados tipicamente brasileiros – coxinhas, risoles, pastéis – restaurante do mineiro – Brent - Londres*



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

*Fotografia 31 - Pão de queijo, brigadeiro, beijinho – restaurante do Mineiro – Brent - Londres*



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

Fotografia 32 - Comida tipicamente brasileira servida em restaurante brasileiro no bairro de Willesden Junction



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

Fotografia 33 - Erva mate para chimarrão na mercearia “Baron” – Norwood Road – Próximo a Brixton station - Londres



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

Fotografia 34 - Chocolate Baton e chiclete Bubaloo – Café brasileiro em Harlesden Road - Londres



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

Fotografia 35 - Carne importada brasileira – Friboi – Merceria em “Seven Sister” - Londres



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

Fotografia 36 - Alimentos industrializados brasileiros



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

Fotografia 37 - Água de coco e guaraná Antarctica Mercearia em “Stoke Newington” - Londres



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

Fotografia 38 - Cosméticos brasileiros da Natura e esmaltes Risqué – Açogue Cuiabano – Harlesden Road - Londres



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

As fotografias evidenciam, a busca pela afirmação identitária dos sujeitos migrantes por meio do consumo de produtos tipicamente brasileiros e regionais, como, por exemplo, a erva mate para fazer chimarrão que remete ao Rio Grande do Sul, ou a carne de boi originária do Brasil, ou ainda o guaraná Antártica, tipicamente brasileiro, o chocolate batom e o chiclete bubaloo, produtos que remetem muitas pessoas a infância, a brincadeira, as lembranças de um Brasil. A água de cocô que nos lembra o clima tropical, além dos salgadinhos como a coxinha, o pastel de vento, quanta “coisa boa do Brasil”. São produtos que levam o migrante a se sentir em casa nem que apenas por alguns instantes.

Além de avaliar identidade enquanto coisa ou enquanto identidade social ou coletiva, Haesbaert (1999) parte do pressuposto de que a identidade do sujeito está associada ao território<sup>73</sup>, então:

[...] toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social. Se toda identidade territorial é, obviamente, uma identidade social, nem toda identidade social (como a identidade de gênero, por exemplo) toma, obrigatoriamente, como um de seus referenciais centrais, o território ou, num sentido mais restrito uma fração do espaço geográfico. De uma forma muito genérica podemos afirmar que não há território sem algum tipo de identificação e valoração simbólica (positiva ou negativa) do espaço pelos seus habitantes. (HAESBAERT, 1999, p. 172).

Desta maneira infere-se que a identidade social, representada pelo sujeito, tem como base material o território (como pode ser observado nas fotografias) já que é nele que ocorrem as manifestações identitárias. Assim o território “serve para a construção de muitas identidades” (HAESBAERT, 1999, p. 174), ele não deve ser visto apenas como “o *locus* de relações de poder que se fortalecem (ou debilitam) através das mediações espaciais (HAESBAERT, 1999, p. 185)”, e sim como um “meio de identificação e de reformulação de sentidos, de valores [...] (Ibidem) ”.

---

<sup>73</sup> A discussão conceitual de território foi realizada no capítulo anterior.

Isto posto:

Identificar, no âmbito humano-social, é sempre *identificar-se*, um processo *reflexivo*, portanto, e identificar-se é sempre um processo de identificar-se *com*, ou seja, é sempre um processo *relacional*, dialógico, inserido numa relação social. Além disso como não encaramos a identidade como algo dado, definido de forma clara, mas como um movimento, trata-se sempre de uma *identificação* em curso, e por estar sempre em processo/relação ela nunca é uma, mas *múltipla*. Toda identidade só se define em relação a outras identidades, numa relação complexa de escalas territoriais e valorações negativas e positivas (HAESBAERT, 1999, p. 175).

Apesar de Woodward (2014, p. 9) não trabalhar com a perspectiva territorial na construção da identidade, a autora, assim como Haesbaert (1999, 2007), Silva (2014), também trabalha com o horizonte de que a identidade é relacional, ou seja, na perspectiva do outro, do diferente, pois a identidade no contexto da migração internacional por exemplo, “depende, para existir, de algo fora dela: a saber, de outra identidade” (WOODWARD, 2014, p. 9) “de uma identidade que ela não é (WOODWARD, 2014, p. 9)”, portanto, se diferencia da outra identidade, “mas que, entretanto, fornece as condições para que ela exista” (WOODWARD, 2014, p. 9). Assim a identidade “se distingue por aquilo que ela não é” (Ibidem), ou seja, ser brasileiro é não ser londrino, é não ser africano, é não ser italiano, é não ser. “A identidade é, assim, marcada pela diferença” (WOODWARD, 2014, p. 9). E esta marcação ocorre no território.

É necessário ressaltar que para Haesbaert (2007) na perspectiva relacional entre identidade e diferença:

[...] ocorre um cruzamento ainda mais íntimo, pois não há como “identificar-se” algo sem que sua “diferenciação” (em relação ao “outro”) seja construída, a ponto de “diferenciar-se” e “identificar-se” tornarem-se completamente indissociáveis – isto demonstra, de saída, o caráter permanentemente relacional da construção identitária, sempre produzida na relação com aquele que é estabelecido como o seu “outro”. (HAESBAERT, 2007, p. 36).

Considerando que identidade e diferença são indissociáveis, se estabelece que ao trabalhar com identidade enquanto processo também se

trabalha com a diferença enquanto processo, portanto trata-se de um processo de identificação/diferenciação social.

Silva (2014, p. 83), pautado em Derrida, estudioso que não acredita no binarismo simétrico, afirma que “as relações de identidade e diferença se ordenam, todas, em torno de oposições binárias: masculino/feminino, branco/negro, heterossexual/homossexual”.

De acordo com Silva a diferença (2014) é:

[...] concebida como uma entidade independente. Apenas, neste caso, em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é: “ela é italiana”, “ela é branca”, “ela é homossexual” “ela é velha”, “ela é mulher”. Da mesma forma que identidade, a diferença é, nesta perspectiva, concebida como autorreferenciada, como algo que remete a si próprio. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe. (SILVA, 2014, p. 74).

Então, tanto a identidade quanto a diferença são constructos sociais e culturais, “elas são ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto das relações culturais e sociais [...]” (SILVA, 2014, p. 76).

Todos estes autores caminham no mesmo enfoque, de que a identidade e a diferença caminham juntas, no entanto, enquanto constructo social, a identidade e diferença representam disputa de poder. Silva (2014, p. 81) evidencia que:

A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes. (SILVA, 2014, p. 81).

Embora Woodward (2014) utilize outras palavras para explicar sobre o binarismo, ela também afirma que a identidade se cria com a marcação da diferença. Assim:

[...] essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de exclusão *social*. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença”. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de *sistemas classificatórios*. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos – nós/eles (por exemplo, servos e croatas); eu/outro. (WOODWARD, 2014, p. 40).

A diferença é marcada por representações simbólicas que atribuem significado às relações sociais, mas a exploração da diferença não nos diz por que as pessoas investem nas posições que elas investem nem por que existe esse investimento pessoal na identidade (WOODWARD, 2014, p. 55).

Woodward (2014, p. 11) salienta ainda que apesar da identidade ser marcada pela diferença, “parece que algumas diferenças [...] são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares”, por isso ela afirma que a diferença “é sustentada pela exclusão” (WOODWARD, 2014, p. 39).

Silva (2014, p. 74) aponta que “identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência”. Assim, quando se faz uma afirmação identitária como, por exemplo, “sou migrante brasileira”, só se faz esta afirmação porque existem outros sujeitos migrantes com outras nacionalidades, que não são brasileiros. Ao mesmo tempo em que se auto afirma, ou se auto identifica, se nega o outro, e isto acaba criando “uma extensa cadeia de “negações”, de expressões negativas de identidade, de diferenças” (SILVA, 2014, p. 75). Para ele existe a dependência entre identidade e diferença pois elas “são inseparáveis” (SILVA, 2014, p. 75).

Enfim, a diferença é “[...] aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições... A marcação da diferença é, assim, o componente-chave em qualquer sistema de classificação” (WOODWARD, 2014, p. 42), então, “[...] os sistemas classificatórios são, assim, construídos, sempre, em torno da diferença e das formas pelas quais as diferenças são marcadas” (WOODWARD, 2014, p. 54).

Já para Silva (2014) os sistemas classificatórios são construídos em torno da identidade:

[...] o processo de classificação é central na vida social. A identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações. As classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade. Isto é, as classes nas quais o mundo social é dividido não são simples agrupamentos simétricos. Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados. (SILVA, 2014, p. 82).

A religião é um exemplo de sistema classificatório, pois ela pode ou não direcionar o estabelecimento da distinção através do poder identitário que exerce na vida dos migrantes brasileiros. A religião determina a manifestação da identidade/diferença em Londres ao oportunizar aos migrantes brasileiros missas, cultos, sessões de umbanda, na língua portuguesa. Assim, ao mesmo tempo que ela inclui os sujeitos migrantes em uma comunidade brasileira, ela o exclui da comunidade inglesa, pois este sujeito se fecha em seu gueto identitário.

Pietra nos evidencia claramente esta situação ao falar desses guetos que se formam a partir da igreja e da não inclusão na sociedade inglesa:

Muitas, muitas, a maioria das pessoas não tem amigo inglês, não tem amigo, é só gente brasileira, tem gente que mora aqui 10 anos e nem amigo tem, é relacionado à igreja, até para ir no mercado, é no mercado brasileiro, sabe, não tem participação, por exemplo eu faço um monte de coisa aqui de workshop e as pessoas não se envolvem, isso é super frustrante. (Pietra)

Sônia, por sua vez, também descreve, como são estabelecidas as relações sociais das migrantes brasileiras por meio da religião. Para ela é um espaço de socialização.

[...] há muitos anos, quando fui correr atrás de brasileiros, fui buscar brasileiros pra participar do projeto do qual eu participava na Queen Mary, que era sobre brasileiros de baixa renda, trabalhando em setores de baixa renda, fui lá na “Sant Annes”, que é a sede da Capelania brasileira católica, igreja católica, eu cheguei lá no domingo, por que me falaram, vai lá no domingo que tem a missa das 12:00 horas. E depois, e é verdade, tem um salão lá de voluntários, que organizam uma refeição, eles

cozinham comida brasileira. Até hoje o self service custa 5 libras e aí eles têm uma mesa e você senta e conversa com brasileiros. Nossa eu fui cheguei um pouquinho antes da missa terminar, acho que tinha umas 130 pessoas, o padre fazendo a missa em português, no final da missa ele falava, quem chegou essa semana, as pessoas levantavam a mão, quem veio de onde, quem chegou aqui faz pouco tempo, no último mês, aí levantava, de onde você veio? Goiânia? Ele tinha um quadro negro ele marcava assim, Minas Gerais, Goiânia e Goiás, esse mês a nós temos mais mineiros, esse mês nós temos mais goianos, essa semana mais mato-grossense do Sul coisa louca.

E assim a missa em português, uma banda de brasileiros lá tocando violão, tudo em português, parece que eu tô no Brasil. Daí eu fui no almoço que fica atrás da igreja, impressionante o salão enorme, espaço super legal, aí você compra a comida e come, paguei 5 libras sentei, já fiz isso várias vezes, já fui várias vezes lá, já faz um tempinho que eu não vou, mas já recrutei muita gente lá, para responder questionário também, eu não tenho que fazer só lá eu tenho que variar para a amostragem ser um pouquinho mais equiparada.

Mas ela tem papel fundamental e essa é só católica que eu tô falando, porque eu conheço, sei de todas as vertentes das igrejas evangélicas, que crescem assim, tem igreja criada, tem sub divisão, tem gente que sai de uma igreja pentecostal e vai formar sua própria seita, já tem umas três ou quatro assim. Então assim essas igrejas com certeza têm esse papel aqui, muito importante de espaço e socialização, não só um espaço de fé, mas por ser de fé e público, é espaço de socialização.

Então aconteceu nessa igreja de "Sant Annes", encontrei gente lá que nunca tinha estado lá, brasileiro e que não tinha ido lá nem para fazer missa, queria era mais conversar com brasileiro, ver se tem algum lugar para arranjar emprego, e ver outras coisas como perguntar onde é que eu posso ficar? Preciso de acomodação? Onde é que eu posso arranjar serviço de saúde? Então se vê que é um espaço, mas é legal, igreja faz isso também, tem festa junina, eles organizam, colocam barraquinha, colocam música, faz forró, é muito interessante. (Sônia)

Para Lilian, a igreja também é um espaço de socialização:

A igreja eu acho que é um lugar que você se reúne, não só pra fazer o culto religioso, mais é uma confraternização, 6ª feira agora a minha igreja teve uma churrascada, onde teve participação, teve brincadeira, várias coisas foram feita na igreja, que tinham pessoas que nem eram da nossa igreja, foram lá e confraternizou junto, então eu acho que a igreja é muito importante, porque mostra uma direção pra você seguir, porque tem muita gente aqui, que fica deprimida, depressiva, ela fica sem chão, parte pra bebida, parte pra droga, pra prostituição, porque são meios mais fáceis de sair daquele problema momentâneo, não sabendo ela que vai arrumar um pior ainda. (Lilian).

Para Juliana, que é umbandista, as comunidades de brasileiros que existem em Londres se fecham na religião, mas a religião também exerce o papel de socialização:

Fechada nos próprios núcleos, se você é da umbanda, você não é dali do espiritismo, se você é do espiritismo você não é do católico, se é do católico você não é do evangélico e as comunidades são voltadas na religião, com certeza isso eu posso te falar, são comunidades fechadas em religião, não tem outro tipo de comunidade aqui, os capoeiristas não são unidos por exemplo[...]

A socialização, quer dizer na minha opinião é o papel da igreja, é o papel da religião, é o social, religião é pra isso, não é espiritual, espiritual é o que se busca você com você mesmo, não precisa ser na igreja, não precisa ser em lugar nenhum, é sua busca individual pode ser com uma árvore, pode ser nos seus estudos esse é seu caminho espiritual, à igreja desde sempre é a coisa do social, desenvolver o social e eu acho que é por isso também que eu vou na igreja, vou no Centro de Umbanda para o social, senão você fica muito isolado aqui, muito, muito isolado, essa é a verdade. (Juliana)

Juliana, também aponta o quanto a comunidade brasileira cresceu em Londres e com isso as manifestações identitárias religiosas, ao nos contar que voltou a ser umbandista em Londres.

Eu era umbandista no Brasil, quando eu vim pra cá não tinha Umbanda, sou umbandista sozinha, uma vez minha mãe ficou doente, um primo dela levou ela no centro de Umbanda, eu tinha 13 anos, eu adorei aquilo, nossa que coisa legal e fiquei, fui ficando, minha mãe nem ligava, ah isso é nem nada, só pela antroposofia, na parte espiritualista mas não é religiosa e aí foi, quando eu vim pra cá, não tinha Umbanda, eu falei quer saber, quero tomar um passe uma vez por semana, tipo descarregar, fui pro espiritismo, fiquei no espiritismo 10 anos, quando foi uns três anos atrás, um dia folheando a revista, vi que tinha Umbanda aqui, uma revista brasileira, aí fui adorei, aí voltei pra Umbanda. (Juliana).

Assim, os migrantes representam um grupo, classificados segundo a marcação simultânea da identidade e da diferença, pois quando um sujeito sai de um local emissor e vai para outro local receptor ele carrega consigo tudo o que lhe pertence, ou seja, as características sociais que foram construídas no

seu cotidiano e local de origem, estas conseqüentemente vão diferenciá-lo no local de chegada, levando-o a procurar um local ou a pessoas que se aproximem de sua identidade, como a religião.

Percebe-se que a espacialização do sujeito migrante em outro território não é fácil, pois existe uma disputa entre os migrantes provenientes dos países mais pobres e os povos pertencentes aos países ricos. Os migrantes procuram melhores condições de vida mesmo que esta se estabeleça perante a desigualdade que muitas vezes é menos gritante do que a existente no seu país de origem, ele utiliza a migração como uma forma de sobrevivência para com isso se inserir socialmente.

Neste processo o território tem um papel fundamental, pois revela a dimensão política e simbólica do espaço geográfico. Desta maneira, a geografia auxilia a compreender a territorialização da identidade brasileira no espaço londrino, isto é, evidencia-se, a partir da pesquisa empírica, como que as relações sociais estabelecidas entre as diferentes identidades (pessoas/sujeitos) são concretizadas na cidade de Londres.

A associação da dimensão política que é concreta com a dimensão simbólica que é subjetiva, estabelecidas no espaço geográfico, conjuga a ideia de controle, domínio e apropriação (político/simbólico) do espaço, e isto implica em discuti-lo “enquanto espaço simultaneamente dominado e apropriado, ou seja, sobre o qual se constrói não apenas um controle físico, mas também laços de identidade social” (HAESBAERT, 2006, p. 121).

Então, ao mesmo tempo que “a dominação do espaço por um grupo ou classe traz como consequência um fortalecimento das desigualdades sociais, a apropriação e construção de identidades territoriais resulta num fortalecimento da diferença entre os grupos” (HAESBAERT, 2006, p. 121). E este fortalecimento pode ser positivo ou negativo, pois pode “desencadear tanto uma segregação maior quanto um diálogo mais fecundo e enriquecedor (HAESBAERT, 2006, p. 121) ”.

De acordo com Haesbaert (2006), o território é:

[...] o produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou controle político-econômico do espaço e sua

apropriação simbólica, ora conjugados e mutuamente reforçados, ora desconectados e contraditoriamente articulados. Esta relação varia muito, por exemplo, conforme as classes sociais, os grupos culturais e as escalas geográficas que estivermos analisando. Como no mundo contemporâneo vive-se concomitantemente uma multiplicidade de escalas, numa simultaneidade atroz de eventos, vivenciam-se também, ao mesmo tempo múltiplos territórios. Ora somos requisitados a nos posicionar perante uma determinada territorialidade, ora perante outra, como se nossos marcos de referência e controle espaciais fossem perpassados por múltiplas escalas de poder e de identidade. (HAESBAERT, 2006, p. 121).

Infere-se que o movimento migratório e a pluralização das identidades auxiliam na concretização dos múltiplos territórios ou da multiterritorialidade, justamente porque a espacialidade do processo migratório, ou em outras palavras, a partir das relações sociais estabelecidas a ação de migrar tem origem e fim no território, pois o território é expressão de “relações de domínio e apropriação do espaço estabelecidas” (HAESBAERT, 2004, p. 339).

Raffestin (1993) nos auxilia na compreensão da dominação e apropriação do espaço, pois o território implica na noção de limite, independente da escala. Assim para ele:

[...] Definir, caracterizar, distinguir, classificar, decidir, agir implicam a noção de limite: é preciso delimitar (...). Falar de território é fazer uma referência implícita à noção de limite que, mesmo não sendo traçado, como em geral ocorre, exprime a relação que um grupo mantém com uma porção do espaço. A ação deste grupo gera, de imediato, a delimitação. (RAFFESTIN, 1993, p. 153).

Salienta-se que o território é influenciado pelo meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 1996), e com a convergência dos momentos as possibilidades de ir e vir a qualquer tempo ficaram mais fáceis, assim as redes se fortalecem.

As redes são construídas pelos sujeitos sociais segundo diferentes intenções, como por exemplo, a rede religiosa, a rede científica, a rede migratória, a rede financeira, entre outras. O fortalecimento das redes através da facilidade de comunicação entre elas, ocorre perante uma realidade concreta e técnica.

A técnica, portanto, permite a intensificação do desenvolvimento das redes. A técnica como facilitadora da rede passa a ser um componente primordial no movimento migratório e na constituição dos territórios (HAESBAERT, 2004), visto que, as redes de contato, por exemplo, possuem uma fluidez praticamente instantânea no tempo, facilitando as articulações no movimento migratório. Salientamos que “toda rede é uma imagem do poder ou, mais exatamente, do poder do ou dos atores dominantes (RAFFESTIN, p. 157, 1993).

Enfatizamos, assim, que o território não é estático, ele assume um aspecto “temporal, dinâmico, em rede” (HAESBAERT, 2004, p. 340) e integrador, pois as suas relações de dominação e apropriação do espaço, integradas ou combinadas as suas dimensões (físicas e simbólicas) são ampliadas, permitindo a consolidação de múltiplos territórios, justamente porque não existe mais uma separação em suas dimensões e sim uma junção. Portanto, deve-se entender o território de maneira ampliada desde um nível físico até o nível simbólico, assim a:

[...] “necessidade territorial” ou de controle e apropriação do espaço pode estender-se desde um nível mais físico ou biológico (enquanto seres com necessidades básicas, como água, ar, alimento, abrigo para repousar), até um nível mais imaterial ou simbólico (enquanto seres dotados do poder da representação e da imaginação e que a todo instante re-significam e se apropriam simbolicamente do seu meio), incluindo todas as distinções de classe socioeconômica, gênero, grupo étnico, etnia, religião etc.(HAESBAERT, 2004, p. 340).

Esta integração das dimensões físicas e simbólicas nos permite ter uma visão mais ampliada do território e perceber a multiterritorialidade que segundo Haesbaert (2004) é:

[...] a forma dominante, contemporânea ou “pós-moderna”, da reterritorialização, a que muitos autores, equivocadamente, denominam desterritorialização. Ela é consequência direta da predominância, especialmente no âmbito do chamado capitalismo pós-fordista ou de acumulação flexível, de relações sociais construídas através de territórios-rede, sobrepostos e descontínuos, e não mais de territórios-zona, que marcaram aquilo que podemos denominar modernidade clássica territorial-estatal. O que não quer dizer, em hipótese alguma, que essas

formas mais antigas de território não continuam presentes, formando um amálgama complexo com as novas modalidades de organização territorial. (HAESBAERT, 2004, p. 338).

Destacamos que esta multiplicidade territorial se encontra lado a lado nos diversos territórios, por exemplo, em Londres a diversidade social que se encontra é enorme, então formam-se múltiplos territórios integrados, e muitas vezes, interligados ao espaço Londrino.

As fotografias 39, 40, 41 e 42, da igreja anglicana, da mercearia indiana, da imobiliária, da loja de eletrônicos, do Café Joga Dez, do restaurante português Sabata, do açougue Cuiabano, representam esta multiplicidade territorial de forma concreta.

*Fotografia 39 - Igreja (inglesa) Anglicana na High Street Harlesden – Londres*



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

Fotografia 40 - mercearia indiana, imobiliária, loja de eletrônicos e Café Joga 10 (brasileiro) na High Street Harlesden - Londres



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

Fotografia 41 - Café Joga 10 (brasileiro) e restaurante O Sabata (português) na High Street Harlesden (Londres)



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

Fotografia 42 - Açougue Cuiabano na esquina da High Street Harlesden com a Nightngale Road - Londres



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

Evidenciamos nestas fotografias como acontece no dia-a-dia e de forma concreta a multiplicidade territorial. Observamos que em apenas duas quadras da “High Street Harlesden” existe uma igreja anglicana, que representa a predominância da religião inglesa. Do outro lado da esquina existe uma mercearia indiana, que atende a todos, mas que possui produtos especificamente indianos. Logo em seguida, e na mesma quadra, existem outros estabelecimentos comerciais como a imobiliária, uma loja de produtos eletrônicos e o café Joga 10 (brasileiro). Este café, por sua vez, também atende a todo o público, no entanto, serve especificamente comida brasileira. Já ao lado do café brasileiro há um restaurante português que atende ao público em geral, mas serve especificamente a culinária portuguesa.

Ainda na mesma quadra, mas na esquina posterior ao da igreja e da mercearia indiana encontra-se o açougue cuiabano, que comercializa diversos produtos industrializados brasileiros, entre eles cosméticos e principalmente a carne de boi brasileira e a carne de boi irlandesa. Interessante destacar que a carne inglesa possui um paladar diferente e que a maioria dos brasileiros não se

acostumam a este sabor<sup>74</sup>, por isso procuram pela carne brasileira, porém esta tem um valor elevado, então a carne brasileira acaba sendo substituída pela carne irlandesa que tem um paladar semelhante. Nota-se, nesta mesma fotografia, uma mulher muçulmana passando em frente ao açougue, constatando a presença múltipla de identidades.

Haesbaert (2006, p. 121) nos ajuda a refletir sobre estas fotografias pois, ele diz que “[...] a apropriação e construção de identidades territoriais resulta num fortalecimento das diferenças entre os grupos, o que, por sua vez, pode desencadear tanto uma segregação maior quanto um diálogo mais fecundo e enriquecedor”.

Percebemos, assim, o fortalecimento das diferenças identitárias concretamente nestas duas quadras desta Avenida central no distrito de Harlesden, visto que existem quatro diferentes identidades territoriais, representadas pela igreja (identidade inglesa), pela mercearia (identidade indiana), pelo café (identidade brasileira) e pelo restaurante (identidade portuguesa), são estruturas físicas, porém, também simbólicas que foram criadas para atender especificamente uma cultura, mas acaba atendendo à todas porque elas estão ali no meio de todas, é uma intersecção identitária.

Trata-se de uma intersecção identitária que ocorre e se expressa em território londrino e que aparentemente demonstra o aspecto positivo deste diálogo mais fecundo e enriquecedor, com a presença do sujeito migrante que consegue estabelecer-se economicamente num país que não é o seu.

No entanto, ao mesmo tempo que existe este aspecto positivo, constatamos também a segregação, pois estes grupos identitários encontram-se em uma das áreas mais perigosas de Londres, devido ao alto índice de assassinatos. Este bairro pertence ao distrito (*Borough*) de *Brent*<sup>75</sup> que está na zona três da cidade. Este bairro desde a década de cinquenta, é habitado por migrantes provenientes do Caribe, da Índia e da África e foram estes migrantes que iniciaram as mudanças identitárias desta região.

---

<sup>74</sup> A verdade é que o sabor da carne de boi inglesa é de ranço, de gordura velha, então os açougues que vendem carne para brasileiros sempre tem a carne irlandesa para oferecer, e também comercializam a carne de acordo com o corte da carne brasileira.

<sup>75</sup> Estas informações foram adquiridas através de conversas informais estabelecidas durante a pesquisa empírica. Não há como afirmar quando especificamente ocorreu a chegada da população brasileira e portuguesa nesta área.

A comunidade brasileira chegou nesta área há bem menos tempo que a Caribenha, a indiana e a africana, contudo já é perceptível algumas mudanças identitárias nesta região devido a sua presença. As fotografias utilizadas até então neste capítulo, evidenciam estas mudanças.

Haesbaert (2004, p. 342) pensando nesta multiplicidade territorial diferencia-a em quatro modalidades<sup>76</sup>: Territorializações mais fechadas, Territorializações tradicionais, Territorializações mais flexíveis e Territorializações efetivamente múltiplas.

As Territorializações efetivamente múltiplas são as que nos interessam, segundo a discussão deste trabalho, pois elas são:

[...] resultantes da sobreposição e/ou da combinação particular de controles, funções e simbolizações, como nos territórios pessoais de alguns indivíduos ou grupos mais globalizados que se permitem usufruir do cosmopolitismo multiterritorial das grandes metrópoles. (HAESBAERT, 2004, p. 342).

Sônia, Isadora, Helena, Elaine e Pietra nos auxiliam a compreender como são essas territorializações efetivamente múltiplas, no cotidiano londrino:

Essa vida cultural, essa vida urbana assim cosmopolita, até esse ritmo tresloucado né, as vezes me incomoda, eu não ando de metrô todo dia porque não preciso, já fiz muito também, isso aqui por exemplo eu acho mágico assim, você senta pra tomar um café e as pessoas batendo papo e a vida cultural, e essa possibilidade de conhecer gente do mundo inteiro, e com certeza o lado cultural é muito legal, poder, tendo recurso, poder ver um teatro, estar envolvido nesse lado e andar, ando muito a pé pela cidade porque eu gosto de explorar e Londres permite isso, por exemplo no Brasil isso não dá pra fazer, porque não tem nem o que ver na rua, e a rua não é um lugar muito seguro.

Eu vou ao cinema aqui, vou a teatro, vou a casa de show, sempre nesse esquema de conseguir os ingressos mais barato, mas por exemplo umas duas semanas eu fui ver um show, há um mês atrás fui assistir uma peça de teatro, semana que vem abre o festival de mostra de cine de Londres, gosto muito, procuro ir a algumas sessões, vou com amigas, vou com essa

---

<sup>76</sup> Para compreender as diferentes modalidades de territorializações buscar em sua obra “O Mito da Desterritorialização”, 2004, no capítulo 8, p. 342.

amiga mexicana, com outros amigos que eu tenho aqui também, e coro, coral, eu gosto de muita coisa, eu tento fazer uma boa parte disso, o que der pra fazer gratuitamente é melhor, mas eu faço um esforço para poder ir. (Sonia)

A igreja, cinema, eu gosto de ir na galeria de arte, uma que tem em "Piccadilly" eu gosto de ir, tá do lado do metrô de "Green Park", gosto de ir ali, gosto também, eu gosto de caminhar pelos parques, acho que é bonito, mas no verão, agora tá frio lugar pra ir, são os mesmos, museu, galeria.

Frequento sim, eu procuro ir quando eu não tenho que pagar muito também né, mas assim eu sempre gosto de ver, tem pintores, ou expositores, que tem exposição tudo, eu não posso ir a outro lugar, eu não posso ir a França, mas se tem uma exposição do "Rodin" aqui eu não posso deixar de ir, entendeu, então assim essa é a frequência com que eu vou, artista que eu gostaria de conhecer, que se eu não ver aqui, no Brasil seria mais difícil de eu ver, a não ser que eu esteja em São Paulo, em São Paulo também eu tive a chance de ver muita gente, mas aqui mais do que lá. (Isadora).

Eu estou numa época turistona em Londres, eu vou muito naquele "Time Out" e dou uma olhada no que tem, o que me interessa eu vou, assim agora estou na fase que meu marido quer ir no "CHORHN's", que é aquele negócio do *Albert Hall* acho que é o nome, que ele vai ouvir música clássica, que ele tem essa mania, ele é todo metido com a música clássica, eu até aprendi a gostar, no começo não gostava muito não, e de ir na sala São Paulo de domingo porque não pagava e de domingo tem concertos muito bons e aqui tem uma coisa parecida, que você paga um pouquinho menos, 5 ou 10 *pounds*, você assiste de pé no *Albert Hall*, um lugar super respeitado de música clássica. Então agora começou essa temporada, ele quer comprar todos, ele quer ir em todos, amanhã é um dia que eu já vou começar a ir depois do trabalho direto, é durante a semana, mas ele quer ir de final de semana também. (Helena).

Parques, eu gosto muito de caminhar, minha parceira também. Então o que a gente faz é caminhar, quando a gente sai de casa vai pra *Tower British* e volta, quando a gente tava praticando pro caminho de Santiago a gente fazia isso, tinha que andar 25, 26 km por dia. De vez em quando a gente vai ao cinema, de vez em quando a gente vai para um grupo lésbico que se reúne toda última 3ª feira do mês. Acho que principalmente é isso assim, o pessoal vai em casa comer alguma coisa ou assistir um filme, é mais ou menos isso assim. (Elaine).

Agora estou mais relacionada a família, vou no teatro, meu filho adora teatro, a gente vai muito, cinema, adoro sair pra jantar ou pra comer fora, vou muito pro *Royal Festival Hall* tem muita atividade lá, tem um outro lugar que é onde tem teatro, cinema pra criança, então quando a gente vai passa o dia todo lá, tem

café, tem pipoca, tem tudo, agora tá frio, mas eu adoro ir pra parque no verão, vou muito fazer piquenique em parques. Tem o de *Hampestead Hit*, fica perto da minha casa a gente vai andando, eu vou de vez em quando pra “Richmond”, que tem o prédio da minha amiga que mora lá, então eu vou muito pra lá. Tem um outro parque pequeno perto da minha casa, mas uma delícia sabe, são parques que dá pra ir andando, eu gosto do *Green Park* também, mais durante o verão porque a gente sempre faz umas programações diferentes, pensa em alguma coisa diferente. (Pietra).

Esta modalidade apresentada por Haesbaert (2004) e as “vozes” de Sônia Isadora, Helena, Elaine e Pietra nos ajudam a compreender como o sujeito migrante e sua identidade estão intrinsecamente relacionados com os múltiplos territórios, em uma cidade cosmopolita como Londres.

Além das fotografias da região de *Brent – Willesden Junction* e *High Street Harlesden* e das “vozes” das mulheres, a fotografia 43 também é representativa como um reflexo desse processo, pois também evidencia os múltiplos territórios. A frente encontramos garota brasileira que estava passeando com sua família no *Hyde Park*. Ao fundo, encontramos um grupo de mulheres muçulmanas em uma tarde de domingo no mesmo local.

*Fotografia 43 - Menina brasileira e muçulmanos (ao fundo) no Hyde Park Londres*



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2014

Estes dois grupos distintos estão dividindo o mesmo local, assim como outros grupos que também se encontravam ali. Mas a fotografia 43 nos mostra duas formações identitárias diferenciadas territorialmente (Brasil e Oriente Médio) em sua origem e que estavam usufruindo de um mesmo território físico, também diferente, o londrino. Desta maneira se vê a sobreposição territorial simbólica, em um único território.

Percebemos que apesar dos símbolos aparentes (as vestimentas das mulheres muçulmanas – burca) ou símbolos não propriamente aparentes (a menina brasileira que é identificada porque a pesquisadora a conhecia) no cotidiano destas pessoas, a nítida conformação de três identidades distintas que se materializam em um mesmo território, a brasileira, a muçulmana (oriente médio) e a inglesa.

Pautado nessa discussão teórica de processos de identificação/diferencial social que se dá no território Londrino, evidenciamos em conjunto com as “vozes” das mulheres brasileiras e com as fotografias, como a

identidade brasileira se manifesta neste território. São construções sociais identitárias que imprimem marcas no território londrino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência acadêmica em Londres, sob a supervisão da professora Cathy Macilwaine e o convívio com outros pesquisadores, a participação em seminários e em outras atividades, influenciaram o papel da pesquisa empírica nesse trabalho. Percebemos, com intensidade, que o trabalho empírico tem um peso grande na concepção das pesquisas na Inglaterra, e particularmente no grupo do qual participei. Com respeito a este ponto é notável a diferença entre os ingleses e os brasileiros.

Contudo, cabe ressaltar que a construção desse estudo reflete não somente a nossa condição como pesquisadora, mas a nossa condição enquanto mulher, mãe, migrante, participante na produção e reprodução do espaço. Mais notadamente, no percurso de estudo realizado durante os quatro anos de doutorado: as disciplinas cursadas, as leituras, a mudança de país, o retorno, o desenvolvimento intelectual - um processo carregado de aprendizados múltiplos, de teorias, de metodologias, mas, principalmente, dos sujeitos migrantes, mulheres brasileiras em Londres.

Deste modo, parte fundamental do tempo de nossa pesquisa ocupou-se com o levantamento dos dados tanto quantitativos como qualitativos, incluindo a discussão metodológica e preparação da coleta dos dados, a coleta propriamente dita e depois as transcrições e análises. Nem todos os dados levantados foram utilizados na pesquisa, uma vez que os focos e refinamentos da análise se dão ao longo do trabalho. Estes dados, no entanto, serão úteis para futuras pesquisas.

De modo geral, as informações oficiais e/ou fruto de pesquisas acadêmicas sobre a comunidade de brasileiros em Londres ainda são restritas. O foco nas mulheres e na questão do trabalho em nossa pesquisa, produziu categorias que jamais foram objeto dos levantamentos anteriores. Nossos dados, são inéditos neste sentido, e constituem parte da contribuição desta pesquisa.

Destacamos a importância do trabalho de Evans (2010) e do Grupo de Estudos de Brasileiros em Londres – GEB (2011), na realização do levantamento de dados a respeito da comunidade brasileira. Estas fontes foram fundamentais

nas análises que apresentamos aqui, pois foram a única base de comparação para os nossos dados. Destacamos ainda que o GEB, além de apoiar e desenvolver pesquisas, representa o fortalecimento da identidade brasileira politicamente, pois se articula com o governo brasileiro em projetos que contribuem para o desenvolvimento de políticas públicas de inclusão da comunidade Brasileira junto à sociedade inglesa.

Os dados indicam que o fluxo de saída das mulheres participantes da nossa pesquisa começa a crescer a partir do ano 2000, e volta a diminuir no ano de 2008. É possível conjecturar associações destas datas com transformações econômicas no Brasil ou no cenário internacional, como, por exemplo, a crise de 2008.

Podemos considerar que, de modo geral, nossa pesquisa avaliou mulheres que se estabilizaram em Londres. Mais de 20% de nossa amostra já está em Londres há mais de 10 anos, e mais de 50% há mais de 6 anos. A maioria das mulheres encontram-se na faixa etária de 30 a 40 anos. E o gráfico 41 mostrou que o número de solteiras cai drasticamente quando comparada à situação de saída do Brasil com a situação atual, enquanto que o número de casadas aumenta também consideravelmente. Mais de 50% delas tem filhos. Os gráficos 32 a 36 apontaram claramente que, com o passar dos anos há uma melhora na condição salarial destas mulheres. Mas qual foi o percurso que fizeram para se estabilizar?

O gráfico 25 destacou que quase 60% das mulheres entraram no Reino Unido com passaporte de Turista ou Estudante, no entanto, menos de 20% continuavam com este Visto no momento que responderam aos questionários. Tradicionalmente, os Vistos de Turista e Estudante eram considerados a porta de entrada para o Reino Unido, tanto que este fenômeno forçou mudanças nas leis de migração da Inglaterra, que foram pouco a pouco tornando mais rígido o controle da entrada, primeiro de turistas e posteriormente de estudantes.

Atualmente, com o aumento do fluxo migratório interno na Europa, a Inglaterra impõe controles no mercado de trabalho de imigrantes que atingem diretamente estes tipos de Vistos. Ao contrário de alguns anos atrás, atualmente a pessoa que tem o visto de estudante não tem mais o direito de trabalhar *part time*. O estudante é agora entendido como alguém que irá trazer recursos para

consumir na Inglaterra. Ao mesmo tempo, esta situação acaba ampliando a informalidade.

É bastante provável que parte significativa destas mulheres que entraram no Reino Unido com passaporte de turista ou estudante já vislumbravam previamente a possibilidade de se instalar por lá. Se este é o caso, estamos diante de uma migração em busca por condições melhores de vida. É frequente em Londres o caso de brasileiros que foram a Itália conseguir o visto por descendência, para então estabelecer-se em Londres. 27,6% das participantes de nossa pesquisa foram à Itália antes de chegarem a Londres, e praticamente a mesma porcentagem delas possui visto italiano.

A conclusão é que estamos diante de um conjunto de mulheres que de fato conseguiram se estabilizar, pelo menos no que diz respeito às condições econômicas, em um outro país. Mas podemos nos referir à uma melhora de vida?

É mais difícil inferir categoricamente sobre esta questão, justamente porque nossas entrevistadas não eram, em geral, mulheres que viviam em péssimas condições no Brasil. Uma parcela mínima de cerca de 1% era desempregada. Cerca de 50% tinham carteira assinada no Brasil, pelo menos nos últimos três anos antes da saída. Contudo, a resposta “sim” é bem mais provável. 40% (aproximadamente) delas declararam receber de 1 a 3 salários mínimos na época em que deixaram o Brasil. Estas certamente encontraram condições econômicas melhores em Londres. E talvez podemos juntar a esse número os 16% que declararam receber no Brasil, na época em que deixaram o país, de 3 a 6 salários mínimos. Mas é importante destacar também que uma parcela significativa, de 17%, ainda que recebendo 6 ou mais salários mínimos no Brasil, acabou por deixar o país natal.

Se diante de todos os dados, apresentados na pesquisa, pensarmos nas relações entre a economia do mercado de trabalho e a identidade destas brasileiras, sugerimos que em geral as mulheres brasileiras de nossa pesquisa, ao migrarem e se estabelecerem em Londres, alcançaram uma condição de vida bastante razoável. Elas encontram-se, em sua grande maioria, na classe média inglesa ou *working class*. E nesta faixa econômica competem com outros imigrantes e com os próprios ingleses e, de certa forma, misturam-se entre eles. No entanto, sugerimos certo limite de crescimento econômico, o qual raramente

é transposto por essas mulheres. Esse limite estaria bem representado na fala da Sônia:

Porque é essa história e até hoje tem de ser mais precarizado né? [...] então você tem esses contratos por tempo de trabalho, assistente de pesquisa, associado em pesquisa entendeu, e aí termina o contrato e você tá por conta própria, quer dizer, aí idealmente você já teria escrito alguns artigos pra publicar, pra começar a carreira acadêmica e foi isso que eu fiz, até com meus colegas, na verdade não foi tão fácil, não tem sido fácil, ou eu meio que fiquei pra trás, agora eu fiquei bastante pra trás, porque tô sozinha, tô fazendo outras coisas, mas assim eu acho que uma dificuldade grande talvez aí, foi de competir com gente muito mais jovem vindo de Oxford e Cambridge... Então, por exemplo, aqui no departamento de geografia, várias vagas aconteceram ao longo de todo esse tempo que eu tô aí, já tem 10 anos, tem um link, tem esse elo institucional que é esse de Visitor Resort e eu tentei montar, montei alguns projetos que não foram pra frente, não receberam verba, que é normal, que pode acontecer, normal, mas assim, tipo, as vagas que surgiram, também me candidatei pra duas ou três, também não foram a lugar nenhum... Aí eu vi que quem tinha ganho eram cinco jovens de 25, 27 anos, que tinham feito a graduação ou em Oxford e Cambridge, no departamento de geografia, a maior parte vem daí, muito difícil competir nesse nível e agora já ficou claríssimo pra mim, eu conheço brasileiros que estão bem, mais são poucos dentro das universidades.

Ainda com respeito à identificação da comunidade brasileira em Londres, nossos dados mostraram que a principal cidade emissora de migrantes internacionais no Brasil é a capital paulista. Portanto, podemos sugerir a tendência de um processo migratório de capital (estadual) para capital (nacional), lembrando que ambas são metrópoles globais. São Paulo, por exemplo, em termos econômicos, financeiros é uma metrópole global como Londres, no entanto, apresentam diferentes níveis de sofisticação.

Com relação à espacialização das migrantes brasileiras em Londres, tanto os dados de Evans (2010) e Evans, et al (2011), como os nossos, indicam a concentração da comunidade brasileira em algumas localidades. Identificar esses locais pode ser um facilitador do desenvolvimento de políticas públicas específicas para essa população migrante.

Revelamos por meio das fotografias expostas nessa pesquisa, a manifestação dos processos de identificação/diferenciação sócio territorial, e com isso a formação dos “enclaves étnicos”, que para Hall (2011, p. 83), “é a manifestação de uma pluralização de culturas nacionais e identidades nacionais”, que constamos existir e ocorrer no interior do território londrino.

As regiões conhecidas como *Brent*, de *Hackney* e de *Southwark* nos remetem aos enclaves étnicos, locais em que ocorrem a manifestação da identidade brasileira, através dos diferentes estabelecimentos comerciais e da própria população que ali reside. No entanto, nestes locais existem outras manifestações identitárias, diferentes da brasileira, que também se apropriam deste espaço e se manifestam territorialmente, formando os múltiplos territórios (em aproximação a HAESBAERT, 2004) que se constituem em espaços “estrangeiros-nacionais” dentro de outro nacional. Como vimos, identificar-se enquanto brasileiro, além de reafirmar a identidade, pode promover a negação do outro.

A afirmação identitária também ocorre na perspectiva religiosa. Evidenciamos nas entrevistas o papel centralizador e de socialização que a religião tem na vida de mulheres brasileiras. Vários grupos de socialização se formaram pela presença de igrejas direcionadas especificamente para atender o público brasileiro, inclusive com padres e pastores do Brasil.

Um outro dado quantitativo que corrobora muito sobre a identidade e diferenciação, é o número de casamentos entre brasileiros. Embora a grande maioria das mulheres tenha migrado solteira, vindo a se casar em Londres, praticamente 50% casaram com brasileiros, enquanto 25,2% casaram com Ingleses e 13,7% casaram com portugueses.

Consideramos que os processos de identificação/diferenciação social são dinâmicos, pois são moldados e remodelados ao longo do tempo e vão assumindo dimensões territoriais múltiplas, entendemos que esta dimensão abarca: estruturas urbanas, que demarcam onde e como os sujeitos vivem; estruturas sociais, definidas pelas pessoas; estruturas políticas, bens e serviços com a qual o sujeito se relaciona; estruturas culturais, representadas por elementos como a religião, o idioma, a culinária, entre outros; e estruturas

econômicas, representadas pela capacidade da inserção ou não do sujeito no mercado de trabalho.

A concentração de brasileiros em pontos específicos de Londres possibilitou compreender as formas de apropriação do espaço e construção de marcas identitárias que constroem e imprimem o território em toda sua complexidade, desde sua dimensão física, urbana, mas também nas relações sociais, nos hábitos, na cultura, nas relações econômicas. Se estas marcas os identificam, essa identificação os diferencia dos ingleses, ou de modo mais geral, dos não-brasileiros em Londres. Mas, tão pouco, podemos nos referir a eles como brasileiros, porque já se tornaram “brasileiros de Londres”. E ao se identificarem com Londres, de alguma maneira se diferenciam dos brasileiros. Este é o processo de identificação/diferenciação identitária, no sentido relacional, de alteridade. O território se faz nesta diferenciação/identificação e deste modo dá um caráter movediço para os limites (fronteiras). Não há limites a rigor. Ora, os brasileiros de Londres com cidadania inglesa vivem no interior das fronteiras Inglesas, mas ao identificarem-se com outros brasileiros, estando neste interior, estão ao mesmo tempo fora. Do mesmo modo, ao identificarem-se com brasileiros criam novas fronteiras, o lugar da comunidade brasileira, o bairro, os restaurantes, os comércios, ainda que não sejam fronteiras oficiais, mas não menos reais.

Nossa metodologia quanti/qualitativa revelou tensões em formas de análises que parecem ser fundamentais à geografia e aos estudos de migração. Se, de um lado, os dados quantitativos revelaram tendências globais, por outro lado as entrevistas revelaram os cotidianos dos sujeitos que migram. Uma tensão de polos de análises talvez não excludentes, mas complementares, ainda que revelem contradições.

A participação estável das mulheres na economia do trabalho e na sociedade inglesa, sugerida por nossos dados quantitativos, indica uma pertença destas mulheres à classe-que-vive-do-trabalho (ANTUNES, 1999). As entrevistas semiestruturadas nos levavam ao entendimento de como a reestruturação produtiva do capital perpassa o modo de vida do sujeito, transformando sua vida na dimensão cotidiana por meio dos fatos e das ações que ocorrem no diário viver.

As entrevistas nos sugerem também uma dupla exploração, pelo capital, da força-de-trabalho feminino. As entrevistadas evidenciaram como conciliar o espaço reprodutivo com o espaço produtivo, e nesse aspecto chamamos atenção para as mulheres casadas, que precisam cuidar dos filhos, da casa, do marido (machismos esta presente nesse aspecto). Percebemos que muitas dessas migrantes acabam caindo no mercado informal do trabalho e passam a atender principalmente a população brasileira, fazendo bolos, salgadinhos, sendo manicure, depiladora, cabelereira, fotógrafa, maquiadora, ou seja, desenvolvendo atividades que são conciliados com os trabalhos do lar.

Pesquisar o movimento migratório internacional de mulheres brasileiras para Londres nos levou a conhecer um pouco mais sobre a realidade feminina em espaços de migração intensa; apreender como são impressas marcas identitárias no território; compreender o papel fundamental que a mulher migrante assume na atualidade no mercado de trabalho; e como que a migração internacional de uma forma ou de outra se incorpora na reestruturação produtiva.

A partir das motivações apresentadas pelas mulheres, inferimos que a ideia de migração precisa ser recontextualizada (BAENINGER, 2013) e o sujeito migrante deve ser pensado em sua produção e reprodução social e espacial. Por esse ângulo, apresentamos a importância da nossa pesquisa, ao analisar como é a construção da mulher brasileira, migrante, nas relações de trabalho em Londres.

Será que a dimensão do trabalho, nesse contexto de reestruturação produtiva, desemprego estrutural, desregulamentação do mercado, perdeu parte de sua centralidade no movimento migratório internacional? Não que ela desapareça, ela existe e influencia o movimento, mas será que o consumo também não está assumindo uma das centralidades do movimento? Essas são questões que outras e novas pesquisas podem se debruçar.

## REFERÊNCIAS

ALVES, G. Trabalho e subjetividade: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório. São Paulo: Boitempo, 2011.

ANTUNES, R. Adeus ao trabalho: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 7. Ed. Ver. ampl. – São Paulo: Cortez: Campinas, editora da Universidade Estadual de Campinas, 2000.

ANTUNES, R. O Caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.

ANTUNES, R. Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

ANTUNES, R. (org.) Riqueza e miséria do trabalho no Brasil III. São Paulo: Boitempo, 2014.

ALTHUSSER, L. Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado. Rio de Janeiro: Graal, 1985, 2v.

ASARI, A. Y. Um novo mundo (re)fundado. Imigrantes japoneses no norte paranaense. In: Geografia e migração: movimentos, territórios e territorialidades. p.201-213. 1º ed. São Paulo, SP. Expressão Popular: 2010.

BAENINGER, R. Notas acerca das migrações internacionais no século. In: BAENINGER, R. (Org.). Migração internacional. Campinas: Núcleo de Estudos de População, Nepo/Unicamp: 2013, p. 09-23.

BAXTER, J. Case Studies in Qualitative Research. In: HAY, I (Org.). Qualitative Research Methods in Human Geography. Canadá: Oxford University Press, 2010, pp. 81-98.

BBC. Turquia teme 'centenas de milhares' de refugiados e fecha entradas pela Síria. Obtido via internet:

[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/09/140922\\_turquia\\_refugiados\\_frenteira\\_rb](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/09/140922_turquia_refugiados_frenteira_rb), 2014.

BBC. Os países que mais recebem refugiados sírios. Obtido via internet:

[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150910\\_vizinhos\\_refugiados\\_uk](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150910_vizinhos_refugiados_uk), 2015.

BEAUJEU-GARNIER, J. Geografia de população. São Paulo: Ed. Nacional, 1971.

BECKER, O. M. S. Mobilidade Espacial da População: conceitos, tipologia, contextos. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. Explorações Geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997, pp. 319-367.

BHABHA, H. K. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BIERNACKI, P.; WALDORF, D. Snowball Sampling: Problems and Techniques of Chain Referral Sampling. Sociological Methods & Research, Sage Publications, v. 10, n. 2, pp. 141-163, nov/1981.

BOMTEMPO, D.C. e SPOSITO, E.S Lugar, sonhos e migração: uma leitura dos movimentos migratórios entre Japão e Brasil. In: SPOSITO, E. S.; BOMTEMPO, D. C.; SOUZA, A. A. de (Orgs.). Geografia e migração: movimentos, territórios e territorialidades. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 15-36.

BONNERJEE, J. et al. (Orgs.). Connected Communities: Diaspora and Transnationality. Londres: Queen Mary University Of London, 2012. 81 p.

BOROUGH OF LONDON. Disponível em: [www.gov.uk/node/londoncouncils1938](http://www.gov.uk/node/londoncouncils1938). Acesso: Janeiro 2016.

BLUNT, A., Domicile and Diaspora- Anglo-Indian women and the spatial politics of home. Oxford: Blackwell, 2005, 288p.

BLUNT, A. Cultural geographies of migration: mobility, transnationality and Diaspora. Progress in Human Geography, n. 31(5), pp. 1-11, 2007.

BLUNT, A. et al. South Asian cities and diasporas. South Asian Diaspora, n. 4(1), pp. 1-4, 2012.

BRADSHAW, M.; STRATFORD, E. Qualitative Research Design and Rigour. In: HAY, I (Org.). Qualitative Research Methods in Human Geography. Canadá: Oxford University Press, 2010, pp. 69-80.

BRIGHTWELL, G. Saboreando o Brasil em Londres: comida, imigração e identidade. Travessia – Revista do Migrante, São Paulo, ano XXIII, n. 66, pp. 21-32, jan/jun 2010.

CAMPOS, M. B. Estimativas de migração internacional no Brasil: os velhos e os novos desafios. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Reflexões sobre os Deslocamentos Populacionais no Brasil. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/reflexoes\\_deslocamentos/default\\_reflexoes.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/reflexoes_deslocamentos/default_reflexoes.shtm). Acesso em: Setembro/ 2015.

CANCLINI, N. G. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 4 ed. São Paulo: EdUSP, 2003.

CARLOS, A. F. A. A condição espacial. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

CARNEIRO, R. Desenvolvimento em crise: A economia brasileira no último quarto do século XX. São Paulo: editora UNESP, IE - Unicamp, 2002.

CASTLES, S. International migration at the beginning of the twenty-first century: global trends and issues. *International Social Science Journal*, v. 52, Issue 165,

CASTLES, S. & MILLER, M.J. The age of migration. *International population movements in the modern world*. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

CENSO INGLÊS. Disponível em: <<http://files.datapress.io/london/dataset/2011-census-demography/2011-census-first-results.pdf>>. Acesso: 4/ janeiro/2015.

CONSULADO GERAL DO BRASIL. Disponível em: <http://cglondres.itamaraty.gov.br/pt-br/>. Acesso em Janeiro /2014, março/2014, maio/2014, junho/2014, janeiro/2015, fevereiro/2015.

COUNCIL OF LONDON. Disponível em: <[www.gov.uk/understand-how-your-council-works/types-of-council](http://www.gov.uk/understand-how-your-council-works/types-of-council)> Acesso: Janeiro, 2016.

CONVENÇÃO RELATIVA AO ESTATUTO DOS REFUGIADOS. Série Tratados da ONU, Nº 2545, Vol. 189, p. 137. DISPONÍVEL EM: <[http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao\\_relativa\\_ao\\_Estatuto\\_dos\\_Refugiados.pdf?view=1](http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf?view=1)>. Acesso: Jan./2016.

CLIFFORD, J. Travelling Cultures. In: GROSSBERG, L.; NELSON, C.; P. TREICHLER, P. (Orgs.). *Cultural Studies*, New York: Routledge, 1992, p. 96-116.

DIAS, G T. Casa de brasileiros em Londres: a importância da casa para os imigrantes brasileiros. In: *Travessia – Revista do migrante*, nº 66, janeiro-junho/2010.

ENGELS, F. A situação da classe trabalhadora na Inglaterra. São Paulo: Boitempo, 2010.

EVANS, Y. et al. Por uma vida melhor: brasileiras e brasileiros em Londres (2010). Reino Unido: Grupo de Estudos sobre Brasileiros em Londres - GEB, março de 2011.

EVANS, Y. Brasileiros em Londres: um perfil socioeconômico. *Travessia - Revista do Migrante*, São Paulo, n. 66, p. 9-20, jan/ 2010.

FORTIER, A.M. Making home: queer migrations and motions of attachment. In: AHMED, S.; et al. (Orgs.). *Uprootings/ regroundings: questions of home and migration*. Oxford: Berg, 2003.

GAUDEMAR, J.-P. *Mobilidade do Trabalho e Acumulação do Capital*. Editora: Estampa, 1977.

GEORGE, P. As migrações internacionais. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1977.

GEORGE, P. Geografia da população. São Paulo: Difel, 1973.

GIDDENS, A. Modernidade e Identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOETTERT, J. D. Paradoxos do lugar mundo: brasileiros e identidades. In: SPOSITO, E. S.; BOMTEMPO, D. C.; SOUZA, A. A. de (Orgs.). Geografia e migração: movimentos, territórios e territorialidades. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 15-36.

GOETTERT, J. D. O espaço e o vento: olhares da migração gaúcha para Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou. Dourados-MS: EdUFGD, 2008a.

GOETTERT, J. D. Análise da relação entre mobilidade da força de trabalho e afirmação/negação identitária no discurso de trabalhadores de Ponta Porã (MS – Brasil) em Pedro Juan Caballero (Amambay – Paraguai). (Projeto de Pesquisa) Dourados: UFGD; CNPq, 2008b.

GOV.UK. Disponível: <<https://www.gov.uk/government/publications/guidance-on-applying-for-uk-visa-approved-english-language-tests>> Acesso: Janeiro 2015.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades. In: ARAÚJO, F. G. B.; HAESBAERT, R.(orgs.). Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro: Access, 2007, p. 33-56.

HAESBAERT, R. Territórios alternativos. 2ª. Reimpressão, São Paulo: Contexto, 2015.

HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização: Do “fim dos territórios” à multiculturalidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, R. [et al.] Identidades e território: Questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro: Access, 2007.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: ROSENDHAL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs.). Manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 169-190.

HAESBAERT, R. Regional-global:dilemas da região e da regionalização na Geografia contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HAESBAERT, R. Da desterritorialização à multiterritorialidade. Anais do IX Encontro Nacional da ANPUR. Vol. 3. Rio de Janeiro: ANPUR, 2001a.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: EdUFMG, 2003.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.

HALL, S. Identidade cultural na pós-modernidade. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALL, S. Quem precisa da identidade? A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 103-130.

HALL, S. 'New Ethnicities'. In: DONALD, J.; RATTANSI, A. (Orgs.). Race, Culture and Difference. London: Sage, 1992, p. 252- 259.

HARVEY, D. Condição Pós-Moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

HEIDEMANN, H. D. Os migrantes e a crise da sociedade do trabalho: humilhação secundária, resistência e emancipação. In: MIGRANTES, Serviço Pastoral Dos et al. Migrações: Discriminação e alternativas. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, p. 25-39, 2003.

HEIDEMANN, H. D. O Migrante da Racionalização Global. In: MIGRANTES, Serviço Pastoral Dos et al. O fenômeno migratório no limiar do terceiro milênio. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, p. 15-18, 1998.

KALRA, V.S.; KAUR, R.; HUTNYK, J. Diaspora and hybridity. London: Sage, 2005.

KEMPADOO, K. Mudando o debate sobre o tráfico de mulheres. Revista Cadernos Pagu, n. 25, p. 55-78, 2005.

KING, R. Theories and typologies of migration: an overview and primer. Willy Brandt Series of Working Papers in International Migration and Ethnic Relations. Sweden: Malmö Institute for Studies of Migration, Diversity and Welfare (MIM) and Malmö University. 2012.

LONDON TRANSPORT. Disponível em: <<https://tfl.gov.uk/fares-and-payments>> Acesso em: janeiro, 2016.

LONDON TRANSPORT. Disponível em: <https://tfl.gov.uk/maps>. Acesso em: Janeiro, 2016.

LONDONTOWN. Disponível em: <[http://www.londontown.com/LondonInformation/Attraction/Oxford\\_Street/892f/](http://www.londontown.com/LondonInformation/Attraction/Oxford_Street/892f/)> Acesso em: 06 de janeiro de 2016.

LONGHURST, R. Semi-structured interviews and Focus Groups. In: CLIFFORD, N.; FRENCH, S.; VALENTINE, G. Key methods in Geography. London: Sage, 2013.

MARANDOLA JR., E.; GALLO, P. M. D. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. Revista Brasileira de Estudos Populacionais, v. 27, n. 2, p. 407-424, jul./dez. 2010.

MARINUCCI, R. Feminização das migrações Revista Interdisciplinar da mobilidade Humana - REMHU v. 15, n. 29, 2007.

MARGOLIS, M. Little Brazil. New Jersey: Princeton University Press, 1994.

MARTES, A. C. Brasileiros nos estados Unidos: um estudo sobre os imigrantes em Massachussetts. São Paulo:Paz e Terra, 2000.

MARTINE, G. A globalização inacabada. Migrações internacionais e pobreza no século XXI. In: MIGRANTES, Serviço Pastoral Dos et al. Travessias na Desordem Global. Fórum Social das migrações. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção Mundo Possível).

MARTINS, J. S. O problema das migrações no limiar do terceiro milênio. In: MIGRANTES, Serviço Pastoral Dos et al. O fenômeno migratório no limiar do terceiro milênio: Desafios Pastorais. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, p. 19-34, 1998.

MARTINS, J. S. Não há terra para plantar neste verão: o cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

MARX, K. Trabalho assalariado e capital & salário, preço e lucro. São Paulo: Expressão popular, 2006.

MASSEY, D. Imaginando a globalização: geometrias de poder de tempo-espaço. Revista Expressões Geográficas. Florianópolis: n. 3, p. 142-155, 2007.

MCILWAINE, C. International Migration. In: COOPER, C; MICHIE, J. (Orgs.). Understanding All Our Futures: Why Social Sciences Matter. Palgrave: Basingstoke, 2013.

MCILWAINE, C. Constructing transnational social spaces among Latin American migrants. London: Cambridge Journal of Regions, Economy and Society (Special Issue: Shifting Contours of Migration), Europe: perspectives from the UK, p. 1-15, 2011a.

MCILWAINE, C. Super –diversity, multiculturalism and integration: overview of the Latin American population in London, UK. In: MCILWAINE, C. (Org.) Cross-

Border migration among Latin Americans: European perspectives and beyond. New York: Palgrave Macmillan, 2011b.

MÉSZÁROS, I. Para além do capital: rumo a uma teoria da transição 1.ed. revista. São Paulo: Boitempo, 2002. (Mundo do trabalho).

MIGRANTE, Serviço Pastoral do. Deslocamento forçado no mundo é o maior dos últimos 18 anos. Disponível em: <http://spmigrantes.wordpress.com>. Acesso em: 25 de junho de 2013.

MIGRATION OBSERVATORY at the University of London. Global International Migrant Stock – The UK in International Comparison, 2014. Disponível em: <[www.migrationobservatory.ox.ac.uk/briefings/global-international-migrant-stock-uk-international-comparison](http://www.migrationobservatory.ox.ac.uk/briefings/global-international-migrant-stock-uk-international-comparison)> Acesso em: outubro de 2014.

MITCHELL, K. Cultural geographies of transnationality. ANDERSON, K. et (Orgs.). London: Sage, Handbook of Cultural Geography, p. 74-87, 2003. MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES - MRE (Brasília). [2009]. Brasileiros no mundo: estimativas 2008, 2009, 2011 e 2012. Disponível em: <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades>. Acesso em: Janeiro/2015.

NATIONAL ARCHIVES – [2013]. <<http://files.datapress.io/london/dataset/2011-census-demography/2011-census-first-results.pdf>>. Acesso: 04/Janeiro/2015.

NETTO, J. P. Introdução ao método da teoria social. In: SERVIÇO SOCIAL. Direitos sociais e competências profissionais. Brasília: CFEES/ABEPSS, 2009.

OLIVEIRA, A. C. Japoneses no Brasil ou Brasileiros no Japão: A trajetória de uma identidade em um contexto migratório. 1997. 207 f. Dissertação (mestrado) - Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

OYSTER CARD. Disponível em: <https://tfl.gov.uk/fares-and-payments/oyster?intcmp=1683>. Acesso em: Janeiro, 2016.

PAPASTERGIADIS, N. The turbulence of migration. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2000.

PATARRA, N. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. Revista Estudos Avançados, São Paulo, v. 20, n. 57, 2006.

POVOA NETO, H. Apresentação. Travessia - Revista do Migrante, São Paulo, n. 66, p. 5-6, jan. 2010.

POVOA NETO, H.; FERREIRA, A. P.(Orgs.). Cruzando Fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revan, 2005. 424 p.

POULANTZAS, N. O Estado, o poder, o socialismo. 4ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

PUWAR, N.; RAGHURAM, P. South Asian women in Diaspora. Oxford: Berg, 2003.

RAFFESTIN, C. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993.

RANIERI, J. Trabalho e dialéctica: Hegel, Marx e a teoria social do devir. São Paulo: Boitempo, 2011.

REIS, R. R.; SALES, T. (Orgs.) Cenas do Brasil Migrante. São Paulo: Boitempo, 1999.

REZENDE, B. C. Ver-se nos olhos do outro: gênero, raça e identidade. Travessia – Revista do Migrante, São Paulo, ano XXIII, n. 66, p. 65-76, jan/jun 2010.

ROSSINI, R. E. Identidade e paisagem: o enraizamento dos decasségus do Brasil no Japão. In: SPOSITO, E. S.; BOMTEMPO, D. C.; SOUZA, A. A. de (Orgs.). Geografia e migração: movimentos, territórios e territorialidades. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 217-234.

RUTTERFORD, C. Research Design. In: SEALE, C. Researching Society and culture. London: Sage, 2011, p. 118-133.

SAFRAN, W. Diasporas in modern societies: myths of homeland and return. Diaspora: A Journal of Transnational Studies, Toronto, v. 1, n. 1, p. 83-99, 1991.

SALES, T. Brasileiros longe de casa. São Paulo: Cortez, 1999.

SALES, T. Brasil-Massachusetts: cenas de um processo migratório. In: MIGRANTES, Serviço Pastoral Dos et al. O fenômeno migratório no limiar do terceiro milênio: desafios pastorais. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 55-67.

SASSEN, S. The mobility of labor and capital - A study in international investment and labor flow. Cambridge University, 1988.

SANTOS, M. A natureza do espaço. Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. Técnica, espaço, tempo. Globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo, Hucitec, 1994.

SAYAD, A. A imigração e os paradoxos da alteridade. São Paulo: EdUSP, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 73-102.

SHERINGHAM, Olivia. 2009. "Ethnic Identity and Integration among Brazilians in Gort, Ireland" in *Irish Migration Studies in Latin America*, 7(1): 93-104. Available on [www.irlandeses.org/0903sheringham.htm](http://www.irlandeses.org/0903sheringham.htm).

SHERINGHAM, Olivia. 2011. 'Faith across borders: religion in the everyday lives of Brazilians in London and 'back home' in McIlwaine, C. (ed.) *Cross-Border Migration among Latin Americans: European Perspectives and Beyond*. New York: Palgrave Macmillan.

SHERINGHAM, Olivia. 2010. "A Transnational Space? Transnational practices, place-based identity and the making of "home" among Brazilians in Gort, Ireland" in *Portuguese Studies*, 26(1): 60-78.

SOUZA, A. (in press) 'Pentecostal and Catholic migrant churches in London – the role of ideologies in the language planning of faith lessons' [with Amoafi Kwapong and Malgorzata Woodham] in *Current Issues in Language Planning*, 13(2), June 2012.

SOUZA, A. O Papel da Família e de Organizações Cívicas no Ensino de Português para Crianças (Anglo)Brasileiras' [The Role of Families and Community Organizations in the Teaching of Portuguese to (Anglo)Brazilian Children] in *Travessia*, 66: 55-64, 2010.

SOUZA, A. Migrant Languages in a Multi-Ethnic Scenario: Brazilian Portuguese in London in *Portuguese Studies*, vol 26, number 1, pp. 79-93, 2010.

SOUZA, A. Language choice and identity negotiations in a Brazilian Portuguese community school in Lytra, V. & Martin, P. (eds) *Sites of Multilingualism: Complementary Schools in Britain Today*, London: Trentham, pp.97-107, 2010.

SOUZA, A. How Linguistic and Cultural Identities Are Affected by Migration. In *Language Issues*, London: NATECLA, 19(1): 36-42, 2008.

SOUZA, A. Language and Identity in a Community Language School' in *Community Languages Bulletin*, issue 20, London: CILT, p. 6, 2007.

SOUZA, A. Language and Identity in Brazilian Portuguese Schools <http://www.multiverse.ac.uk/attachments/4512edad-4a33-4cf7-9186-a749a9a87857.pdf>, 2005.

SOUZA, A. Children See Language as a Feature of their Ethnicity. <http://www.naldic.org.uk/docs/BRB5.doc>, 2003.

SPICER, N. Combining qualitative and quantitative methods. In: SEALE, C. *Researching Society and culture*. Londres: Sage, 2011. 479-494.

SPOSITO, E.; BOMTEMPO, D. C.; SOUZA, A. A. de (orgs.). Geografia e migração: movimentos, territórios e territorialidades. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

ONU. Número de refugiados sírios bate novo recorde e chega a 4 milhões, alerta ACNUR. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/numero-de-refugiados-sirios-bate-novo-recorde-e-chega-a-4-milhoes-alerta-acnur/>. Acesso em agosto/2015.

THE TELEGRAPH JOURNAL. Disponível em:  
<<http://www.telegraph.co.uk/education/educationnews/11761250/More-than-300-different-languages-spoken-in-British-schools-report-says.html>.>  
Acesso em: 05/janeiro/2015.

VAINER, C. B. Reflexões sobre o poder de mobilizar e imobilizar na contemporaneidade. In: PÓVOA NETO, H.; FERREIRA, A. P.; Cruzando Fronteiras Disciplinares: um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revan, 2005, p. 251-274.

VALE, A. L. F.; SOUZA, J. G. Articulação em redes produzindo territórios. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, v. 01, 2008, Caxambu. Anais As desigualdades Sociodemográficas e os Direitos Humanos no Brasil. Campinas: UNICAMP, 2008.

VALENTINI, L. D. Apresentação. In: MIGRANTES, Serviço Pastoral Dos et al. Travessias na Desordem Global. Fórum Social das Migrações. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção Mundo Possível).

VERTOVEC, S.; COHEN, R. Migration, diasporas and transnationalism. Cheltenham : Edward Elgar, 1999.

VIRILLO, P. Os motores da história in: Tecnociencia e cultura: ensaios sobre o tempo presente. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

WEO, FMI. Crise econômica global e o aumento da taxa de desemprego, 2014. Disponível: <<http://brasildebate.com.br/crise-economica-global-e-o-aumento-da-taxa-de-desemprego/>>. Acesso: outubro de 2014.

WOODWARD, K. Identidade E diferença: uma introdução teórica e conceitual In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 07-72.

WINCHESTER, H. P.M.; ROFE, M.W. Qualitative Research and Its Place in Human Geography. In: HAY, I. (Org.). Qualitative Research Methods in Human Geography. Canadá: Oxford University Press, 2010, p. 3-24.

ZLOTNIK, H. The global dimensions of female migration. Migration Information Source, 2003. Disponível em: <http://www.migrationinformation.org/Feature/display.cfm?ID=109>. Acesso em: 09/fevereiro/2016.

## **APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA UTILIZADO NA PESQUISA**

Programa de entrevista: Identidade no local de trabalho e mobilidade ocupacional entre as mulheres.

**Nome da pessoa entrevistada:**

Idade:

Nacionalidade:

Ocupação:

Estado imigratório:

Data da entrevista:

Lugar da entrevista:

---

**Vida no Brasil**

Você poderia me dizer alguma coisa de como era sua vida antes de deixar o seu país?  
(Área onde você morava, rural-urbana, família, educação, trabalho, história de migração na família)

**Migração**

Você poderia descrever sua migração: Porque e como você migrou?  
(Razões, escolha do país, organização do movimento, família, contatos/veio sozinho)

**Estabelecimento em Londres**

Quando você chegou no Reino Unido e em Londres, Como você se sentiu? Foi como você esperava?

Você pode descrever como você se estabeleceu em Londres?  
(Qual área, qual habitação, os problemas, a ajuda de quais grupos comunitários)

Você se sentiu acolhido quando você veio para o Reino Unido ou houve algumas hostilidades?  
(Vizinhos, comunidade em geral, ruas. Se ocorreram hostilidades / tensões - sentimentos e respostas.)

Desde que chegou ao Reino Unido seu visto mudou?

(Restrições, impacto – sentimentos. Se irregular, quais são os principais problemas relacionados com ser irregular. Como é a sensação de ser irregular?)

### **Habitação/alojamento**

Que tipo de acomodação você morou quando chegou pela primeira vez no Reino Unido  
(alugado, como proprietário, Cama e café, etc) ?

Você pode descrever as condições do seu atual local de residência?

(Eles são confortáveis, há algum problema? Se sim, que tipo de problemas?)

### **Ocupação/ganhando a vida**

O que você tinha planejado fazer quando você se mudou para Londres ?

Como você encontrou trabalho?

(Pela família, a comunidade, as redes, as agências, os anúncios?)

Você pode descrever os trabalhos que você fez desde que chegou ao Reino Unido?  
(Experiências, período de tempo em trabalho, razões para sair )

Você pode me dizer sobre as suas experiências em seu trabalho atual?

(O que é que gosta de fazer no trabalho? )

(Horas, carga horária, promoção, treinamento, terceirização, discriminação, atende às expectativas - sentimentos)

Você pode me dizer como você se sente sobre o seu trabalho?

Como ele se compara com o tipo de trabalho que você fez antes de vir para a Grã-Bretanha ?

Por quanto tempo você planeja fazer este trabalho?

Você pode me dizer sobre o seu segundo trabalho? Você já teve um segundo trabalho?  
(Razões para segundo emprego/ por deixar o segundo trabalho )

Uma das imagens de pessoas que vêm para trabalhar no Reino Unido = muitos deles não deveria estar trabalhando. Muitas pessoas no seu local de trabalho estão fora dos livros, o que você acha? Como eles são selecionados pela agência / empregador?

No geral, você acha que esta melhor aqui ou era melhor antes de vir para Londres?  
(Mais ou menos dinheiro?)

### **Outras formas de renda**

Você tem outras fontes de renda?

(a partir de aluguéis de salas, tempo parcial ou trabalho extra?)

Onde você se vira, se ajeita, se você não tem dinheiro?

(Por exemplo, os amigos, os parentes, os emprestadores de dinheiro, as organizações para os latino-americanos, etc)

Se você é capaz de economizar sua renda, como você a utiliza?

(remessas, em caso afirmativo, para quem? Para que são usadas?)

### **Famílias**

Viver em Londres é muito caro - Eu me pergunto se nós pudéssemos perguntar-lhe um pouco sobre como você lida com isso?

Você tem outras formas de renda, ou alguma ajuda financeira?

(economias com eles? O apoio estendido a família no Reino Unido e no exterior, benefícios - alegando problemas, outros trabalhos)

Se você tem filhos, você tem alguma ajuda para cuidar dos filhos?

Onde você vai para fazer suas compras?

Qual é o seu papel na família e desde que chegou ao Reino Unido esse papel mudou?  
(Como, por quê?)

Qual é a sua classe social no BR e aqui em Londres (classe baixa, media baixa, media, media alta, classe alta)

Qual é a classe social da sua família no Br. ( Se tiver familia em Londres qual a classe social dos seus familiares.

### **As redes de apoio**

Você pode me dizer um pouco mais a respeito da comunidade brasileira em Londres, se ela está integrada?

(Será que as pessoas confiam umas nas outras? Se não, por quê não?) Existe rivalidade entre diferentes países/nacionalidades latino-americanas ?

### **Discriminação**

Você acha que os brasileiros são discriminados em Londres?

(Se sim, quais são as principais formas de discriminação? A discriminação é pior para alguns brasileiros ou é a mesma ? Quais são os tipos de discriminação que as pessoas experienciam e por que você acha que isso acontece?)

Existe discriminação entre brasileiros, entre latinos com brasileiros, brasileiros com britânicos, brasileiros com outras nacionalidades

Há solidariedade entre os brasileiros?

### **Gênero**

Você acha que a vida para homens e mulheres em Londres é diferente em comparação com a sua casa?

Você acha que a vida como um migrante é mais fácil ou mais difícil para os homens e mulheres em Londres?

(Como, por quê?)

O seu papel em sua casa mudou desde que chegou ao Reino Unido?

(Como, por quê?)

### **Organizações/Prestadoras de serviços**

Você usa as organizações para brasileiros aqui em Londres?

(Se não, por que não? Você já ouviu falar delas? Você confia nelas? Se sim, então quais? Que tipos de serviços? O que você acha delas? )

Você usa outras organizações que ajudam os imigrantes?

(Se sim, quais? Que tipo de serviços? O que você acha delas?)

Quais serviços prestados pelo Estado você utilizou?

(Ex: serviços educacionais? Serviços de saúde? Serviços de habitação? O que você acha deles? Você acha que eles são apropriados para os latino-americanos usarem?)

Se você já usou os serviços privados de saúde no Reino Unido, quais foram os tipos e por que exatamente os usou?

Se você usava os serviços privados de saúde no seu país de origem, quais foram os tipos e por que exatamente os usou?

Que papel você acha que a igreja desempenha na vida dos brasileiros em Londres?

Quais os tipos de projetos são necessários para satisfazer as necessidades da comunidade brasileira em Londres?

(que tipo de serviços são necessários? Quem deve fornecê-los? Onde eles devem ser fornecidos?)

### **Ligações com a casa e integração**

Que tipo de serviço, proporcionado por brasileiros, utiliza? (compra alimentos, envia dinheiro, vai ao salão de beleza, vai a mercearias, cafés). Me diga onde se localizam estes locais.

Você frequenta a igreja, qual sua religião e com que frequência vai á igreja, porque frequenta à igreja( assistência religiosa assistência social, assistência emocional, grupo de amigos, solidão).

Você consome produtos brasileiros? Quais? Com que frequência?

Você celebra algum tipo de festa brasileira, latina ou inglesa?

Quantos brasileiros fazem parte do seu círculo de amizade? Quantos latinos? Quantos ingleses? Quantos de outras nacionalidades?

Você se informa sobre o Brasil? Como?

Você frequenta que lugares de lazer em Londres?

Você e sua família utilizam a escola pública inglesa?

Quanto ao serviço de saúde, você utiliza o NHS?

É importante para você ter ligações para "voltar para casa", e se assim, você pode descrever essas ligações?

(Entrar em contato com a família – por quê, como, com que frequência? O dinheiro ou outros bens - Por quê, qual, como, com que frequência, qual a quantidade? Visitas - Por quê, quantas vezes, como é que eles te enchem?)

Você se sente em casa no Reino Unido ou gostaria de ir embora?

(Por que, ir para onde?)

Você está feliz por se mudar para cá?

Em geral, como sua vida mudou desde que chegou ao Reino Unido?

Quais são as suas esperanças para o futuro?

As três coisas que mais gosta em Londres?

As três coisas que menos gosta em Londres?

As três principais dificuldades dos brasileiros em Londres?

As três principais necessidades para os brasileiros em Londres?

**Alguma pergunta?**

**APÊNDICE B - MODELO DO QUESTIONÁRIO UTILIZADO NA PESQUISA**

# TRABALHADORAS BRASILEIRAS EM LONDRES V2

## Conhecendo você no Brasil e em Londres

Esta pesquisa tem o objetivo de traçar o perfil da mulher brasileira trabalhadora em Londres e sua mobilidade no trabalho. Para isto se faz necessário conhecer você no Brasil e em Londres. O questionário possui 37 questões e você necessitará de 15 a 20 minutos para respondê-lo. O questionário divide-se em duas fases, a primeira relaciona-se com você e com as atividades que realizava no Brasil. A segunda relaciona-se com as atividades que você já realizou em Londres e com as atividades que ainda realiza em Londres. Estas informações serão trabalhadas de forma confidencial e anônima. Desde já agradeço sua cooperação.

### \*1. Há que grupo étnico pertence?

- |  |                                   |
|--|-----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Branco          | <input type="checkbox"/> Asiático |
| <input type="checkbox"/> Afrodescendente | <input type="checkbox"/> Indígena |
| <input type="checkbox"/> Mestiço-Pardo   | <input type="checkbox"/> Não sabe |

Outro (especifique)

### \*2. Qual é a sua idade?

- |                                    |  |
|------------------------------------|--|
| <input type="radio"/> 18 - 20 anos | <input type="radio"/> 40 - 45 anos     |
| <input type="radio"/> 20 - 25 anos | <input type="radio"/> 45 - 50 anos     |
| <input type="radio"/> 25 - 30 anos | <input type="radio"/> 50 - 55 anos     |
| <input type="radio"/> 30 - 35 anos | <input type="radio"/> 55 - 60 anos     |
| <input type="radio"/> 35 - 40 anos | <input type="radio"/> acima de 60 anos |

### \*3. Possui filhos(as)?

- Sim
- Não

### 4. Se possui filhos, quantos?

- |                         |                                 |
|-------------------------|---------------------------------|
| <input type="radio"/> 1 | <input type="radio"/> 3         |
| <input type="radio"/> 2 | <input type="radio"/> 4 ou mais |

### 5. Em qual cidade e Estado vivia no Brasil antes de imigrar?

# TRABALHADORAS BRASILEIRAS EM LONDRES V2

## \*6. Qual o seu grau de escolaridade ?

- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Ensino fundamental completo   | <input type="checkbox"/> Ensino superior completo   |
| <input type="checkbox"/> Especialização                | <input type="checkbox"/> Ensino superior incompleto |
| <input type="checkbox"/> Ensino fundamental incompleto | <input type="checkbox"/> Especialização             |
| <input type="checkbox"/> Ensino médio completo         | <input type="checkbox"/> Mestrado                   |
| <input type="checkbox"/> Ensino médio incompleto       | <input type="checkbox"/> Doutorado                  |
| <input type="checkbox"/> Curso técnico                 | <input type="checkbox"/> Pós - doutorado            |

Outro (especifique)

## 7. Qual é a sua qualificação profissional? Se não possui qualificação profissional vá para próxima questão.

## \*8. Em que ano decidiu deixar de viver no Brasil, para viver em outro país?

## \*9. Qual era o seu estado civil quando saiu do Brasil e qual é o seu estado civil agora?

	Ao sair do país	Agora
Solteira	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
casada	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
União estável	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Separada	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Divorciada	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Viúva	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

## 10. Se você é casada qual a nacionalidade do seu companheiro(a)?

- |                                  |                                 |                                |
|----------------------------------|---------------------------------|--------------------------------|
| <input type="radio"/> Brasileiro | <input type="radio"/> Português | <input type="radio"/> Alemão   |
| <input type="radio"/> Italiano   | <input type="radio"/> Espanhol  | <input type="radio"/> Belgo    |
| <input type="radio"/> Inglês     | <input type="radio"/> Francês   | <input type="radio"/> Irlandês |

Outro (especifique)

## \*11. Você deseja voltar a morar no Brasil?

- Sim  
 Não

## \*12. Viveu em algum outro país antes da Inglaterra?

- Sim  
 Não

# TRABALHADORAS BRASILEIRAS EM LONDRES V2

## 13. Se viveu em outro país, indique qual?

- |   |                                |                                     |
|---|--------------------------------|-------------------------------------|
| <input type="radio"/> Estados Unidos da América | <input type="radio"/> Espanha  | <input type="radio"/> Holanda       |
| <input type="radio"/> Canadá                    | <input type="radio"/> França   | <input type="radio"/> Irlanda       |
| <input type="radio"/> Itália                    | <input type="radio"/> Alemanha | <input type="radio"/> País de Gales |
| <input type="radio"/> Portugal                  | <input type="radio"/> Bélgica  | <input type="radio"/> Escócia       |

Outro (especifique)

## \*14. Você possui passaporte europeu por descendência? Indique qual país?

- |  |                                |                                   |
|--|--------------------------------|-----------------------------------|
| <input type="radio"/> Não possuo passaporte europeu por descendência | <input type="radio"/> Portugal | <input type="radio"/> Bélgica     |
| <input type="radio"/> Itália   | <input type="radio"/> França   | <input type="radio"/> Reino Unido |
| <input type="radio"/> Espanha  | <input type="radio"/> Alemanha |                                   |

Outro (especifique)

## \*15. Há quanto tempo reside em Londres?

- |                              |                               |                                       |
|------------------------------|-------------------------------|---------------------------------------|
| <input type="radio"/> 1 ano  | <input type="radio"/> 6 anos  | <input type="radio"/> 10 - 15 anos    |
| <input type="radio"/> 2 anos | <input type="radio"/> 7 anos  | <input type="radio"/> 15 - 20 anos    |
| <input type="radio"/> 3 anos | <input type="radio"/> 8 anos  | <input type="radio"/> 20 anos ou mais |
| <input type="radio"/> 4 anos | <input type="radio"/> 9 anos  |                                       |
| <input type="radio"/> 5 anos | <input type="radio"/> 10 anos |                                       |

## \*16. Com que tipo de visto ingressou no Reino Unido?

- |  |  |
|--|--|
| <input type="radio"/> Turista  | <input type="radio"/> Visto de residência  |
| <input type="radio"/> Estudante  | <input type="radio"/> Passaporte europeu(por descendência).                            |
| <input type="radio"/> Permissão para trabalho                          | <input type="radio"/> Passaporte europeu (por união com cidadão europeu)               |
| <input type="radio"/> Visto de tempo indefinido/autorizado a trabalhar | <input type="radio"/> Passaporte europeu (por tempo de permanência em um país europeu) |

Outro (especifique)

# TRABALHADORAS BRASILEIRAS EM LONDRES V2

## \*17. Que tipo de visto tem agora?

- |   |  |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Turista  | <input type="checkbox"/> Passaporte europeu(por descendência).                             |
| <input type="checkbox"/> Estudante  | <input type="checkbox"/> Passaporte europeu (por união com cidadão europeu)                |
| <input type="checkbox"/> Permissão para trabalho/visto residência           | <input type="checkbox"/> Passaporte europeu (por tempo de permanência em um país europeu). |
| <input type="checkbox"/> Visto de tempo indefinido (autorizado a trabalhar) | <input type="checkbox"/> Sem visto   |

Outro (especifique)

## \*18. Em relação a língua inglesa, você compreende, fala, escreve, lê?

	Nada	Pouco	Razoável	Bem
Compreende	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fala	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Escreve	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Lê	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

## \*19. Em que bairro de Londres vive? Se preferir coloque o Cep no campo outro abaixo.

- |  |  |  |
|--|--|--|
| <input type="radio"/> City of London       | <input type="radio"/> Hackney              | <input type="radio"/> Lewisham             |
| <input type="radio"/> Barking and Dagenham | <input type="radio"/> Hammersmith & Fulham | <input type="radio"/> Merton               |
| <input type="radio"/> Barnet               | <input type="radio"/> Haringey             | <input type="radio"/> Newham               |
| <input type="radio"/> Bexley               | <input type="radio"/> Harrow               | <input type="radio"/> Redbridge            |
| <input type="radio"/> Brent                | <input type="radio"/> Havering             | <input type="radio"/> Richmond upon Thames |
| <input type="radio"/> Bromley              | <input type="radio"/> Hillingdon           | <input type="radio"/> Southwark            |
| <input type="radio"/> Camden               | <input type="radio"/> Hounslow             | <input type="radio"/> Sutton               |
| <input type="radio"/> Croydon              | <input type="radio"/> Islington            | <input type="radio"/> Tower Hamlets        |
| <input type="radio"/> Ealing               | <input type="radio"/> Kensington & Chelsea | <input type="radio"/> Waltham Forest       |
| <input type="radio"/> Enfield              | <input type="radio"/> Kingston upon Thames | <input type="radio"/> Wandsworth           |
| <input type="radio"/> Greenwich            | <input type="radio"/> Lambeth              | <input type="radio"/> City of Westminster  |

Outro (especifique)

# TRABALHADORAS BRASILEIRAS EM LONDRES V2

**\*20. Em quais bairros de Londres já viveu? Se preferir coloque o Cep no campo outro abaixo.**

- |   |   |   |
|---|---|---|
| <input type="checkbox"/> City of London       | <input type="checkbox"/> Hackney              | <input type="checkbox"/> Lewisham             |
| <input type="checkbox"/> Barking and Dagenham | <input type="checkbox"/> Hammersmith & Fulham | <input type="checkbox"/> Merton               |
| <input type="checkbox"/> Barnet               | <input type="checkbox"/> Haringey             | <input type="checkbox"/> Newham               |
| <input type="checkbox"/> Bexley               | <input type="checkbox"/> Harrow               | <input type="checkbox"/> Redbridge            |
| <input type="checkbox"/> Brent                | <input type="checkbox"/> Havering             | <input type="checkbox"/> Richmond upon Thames |
| <input type="checkbox"/> Bromley              | <input type="checkbox"/> Hillingdon           | <input type="checkbox"/> Southwark            |
| <input type="checkbox"/> Camden               | <input type="checkbox"/> Hounslow             | <input type="checkbox"/> Sutton               |
| <input type="checkbox"/> Croydon              | <input type="checkbox"/> Islington            | <input type="checkbox"/> Tower Hamlets        |
| <input type="checkbox"/> Ealing               | <input type="checkbox"/> Kensington & Chelsea | <input type="checkbox"/> Waltham Forest       |
| <input type="checkbox"/> Enfield              | <input type="checkbox"/> Kingston upon Thames | <input type="checkbox"/> Wandsworth           |
| <input type="checkbox"/> Greenwich            | <input type="checkbox"/> Lambeth              | <input type="checkbox"/> City of Westminster  |

Outro (especifique)

**\*21. Indique abaixo qual o tipo de habitação que você reside e se vive apenas com a sua família ou se divide a residência?**

	Habitação	Vive apenas com a família	Divide a residência/quarto
Casa própria	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Casa alugada	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Apartamento próprio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Apartamento alugado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Quarto alugado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Outro (especifique)

**\*22. Qual o valor que paga pela sua moradia?**

- |                                      |  |
|--------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> £ 300-500   | <input type="checkbox"/> £ 1300-1500           |
| <input type="checkbox"/> £ 500-700   | <input type="checkbox"/> £ 1500-1700           |
| <input type="checkbox"/> £ 700-900   | <input type="checkbox"/> £ 1700 - 1900         |
| <input type="checkbox"/> £ 900-1100  | <input type="checkbox"/> Acima de £1900        |
| <input type="checkbox"/> £ 1100-1300 | <input type="checkbox"/> Não pago pela moradia |

Outro (especifique)

**Trabalho no Brasil e em Londres**

## TRABALHADORAS BRASILEIRAS EM LONDRES V2

Esta seção é para conhecer o trabalho que você realizava no Brasil antes de imigrar, assim como para conhecer o trabalho que você já realizou em Londres e o trabalho que você realiza atualmente em Londres.

### \*23. Aponte qual trabalho você realizava no Brasil, nos últimos três anos antes de imigrar? Marque todas as opções que se aplica em cada ano.

	Um ano antes de imigrar	Dois anos antes de imigrar	Três anos antes de imigrar
Desempregada	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Dona de casa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Era estudante	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalhadora rural	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalhadora da indústria (produção)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalhadora do comércio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Servidora Pública	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalhadora da Educação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalhadora do setor privado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Profissional liberal	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalhadora autônoma	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalhadora doméstica (mensal)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Diarista	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalhadora do setor de serviços	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalhadora do setor financeiro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalhadora do sexo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro (especifique)	<input type="text"/>		

### \*24. Nestes três últimos anos antes de você sair do Brasil, quanto tempo você trabalhou com registro em carteira? Se trabalhava sem registro sinalize por favor.

- |   |                                     |                                      |
|---|-------------------------------------|--------------------------------------|
| <input type="radio"/> Não trabalhava          | <input type="radio"/> 3 - 6 meses   | <input type="radio"/> 24 - 30 meses  |
| <input type="radio"/> Era estudante           | <input type="radio"/> 6 - 12 meses  | <input type="radio"/> 30 - 36 meses  |
| <input type="radio"/> Trabalhava sem registro | <input type="radio"/> 12 - 18 meses | <input type="radio"/> mais de 5 anos |
| <input type="radio"/> 1 - 3 meses             | <input type="radio"/> 18 - 24 meses | <input type="radio"/> Não me lembro  |

Outro (especifique)

# TRABALHADORAS BRASILEIRAS EM LONDRES V2

## \*25. Em média que faixa salarial você tinha no Brasil?

- Não trabalhava
  6-9 salários mínimos  
 Era estudante
  mais de 9 salários mínimos  
 1-3 salários mínimos
  Não me lembro  
 3-6 salários mínimos

Outro (especifique)

## \*26. Aponte qual(is) trabalho(s) você realizou(ou realiza) em Londres, a partir do primeiro ano em que chegou? Você pode marcar várias atividades no mesmo ano.

	1º ano em Londres	2º ano em Londres	3º ano em Londres	4º ano em Londres	5º ano em Londres	6º ao 9º ano em Londres	10 anos ou mais em Londres
Não trabalhava	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Estudante	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Limpeza (escritórios, pubs, hospitais...)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Empregada doméstica (semanal/mensal)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Diarista ( 2 ou mais horas por dia fazendo qualquer tipo de atividade)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Hotel/bar/restaurante/cafés	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Construção	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Serviços ao consumidor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Comércio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Educação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Babá /Nanny (Cuida da criança vários dias na semana)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Babá / Babysitter (Cuida da criança eventualmente)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Cuidadora de idosos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Transporte/ Segurança	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Negócios/Administração	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Saúde	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Eventos/Turismo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Profissional liberal	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalhadora autônoma	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalhadora do sexo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não lembro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Outro (especifique)

# TRABALHADORAS BRASILEIRAS EM LONDRES V2

**27. A partir das atividades informadas acima, seguindo a mesma ordem, sinalize APENAS os trabalhos que você possuía (possui) contrato.**

	1ºano em Londres	2ºano em Londres	3ºano em Londres	4ºano em Londres	5ºano em Londres	6º ao 9º ano em Londres	10 anos ou mais em Londres
Não trabalhava	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Estudante	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Limpeza(escritórios, pubs, hospitais...)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Empregada doméstica (mensal)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Diarista ( 2 ou mais horas por dia fazendo qualquer tipo de atividade)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Hotel/bar/restaurante/cafés (mensal)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Construção	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Serviços ao consumidor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Comércio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Educação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Babá /Nanny (Cuida da criança vários dias na semana)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Babá /Babysitter (Cuida da criança eventualmente)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Cuidadora de idosos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Transporte/ Segurança	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Negócios/administração	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Saúde	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Eventos/Turismo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Profissional liberal	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalhadora autônoma	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalhadora do sexo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não lembro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Outro (especifique)

# TRABALHADORAS BRASILEIRAS EM LONDRES V2

## \*28. Qual era (ou é) sua faixa salarial, nos diferentes anos?

	1ºano em Londres	2ºano em Londres	3ºano em Londres	4ºano em Londres	5ºano em Londres	6º ao 9º ano em Londres	10 anos ou mais em Londres
até 6.000libras/ano	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6.000-8.000 libras/ano	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8.000 - 10.000 libras/ano	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10.000 - 12.500 libras/ano	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12.500 - 15.000 libras/ano	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15.000 - 17.500 libras/ano	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17.500 - 20.000 libras/ano	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.000 - 25.000 libras/ano	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25.000 - 30.000 libras/ano	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30.000 - 40.000 libras/ano	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mais que 40.000 libras/ano	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não lembro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Outro (especifique)

## \*29. Quantas horas nos diferentes anos, trabalhava por dia?

	1ºano em Londres	2ºano em Londres	3ºano em Londres	4ºano em Londres	5ºano em Londres	6ºao 9º ano em Londres	10º ano ou mais em Londres
2 - 3 horas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3 - 5 horas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5 - 7 horas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8 horas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9 horas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10 horas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11 horas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12 horas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
mais de 12 horas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não lembro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Outro (especifique)

## \*30. Atualmente, quantos empregos tem? Qual a sua ocupação em cada um deles?

1 emprego

2 emprego

3 emprego

4 emprego

# TRABALHADORAS BRASILEIRAS EM LONDRES V2

## \*31. Há quanto tempo trabalha no emprego citado acima, ou em cada um deles?

Atenção siga a mesma ordem da questão anterior.

	emprego 1	emprego 2	emprego 3	emprego 4
Menos de seis meses	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Menos de um ano	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1-2 anos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2-4 anos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4-6 anos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mais que seis anos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Outro (especifique)

## \*32. Quantas horas trabalha por dia em cada emprego?

	Emprego 1	Emprego 2	Emprego 3	Emprego 4
2-4 horas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4-6 horas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6-8 horas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8-10 horas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10-12 horas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
mais que 12 horas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

## \*33. Qual é sua faixa salarial atualmente?

- |  |  |
|--|--|
| <input type="radio"/> até 6.000 libras/ano       | <input type="radio"/> 17.500 - 20.000 libras/ano |
| <input type="radio"/> 6.000-8.000 libras/ano     | <input type="radio"/> 20.000 - 25.000 libras/ano |
| <input type="radio"/> 8.000 - 10.000 libras/ano  | <input type="radio"/> 25.000 - 30.000 libras/ano |
| <input type="radio"/> 10.000 - 12.500 libras/ano | <input type="radio"/> 30.000 - 40.000 libras/ano |
| <input type="radio"/> 12.500 - 15.000 libras/ano | <input type="radio"/> Mais que 40.000 libras/ano |
| <input type="radio"/> 15.000 - 17.500 libras/ano |  |

## \*34. Você teve algum problema no trabalho?

- |   |   |  |
|---|---|--|
| <input type="checkbox"/> Não recebeu pelo trabalho realizado                    | <input type="checkbox"/> Abuso verbal               | <input type="checkbox"/> Não recebeu auxílio maternidade / paternidade |
| <input type="checkbox"/> Demissão injusta                                       | <input type="checkbox"/> Abuso físico               | <input type="checkbox"/> Nunca teve problema                           |
| <input type="checkbox"/> Acidente de trabalho                                   | <input type="checkbox"/> Abuso sexual               | <input type="checkbox"/> Discriminação por ser brasileira              |
| <input type="checkbox"/> Realizou o trabalho de outra pessoa pelo mesmo valor   | <input type="checkbox"/> Não recebeu as férias      |  |
| <input type="checkbox"/> Recebeu menos do que o salário mínimo pré-estabelecido | <input type="checkbox"/> Não recebeu auxílio-doença |  |

Outro (especifique)

## TRABALHADORAS BRASILEIRAS EM LONDRES V2

### \*35. Você trabalha com quais nacionalidades? (marque todos que se aplica)

- |                                      |   |                                       |
|--------------------------------------|---|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Ingleses    | <input type="checkbox"/> Lituanos       | <input type="checkbox"/> Espanhóis    |
| <input type="checkbox"/> Portugueses | <input type="checkbox"/> Libaneses      | <input type="checkbox"/> Colombianos  |
| <input type="checkbox"/> Italianos   | <input type="checkbox"/> Africanos      | <input type="checkbox"/> Bolivianos   |
| <input type="checkbox"/> Franceses   | <input type="checkbox"/> Chineses       | <input type="checkbox"/> Brasileiros  |
| <input type="checkbox"/> Gregos      | <input type="checkbox"/> Indianos       | <input type="checkbox"/> Peruanos     |
| <input type="checkbox"/> Poloneses   | <input type="checkbox"/> Bangladesianos | <input type="checkbox"/> Equatorianos |

Outro (especifique)

### 36. Fale por favor, do que você gosta e do que você não gosta do(s) trabalho(s) que você atualmente realiza em Londres?

O   
que  
gosta

O   
que  
não  
gosta

## Segunda fase da pesquisa - entrevista

### 37. Gostaria de participar de uma entrevista (média de 40 a 50 minutos)? Se sim, deixe seus dados abaixo e desde já agradeço pela disposição. Se não, agradeço imensamente pela sua atenção até aqui. Obrigada

Nome

Telefone

E-mail

Facebook